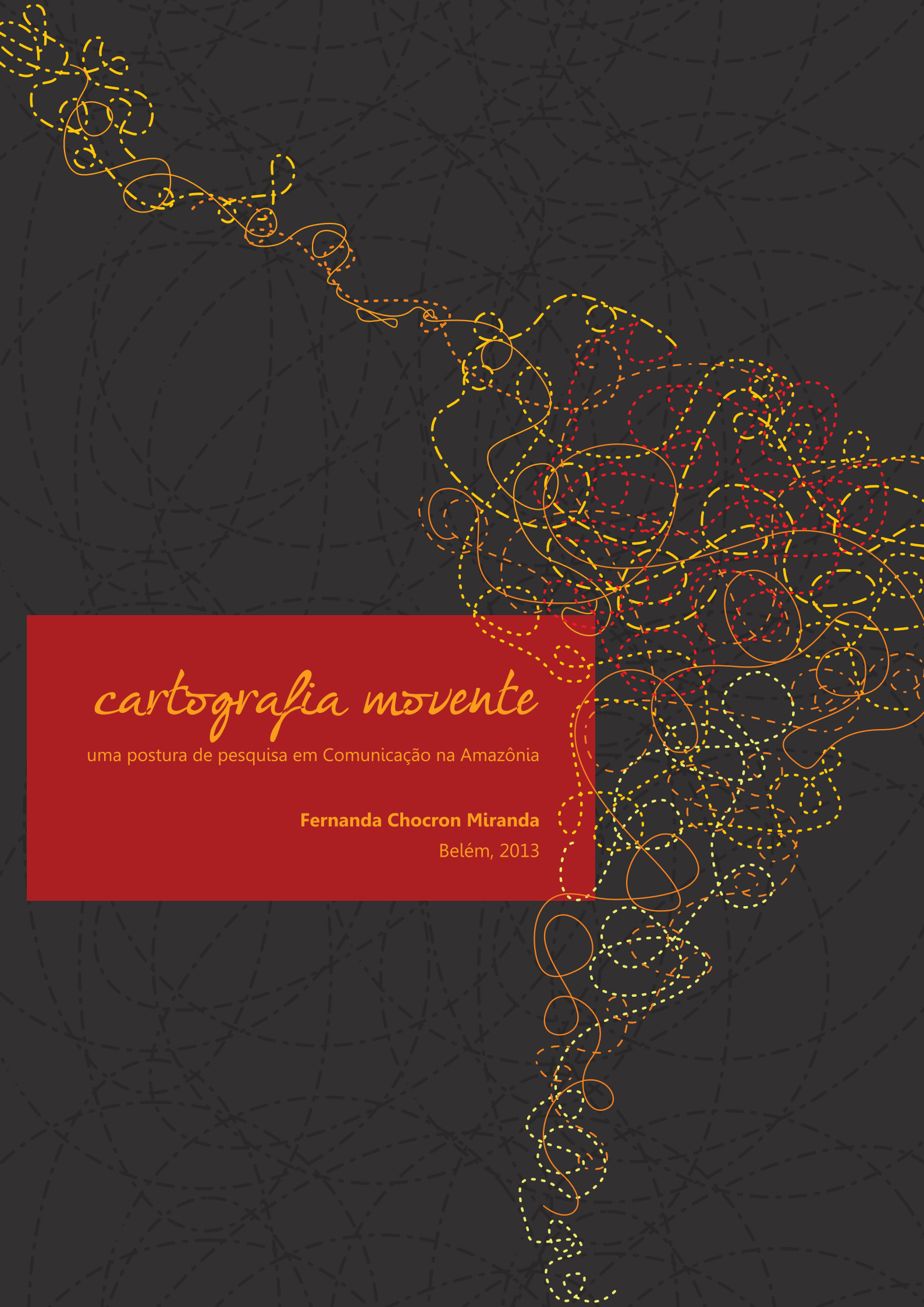


cartografia movente

uma postura de pesquisa em Comunicação na Amazônia

Fernanda Chocron Miranda

Belém, 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Fernanda Chocron Miranda

CARTOGRAFIA MOVENTE

uma postura de pesquisa em comunicação na Amazônia

BELÉM- PARÁ
2013

Fernanda Chocron Miranda

CARTOGRAFIA MOVENTE

uma postura de pesquisa em comunicação na Amazônia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de Concentração: Comunicação. Linha de Pesquisa: Estratégias de Comunicação Midiática na Amazônia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Ataide Malcher

BELÉM-PARÁ
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Miranda, Fernanda Chocron.

Cartografia movente: uma postura de pesquisa em comunicação na Amazônia / Fernanda Chocron Miranda. - 2013

191 f.: il.; 30 cm

Orientadora: Maria Ataide Malcher

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, 2013.

1. Comunicação. 2. Jesús Martín-Barbero 3. Cartografia movente. 4. América Latina. 5. Amazônia. 6. Pará

I. Malcher, Maria Ataide, *orient*. II. Universidade Federal do Pará. III. Título.

CDD: 302.2

Fernanda Chocron Miranda

CARTOGRAFIA MOVENTE
uma postura de pesquisa em comunicação na Amazônia

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Pará, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Mestrado em Ciências da Comunicação, para a Defesa de Dissertação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Ataide Malcher

RESULTADO: (X) APROVADO ( ) REPROVADO

Data:

Profa. Dra. Maria Ataide Malcher - Orientadora

Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco – Membro externo

Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário – Membro externo

BELÉM-PARÁ
2013

Aos meus avós, Ana e Fortunato...
por me ensinarem a amar

À minha amada mãe, Mary...
por ser meu grande exemplo de amor

À minha amada orientadora, Maria Ataide...
por me ensinar a sonhar

Ao "cartógrafo mestiço", Jesús Martín-Barbero...
por tudo *moveu* dentro de mim

AGRADECIMENTOS

Há tempo para tudo nessa vida. Tempo de cuidar dos outros. Tempo para madrugar trabalhando. Tempo de realizar projetos praticamente impossíveis. Tempo de chorar e rir de cansaço. E tempo de fazer isso tudo ao mesmo tempo. Agora, chegou o tempo de se permitir ter tempo para cuidar de si e caminhar pela temerosa e incrivelmente prazerosa construção do conhecimento por meio da pesquisa. Rezamos para que seja um tempo de muitas alegrias e fortaleça seu amor pela Universidade que está contribuindo (e muito!) para construir. Conte sempre conosco para sonhar melhores tempos, que já estão se tornando presente. Desejamos o teu sucesso sempre!

Belém, 06 maio de 2013.

Todos nós!

Em 06 de maio de 2013, fui presenteada com essas palavras, que, além de me emocionarem a cada leitura, me deram força nos momentos de dificuldades durante a escrita do trabalho. De forma muito especial, estas palavras sintetizam o que a experiência do mestrado representou e representará para sempre em minha vida: um tempo de *"rir e chorar"*, de *"cuidar dos outros"* e *"cuidar de si"*. Um *"tempo de fazer isso tudo ao mesmo tempo"*, de fazer grandes amizades e experimentar o sentido do compartilhamento e da generosidade.

Mais que tempo de encontros e desencontros com nosso objeto de estudo, o mestrado também foi tempo de encontro com Deus. Por isso, inicio destacando Aquele que cuidou de tudo:

Agradeço a Deus por sua infinita generosidade e amor que conforta meu coração nos momentos em que mais preciso. Obrigada por me dar saúde para vivenciar o *"tudo isso ao mesmo tempo"* e por ter transformado a minha vida a partir do sentido do teu amor... Obrigada aos meus amados irmãos de Renascer da Casa 6 e a todos os integrantes da Casa da Juventude (Caju) que colaboraram de forma direta nessa transformação!

Agradeço aos meus amados, vovô Nato e vovó Ana, por serem desde que eu nasci um exemplo de amor. Obrigada por me ensinarem a amar nossa região e por todas as bênçãos que guiam meus pensamentos e decisões a todo instante.

À minha grande amiga e mãe, Mary, por simplesmente tudo que sou e que ainda desejo ser. Obrigada por ser a parte mais linda e pura da minha vida! A ti dedicarei todas as minhas (nossas) vitórias!

Ao meu irmão, Vitor, pelo incondicional companheirismo, por estar sempre aberto à troca/interação e por me ensinar que muito ainda preciso aprender com você. De forma muito especial, agradeço pela paciência e, por, no período da escrita, mergulhar junto comigo em algumas discussões para que eu, simplesmente, não seguisse sozinha.

Ao meu pai, João, pelo amor vigilante e atento que dedicas a mim desde que entrei na tua vida. Muito obrigada por ser um exemplo de honestidade e comprometimento.

À minha amada madrinha, Tia Noca, pela amizade e por estar sempre presente compartilhando as alegrias e conquistas da vida. Obrigada pelo incentivo diário nessa reta final, entre eles, o de dividir comigo a doçura de nossa amada Bibi.

À minha orientadora e amiga, professora Maria Ataide Malcher, a quem devo muito do que sou e do que ainda serei. Se hoje posso comemorar, é porque tive uma grande mestra que me incentivou desde o início a "*caminhar pela temerosa e incrivelmente prazerosa construção do conhecimento por meio da pesquisa"* e, sobretudo, a descobrir que o segredo da vida é vivê-la de forma plena e inteira a cada momento, por mais desafiador que seja. Muito obrigada por me ensinar a amar a universidade, por acreditar em mim e proporcionar oportunidades de sonhar↔concretizar muito mais do que imaginava. Obrigada por *mover* tantas coisas dentro de mim, pela amizade incondicional em que "nunca estou sozinha" e pela generosidade de dividir seus sonhos comigo.

Aos amigos que compartilharam a cada instante do "*tempo para madrugar trabalhando"*: À Suzana, por tamanha generosidade de dividir o peso dessa caminhada desde os primeiros momentos, e por compartilhar de meus maiores sonhos! Você é sem dúvida um dos maiores presentes de Deus na minha vida. Muito obrigada pela amizade e pela incondicional parceria que firmamos, sem a qual tenho certeza que não teria conseguido; À Miyukita, por simplesmente ser o que é e por tudo que representa na minha vida. Obrigada pela amizade de todas as horas, por cuidar de "tudo" sempre, inclusive de mim. Te amo com todas as minhas forças e com todas elas desejo teu crescimento e a realização de todos os teus sonhos. Essa dissertação também é sua e sem dúvida uma prova incondicional da tua generosidade!; Ao amigo Gleidson, que ganhei de Deus nesse mestrado, e que deu um tom muito especial ao que entendo por amizade. Obrigada por acreditar em nossos sonhos e sentir a vida na mesma intensidade que eu. Que possamos compartilhar as mais gostosas risadas juntos por muitos e muitos anos; Aos queridos e amados amigos Edenice e Toninho. Vocês são a prova de que Deus existe! Muito obrigada pelo conforto que o espírito de vocês provoca em mim, pelas palavras de amizade sempre que precisei e por serem literalmente os "anjinhos" dessa caminhada; À Vanessa, pela presença e amizade desde o início de minha

trajetória. Sei que estaremos sempre presentes uma na vida da outra; À Manuzita, que mesmo longe estará sempre em meu coração. Obrigada por representar tanta coisa na minha vida, que nem mesmo sei explicar. Que nossos caminhos continuem se cruzando e possamos viver ainda mais aprendizados juntas; À Rose, por toda paciência, cuidado e amizade ao longo dessa trajetória. Obrigada por me receber sempre em sua casa, por sempre ajudar "os universitários" e por compartilhar das maluquices que inventamos todos os dias. De modo especial, agradeço pelo cuidado e zelo com a conclusão desse trabalho; À professora Jane Marques! Obrigada por todo carinho, incentivo e generosidade em todos os sentidos. Que honra poder trabalhar com a senhora e compartilhar momentos tão intensos e tão alegres!; À querida professora Netília Seixas, pelo sorriso sincero e pelas palavras de incentivo ao longo dessa caminhada. Obrigada por estar presente desde o início dessa transformação!

A um dos mais generosos parceiros de pesquisa que poderia contar nessa reta final, Sandro Colferai. Como foi maravilhoso poder contar com sua colaboração nesse fechamento. Obrigada pela leitura atenta, por todos os comentários e reflexões! Que esse seja apenas o início de uma longa parceria de trabalho e que venha o fechamento do doutorado!

À professora-mãe, Marianne Eliasquevici! Muito obrigada por se preocupar comigo, por toda torcida e pela amizade-materna que estabelecemos nos últimos anos. Obrigada pelo carinho e incentivo!

À professora Marly pela gentileza e disponibilidade de sempre, por de modo muito especial ter compartilhado reflexões decisivas para este trabalho!

À professora Nísia Martins do Rosário, por todas as contribuições durante minha Qualificação e pela generosidade com que tece seus textos que desde a graduação movem coisas dentro de mim.

À querida professora Conceição, por ser um exemplo de compromisso com o que faz. Obrigada por me permitir fazer parte da comunidade Santíssima Trindade, a quem devo parte de minha formação.

Ao professor Agenor Sarraf Pacheco pela sinceridade, entusiasmo e inspiração. Suas provocações ecoam a todo instante em minha mente e coração. Obrigada, obrigada, obrigada!

Aos amigos, Raphael, Jubs e Clara, com os quais comecei a experienciar tempos *"de chorar e rir de cansaço" por "fazer isso tudo ao mesmo tempo"*. Que estejamos sempre juntos pela força da amizade independente do rumo de nossas vidas. Amo vocês e estou sempre com saudades!

Aos amigos de muitos e muitos anos, Lui, Renati, Camila, Mari, Guto e Thai. Obrigada pela torcida e por serem uma das partes mais especiais da minha vida. Amo vocês!

À amiga de todas as horas, Lorena Bentes, com quem, ainda na infância, aprendi o valor da amizade. Obrigada pela torcida e, sobretudo, por tudo que já compartilhamos nesses anos.

À amiga mais chorona e sensível que Deus colocou na minha vida, Grazi, que mesmo longe demonstra todos os dias o valor da amizade. E à Izabela Sauma, amiga querida que encontrei perdida na Comunicação. Obrigada pelas palavras de incentivo e pelos encontros "natalinos" maravilhosos!

À minha amada primax Alana Miranda, por estar comigo sempre independente do distanciamento físico. Desejo que estejamos sempre sempre uma no coração da outra, torcendo com todas as forças para que em qualquer lugar, estejamos felizes e vivendo com plenitude o que naquele momento achamos ser melhor para nossas vidas.

Agradeço à minha vó Ovídia, ao meu pai Fernando e a todos os meus queridos tios Abraham, Salomão, Zezinho, Preto e Neydson, e aos primos pelo incentivo e torcida desde o início dessa caminhada. Muito obrigada, de coração, pelo carinho!

Aos queridos tios Beto, Ró, Ana, Márcia e Rodrigo pelo apoio e incentivo de sempre. Obrigada de coração pelo carinho e por estarem sempre presentes na minha vida!

Às pessoas especiais que acompanharam o início de tudo e têm significativa importância em minha vida, que nem o tempo nem a distância conseguirão apagar. Obrigada, Filipe Lobo, Angela Lobo e Reginaldo Martins.

Às minhas amadas e para sempre vizinhas, Linda e Tainá! Obrigada pelo entusiasmo, torcida e carinho. É sempre muito bom compartilhar momentos de felicidade e realização com vocês!

À Jaci pela vigilância e pelo "cuidado de mãe" que teve nos momentos finais da escrita desse trabalho, sem os quais poderia não ter conseguido. Obrigada pela dedicação e torcida!

Aos queridos Íris, Igor, Helaine, Dani Barion e Cleide. É muito bom tê-los por perto! Obrigada pela torcida e por estarem comigo em momentos decisivos que vão além da dissertação.

Ao Weverton e Mariana pela colaboração direta no fechamento desse trabalho, da capa ao levantamento de obras de Martín-Barbero. Obrigada de coração por toda a ajuda!

Aos queridíssimos Marcus Leal (Sapinho), Marcelo Rodrigues e Chrystiam Nascimento, parceiros de trabalho que encontrei ao longo dessa trajetória. Muito obrigada por compartilharem sonhos comigo!

Agradeço ainda a CAPES pelo financiamento desde o início do mestrado; à Universidade Federal do Pará pela acolhida e por tantas oportunidades oferecidas desde a graduação; e aos professores do PPGCOM que provocaram atrito durante minha formação.

A todos, muito muito muito obrigada!!!

RESUMO

Nesta dissertação, proponho uma discussão sobre o que denomino de *cartografia movente*, que é resultado de diversas articulações traçadas nos caminhos e recaminhos que estabeleci ao "mergulhar" na obra de Jesús Martín-Barbero em busca de marcas de sua trajetória de *pesquisa-vida* e da chamada "cartografia que *se move*". Ao longo desse enfrentamento, que se deu em diálogo com autores como Edgar Morin, observei que a *cartografia movente* se apresenta como postura de *pesquisa-vida*, em que o investigador se permite afetar pelo que estuda, revelando as diferentes faces de uma ciência *diurna* e *noturna*, a partir da qual se é pesquisador integralmente e aquilo que o constitui socioculturalmente integra a investigação e conduz seus caminhos. Como elemento central para as discussões sobre *cartografia movente* estão algumas situações chave que experienciei em cenários empíricos específicos do estado do Pará e que delinearam minha formação acadêmica antes mesmo do ingresso na Pós-Graduação. No exercício de ser pesquisadora e parte da pesquisa, comento os desafios e singularidades que delineiam os cenários empíricos da região, em especial a partir do conceito de *cidades-florestas* observado por Pacheco (2006), um dos exemplos que percebo como *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)*, por entender, a partir de autores da área da comunicação, como Vera França e José Luiz Braga, que a comunicação se constitui como a força que dá liga ao social, aquilo que conecta as pessoas culturalmente. Assim, também demarco meu posicionamento frente à discussão epistemológica da área da Comunicação, que chama a atenção dos pesquisadores para a importância de estabelecer um "ângulo especial para olhar a sociedade", o que, por sua vez, não inviabiliza a cartografia movente e sim delimita seu ângulo de entrada. Nesse sentido, o trabalho se aproxima da discussão do que seria investigar o objeto de estudo da comunicação e qual a contribuição da nossa área para a compreensão das *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)* que observamos na paisagem *movente* da Amazônia.

Palavras-chave: Comunicação. Cartografia movente. Jesús Martín-Barbero. América Latina. Amazônia. Pará.

ABSTRACT

In this dissertation, however, we propose a discussion of what we call *moving cartography*, that is a result of several articulations traced in the ways and reways that we establish in the dialogue with life and work of Jesús Martín-Barbero and his perspective of "cartography that *moves*". The moving cartography presents itself as a posture of research, in which the investigator allows himself to affect by what he studies, revealing the different faces of a *diurnal* and *nocturnal* science, from what he is a researcher integrally and that what constitutes him as sociocultural integrates the research and drives his ways. As a central element for discussions about *moving cartography* are some key situations that I experienced in specific empirical sceneries of the state of Pará and that delineated my academic formation even before the entrance in the Post-Graduation. In the work of being a researcher and researched, I commented on the challenges and singularities that delineate the empirical sceneries of the region, especially from the concept of *forest-cities* observed by Pacheco (2006), one of the examples that I dare to identify by *communicational realities (therefore, sociocultural)*, by understand, from authors of the communication area, such as Vera França and José Luiz Braga, that the communication is constituted as a strength which gives league to the social, what connects people culturally. So, also demarcate my position concerning the epistemological discussion of the Communication area, which calls the attention of the researchers to the importance of establishing a "special angle to look at the society", what, on the other hand, does not invalidate the moving cartography and yes it delimitates its angle of entrance. In this sense, the work approximates of the discussion of what would be to investigate the study object of the communication and what the contribution of our area is for the comprehension of *communicational realities (therefore, sociocultural)* that we observe in the *moving* landscape from Amazon.

Key Words: Communication. Moving Cartography. Jesús Martín-Barbero. Latin America. Amazon. Pará.

LISTA DE GRÁFICOS E FIGURAS

GRÁFICO 01 - *Ocorrências para palavra-chave "Cartografia"* **20**

GRÁFICO 02 - *Ocorrências para palavra-chave "Martín-Barbero"* **20**

FIGURA 01 - *Mapa/Traçado experimental de "por onde passei"* **38**

FIGURA 02 - *Porção de cidade-floresta vista "de cima" (Santarém/Pará)* **47**

FIGURA 03 - *Produção intelectual em movimento (Livros)* **86**

FIGURA 04 - *Conceitos em movimento: entrevistas com Martín-Barbero* **89**

FIGURA 05 - *"Rua de rio" ou o "rio na rua"? A paisagem movente em tempos de cheia (Óbidos/Pará)* **111**

FIGURA 06 - *A paisagem movente em tempos de seca (Óbidos/Pará)* **112**

FIGURA 07 - *No rural ou na floresta, o barco "estaciona" na porta de casa* **112**

FIGURA 08 - *E na cidade também! (Óbidos/Pará)* **113**

FIGURA 09 - *(Novas) conexões e interações na paisagem movente da cheia (Óbidos/Pará)* **114**

FIGURA 10 - *Outras conexões e interações na paisagem movente da cheia (Óbidos/Pará)* **115**

FIGURA 11 - *As marombas evidenciam que o caminho é de casa para o trabalho* **116**

FIGURA 12 - *Um olhar "de cima" dos fluxos comunicacionais revelados pela natureza movente (Óbidos/Pará)* **116**

FIGURA 13 - *Urbano↔Floresta↔Urbano: casa na comunidade Santíssima Trindade (Óbidos/Pará* **117**

FIGURA 14 - *"E a luz se fez" na Santíssima Trindade modificando a paisagem movente* **119**

FIGURA 15 - *Um movente que me constitui* **123**

proposta de navegação

CARTA DE MAR, OU MELHOR, CARTA DE RIO 12

O que se move dentro de mim 25

Por onde passei? 37
Como comecei a caminhar 48
Um "porto seguro" movente 52
Realidades comunicacionais (logo, socioculturais) 56
A experiência de "leitor-que-escreve" 69

No movimento e em movimento com Martín-Barbero 71

"Um forjador de horizontes perceptivos" 72
Aventuras do autor 86
A questionada e surpreendente América Latina 93
Mapas que evidenciam especificidades 104

Invenção e os novos territórios de pensamento 123

"Dominação que se esconde na teoria" 125
Espírito do Tempo 151
Estudos culturais latino-americanos? 158

LUGAR DE PARTIDA (E NÃO DE CHEGADA) 164

CAMINHOS... 174

APÊNDICES 185

Publicações (Lista artigos, capítulos de livro, conferências) 186
Livros mais importantes para obra do autor 189

CARTA DE MAR, OU MELHOR, CARTA DE RIO

Belém, 06 de julho de 2013.

Prezado(a) leitor(a),

É com grande satisfação que inicio aqui não apenas um texto acadêmico que reflete minha trajetória no mestrado, mas a etapa final para a realização de um sonho, talvez o maior e mais intenso que tenha sonhado até agora.

Por isso, agradeço desde já pelo interesse na leitura e, principalmente, por buscar o traçado da cartografia movente *que proponho a partir do que observei na trajetória de Jesús Martín-Barbero e do estreito diálogo que estabeleci com o que me inquieta em minha região e* **O que se move dentro de mim**, *tanto relativo aos empíricos que já observei durante minha trajetória, bem como minhas experiências pessoais que delineiam o que sou.*

O diálogo com a obra de Martín-Barbero vem desde a graduação movendo coisas dentro de mim. E desse e nesse movimento observei que mais que uma perspectiva teórico↔metodológica, o autor apresenta uma postura de pesquisa-vida, em que as diferentes esferas que nos constituem e nos afetam atuam no processo de construção do conhecimento científico. O autor fala de um pesquisador que sente, que toca, que apalpa a realidade, e que constitui uma "cartografia [que] se move" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 13). Ao ler essa frase pela primeira vez, de maneira quase instantânea incorporei em minhas falas e textos sobre a obra de Martín-Barbero a expressão cartografia movente, que em um primeiro momento foi apenas uma forma que encontrei de me referir a uma perspectiva do autor de que a "cartografia se move".

Conforme fui me aproximando da trajetória de pesquisa e vida do autor espanhol-colombiano, percebi que a cartografia é uma experiência de pesquisa na qual o pesquisador se coloca dentro da investigação e que não pode ocorrer sem o diálogo e enfrentamento teórico↔metodológico com o empírico. Assim, ao vivenciar a experiência cartográfica, percebi que ao falar de cartografia movente não estava mais me referindo somente ao trabalho de Martín-Barbero, mas ao próprio exercício que estou vivenciando e que começou a despertar em mim uma compreensão de cartografia que não está prevista e explicitada na obra do referido autor.

A cartografia movente é então resultado da articulação que fiz entre as marcas da postura de pesquisa-vida de Martín-Barbero, as coordenadas teóricas que orientam e movimentam minhas visões de mundo, e com o diálogo com os cenários empíricos comunicacionais que me inquietam na região amazônica e os que estão se movendo dentro de mim. O desafio está tanto na concatenação integrada das reflexões empíricas e teórico↔metodológicas, quanto na escrita, que, mesmo imobilizando as ideias – como

nos explica Schneider (2007) –, revela uma tessitura em que todos os elementos estão vivos e se articulam e dão origem a múltiplas interpretações. Por isso, a sensação é que estou o tempo todo começando a observação-reflexão, tanto que as combinações do texto parecem provisórias.

Sei o quanto defender uma proposição pode soar ambicioso para uma pesquisa de mestrado. Entretanto, negar essa caminhada, seria negar a constituição de meu próprio objeto de estudo: a cartografia movente. Seria deixar de vivenciar aquilo que os elementos da pesquisa, todos moventes, solicitavam quase que instantaneamente ao pensar. Se pudesse expressar visualmente essa caminhada, diria que desde que decidi partir, fui ao longo dessa trajetória registrando pontos e aos poucos constituindo linhas pontilhadas a partir do mergulho que fiz na obra de Martín-Barbero e da identificação das marcas de sua pesquisa-vida e "cartografia [que] se move". Ao chegar em determinado ponto de compreensão e simultâneo registro, comecei um movimento de retorno aos pontos e linhas pontilhadas, procedendo o preenchimento dos intervalos entre um ponto e outro a partir de articulações teórico↔metodológicas e do enfrentamento com uma pluralidade de cenários empíricos. Foi esse exercício de ir e vir, consolidando e aprofundando traçados, que observei ter chegado a uma noção de cartografia movente.

Esse exercício, que aqui parece fácil, mas demorou muito para eu notar, foi me levando cada vez mais fundo na obra de Martín-Barbero e simultaneamente me aproximando de proposições outras sobre cartografia e do processo de construção do conhecimento científico no contemporâneo, sem esquecer de experimentar sucessivos tensionamentos com os elementos do empírico. Assim, fui constituindo uma noção de cartografia que não estava presa ou necessariamente vinculada às proposições teórico↔metodológicas do autor, mas sim é resultado de um processo de articulação entre essas e outras contribuições de Martín-Barbero, o que já trazia dentro de mim e estava à minha volta.

Como esclarecem Passos; Barros (2009), nesse sentido, não há como negar que "toda pesquisa é intervenção", e como completo, mesmo que dentro de nós mesmos. "Não há neutralidade do conhecimento, pois toda pesquisa intervém sobre a realidade mais do que apenas a representa ou constata em um discurso cioso das evidências" (PASSOS; BARROS, 2009, p. 20).

Mesmo havendo uma forte proposição de cartografia como método, acredito que durante a caminhada observamos a cartografia movente como uma postura de pesquisa-vida, não necessariamente vinculada ou presa a um método ou procedimento. Essa é na verdade uma construção que se faz e refaz no caminhar, claro que a partir de algumas coordenadas teórico↔metodológicas. Isso não significa dizer que a cartografia a que me refiro seria apenas uma alternativa para a elaboração de um traçado que acompanhe a processualidade dos fenômenos. E sim uma conduta de investigação, que

por ser essencialmente processual e única para cada pesquisador, não se configura como método – mesmo considerando que os autores que propõe a cartografia como método o percebem em um sentido ampliado ao atribuído à configuração moderna de ciência.

A cartografia movente é uma conduta de pesquisa-vida, em que o investigador, ao fazer uma pesquisa científica não prevê a simples aplicação de teorias e de métodos, e muito menos o enquadramento de determinado cenário empírico dentro de um esquema/modelo pronto. Essa postura pressupõe acima de tudo compromisso e respeito do pesquisador para o envolvimento em uma tessitura científica que coloca em diálogo "de igual para igual" os aspectos teórico↔metodológicos e empíricos do investigado e do investigador, assumindo a elaboração de um desenho metodológico (SCHMITZ, 2008) que se constrói, posteriormente à adoção da postura, a partir das solicitações do objeto. Por essa postura, acaba-se coibindo qualquer movimento de aplicação de métodos ou teorias que não permitam que o objeto fale e revele que não cabe na "caixinha".

Pelo exercício vivenciado ao longo da pesquisa, observei que a cartografia movente permite, no caso da Comunicação[1], se distanciar dos modelos teóricos que ainda encaram o processo comunicativo de modo enclausurado nos meios e efeitos do esquema emissor-mensagem-receptor. E no caso da realidade empírica da Amazônia, é possível ir além de interpretações que a reduzem ao atraso e ao exótico.

Nesse sentido, apresento uma **Proposta de Navegação**, *na qual não há necessariamente uma ordem rígida, pois durante todo o percurso cartográfico, vivenciamos um processo quase esquizofrênico de elaboração textual, em que o que era início agora é final, e vice-versa. Tudo depende da perspectiva de olhar do pesquisador e agora, do(a) leitor(a)! O texto cartográfico se configura como um grande labirinto, e que, por sua vez, não tem nem começo e nem final. Chamo de labirinto, pois no momento da observação-reflexão surgem inúmeras possibilidades de entrada e saída. Por isso, a entrada e a saída são decisões tomadas durante a pesquisa, já que ao longo do processo são muitos os caminhos e descaminhos. E nesse caminhar não-linear, é possível visualizar novos ângulos de análise, como se estivéssemos girando em torno do objeto, na tentativa de observar os diversos lados.*

Entre as marcas dos caminhos e descaminhos trilhados dentro do labirinto de análise estão as notas de rodapé que você vai encontrar ao longo do trabalho. Elas se configuram como traçados paralelos e transversais às discussões apresentadas no corpo principal da dissertação, e que em muitos momentos invadiram o texto e remodelaram o tom de sua narrativa, incluindo, as associações teóricas ali delineadas. Na realidade, são

[1] Para distinguir os sentidos atribuídos à palavra, utilizei caixa alta no início quando a referência é à área da Comunicação. Ao falar de comunicação como processo ou objeto passível de estudo, a palavra inicia com letra minúscula.

linhas independentes que atravessam o texto principal e que visualmente poderiam ser representadas pela seguinte imagem: um ponto ao centro e de dentro dele, estariam saindo linhas – com níveis diferentes de intensidade – relativas a outros importantes assuntos/informações para a discussão e compreensão do leitor, mas que acabaram não entrando na tessitura da escrita principal.

Não estranhe também a ausência de partes declaradamente teóricas ou especificamente de apresentação dos cenários empíricos ao longo do trabalho, pois na cartografia o texto acaba sendo único por ser resultado de uma articulação e tessitura equilibrada entre os elementos teórico↔metodológicos↔empíricos. Dessa forma, o trabalho propõe uma estrutura de leitura específica a partir de uma lógica datada de interpretações que se construiu e reconstruiu por diversas vezes ao longo do processo desafiador da cartografia movente. E esta continuará se reconstruindo a partir de novas leituras que eu faça, bem como a partir da leitura que você fará.

Mesmo já tendo decidido o início e o final do passeio pelo labirinto cartográfico, sei que essa demarcação não limitará a percepção, ao longo da leitura, do fluxo de pensamento e a compreensão, tanto das "marcas" e "pistas" que observei na trajetória de pesquisa-vida de Martín-Barbero. Da mesma maneira procurei não represar as buscas pelas reflexões relativas ao desafio de experienciar uma conduta cartográfica, e nesse exercício propor a noção de cartografia movente como postura de pesquisa em Comunicação na Amazônia.

Vale ressaltar que ao falar de Amazônia, não estou me referindo a uma noção homogênea e muito menos integrada da região, até por que assim estaria contradizendo a postura da cartografia movente que permite a leitura processual dos objetos e não os enclausura em esquemas pré-determinados. O que é preciso reconhecer é o olhar talvez limitado pelas experiências vividas no estado do Pará, e que por ser uma Amazônia mais próxima está mais presente no trabalho. Mas, mesmo o Pará não pode ser percebido de forma estanque, e nem limitado a uma visão de integração simplificadora. Mesmo sabendo que Amazônia e o Pará deveriam estar no plural, já que por si só carregam múltiplas realidades, optei por não assumir essa marcação textual por considerar que ainda me aproximo de pouquíssimos cenários no Estado. Isso não quer dizer, porém, que não reconheço a diversidade.

Neste princípio de navegação convido você a rever na sua memória o que entende por cartografia...

...ela estaria, na sua opinião, ligada em um primeiro momento ao sentido tradicional? E este sentido é essencialmente relacionado ao ofício de elaborar mapas geográficos e à função original de registrar o mundo em sua totalidade, revelando os caminhos já

descobertos, até que se chegue a um mapa total em que tudo o que existe está registrado?

Se assim o for, saiba que entre os elementos centrais da atuação de um cartógrafo estão elaboração de cartas de navegação, ou seja, o espaço no qual registra-se os caminhos trilhados, pontos da "viagem" e as observações do navegante, que por sua vez, tem como ofício – dever, obrigação, função, destino e modo de vida – registrar o que viu e vivenciou no percurso, a fim de que os próximos viajantes não tenham as mesmas surpresas e/ou dificuldades.

Vale observar que a palavra ofício também remete à própria carta ou comunicação oficial deixada pelo navegante em sua viagem. Logo, cartografar implica produzir cartas e comunicar o que se vê e vive. É dever e função do navegante/cartógrafo, que mais que obrigação, tem como destino e tônica de vida este ofício, aqui nos dois sentidos permitidos pela palavra: de verbo/ação (fazer a cartografia/elaborar mapas/cartas) e de substantivo (o produto da ação: a carta/o mapa).

Falando de um outro sentido de cartografia, mas não desprovida de mapas e cartas, Martín-Barbero (2004, p. 383) me ensina que nos países da América Latina o cartógrafo deve se basear não apenas em mapas que registram o que já foi descoberto, mas ter como elemento de sua pesquisa as "cartas de mar, ou seja, de navegação por mundos ainda ignorados". E, nesse sentido, figuram tanto descobertas no âmbito do empírico, a partir da aproximação e reconhecimento das singularidades que constituem as realidades comunicacionais do continente, bem como as associações inovadoras no campo intelectual e acadêmico, a partir das quais se pensa diferente e se inventa novos territórios de pensamento.

Por isso, para começar minha cartografia senti a necessidade de apresentar uma carta de navegação ou, como preferi chamá-la, CARTA DE RIO, *não apenas por me remeter a um dos principais elementos de nossos cenários empíricos na Amazônia, o rio que conduz saberes, sentimentos e vidas –, mas também pela franca homenagem que desejo fazer ao rio Amazonas – um referencial importante de minha pesquisa-vida –, que desde a infância me conectou ao porto seguro de minha família, encantou meu olhar e inundou minha vida de conhecimentos e sentimentos.*

Vale ressaltar também que escrever uma carta tem para mim um sentido muito especial e profundo, por ser umas das formas com que mantinha contato com meu avô materno, que juntamente com minha avó, além de terem me ensinado a amar esse rio e nossa região, me mostraram que as palavras movem o mundo e, principalmente, aquele que existe dentro de nós. Por me escreverem desde meus primeiros anos de idade, as cartas fizeram parte praticamente de minha alfabetização, assim segui escrevendo e compartilhando notícias de minha formação, e eles, enviando sempre bem mais que

notícias de suas vidas, mas, sobretudo, bênçãos, sentimentos e um carinho que ultrapassa qualquer distância. Diante disso, essa CARTA DE RIO, *também é uma forma de homenageá-los e agradecer por absolutamente tudo que sou.*

Entre as características da cartografia movente está que o pesquisador se faz presente, necessariamente, dentro da investigação. Assim, para além do movente da conduta cartográfica observada na trajetória de Martín-Barbero, estive envolvida ao longo da dissertação – que se configura por sua vez também como um exercício cartográfico –, tanto com o que se move em mim, quanto com o movente dos cenários empíricos comunicacionais da Amazônia.

Originalmente voltada para os estudos da subjetividade, percebi a cartografia como uma possibilidade de pesquisa para área da Comunicação, tendo em vista que essa forma de compreender o objeto de estudo permite a construção de um mapa (nunca acabado) a partir da integração do contexto do objeto com as percepções e observações do pesquisador, "que são únicas e particulares" (ROSÁRIO, 2008, p. 207).

Apesar de convergente com a cartografia que concateno a partir da indicação de Martín-Barbero (2004) de uma "cartografia [que] se move", vale ressaltar que as produções de Nísia Martins do Rosário e de autores brasileiros da área da psicologia têm como base as contribuições da perspectiva filosófica de Guilles Deleuze e Félix Guattari.

Rosário (2012a) explica que para Deleuze e Guattari (1995)[2] a cartografia se constitui como um dos seis princípios ou "características aproximativas" do rizoma[3], conceito central na obra dos autores europeus, que grosso modo consiste em um "mapa que não pára de se desenhar e emaranhar" (ROSÁRIO, 2012a, p. 10). A partir dessa perspectiva teórica, é inaugurada no Brasil na década de 1980, uma fase de atualização das contribuições e interpretações dos conceitos pelas autoras Suely Rolnik e Virgínia Kastrup – ambas da área da Psicologia –, que percebem a cartografia como um método de pesquisa, contudo, a partir de uma concepção contrária à noção positivista de método.

Vale ressaltar, porém, que ao longo do processo de escrita da dissertação, além de mergulhar em busca dos traçados cartográficos de Martín-Barbero e também experienciar o exercício da cartografia, estabeleci pontos de diálogo ou conexões iniciais

---

[2] A autora destaca que entre as principais obras dos autores está *Mil Platôs* (1995).

[3] Segundo Rosário (2012a, p. 9), para Deleuze e Guattari "rizoma é uma mescla de tramas que se combina, se mistura, se embaralha, se junta e se afasta. É a trama da vida e a trama da pesquisa. Afinal, o trajeto feito pelo pesquisador traz em si um pouco disso que chamamos de caos, ou pouco dessas tramas e embaralhamentos - o que acontece é que os mitos da ciência têm imposto à apresentação da pesquisa e o ocultamento das linhas de fuga, dos ajustes, dos retornos". Os princípios do *rizoma* apontados por Rosário (2012b, p. 1269) a partir de *Mil Platôs* (1995) são: *conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, cartografia* e *decalcomania.*

com a produção de pesquisadores que trabalham na perspectiva de Deleuze e Guattari, e que muito me ajudaram na compreensão do que hoje denomino de cartografia movente. Um fazer cartográfico que exige desprendimento e ousadia por parte do investigador para desobedecer as rotinas da prática acadêmico-científica. Nesse exercício, me envolvi com reflexões desenvolvidas no âmbito da Comunicação, e que são centrais, sobretudo, para a constituição de posturas teórico↔metodológicas para a investigação de fenômenos essencialmente processuais como os objetos de estudo da Comunicação, assim como para a compreensão do que vem a ser a escrita de uma pesquisa na conduta cartográfica. Por isso, entre as informações mais importantes de minha CARTA DE RIO *está a de compartilhar com você leitor(a) que minha proposta foi reconhecer a postura da cartografia movente a partir da trajetória de pesquisa-vida de Martín-Barbero e da noção de que a "cartografia se move" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 13) em um breve diálogo com alguns autores brasileiros que trabalham com cartografia pelo viés de Deleuze e Guattari. Entre os autores com os quais mantive um diálogo estão: Nísia Martins do Rosário – já citada – e Lisiane Machado Aguiar, da área da Comunicação; Virgínia Kastrup, Suely Rolnik, Laura Pozzana de Barros e Eduardo Passos, da área da psicologia, que integram o grupo de autores do livro "Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade", editado pela Sulina em 2009, e que estiveram envolvidos de 2005 a 2007 na realização de seminários de pesquisa a respeito da cartografia e que envolveu inúmeros professores e alunos de graduação e pós-graduação do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF)[4].*

Diante da diferença entre as perspectivas – um das principais contribuições do meu Exame de Qualificação no mestrado –, considerei importante realizar um levantamento a partir do qual verifiquei que são poucos os trabalhos em Comunicação que trabalham cartografia, e menos numerosos ainda são aqueles que se apoiam na perspectiva ligada à trajetória de Martín-Barbero. Vale ressaltar, de antemão, que dimensiono o quanto pode parecer incoerente fazer a opção por um levantamento quantitativo dentro de uma proposição de cartografia movente. Entretanto, ao contrário do que se pode pensar, a cartografia movente não impede o uso e integração de métodos e procedimentos metodológicos de vinculações teóricas ditas oponentes, mas sim exige que o cartógrafo precisa estar aberto a "ouvir" o que o objeto solicita para só então traçar seu desenho metodológico.

[4] Vale ressaltar que esse trabalho foi iniciado por Rolnik que se aproxima da cartografia em 1982, ano em que Félix Guattari vem até o Brasil, culminando na elaboração de sua tese de doutorado em Psicologia Social, defendida em 1987, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com o título "Cartografia Sentimental da América: produção do desejo na era da cultura industrial". Este trabalho foi antecedido por uma importante publicação da autora com Féliz Guattari, o livro "Micropolítica: cartografias do desejo", de 1986. Já Kastrup foi orientanda de doutorado da professora Rolnik também pela PUC-SP.

Nesse sentido, no caso da cartografia movente como postura de pesquisa em Comunicação para Amazônia, que se configura como meu objeto de estudo, o solicitado nos primeiros passos da pesquisa foi a busca de trabalhos sobre cartografia e que me ajudasse a diferenciar as contribuições teóricas dos autores já citados.

Como ponto de partida para essa breve verificação, adotei os dados coletados e analisados por Lisiane Machado Aguiar[5] que teve como corpus de sua pesquisa de mestrado uma tese e sete dissertações recuperadas a partir de busca no banco de teses online da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)[6], na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)[7] e no banco de dados online dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação[8].

Segundo Aguiar (2011), a partir de uma busca nos bancos de dados utilizando as palavras-chave "cartografia", "Deleuze", "Guattari", foram encontrados 80 trabalhos que usaram teórico-metodologicamente a cartografia de Deleuze e Guattari. Do total levantado, pertenciam à área da Comunicação apenas: 5 teses e 3 dissertações da PUC-SP; 7 dissertações da Unisinos; 1 dissertação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e 1 dissertação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp).

Frente a esses dados, considerei pertinente fazer um levantamento complementar objetivando verificar a possível presença de trabalhos nos Anais dos Congressos Nacionais da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) e dos Encontros anuais da Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação), mas dessa vez, sobre cartografia a partir da perspectiva de Martín-Barbero. Para isso, realizei dentro de cada edição dos Anais dos referidos eventos buscas independentes no sistema de pesquisa a partir das palavras-chave "cartografia" e "Martín-Barbero".

Na época do levantamento, outubro de 2012, minha proposta foi verificar a presença de trabalhos nos anais do período de 2000 a 2012, o que implicaria conferir todo o conteúdo que as instituições deixam disponíveis em seus sites[9].

---

[5] A dissertação foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, sob a orientação da professora doutora Nísia Martins do Rosário, citada anteriormente.

[6] <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>.

[7] Coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Disponível em <http://bdtd.ibict.br/>.

[8] Esse repositório não foi encontrado em pesquisa livre na internet e também não foi referenciado por Aguiar (2011) na dissertação.

[9] Vale ressaltar que as duas instituições começaram a realizar eventos anuais (de forma ininterrupta) bem antes de 2000. A Intercom teve seu primeiro encontro em 1977, e a Compós em 1992.

No período compreendido entre 2000 a 2012, encontrei nos Anais da Compós um total de 06 trabalhos, sendo 05 entre 2007 a 2012 e apenas um no que antecede esse período, relativo ao encontro de 2001, realizado em Brasília (Distrito Federal).

Para a pesquisa no portal da Intercom, tive dificuldades com os anais de 2000 – o único que não apresenta uma programação em html e não permite a busca por um sistema integrado e catalogado –, e de 2004 e 2005, que estavam naquele período com um erro interno no carregamento das buscas efetuadas no sistema. Diante disso, optei por "desprezar" a ocorrência do trabalho dos Anais da Compós de 2001 e redefinir o recorte do levantamento nos Anais das duas instituições para 2006 a 2012.

Assim, consolidando os dados das pesquisas em Anais, chegamos aos seguintes números:

Gráfico 1 Ocorrências para palavra-chave "Cartografia"
(Anais Intercom e Compós – 2006 a 2012)

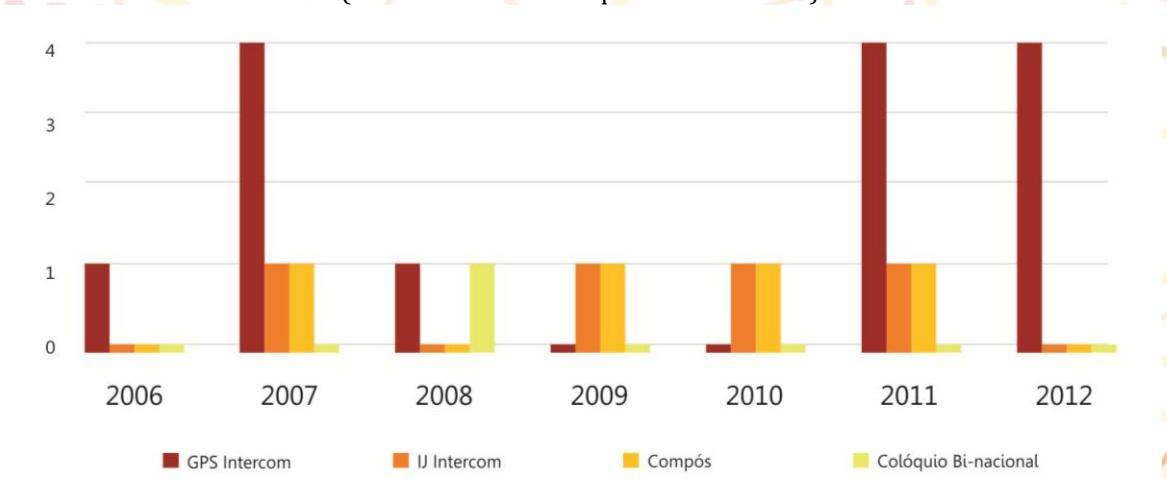
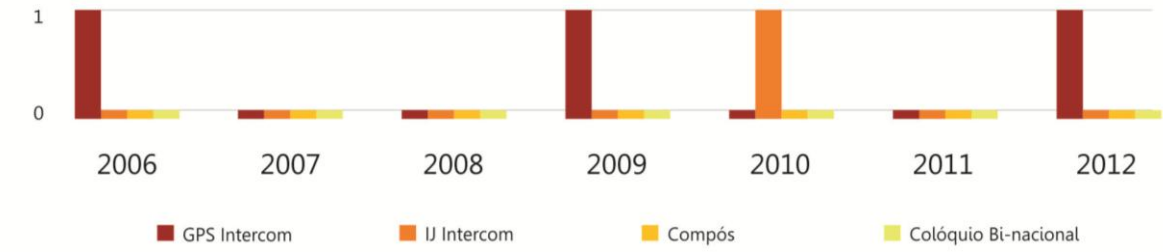


Gráfico 2 Ocorrências para palavra-chave "Martín-Barbero"
(Anais Intercom e Compós – 2006 a 2012)



A partir dos gráficos pude conferir que nos seis anos pesquisados, para a palavra-chave "cartografia" foram encontrados 23 trabalhos, e para "Martín-Barbero", apenas 4, o equivalente a menos de um trabalho por ano.

Em paralelo, realizei também um levantamento no banco de teses online da CAPES a partir das mesmas palavras-chave utilizadas na pesquisa em Anais. Buscando pelo campo título para cartografia foram recuperados 40 trabalhos e para Martín-Barbero apenas um. Para refinar a busca entre os trabalhos recuperados pela palavra "cartografia", inseri no campo assunto a palavra "comunicação". Com isso, apenas um trabalho foi recuperado.

Inserindo cartografia no campo assunto, foram encontrados 193 trabalhos, sendo que ao refinar a busca digitando "comunicação" como outro assunto, foram recuperados apenas 3 trabalhos, sendo um a dissertação de Lisiane Aguiar.

Diante desses dados observei o número reduzido de trabalhos na área da Comunicação sobre cartografia e, como indicado pelo trabalho de Aguiar (2011), quando existem estão voltados e referenciados a partir de autores mais intensamente usados nas áreas da psicologia e educação, entre os quais estão Rolnik e Kastrup, além é claro de obras clássicas de Deleuze e Guattari. Dentre os oito trabalhos analisados por Aguiar (2011), apenas três citam Martín-Barbero (2004) como uma possibilidade de pensar a cartografia na Comunicação, sendo que um de forma limitada à discussão sobre mapas.

Segundo Aguiar (2011), os trabalhos analisados na dissertação ficaram restritos ao uso da cartografia a partir de Deleuze e Guattari e à teorização baseada no exercício filosófico de construção de conceitos novos, gerando, na opinião da pesquisadora, um "teoricismo abstrato", pois há uma relação superficial com o empírico. Em suma, muito se fala, mas pouco se avança na construção metodológica tão cara à área da Comunicação.

> *Acredito que isso ocorra, também, por que a filosofia das multiplicidades de Deleuze e Guattari, ao buscar os devires, os acontecimentos, o exercício do pensamento ao mesmo tempo em que ele se processa, sem nunca fechar, sem modelos, o sujeito/pesquisador acaba reduzindo o ato de pesquisar a uma mediação do pensamento unicamente subjetivo (AGUIAR, 2011, p. 82).*

Para a pesquisadora, porém, não se pode chegar ao final de uma investigação apenas com problematizações teóricas e apresentá-las como comprovação de uma pesquisa empírica, já que assim, se fará exatamente o contrário do que propõe a cartografia, que é deixar que o empírico "fale" e tencione o teórico↔metodológico do investigador, permitindo que o conhecimento se constitua no caminhar, inclusive, acionando as marcas de sua bagagem cultural.

Diante disso, é interessante registrar que apesar de no mestrado ter optado por não fazer uma pesquisa empírica, centrei os esforços na discussão teórico↔metodológico sobre a cartografia a partir das pistas encontradas na trajetória de pesquisa-vida de Martín-Barbero estas, porém, em diálogo permanente com resultados de pesquisas que realizei, como a do meu Trabalho de Conclusão de Curso na Graduação em

Comunicação Social; e ainda com cenários empíricos já explorados por pesquisadores da região, como: Agenor Sarraf Pacheco (2006, 2009, 2010a, 2010b, 2013), Cristovam Wanderley Picanço Diniz (2000), Fábio Fonseca de Castro (2011a, 2011b, 2012a, 2012b), José Maria Damasceno Ferreira (2012), Maria Ataide Malcher (2010, 2012a, 2012b, 2013), Ninon Rose Tavares Jardim (2013), Ronaldo de Oliveira Rodrigues (2012a, 2012b), Sandro Alberto Colferai e Gilson Vieira Monteiro (2011), Sônia Maria Pereira do Amaral (2012).

Por essas e outras contribuições, como a de minha orientadora – mesmo escrevendo o trabalho em primeira pessoa do singular – considero importante destacar que esse eu se configura como um "eu nunca solitário" mesmo na experiência de escrita desse trabalho. E, como um constante exercício de cartografia, o traçado apresentado é resultado de olhares e interpretações também de minha orientadora, de meus colegas de turma, de professores e autores com quem mantive contato ao longo de minha trajetória, de um parceiro de pesquisa que tive a graça de conhecer na reta final desse trabalho, e ainda de meus familiares e amigos.

Proponho uma configuração que espero ser a melhor proposta de leitura e de compreensão de minhas interpretações sobre a cartografia movente. Inicio refletindo sobre **O que se move dentro de mim** *e, com a ajuda de autores como Rosário (2008, 2012a, 2012b), reconheço a cartografia como uma decisão de pesquisa, na qual o investigador se permite afetar pelo que estuda, desobedecer as rotinas das disciplinas, como fez Martín-Barbero, e se colocar dentro da pesquisa, revelando suas inseguranças, fragilidades e comprometimento com o processo de produção do conhecimento. Por isso, apresento situações chave que delinearam minha formação acadêmica antes mesmo da Pós-Graduação, como a experiência que tive no TCC e os resultados de sua defesa – momento que marca o início de minha cartografia. Nesse exercício, comento os desafios e singularidades que delineiam os cenários empíricos da região – como as cidades-florestas observadas por Pacheco (2006) –, um dos exemplos do que ousei chamar de realidades comunicacionais (logo, socioculturais), por entender, a partir de Vera França (2001, 2006, 2008) e José Luiz Braga (2011a, 2011b, 2012a, 2012b), que a comunicação é a força que conecta as pessoas social e culturalmente, e, sobretudo, por ser uma forma de me posicionar frente à discussão epistemológica da área da Comunicação, pois independente do posicionamento de Martín-Barbero e de que a "cartografia se move", acredito ser importante estabelecer um "ângulo especial para olhar a sociedade" pelo viés da comunicação, como convida Braga (2011b), o que não inviabiliza a cartografia movente.*

No trabalho me permito entrar **No movimento e em movimento com Martín-Barbero.** *Sendo uma usina permanente de ideias, o teórico espanhol-colombiano me instiga a um mergulho em busca das pistas e marcas do que penso ser central em sua trajetória de pesquisa-vida e que só pude reconhecer com a valorosa ajuda de autores que conhecem*

e comentam sua obra, como: Rossana Reguillo-Cruz (1998), Fabio López de la Roche (1998, 1999), Néstor García-Canclini (1998, 2003, 2009), Aníbal Orué Pozzo (1999), William Torres (1998) Paulo da Rocha Dias e Rosemary Bars Mendez (1999). Apresento algumas das aventuras do autor, entre os quais estão os livros publicados, as "des-territorializações" e "re-colocações" de Martín-Barbero ao longo de sua trajetória de pesquisa-vida, bem como os desafios vivenciados na questionada e surpreendente América Latina. Além disso, desenvolvo ao longo do texto estreitos diálogos com elementos do empírico, como os elementos que reconheci como moventes nos elementos da natureza na Amazônia, sem os quais não seria capaz de compreender os deslocamentos vivenciados por Martín-Barbero em sua trajetória. Para a compreensão da cartografia movente, é central ainda a contribuição de Morin (2009, 2010) e das avenidas da complexidade que me levaram a reconhecer o cenário multidimensional propício ao exercício da cartografia na Amazônia, bem como são fundamentais para compreender o que significa "mudar o lugar das perguntas" para Martín-Barbero: uma mudança na forma como se pensa e responde as perguntas, a partir do reconhecimento da incerteza.

É interessante observar que ao longo da dissertação Martín-Barbero se apresenta tanto como um exemplo do empírico que nos inspira a cartografia, bem como suas contribuições teórico↔metodológicas são coordenadas básicas para as discussões feitas no trabalho. Nesse sentido, mesmo quando estamos observando sua trajetória ele está fornecendo elementos teórico↔metodológicos para a discussão, assim como, quando ele está como autor com o qual dialogamos, ele também representa uma inspiração do empírico que pode ser observada, como o exemplo de um pesquisador que trabalha no nível da invenção teórica.

Diante disso, a partir de Martín-Barbero percebo que a cartografia está ligada à **Invenção e os novos territórios de pensamento**. *Centro então a discussão nos aspectos teórico↔metodológicos da "cartografia [que] se move" de Martín-Barbero, suscitados pelo mapa sobre os três modos de relação do trabalho acadêmico com as concepções e modelos de comunicação hegemônicos. Neste mapa, o autor aponta que os estudos na área se estabelecem em relações de dependência, apropriação e invenção teórica, centrais para a compreensão dos passos da pesquisa em Ciências Sociais na América Latina, e, sobretudo, para visualizar as principais motivações das críticas que Martín-Barbero faz aos estudos baseados nas teorias da Comunicação pioneiras – pesquisas administrativas e teoria crítica –, que, como demonstra Mauro Wolf (1995) apresentam a mesma visão linear de comunicação e de processo comunicativo limitada ao esquema hipodérmico de emissor-mensagem-receptor. Frente a essas relações e passando pela discussão inaugural de Morin (1977) sobre cultura de massa, e de Ana Carolina Escosteguy (2010) sobre a existência de uma versão latino-americana dos estudos culturais, constatamos que o trabalho de Martín-Barbero se dá na perspectiva da invenção teórica, o que pressupõe a adoção de uma postura cartográfica que permite a*

leitura de realidades comunicacionais (logo, socioculturais) para muito além de um único sentido, o que é próprio do novo paradigma científico proposto por autores como Morin (2009, 2010) e Boaventura de Sousa Santos (1987, 2009) –, por meio do qual o senso comum é elemento chave da constituição da ciência. Além disso, passo pela noção de mapa noturno de Martín-Barbero e menciono os dois outros mapas propostos ao longo de seu ofício de cartógrafo – o mapa dos usos teóricos e o mapa atualizado das mediações comunicativas da cultura –, que orientaram muitas discussões ao longo da dissertação e que para nós sintetizam os principais pontos de chegada – e/ou partida – da pesquisa-vida do autor, e que foram centrais para a compreensão do que proponho como cartografia movente.

Vale ressaltar ainda a opção que fiz por não traduzir as citações, falas e outras contribuições de autores latino-americanos com os quais dialoguei ao longo do trabalho, por considerar que frente a como Martín-Barbero propõe considerar a América Latina, seria até desrespeitoso de minha parte impor o português por meio de traduções tendo em vista que em todo o continente apenas o Brasil se comunica nesse idioma.

Mesmo sendo essa uma carta que registra os principais pontos de minha navegação, sei que estes são provisórios tanto para mim ao empreender uma próxima leitura, assim como será para você ao ler, visualizar e sentir muitas outras argumentações e associações.

Por fim, ou melhor, para começar, desejo uma excelente leitura de nossa reunião de interpretações sobre o que proponho como cartografia movente. Além disso, convido você a desenhar novos mapas e interpretações que meu olhar e coração não conseguirão alcançar ao longo do trabalho.

Novamente muito obrigada!
A autora

> Ao se propor a entender [as] indústrias das respostas e da consolação que são os meios de massa, Martín-Barbero não só as assedia com perguntas e mais perguntas; *dedica-se também a trocar as interrogações que haviam organizados os estudos sobre a comunicação nos anos precedentes* (GARCÍA-CANCLINI, 2009, p. 23, *grifo nosso*).

No caso desta dissertação que propõe a noção de *cartografia movente*, inspirada – mas não somente – na trajetória de pesquisa-vida de Jesús Martín-Barbero e sua "cartografia [que] *se move*" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 13), peço ajuda, coincidentemente ou não, às palavras de Néstor García-Canclini (1998) que como todos sabem é responsável pelo Prefácio de *Dos Meios às Mediações: cultura, hegemonia e comunicação*[10] (DMM)[11], a obra mais conhecida e comentada do espanhol-colombiano.

Como mencionado na CARTA DE RIO, vivenciei um verdadeiro mergulho à procura das pistas que levem ao entendimento do que depois passei a denominar de *cartografia movente*. Considero importante registrar a inquietação de que mesmo durante o processo de escrita da dissertação me perguntava o tempo todo se realmente dimensiono o que representa iniciar uma trajetória de pesquisa. Não porque não confio no caminho até aqui trilhado, mas pelo fato de ao longo do encontro que me propus a ter com a obra de Martín-Barbero e a "cartografia [que] *se move*", ter vivenciado um processo de permanente sobressalto e preocupação.

Comportamento que possivelmente pode ser justificado a partir do que Horácio Schneider (2007) explicou sobre as chamadas "ciência diurna" e "ciência noturna", ao citar o biólogo francês François Jacob.

> A ciência diurna põe em jogo raciocínios que se articulam como engrenagens. A ciência noturna, ao contrário erra as cegas. Ela hesita, tropeça, recua, transpira, acorda em sobressalto. Duvidando de tudo, ela se procura, interroga e repreende-se sem cessar. Nada permite dizer que a ciência noturna passará um dia

[10] Livro originalmente lançado em espanhol, em 1987, em Barcelona (Espanha). A primeira edição do livro em português foi publicada após dez anos da obra original, em 1997, pela Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
[11] Tendo em vista o número de vezes que o título da obra será citada ao longo do trabalho, adotei a sigla para dinamizar a leitura.

> ao estágio de diurna. Que o prisioneiro sairá da sombra (SCHNEIDER, 2007)[12].

É curioso observar que em uma trajetória de pesquisa acaba-se, segundo Schneider (2007) visualizando o cenário da "ciência diurna", que se dá na prática, objetiva e racionalmente. "Já a ciência noturna, essa é uma história que fica só para nós", ou seja, que por seu traçado borrado, subjetivo e pouco nítido mesmo para quem a vivencia, acaba não sendo registrada ou aparecendo nos resultados dos estudos desenvolvidos. Penso que a ciência noturna, por mais interna ao pesquisador que seja ela não necessariamente se dá no escuro da noite, mas também na modalidade de "sonhar acordado" durante uma ação *diurna* de pesquisa, momento no qual nos surpreendemos e transpiramos com aquela sensação que fica apenas para nós, mas que naquele instante é o que direciona o olhar da pesquisa.

A *cartografia movente* é então a chance de gerar um relato acadêmico que permita dar vazão tanto à ciência *diurna* quanto *noturna*, ou seja, uma ciência integral, na qual o pesquisador é pesquisador e pesquisado. Isso porque, é nesse movimento inquietante e de envolvimento visceral que se desenvolvem conhecimentos e o investigador precisa registrá-los, mesmo que para isso precise expor suas fragilidades, idas e vindas, inseguranças, tropeços e visões de mundo.

Para isso, porém, é necessário aprender a pensar de forma integrada a ordem e a desordem pois elas estão em permanente articulação na dinâmica da vida e nem nos damos conta. E isso é elemento central na perspectiva da *complexidade* de que fala Edgar Morin (2009, 2010). O autor esclarece que "a complexidade não é só pensar o uno e o múltiplo conjuntamente; é também pensar conjuntamente o incerto e o certo, o lógico e o contraditório, e é a inclusão do observador na observação" (MORIN, 2010, p. 206). E como observo ao longo da dissertação, as realidades comunicacionais da Amazônia são multidimensionais e prescindem do

[12] Retirei esta explicação do texto que o professor Schneider, atual vice-reitor da Universidade Federal do Pará (UFPA), preparou para o discurso que proferiu na solenidade de comemoração dos 30 anos da Fundação de Amparo ao Desenvolvimento da Pesquisa (FADESP), em novembro de 2007. Vale ressaltar que tive acesso a esse texto em virtude da elaboração da edição de 2012 do Relatório de Gestão da FADESP, para o qual foram realizadas entrevistas com os principais pesquisadores que contribuíram com a criação da Fundação e/ou foram coordenadores dos primeiros projetos de grande porte gerenciados.

exercício da *cartografia movente* que busco apresentar a partir do diálogo com Martín-Barbero.

Isso significa dizer que o complexo não contém apenas diversidade, desordem, aleatoriedade, mas comporta "também, suas leis, sua ordem, sua organização" (MORIN, 2010, p. 8). Por isso, para entender o mundo é preciso juntar os mundos que insistimos em separar e que sozinhos não podem existir, sendo um deles "apenas determinista" e o outro "apenas aleatório". É uma fuga constante da dicotomia entre o mundo da ordem e o mundo da desordem, o mundo objetivo e o mundo subjetivo, o mundo da razão e o mundo da sensação, o mundo do pesquisador e o mundo do pesquisado. Como Morin (2010, p. 203) explica, "há certamente contradição lógica na associação ordem e desordem, mas menos absurda do que a débil cisão de um universo que seria apenas ordem ou que estaria apenas entregue ao deus *acaso*".

Por isso, ainda de acordo com Morin, "para seguir por esse caminho, o problema não é bem abrir as fronteiras entre as disciplinas, mas transformar o que gera essas fronteiras: os princípios organizadores do conhecimento" (MORIN, 2009, p. 24), Isso quer dizer que a forma como ainda se pensa não favorece a postura de pesquisa *movente*, como a cartografia.

Vale ressaltar que ao me lançar ao desafio de experienciar a conduta cartográfica como caminho para o trabalho, o resultado apresentando é uma construção, a todo instante, recortada e atravessada por interpretações que fiz a partir do que observei na trajetória de Martín-Barbero e do que, ao longo do processos, fui incorporando das marcas de minha trajetória de pesquisa-vida e de coordenadas teórico↔metodológicas.

Assim no processo de elaboração do trabalho, foi necessário compreender o envolvimento do pesquisador com o que estuda, ou do afeto que se cria com o objeto que "nos afeta". Como o próprio Martín-Barbero (2004) afirmou, em sua trajetória ele foi secretamente iluminado pelas palavras do italiano Antonio Gramsci: "só investigamos de verdade o que nos afeta [...] [e] afetar vem de afeto" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 25). Diante dessa afirmação, pude reconhecer que o que nos afeta não é necessariamente racionalizável. O que afeta é tudo o que *se move* dentro de nós e que tem origem em um diálogo e embate permanente do que

se sente com o que se racionaliza, de um pensamento diurno e um pensamento noturno.

Por isso, como explica Nísia Martins do Rosário (2008), a cartografia

> não se declara neutra, pelo contrário, é parte do objeto; procura tensionamentos, subjetivações e afecções; não toma distanciamento, mas se aproxima do que vai ser estudado, refletindo-se nele; *não se constrói sobre modelos metodológicos prontos, mas sobre a trajetória do pesquisador*; não propõe a busca da verdade, e sim um caminhar, um ponto de vista sobre o mundo, procurando conhecimentos, suas versões e sua expressividade (ROSÁRIO, 2008, p. 206, *grifo nosso*).

É possível observar dois sentidos convergentes da palavra trajetória, importantes para o desenvolvimento deste trabalho. Um deles seria o próprio percurso e caminhada no fazer da pesquisa que se dá em um determinado tempo e contexto histórico, *diurno* e *noturno*. O segundo sentido e que delineia o primeiro, seria a trajetória de vida e bagagem cultural do pesquisador, que é sem dúvida – tal qual suas *coordenadas básicas* (BONIN, 2012) do ponto de vista teórico↔metodológico –, um dos eixos norteadores dos caminhos *diurnos* e *noturnos* a serem trilhados na constituição do objeto de estudo.

Diante disso, me senti desafiada a mergulhar na obra de Martín-Barbero em busca das "pistas" de sua trajetória de pesquisa-vida, bem como nessa imersão apresentar e revelar para mim mesma um pouco do que sou e o que está sendo/foi vivenciar e pensar – *diurna* e *noturnamente* – uma *cartografia movente*.

Assim, ao invés de só me preocupar em controlar a ansiedade a cada descoberta, foi importante lembrar que essas reações são um pouco do que Sophia[13] tanto me incentivou ainda no início da graduação: manter viva a capacidade de me surpreender e/ou ficar curiosa com "as coisas do mundo" (GAARDER, 1995). Assim, mais que filtrar e até bloquear os medos e marcas de meu olhar, fui motivada a – mesmo que meu inconsciente ainda me sabote – me permitir trilhar o caminho deste trabalho ciente de que em vários momentos terei opiniões que se contradizem e se chocam, que revelarei minha insegurança e auto-cobrança. Ao mesmo tempo talvez demonstrarei coragem e ousadia de propor uma reflexão basicamente teórico↔metodológica ainda no mestrado, bem como

[13] Personagem principal do livro *O Mundo de Sofia: romance da história da filosofia*.

curiosidade de querer conhecer o máximo de coisas antes até de ter maturidade para tudo o que se mostra diante de mim, o que é próprio de um pesquisador que se lança ao exercício de uma *cartografia movente* no movimento da vida e que mantém pulsante os sentimentos de criança (e quantos sentimentos!) em suas práticas *diurnas* e *noturnas*. Assim, pesquisar é o próprio viver, e viver é "pressentir e suspeitar que existem áreas ainda inexploradas mesmo na realidade mais próxima" (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p. 290)[14], esta por sua vez, essencialmente complexa.

Muito do que relatarei ao longo do trabalho é resultado de meses e meses de inquietações na tentativa de entender de fato a trajetória de Martín-Barbero e o que constituiria a "cartografia [que] *se move*" explicitada de modo especial em *Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*[15], em que o autor conta como recebeu o apelido de "cartógrafo mestiço" da pesquisadora mexicana Rossana Reguillo-Cruz e fala dos diferentes ofícios que implicam a atuação do investigador na América Latina, entre eles o de assumir a postura de cartógrafo e o exercício constante de elaboração de mapas. O autor comenta que esta denominação se refere à função de *artesão* da cartografia, que teve início ainda no doutorado em filosofia, na década de 1970. A noção clara dessa vivência, porém, segundo o próprio autor só surgiu em 1995, quando recebeu o apelido da autora mexicana durante o evento de despedida dele da Universidad del Valle. Naquele momento, segundo Martín-Barbero (2004, p. 11), aquilo que ele considerava um "punhado de trabalhos soltos, esboços e intuições, adquiriu uma *perspectiva* que focalizava as linhas e tensões mais secretas" de seu trabalho. Em suas palavras: "os diferentes *lugares* do meu trabalho encontravam aí *[na cartografia]* seu *perdido* mapa. Foi assim que comecei a me interessar pela situação em que se encontra o ofício de cartógrafo e por aquilo em que nesse ofício me diz respeito" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 11).

---

[14] A publicação aqui referenciada corresponde a 6ª edição de *Dos meios às mediações*, publicada em 2009 pela Editora da UFRJ. Faço essa ressalva, tendo em vista que na maioria das referências feitas a esse livro utilizasse a 2ª edição da obra em português, lançada em 2001.

[15] Referência à versão em português do livro publicada em 2004 (Edições Loyola, São Paulo). A obra original é de 2002 e foi lançada pelo Fondo de Cultura Económica, em Santiago do Chile, com o seguinte título: *Oficio de cartógrafo: Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. Da mesma forma como fiz com *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, adotarei por vezes durante o trabalho apenas o início do título do livro, *Ofício de cartógrafo*, para referenciá-lo, no sentido de dinamizar a leitura.

É inegável que Martín-Barbero tem muita produção publicada e distribuída – leia-se não de forma equilibrada e organizada, e sim dispersa – pelos mais diferentes espaços de circulação de conhecimento na América Latina, que considero pouco conhecidos se verificada a apropriação feita no Brasil. Assim, a cada acesso que faço ao site sobre a obra do autor[16], a cada entrevista que assisto com ele, a cada artigo que leio disponível em um periódico, uma parte do mosaico ou de seu mapa de atuação *diurna* e *noturna* – essencialmente *movente* e composto de pontos dispersos, mas interconectados –, é identificada.

Além disso, a cada leitura da narrativa que escrevo na tentativa de relatar meu exercício cartográfico, percebo novos sentidos e associações possíveis, exatamente o que me leva a propor uma noção de *cartografia movente*. A cada ida e vinda, novas interpretações surgem e reconfiguram o traçado proposto. É como se estivesse sempre desenhando pontos e linhas pontilhadas no momento da ida de um ponto a outro e posteriormente linhas retas e contínuas no retorno, que são resultado do exercício de completar o intervalo deixado entre um ponto e outro, formando assim um segmento de reta que permite a caminhada. E nesse processo de investigação, o que me interessa são tanto os pontos quanto as linhas, mas não apenas em uma visão plana de um único eixo. O que interessa é a visão do emaranhado de rotas, por dentro, como uma visão tridimensional das interconexões, que não se dão necessariamente em paralelo, mas em direções variadas.

Por essa visualização ampliada que a *cartografia movente* proporciona, a sensação é que estou o tempo todo começando a interpretação, e as combinações do texto parecem provisórias. Como advertem Laura Pozzana de Barros e Virgínia Kastrup (2009) – pesquisadoras brasileiras que estudam cartografia na área de psicologia, a partir da obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari –, a "cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processo, em obra"

[16] Em janeiro de 2012 tive acesso pela primeira vez ao site <www.mediaciones.net/>. Nele está disponibilizada as principais informações sobre a trajetória de Martín-Barbero. Na página estão: a lista de livros publicados, artigos principais, palavras chave da obra do autor, currículo, autobiografia, textos nos mais diferentes idiomas sobre o autor, entre outros conteúdos. Como não há uma autoria clara no site, entrei em contato por e-mail com Martín-Barbero para verificar entre outras coisas se ele estava envolvido na autoria do site ou se conhece o grupo que criou e o mantém no ar. Como não obtive retorno do pesquisador, achei pertinente indicar o site como uma página sobre a obra do autor.

(BARROS; KASTRUP, 2009, p. 73), inclusive, dentro de si mesmo, lidando com sobressaltos *diurna* e *noturnamente*.

Percebo em meu exercício a *cartografia movente* como uma decisão de pesquisa em que de imediato demonstra que o pesquisador autoriza sua pesquisa a se pautar e, essencialmente, se construir a partir do tensionamento de coordenadas teóricas com o que se toca, sente, percebe, vive no empírico. Tanto é que ela não consegue ser prevista ou planejada de forma integral, na verdade seria um caminho feito ao caminhar, um *desenho metodológico* que se constrói posteriormente ao assumir a postura cartográfica.

Schmitz (2008) usa o termo desenhos metodológicos para nomear sua trajetória metodológica. A autora explica que "o imbricamento de alguns processos e etapas mostra como a construção do *desenho metodológico* da pesquisa se faz de forma viva, articulando fases e considerando que, mesmo seguindo alguma pré-ordenação, as operações efetuadas são interdependentes" (SCHMITZ, 2008, p. 84). Ocorre, na verdade, uma prática artesanal, experienciada, sem dúvida, por Martín-Barbero, e que sem dúvida é chave para a compreensão e desenvolvimento da *cartografia movente*. Também nesse sentido, Bonin (2013), citando as contribuições de Mills[17], nos fala de uma *artesania* do trabalho científico, a partir da qual ela tem estabelecido desenhos metodológicos diferenciados para dar conta de seus objetos de estudo na Comunicação.

> as perspectivas teóricas com os quais temos operado mostram a necessidade de articulações e reformulações renovadas e inventivas diante dos contextos comunicacionais/midiáticos contemporâneos. Os conceitos tem demandado constantes tensionamentos, remodelações, revisões demandadas pelos problemas investigados (BONIN, 2013, p. 3).

Abstraindo o sentido da *cartografia movente*, penso no caminho que os personagens principais da história infantil "João e Maria"[18] fazem com o pão que depois os passarinhos comem. Eles se perdem e a alternativa é trilhar outro caminho. Ao contrário do que pode fazer supor este exemplo, isso não quer dizer que a *cartografia movente* seja um procedimento sem rigor ou consistência

[17] MILLS, Wright. *A imaginação sociológica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
[18] De autoria dos conhecidos alemães Irmãos Grimm, este é um conto de fadas de tradição oral, originalmente intitulado Hänsel und Gretel. Os personagens principais são duas crianças, os irmãos João e Maria que são abandonados pelo pai e a madrasta no meio da floresta.

científica e que se dê de forma aleatória, inconstante ou pouco confiável, ou ainda como destacam Passos; Barros (2009, p. 17), de "uma ação sem direção". Ao contrário, "as pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa – o *hódos-metá* da pesquisa" (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 13)[19].

Na verdade, a cartografia se apresenta, segundo Rosário (2012b, p. 1269) como um "processo teórico↔metodológico de pesquisas acadêmicas como uma via alternativa para diferentes perspectivas de estudo". E mais: permite a construção de um mapa (nunca acabado) a partir da integração do contexto do objeto com as percepções e observações do pesquisador, "que são únicas e particulares" (ROSÁRIO, 2008, p. 207).

A *cartografia movente* se constitui então como um "desdobramento criativo" (ROSÁRIO, 2008) do pesquisador e uma postura de interpretação, que mesmo você tendo trilhado o caminho, as leituras que fará ao olhar para trás serão diferentes, complementares e plurais ao que se vivenciou no percurso. Tanto é que os caminhos que Martín-Barbero fez têm contornos borrados e pouco nítidos para nós, pois só ele os vivenciou. Vejo apenas pegadas ou alguns dos pedacinhos de pão não comidos pelos pássaros após a passagem do teórico, ou as "marcas" desse processo em seus textos, seus verdadeiros mapas. E esses caminhos são reais e se dão no plano empírico como também se dão no plano teórico, já que a cada passada pela obra, texto ou um simples parágrafo motiva, toca e abre novos horizontes de interpretação.

E para lidar com os constantes ir e vir, Morin (2010) alerta para a necessidade de formulação de estratégias para atuar na complexidade, que exige "pensar de forma organizacional". "A estratégia é a arte de utilizar as informações que aparecem na ação, de integrá-las, de formular esquemas de ação e de estar apto para reunir o máximo de certezas para enfrentar a incerteza" (MORIN, 2010, p. 182).

---

[19] Para Passos; Barros (2009) a cartografia nos exige vivenciar a "reversão" do sentido tradicional de método, começando pelo termo em si que ao invés de para eles representar um caminho predeterminado de pesquisa, na verdade remete a uma pesquisa que se constrói no caminhar. Para os autores, no lugar do *Metá-hódos* = caminho (hódos) predeterminado por metas (méta) é necessário valorizar o *Hódos-metá*, ou melhor, as metas que se constituem no caminhar.

Afirmação que reforça a ideia de que a *cartografia movente* não pode ser encarada como uma postura de pesquisa que se dá de forma aleatória e sem nenhum planejamento. Pelo contrário, por se constituir no caminhar da pesquisa, a cada demanda do objeto de estudo novas estratégias e também *táticas* (CERTEAU, 2012) são lançadas, reconfigurando o *desenho metodológico* (SCHMITZ, 2008).

Apresenta-se assim o que Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2010) percebe a partir de Kaplan[20] como a "lógica em ato", que seria o sentido da metodologia, como prática, "que se realiza por meio de uma estratégia que ele [o pesquisador] elabora ao longo do processo de investigação" (LOPES, 2010, p. 99). A autora também observa a metodologia como "lógica reconstruída", sendo esta o ato de investigação em que se constitui e revela um referencial teórico. Articulando os dois sentidos, Lopes (2010) considera metodologia como o processo a partir do qual refletimos sobre o próprio ato de fazer ciência, compreendendo-a como prática teórica.

A autora é contrária à dualidade entre teoria e metodologia, que é bastante comum na área da Comunicação e que acaba postulando uma cisão, como se estas fossem esferas apartadas na produção do conhecimento. Na verdade, estas se constituem a partir de uma relação necessariamente dinâmica, na qual metodologia não se dá sem teoria e teoria não se estabelece sem metodologia. Nas palavras de Lopes (2010) "não se faz teoria a não ser dentro de determinada estratégia metodológica, e esta, sem teoria, redunda num esqueleto sem carne". Teoria e metodologia, por sua vez, estão vinculadas a um paradigma científico[21] maior, que seria "a visão de mundo partilhada por uma comunidade científica que se expressa por meio do trabalho teórico" (LOPES, 2010, p. 36).

É importante destacar que minha opção pela autora se deu por julgar válido ter uma proposição teórica explícita do que estou entendendo por teoria, metodologia e paradigma científico, a partir de uma reflexão para a área da Comunicação. Mesmo seguindo claramente uma postura crítica e estruturada em uma concepção moderna de conhecimento científico – que não condiz com os deslocamentos propostos por Martín-Barbero e muito menos com a *cartografia*

[20] KAPLAN, Abraham. *A conduta na pesquisa*, São Paulo, EPU/EDUSP, 1975.
[21] Segundo Lopes (2010), na área da Comunicação destacam-se três paradigmas principais, a partir dos quais tem se desenvolvido tradicionalmente os estudos na América Latina: funcionalismo, weberianismo e marxismo.

movente –, a autora trouxe contribuições claras para minha própria compreensão do que seria a articulação teórico↔metodológica na construção do conhecimento na área.

Vale ressaltar ainda que tenho noção do quão contraditório é falar de paradigma em um trabalho que propõe a noção de *cartografia movente*, esta já identificada como possível a partir de um pensamento complexo que questiona a compreensão moderna de conhecimento. Entretanto, mais do que assumir rupturas no exercício do mestrado, que já considero bastante ousado até aqui, preciso de auxílio na compreensão do que os demais autores estão efetivamente rompendo ou criticando. Grosso modo, diria que não posso sair defendendo uma ciência contemporânea que rompe com a ideia de paradigmas sem pelo menos dimensionar o que vem a constituir a ciência moderna. Longe de chegar a uma compreensão das duas proposições, considero válida a contribuição da autora brasileira para a compreensão da *cartografia movente* bem como para o diálogo com o que vem a ser a perspectiva da complexidade de Morin, que pelo que tenho observado não se trata de uma ruptura, mas de uma perspectiva que reivindica a observação daquilo que compõe efetivamente a realidade, mas que por muito tempo não foi encarado como parte do conhecimento a ser produzido por conta dos "estrabismos teóricos".

Refletindo ainda sobre a escrita do trabalho, percebi o quanto a *cartografia movente* por si só se configura como um processo de negociação e que para muitos pode parecer em desacordo com o padrão de uma dissertação ou de um texto acadêmico. Na tessitura de uma interpretação e posteriormente do texto, acabei passando ao mesmo tempo por aspectos essencialmente teóricos, empíricos e também ligados a impressões e elementos do repertório pessoal.

Carmela Cariño Trujillo (2013) trata dos *conocimientos situados* necessários ao estabelecimento de uma visão objetiva de determinada situação de pesquisa. Segundo a autora, ao revelar e assumir sua parcialidade em relação ao objeto de estudo e situar suas motivações e sentimentos, o pesquisador consolida sua postura de maneira objetiva e responsável.

> asumir la situación de mi conocimiento no significa negar ni imponer mi propia visión, o plantear una visión romántica e idealizada. Al contrario: me exige ser crítica de la situación [...]. Pero al mismo tiempo implica no asumir una posición de experta,

> sino entablar un diálogo respetuoso con *[determinado objeto]*, que no se reduce a la relación investigadora-objeto de investigación. Y que sobre todo implica un compromiso y respeto mutuo (TRUJILLO, 2013, p. 7).

A autora se dedica a uma reflexão de base epistemológica sobre a atuação/envolvimento do pesquisador com seu objeto de estudo, o que no seu caso está relacionado à investigação desenvolvida no doutorado, sobre o movimento descolonial observado no grupo de mulheres indígenas que pertencem ao Pueblo Triqui de San Juan Copala, no estado de Oaxaca no México. Este grupo defendia a emancipação do município, o que a partir de 2007 provocou forte e violenta repressão política e militar.

Um exemplo central para a compreensão do que a autora propõe – e com o qual me identifiquei muito –, é a narração que ela faz logo no início do texto sobre o envolvimento que mantém com a população estudada. Sua irmã, que era militante de organizações de defesa dos Direitos Humanos e que atuou ativamente na denúncia dos ataques dirigidos aos indígenas, foi assassinada durante um ataque de militares à caravana de jornalistas e ativistas que seguia para o então município cercado por tropas militares, em abril de 2010.

De forma aberta no texto, Trujillo (2013) explica que esse episódio representou um divisor de águas em sua vida. Assim, observo que é a partir de uma postura teórico↔metodológica bem definida, aliada à exposição e reconhecimento das motivações do estudo, ou seja, dos *conocimientos situados*, que o pesquisador estabelece uma linha de vigilância contra o enviesamento da pesquisa. A relação de proximidade que se tem ou se estabelece – querendo ou não – com os objetos se configura como uma das características inerentes à produção científica nas Ciências Sociais e Humanas. O pesquisador, como sujeito social, se apropria do conhecimento adquirido ao interagir com um dado contexto para, então, refletir e analisá-lo.

Na opinião de Trujillo (2013), tomando como base Haraway[22], situar o conhecimento em uma perspectiva parcial implica "romper con la visión hegemónica y androcéntrica del conocimiento y la ciencia, aceptada por 'la

[22] HARAWAY, Donna. Conocimientos situados. In: HARAWAY, Donna. *Ciencia, cybogs y mujeres*. Madrid: Cátedra, 1995.

comunidad científica'", centrada na visão reducionista do positivismo, que nega a subjetividade do pesquisador.

Como complementa Morin (2010), o erro da ciência clássica não está necessariamente em se constituir no que ele chama de "pensamento formalizante e quantificante". O problema é postular que tudo que não é quantificável e formalizável nem mesmo existe ou seria "escória do real". De forma bastante radical e crítica, Morin (2009, p. 55) afirma que a "maior contribuição de conhecimento do século XX foi o conhecimento dos limites do conhecimento. A maior certeza que nos foi dada é a da indestrutibilidade das incertezas, não somente na ação, mas também no conhecimento".

Assim, é preciso se reconhecer como parte da realidade estudada e em proximidade com o outro. É necessário "mirar desde abajo, con otros ojos a ese otro, 'como actor y como agente' [...], implica pues una relación social diferente, ya no de dominación, en el que es posible mirar y también ser mirado" (TRUJILLO, 2013, p. 7). E ainda reconhecer que

> la construcción de la teoría no sólo se genera en las universidades o centros de investigación, sino también en la plaza pública, en el mercado, en las marchas, en la protesta, en la vida cotidiana. Poner en entre dicho los espacios y lugares de construcción "científica" y "objetiva" del conocimiento significa *descolonizar el pensamiento* y abrir la posibilidad de construir diálogos que recuperen la humanidad de los sujetos de la investigación (TRUJILLO, 2013, p. 15-16).

Nesse ponto, também é coerente registrar que não é pretensão deste trabalho caracterizar o que vem a ser a postura teórico↔metodológica de Martín-Barbero e da "cartografia [que] *se move*", ao nível de identificar e apontar os paradigmas científicos aos quais possivelmente o autor está vinculado – indicação que nem mesmo faz sentido já que o autor trabalha na perspectiva da *invenção*[23].

Além disso, reconhecendo o movimento *diurno* e *noturno* da produção do conhecimento, esse tipo de envolvimento e vinculação teórico↔metodológica é resultado de escolhas que ficam para o pesquisador, exatamente por não terem sido motivadas apenas por aspectos racionais, mas também subjetivos e resultado

[23] Aqui faço referência a um dos termos que integra o mapa relativo aos tipos de uso teórico desenvolvido nas pesquisas em Comunicação na América Latina que Martín-Barbero apresentou na Introdução de *Ofício de cartógrafo* e que detalharei em **Invenção e os novos territórios de pensamento**.

de experiências de vida, como se poderá observar na trajetória de Martín-Barbero, que apresentarei à frente.

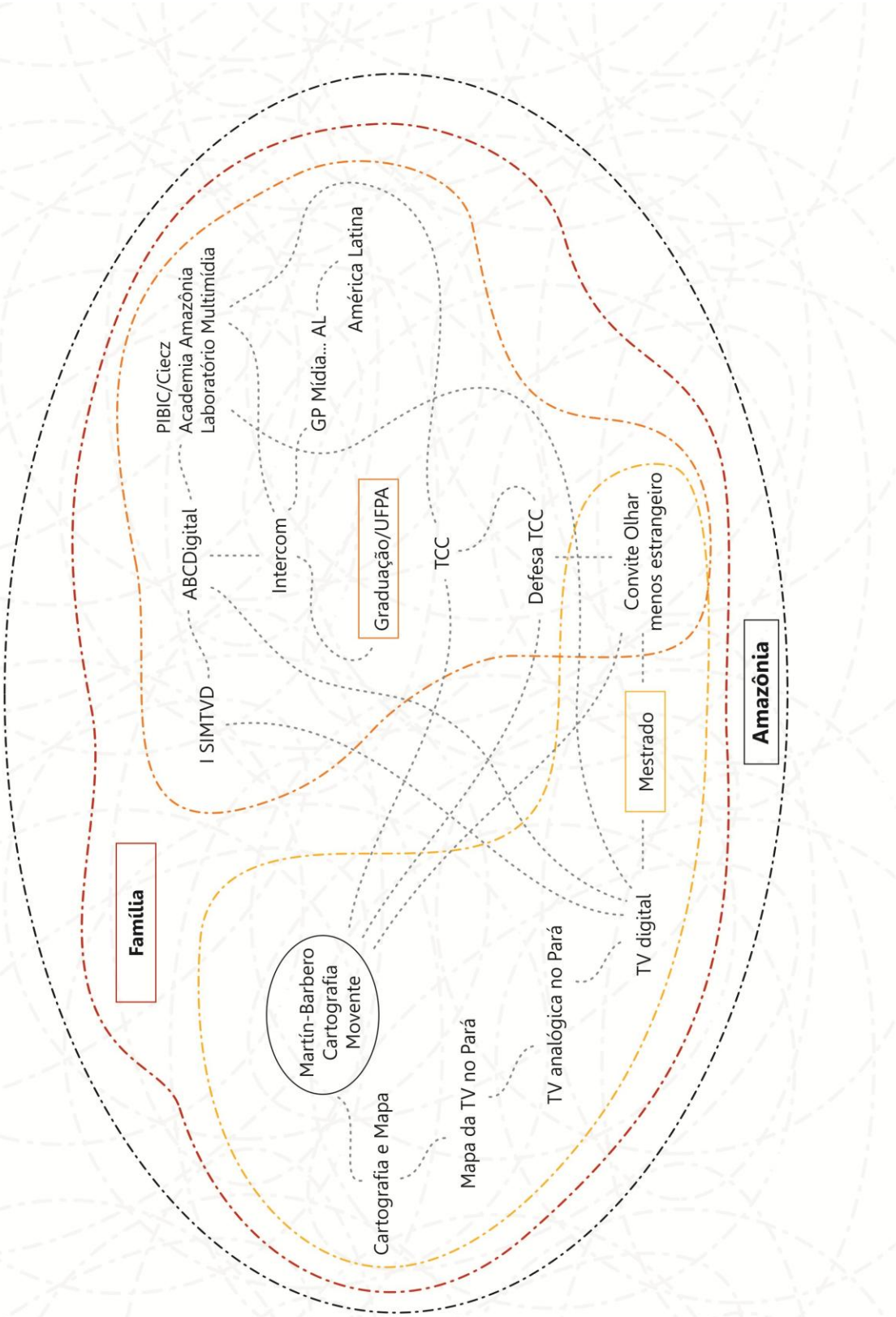
Mesmo ainda no mestrado, considero válido e necessário, como pesquisadora iniciante da Comunicação, contribuir para o estabelecimento de uma base teórica e metodológica (logo, epistemológica) sólida[24], mas não rígida e hermética ao ponto de impedir ou fragilizar o diálogo com outras ciências e muito menos vincular os estudos às "estrábicas" visões de mundo de alguns paradigmas teóricos, como os que fomentaram os primeiros estudos em Comunicação (LOPES, 2010). Logo, não podemos consolidar um conhecimento estritamente teórico, já que como uma ciência social – e no caso da Comunicação, necessariamente aplicada –, os objetos de estudo são resultado do permanente tensionamento teórico↔metodológico com a realidade empírica.

Por onde passei?

Foram muitos os caminhos e re-caminhos, pois o mapa da cartografia – se é que posso falar em apenas um – se dá de forma alinear e essencialmente dotada de sentido. Nesse exercício, registrei alguns dos principais pontos e traçados que delinearam meus caminhos de interpretação até chegar à dissertação.

[24] "Leia-se conhecimentos próprios, produzidos a partir de teorias *da* Comunicação" e não "*sobre* a comunicação" (MARTINO, 2007b, p. 36-37).

Figura 1 Mapa/Traçado experimental de "por onde passei"



Podemos dizer que o meu despertar para o sentido da cartografia começou na defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)[25]: dia 13 de dezembro de 2010, sala 1 da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará. Naquele dia, além da emoção de poder contar um pouco do que tinha pesquisado, e sobretudo vivenciado no *universo* de pesquisa, fui convidada a olhar para o meu cambaleante objeto de estudo a partir de um sentimento mais amazônida.

Para o TCC desenvolvi um estudo de recepção com as crianças da comunidade Santíssima Trindade[26], localizada na área de várzea[27] do município de Óbidos, no oeste do Estado do Pará, que mantém hábitos comuns aos modos de vida dos denominados *ribeirinhos*[28], classificados como população tradicional[29].

Mais que um município que tem quase 50 mil habitantes e que ocupa a 32ª posição entre os maiores do país em extensão territorial[30] (Portal da CNM[31], acesso em 15 mai. 2013), Óbidos é um lugar desde onde penso (e sinto) como pesquisadora. Isto porque, sendo a terra natal de minha família, e lugar onde residem meus avós maternos, foi a partir dos referenciais obtidos durante minha

---

[25] Intitulado "Estudo de recepção com crianças: a comunicação em uma comunidade de Óbidos - Pará - Amazônia - Brasil".

[26] A comunidade, que tem como principal atividade econômica a pesca, possuía no período da pesquisa de campo uma população de 72 famílias, o equivalente a cerca de 300 pessoas. Em contato que tive no mês de junho de 2013 com a professora responsável pela escola localizada no centro da comunidade (Escola Municipal de Ensino Fundamental Cassilda Helena Rodrigues), fui informada que algumas famílias mudaram-se da Santíssima Trindade para a sede do município de Óbidos e também para Manaus, no Amazonas. Segundo a professora, atualmente a comunidade tem cerca de 67 famílias. Ela comentou também a redução no número de crianças matriculadas para o ano letivo de 2013, que caiu de cerca de 30 no período da pesquisa para 17, sendo cinco do pré-escolar e 12 do Ensino Fundamental.

[27] Áreas que permanecem alagadas durante vários meses do ano, dinâmica que altera de forma significativa o modo de vida dos moradores, como por exemplo, o período de funcionamento da escola da comunidade que fica alagada por conta da cheia do rio e tem um período letivo diferenciado, começando em agosto/setembro e encerrando em fevereiro/março.

[28] O termo "ribeirinho" remete a uma visão pejorativa dessas populações, historicamente construída e disseminada entre os próprios habitantes das margens dos rios amazônicos. Ao longo desse texto retomo algumas dessas questões.

[29] De acordo com o artigo 3º da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), instituída pelo Decreto nº 6.040 de 07 de fevereiro de 2007, são considerados Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

[30] Destaco esse dado, pois é surpreendente que um município "pequeno" como Óbidos tenha um território maior que o território de muitas capitais brasileiras, incluindo Belém, que tem 1.059,406km^2, enquanto Óbidos tem 28.021,419km^2. Por esses e outros municípios, com baixíssima densidade demográfica ainda hoje a Amazônia é enquadrada na noção de "vazio demográfico".

[31] Confederação Nacional dos Municípios: <www.cnm.org.br>.

relação de pertencimento e aproximação/distanciamento com Óbidos – presenciando e vivenciando diferentes faces da Amazônia –, que constituí meus caminhos e interesses de pesquisa ainda na graduação.

Por isso, é importante registrar – como nos interpelou Trujillo (2013) – que parte significativa da motivação deste estudo é resultado das experiências, marcas e significados construídos e conservados ao longo de uma trajetória ligada a este município, ou seja, *conocimientos situados* (TRUJILLO, 2013).

Com essas e outras motivações, a partir de uma pesquisa de campo com traçado multimetodológico[32] de observação dos processos comunicativos[33] das crianças da comunidade, sobretudo no espaço central que é a Escola, identifiquei as quatro principais *mediações* ou o que denominei, a partir de Thompson (2009), de *rodas de fiar* que delineiam a vida dos moradores: Igreja, Família, Escola e meios de comunicação, com destaque para TV, rádio e celular.

A banca de TCC contou com a presença obviamente de minha orientadora – que em meu olhar já podia sentir o quanto estava feliz e grata –, e dos queridos professores Agenor Sarraf Pacheco e Netília Silva dos Anjos Seixas.

Depois de quase não ter conseguido pronunciar as últimas palavras da apresentação, dada a emoção ao registrar meu eterno agradecimento às crianças da Santíssima Trindade, e do sentimento de alívio e dever cumprido mesmo antes da decisão da banca, já tinha naquele momento a sensação de ali ter nascido uma nova Fernanda, que também não acreditava no desafio ao qual tinha se lançado e, sobretudo, no quão já havia crescido nesse percurso.

Mesmo sem conhecer a trajetória do professor Agenor[34], ao ouvir suas palavras, sentia como se ele me conhecesse há muito tempo, dado o tom com que se referia à Fernanda que estava, segundo ele, presente nas páginas do TCC. E essa Fernanda era eu, a mesma que naquele momento se deu conta do quanto aquele

---

[32] A partir de Schmitz (2008), entendo a pesquisa multimetodológica como resultado de uma combinação de métodos e procedimentos metodológicos e ainda da elaboração de estratégias metodológicas que delineiam a pesquisa do planejamento à coleta dos dados, passando pela sistematização e interpretação dos mesmos. Esse processo de combinação é o que compreendo como *desenho metodológico* (SCHMITZ 2008), anteriormente citado.

[33] Para a pesquisa e elaboração do presente trabalho adotei a perspectiva de processo comunicativo a partir de Vera França (2001, 2006, 2008), diferente da preferência de José Luiz Braga (2011a, 2011b, 2012a, 2012b) que opta pelo termo processo comunicacional.

[34] Para me referir ao professor Agenor, utilizo ao longo do trabalho duas formas distintas: 1) professor Agenor quando me refiro a ele como sujeito de uma ação, como a da defesa do TCC; 2) Pacheco, para citar as contribuições que recorto de suas publicações.

trabalho era realmente resultado de uma trajetória inicial de pesquisa, mas, principalmente, de uma vida, curta e inexperiente sim, mas muito intensa.

Em muitos momentos ficava me perguntando se tudo aquilo que o professor Agenor e a professora Netília falavam tinha sido realmente trilhado e escrito por mim. Nossa que orgulho ter podido receber seus comentários ainda na graduação e já naquele momento ter tantas contribuições e acima de tudo provocações para não parar o estudo por ali. A professora falava entre outras coisas da riqueza que tinha nas mãos e do quanto poderia e deveria mergulhar no *universo* de pesquisa e me deixar envolver ainda mais pelas práticas comunicativas das crianças e demais moradores da comunidade, sobretudo, no que concerne ao uso e apropriações dos meios de comunicação. Já o professor Agenor fazia um convite que só fui entender agora no mestrado: de um mergulho menos estrangeiro àquela realidade. Um mergulho apaixonado como já o fazia, mas com o coração e sentimento de moradora dessa região mais a frente do que qualquer coisa, inclusive de minha visão e perspectiva teórica eurocêntrica que não respeita ou reconhece as singularidades e descontinuidades nos processos de formação histórica no nosso continente.

Muitas eram as provocações: “Fernanda, me explique por que essas crianças são vítimas de um sistema educacional precário? O ensino multiseriado[35] é realmente negativo para a formação desses alunos? De que isolamento você está falando? Isolamento a partir dos seus referenciais? O que você está entendendo por rural?”.

Ouvia atenta a tudo, mas confesso, pouco entendia o que isso realmente significava! Como assim as crianças não eram vítimas? Afinal, o modelo de educação não estava sendo cumprido, e as próprias professoras questionavam o funcionamento das atividades multisseriadas. Além disso, como não falar de isolamento se a própria mãe de uma das crianças participantes da pesquisa apresentava a TV como a grande fonte de informação de seu filho? E mais: o que seria rural se não uma definição administrativa para diferenciar as áreas para além dos centros urbanos?

[35] Turma que reúne alunos de diferentes idades e séries de ensino, todos em uma mesma sala de aula com um único professor.

Naquele momento, mesmo sem entender, fui interpelada a questionar os modelos e as certezas estabelecidas. E não necessariamente em um tom de denúncia, pois isso já tinha feito no trabalho ao tecer críticas a respeito de questões de saúde pública e saneamento básico no município de Óbidos. O exercício não era questionar o problema pelo problema. E sim reverter/alterar a forma de fazer e responder os questionamentos a esse problema, e só então propor conhecimentos que não etiquetem o que é local com as definições de modelos estrangeiros mas, sobretudo, que se convertam em políticas públicas, como buscou Martín-Barbero ao longo de sua trajetória. Um desafio enorme, mas extremamente envolvente e motivador. Como expressou Morin (2010) anteriormente, o desafio não está somente em abrir fronteiras e espaços de diálogo, mas de realmente reformar o pensamento que continua a construir muros entre os conhecimentos.

Já naquele momento, fui presenteada com provocações que até agora ressoam em minha mente e coração e que têm sido centrais para observar a trajetória de pesquisa-vida de Martín-Barbero, que inspira comprometimento e envolvimento com aquilo que estuda e a realidade em que vive. E ainda, me senti convidada a pensar a ciência sugerida e experienciada pelo teórico, ciência que atua como mola propulsora para o questionamento e denúncia sim, mas voltada à conversão das pesquisas de dentro das universidades em políticas públicas de efetiva alteração dos cenários socioculturais e comunicacionais dos países latino-americanos.

Nesse ponto, é interessante uma incursão no trabalho de Ferreira (2012), que discute a partir dos dados de uma pesquisa etnográfica o processo de letramento e de formação identitária dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ronaldo Passarinho, localizada no município paraense de Acará, nas margens do Rio Acará[36]. Ao longo do trabalho, há um equilíbrio entre a apresentação que o autor faz dos cenários empíricos observados, com a reflexão teórica apresentada e, sobretudo, com a exposição em um tom crítico, de problemas enfrentados pela população estudada, que não assume um tom de denúncia pela denúncia.

[36] Trata-se da dissertação de José Maria Damasceno Ferreira, intitulada "Entre o rio e a ponte: letras e identidades às margens do rio Acará, na Amazônia paraense", defendida em 2012 no Programa de Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), sob orientação da professora doutora Ivânia dos Santos Neves.

Por exemplo, mais que considerar um problema – como fiz em meu TCC, suscitando o questionamento do professor Agenor –, Ferreira (2012) observa que a sala de aula multisseriada encontrada na pesquisa de campo em Acará é o local onde as crianças "constituem suas identidades cambiantes a partir de um entrelugar, espaço de trânsito que cruzado pelo tempo produz [...] 'figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão'" (FERREIRA, 2012, p. 13)[37].

Ao mesmo tempo ele observa que as populações denominadas ribeirinhas não habitam apenas às margens de rios. Mas vivem e estão também "à margem de direitos básicos como saúde, educação, segurança e justiça; resultado de relações de poder, cujas causas estão no olhar pejorativo (de piedade) e diminuto dirigido ao ribeiro, por aqueles que aparecem instalados no topo da pirâmide social" (FERREIRA, 2012, p. 96).

Nessa afirmação, o autor faz referência ao tom pejorativo que a denominação ribeirinho carrega em si, sobretudo, por ser, segundo Ferreira (2012, p. 88, *grifo nosso*) uma "atualização dos discursos, hoje bastante refutados, sobre a categoria de *caboclos*". É interessante que, além de revisitar a origem dos discursos que estão impregnadas no termo *caboclo* e adotar uma denominação outra – *ribeiro* – para se referir a essa população, o autor demonstra que os alunos da escola pesquisada se reconhecem como *ribeirinhos*[38].

O autor explica que ribeirinho como nova denominação de *caboclo* tem uma conotação "supostamente mais poética", o que atenua um pouco a visão negativa e marginal atribuída a essas populações. Citando Rodrigues[39], Ferreira (2012) afirma que

> "ribeirinho" tem sua representatividade no plano geográfico e aparece na literatura antropológica, pela primeira vez, em 1977, quando Miller, ao se referir às cidades, localizadas às margens do rio Amazonas, chama-as de "comunidades ribeirinhas tradicionais" (FERREIRA, 2012, p. 86).

---

[37] A obra citada por Ferreira (2012) é: BHABHA, Homi K. *O local da cultura.* Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

[38] O pesquisador obteve esses resultados a partir de uma atividade específica na qual pediu aos alunos da escola que respondessem por escrito à seguinte pergunta: "Você se considera um ribeirinho? Por quê?" (FERREIRA, 2012, p. 93).

[39] RODRIGUES, Carmen Izabel. *Caboclos na Amazônia*: a identidade na diferença. Novos Cadernos NAEA, V. 9, nº 1, p. 119-130. Belém-Pa, 2006.

Ferreira (2012) segue explicando que

> no geral, as sociedades amazônicas que habitavam fora dos grandes centros urbanos, ou seja, na área rural, eram alcunhadas de caboclas, termo etimologicamente pejorativo e nascido em um plano étnico (oriundo da mistura do branco com o índio), portanto já surge discriminado, pois está cravado em si o olhar do colonizador (FERREIRA, 2012, p. 86).

Complementando a discussão, Sônia Maria Pereira do Amaral (2012) destaca em sua dissertação[40] que mesmo que a denominação "ribeirinhos" esteja presente no imaginário dos moradores das margens dos rios e seja recorrentemente utilizada nos documentos oficiais, "não existe neutralidade em sua utilização, ela carrega um forte apelo ao discurso colonial, que implantou uma hierarquia de direitos em relação aos moradores da região" (AMARAL, 2012, p. 23).

Retomando outras provocações do professor Agenor, destaco a noção que tinha de espaço rural e urbano, não porque essas denominações não existem ou não tenham pertinência. Já naquele momento, o professor chamava atenção para as cidades como as que temos na Amazônia, e de modo especial às identificadas por ele em sua dissertação de mestrado[41] – como Melgaço, no Arquipélago do Marajó[42] –, nas quais os modos de vida que seriam próprios de um ambiente dito urbano ou rural, por diversos fatores, se misturam e se confundem.

Pacheco (2006) propõe o conceito de *cidades-florestas* que reconhece as singularidades do processo de formação de alguns municípios amazônicos, que pelo processo *tardio* de urbanização, o que não quer dizer atraso, são resultado de uma *hibridação* clara dos hábitos trazidos do viver "na floresta" – em contato com a natureza a partir da qual se tira a subsistência – com as práticas próprias da vida em um centro urbano.

---

[40] Assim como o de Ferreira (2012), o trabalho, intitulado "Memórias, cotidianos e escritas às margens dos Marajós: navegando entre o saber e o poder", foi defendido em 2012 no Programa de Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA) e desenvolvido sob orientação da professora doutora Ivânia dos Santos Neves.

[41] Dissertação intitulada "*À Margem dos "Marajós":* cotidiano, memórias e imagens da "Cidade-Floresta" – Melgaço-PA".

[42] Por muito tempo a indicação que se tinha do Marajó no mapa brasileiro era a presença no Estado do Pará da maior ilha fluviomarítima do mundo, com mais de 40 mil km² de extensão territorial. Bem mais que uma ilha, o Marajó é um arquipélago composto por cerca de 2500 ilhas. Além de uma mesorregião do Estado do Pará com 16 municípios, o Marajó, segundo Pacheco (2006), apresenta a seguinte subdivisão: "Marajó dos Campos" e "Marajó das Florestas", este último pouco conhecido do ponto de vista do turismo e midiático, se comparado aos "dos Campos".

> A expressão Cidade-Floresta remete a pensar noções de uma urbanidade singular que se elabora pelos saberes, linguagens e experiências sociais de populações formadas dentro de uma outra lógica de cidade, onde antigos caminhos de roças cedem lugar à construção de ruas de chão batido, depois asfaltadas, assim como a permanência de práticas de viveres ribeirinhos nesses novos espaços de moradia (PACHECO, 2006, p. 24).

Como complementa Marly Camargo Vidal (2013) em comentário sobre a obra de Pacheco:

> O homem se move e move sua cultura, ou faz 'mudanças de casa', consequentemente de modo de vida, mas não esquece a multiplicidade de vida. Ele transporta, com frutos e frutas da floresta, o modo de vida da/na floresta para o urbano. Ele vive no urbano e na floresta ao mesmo tempo. Usufrui dos "benefícios", serviços e da cultura urbana, mas tira o sustento da floresta (VIDAL, 2013, s.p).

O autor explica que ao cunhar essa expressão tomando por base o levantamento desenvolvido em Melgaço[43], teve a oportunidade de observar aspectos de sua constituição e relacionar com o processo de formação de outros municípios marajoaras que também se estabeleceram em áreas de terra firme[44] e de várzea, a partir da ocupação dos chamados *ribeirinhos* e *caboclos* que são resultado de *redes de contatos* ou *redes de sociabilidades*, segundo Pacheco (2009, 2010a) e, especificamente, de "enfrentamento cultural de índios, habitantes primitivos da região com africanos escravizados e os colonizadores brancos – incluindo os religiosos, bem como com a chegada do nordestino"[45] (PACHECO, 2006, p. 24).

Apesar de se referir de modo específico a Melgaço acredito que a expressão *cidade-floresta* cunhada por Pacheco, pode ser observada e interpretada em outros horizontes para além dos cenários marajoaras. Considero possível falar em *cidade-floresta* ao observar Santarém[46] e a própria capital do Pará, Belém.

---

[43] Município com uma área de 6.774,018 km² e população de quase 25 mil habitantes. Pacheco (2006) destaca que Melgaço integra a microrregião dos Furos de Breves, e que historicamente é marcado pela apropriação de parte de seu território pelos municípios de Gurupá, Breves e Portel. Sobre essa divisão territorial, há uma descrição detalhada dos episódios no site do IBGE: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=150450>.

[44] Áreas de floresta que não são inundadas no período de cheia dos rios.

[45] De forma específica sobre a ocupação nordestina, o autor faz referência à economia da borracha, considerada o "ouro negro", que "transformou espaços amazônicos e produziu contradições no viver regional" (PACHECO, 2006, p. 24).

[46] Localizada na foz do Rio Tapajós, a cidade é a segunda mais importante do Pará e conta com uma área de mais de 22 mil km² e a população é de pouco mais de 294 mil habitantes (IBGE, acesso em

Em visita recente à Santarém – junho de 2013 –, tive a oportunidade de observar um cenário que desconcerta qualquer *absolutismo teórico*, como menciona Martín-Barbero: um prédio de luxo recém-inaugurado no centro da cidade que fica ao lado de uma espécie de colônia de pescadores, composta por casas de madeira, sem nenhum tipo de acesso a saneamento básico, munidas de grandes quintais para o trato do peixe e inclusive exposição e comercialização do pescado, bem como para o cultivo de algumas plantas (hortaliças, frutas) e criação de animais.

Mesmo os pescadores não tendo acesso a saneamento, fiquei sabendo em conversa com uma moradora do prédio recém construído, que é no quintal de um desses pescadores que está localizada a fossa do edifício, já que durante as obras priorizou-se a abertura de garagens. A solução dada pelos donos do prédio foi alugar o quintal do pescador e recentemente iniciar a negociação da compra do terreno. Um fato que saltou aos meus olhos é que o pescador, além do aluguel, recebeu dos donos do edifício a construção de um banheiro de alvenaria no quintal de sua casa, evitando assim que ele e sua família continuassem usando o banheiro de madeira que ficava bem ao lado do muro do edifício e muito próximo dos apartamentos dos primeiros andares, cujos moradores não tolerariam o contato com os hábitos dos pescadores.

Localizado a poucos quarteirões do único shopping center de Santarém, o agrupamento de casas de pescadores é um bom exemplo dos "ires e vires" entre os fluidos territórios e saberes da vida da/na floresta e cidade. Há na verdade, o que Pacheco (2006, p. 23-24) identifica como um "contato intenso com sensibilidades da floresta" e que provocam formas singulares de viver e trabalhar na cidade e, sobretudo, "lutar pela sobrevivência e pela reatualização de hábitos, costumes, manifestações religiosas, curtindo perdas e ganhos, experimentando sensações diversas na ambiguidade de suas sobrevivências".

Vale ressaltar que a partir de Raymond Williams[47], Pacheco percebe os hábitos da vida na floresta mantida nos ambientes urbanos, inclusive, delineando a

---

08 jul. 2013). Caso a divisão do estado do Pará fosse aprovada no plebiscito realizado em dezembro de 2011, esta seria a capital do Estado do Tapajós. Por estar fortemente ligada ao "regime das águas" de que nos fala Pacheco (2009), a cidade, assim como os demais municípios do Oeste do Pará acabam se relacionando mais com Manaus, no Amazonas, do que com a capital em Belém.

[47] WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1979.

rotina de parte da cidade – como observei em Santarém –, como "práticas residuais e emergentes", resultado do "diálogo frequente de costumes tradicionais com formas renovadas para expressar a vida material e simbólica constituídas por um viver urbano" (PACHECO, 2006, p. 23).

Algo que me chamou a atenção no cenário observado em Santarém foi a mistura de materiais que constituem as casas. São predominantemente de madeira, mas algumas com partes de alvenaria sem revestimento ou pintura, ou ainda com as paredes em madeira mas telhados com telhas de cerâmica.

Figura 2 Porção de *cidade-floresta* vista "de cima" (Santarém/Pará)

Fonte: Acervo da pesquisadora (junho de 2013)

É claro que isso não é novidade em espaços considerados periféricos e inclusive se constitui como um dos aspectos observados nas pesquisas do IBGE sobre moradia no Brasil. Entretanto, observando os hábitos das chamadas populações *ribeirinhas* – ou *ribeiras* como sugere Ferreira (2012) – que vivem em um centro urbano, e aqui refletindo sobre a noção de *cidade-floresta*, acredito que a mistura feita pelos moradores talvez seja a mesma que motiva[48] os moradores de uma favela na cidade do Rio de Janeiro ou das casas nos bairros que ficam no

[48] Motivação no sentido do tipo de intervenção feita na estrutura das casas que são determinadas pelas possibilidades financeiras.

entorno do campus da UFPA[49] em Belém. Entretanto, os saberes empregados nas intervenções feitas na estrutura das casas, não necessariamente sãos os mesmos, pois no caso dos pescadores, além de um trânsito permanente urbano↔floresta↔urbano, tiram o sustento, mesmo dentro da cidade, da relação que mantém com os recursos naturais. Na realidade, como sinteticamente pontua Pacheco (2006, p. 24), nesse "emaranhado de relações" se estabelecem "modos de viver e sentir misérias e riquezas expressas nesse pedaço da Amazônia".

Mesmo se tratando apenas de uma impressão, já que meu olhar foi literalmente "de cima" – do alto do prédio recém construído e em assumido conflito com a perspectiva de pesquisa que proponho –, considero interessante observar o trânsito diário dos pescadores entre floresta↔cidade, rio↔ruas de asfalto, recursos naturais↔serviços da cidade.

> É o ir e o vir e vice-versa sem perceber a fronteira, inexiste uma ruptura. O circular entre o urbano e a floresta é algo 'natural' para o homem local, é circular mesmo, sai do urbano, vai para floresta, retorna ao urbano e assim sucessivamente. Mas são ao mesmo tempo 'ires e vires' por espaços diferentes o que os obriga a atitudes e comportamento também diferentes, senão outros. Entretanto tudo está amalgamado, introjetado e cristalizado nesse homem e seu viver (VIDAL, 2013, s.p).

Diante do exposto, fico me perguntando até que ponto, realmente, posso continuar falando de rural e de urbano sem me aproximar dos cenários empíricos encontrados na região?

Como comecei a caminhar

Com essas motivações e inquietações, ingressei no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA) em 2011, formalizando o início de minha trajetória de pesquisa. Nessa caminhada que aqui se "encerra" – não pelo fim da pesquisa ou resolução das perguntas, mas pelo findar do tempo que compreende esse *ritual* de passagem–, fui estimulada a exercitar e experienciar muito mais do que a compreensão de conceitos ou definições durante as disciplinas. A proposta foi refletir e para isso fui obrigada a

[49] Os referidos bairros são Guamá e Terra Firme.

olhar “para dentro”, ou seja, a buscar as respostas em mim, incorporando a teoria à minha vida. Em paralelo, o envolvimento com os diferentes projetos coordenados por minha orientadora e desenvolvidos por uma equipe multidisciplinar da qual faço parte foi primordial para que pudesse experienciar o que é fazer pesquisa, ensino e extensão em uma universidade pública e, desde cedo, ter o “gostinho” de poder colaborar em ações voltadas para a transformação social, mesmo que ainda dentro de meu próprio quintal.

Assim, descobri que as respostas mesmo ainda superficiais e inacabadas eram extremamente ricas, sobretudo quando somadas às dos colegas de turma de mestrado que recorrentemente citamos ao longo da dissertação, e a quem, sem dúvida, devo parte considerável de minha pesquisa-vida, entre os quais se destaca o fechamento deste trabalho.

Percebo também que o exercício da pesquisa vai muito além de gerar respostas e definições. Ao contrário, quanto mais respostas buscava, mais dúvidas eram formadas. E assim, estimulada por um ciclo – ou será o *circuito* apresentado por Braga (2012a)? – autossustentável de perguntas e respostas ao longo das disciplinas e dos projetos em que participei fui reunindo e tencionando conceitos.

Revisando o percurso até aqui trilhado, observo que desde as primeiras semanas de aula no mestrado Martín-Barbero e a noção de que “cartografia *se move*” davam o tom de minhas discussões dentro e fora da sala de aula. Além disso posso afirmar que todas as atividades experienciadas no PPGCOM e nos projetos de pesquisa, contribuíram de forma efetiva à conformação de conceitos centrais ou auxiliares para minha pesquisa e para meu amadurecimento teórico↔metodológico e, sobretudo, como pesquisadora apaixonada pela universidade.

Entre os pontos mais inquietantes, e diria até perturbadores, em meu exercício cartográfico – daqueles que nos acordam à noite em sobressalto como destaca Schneider (2007) –, esteve o anteprojeto submetido na ocasião do Processo Seletivo da turma de 2011 do mestrado, intitulado “A ‘chegada’ da TV digital no Pará: inovação ou continuidade?”.

Nele, tinha como objetivo central identificar, analisar e sistematizar o processo de implantação da televisão digital em curso no Estado do Pará, por meio de pesquisa exploratória voltada à observação e ao acompanhamento das

atividades desenvolvidas dentro das três emissoras em atuação em Belém – TV Liberal, afiliada à Rede Globo; TV Record Belém, filiada à Rede Record de Televisão; e Rede Brasil Amazônia de Comunicação (RBA), afiliada à Rede Bandeirantes – que afirmam estar vivenciando a transição do padrão analógico para o digital, após consignação do novo sinal alcançada no segundo semestre de 2009. Essa primeira proposta foi motivada por uma aproximação com o debate sobre a implantação da TV digital no Brasil, iniciada ainda na graduação, na disciplina de Laboratório de Telejornalismo[50], durante a qual desenvolvi com os colegas de turma um programa experimental de televisão, denominado ABC Digital[51], com a ideia de apresentar/simular alguns dos possíveis usos e mudanças que a nova TV traria para o telespectador.

Após esse contato, a perspectiva de estudo foi integrada às minhas atividades como bolsista de iniciação científica (PIBIC/CNPq) do projeto Ciência e Comunicação na Amazônia (CIECz), o que me permitiu aprofundar leituras, participar de eventos sobre o assunto e incluir a discussão sobre televisão aos meus estudos futuros.

Ainda durante a graduação, tive a oportunidade de participar de dois fóruns de discussão acadêmica centrais para minha formação não somente teórica, mas relativa à iniciação ao "mundo" científico e ao fazer pesquisa em um país como nosso. Entre eles, destaco a participação no I Simpósio Internacional de Televisão Digital, promovido em novembro de 2009 pelo Programa de Pós-Graduação em Televisão Digital: Informação e Conhecimento (PPGTVD) da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" (UNESP-Bauru), que me mostrou o mundo ainda pouco explorado que é e será o cenário dos próximos anos de implantação da TV digital no Brasil e, por sua vez, na América Latina.

Ressalto também a participação das reuniões do Grupo de Pesquisa "Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina", durante os congressos nacionais da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação)

---

[50] Disciplina obrigatória para os estudantes do 5º semestre de Jornalismo e que foi ofertada no primeiro semestre de 2009, sendo o ABC Digital resultado da primeiro bloco de atividades, ministrado pela Profa. Dra. Maria Ataide Malcher.

[51] A narrativa do vídeo é conduzida por um apresentador-personagem que "está assistindo a nova TV". A partir de algumas situações, que se passam no sofá da sala de estar, o apresentador simula o uso de uma série de ferramentas e faz a opção por assistir programas que exemplificam as possíveis diferenças da programação da nova TV. O vídeo completo está disponível em: <http://www.multimidia.ufpa.br/jspui/handle/321654/781>.

desde sua criação em 2009, capitaneada por Maria Cristina Gobbi. Pela generosidade de minha orientadora, nesse espaço tive a oportunidade de apresentar trabalhos e compartilhar experiências de minha formação como o ABC Digital e a pesquisa do TCC.

Em paralelo a todos esses momentos, nascia também o reconhecimento por parte de meus familiares ao que havia decidido trilhar em minha vida. De forma irrestrita eles me apoiam, estimulando e manifestando sua generosidade das mais diferentes formas, do cuidado com minha saúde até o financiamento e a assistência total durante a pesquisa de campo do TCC[52], e idas a eventos para apresentar trabalho.

Movida por todos esses fatores, no decorrer das disciplinas cursadas como aluna regular do PPGCOM e das primeiras aproximações que tive com as emissoras de televisão aberta da capital paraense, sobretudo, a TV Record Belém, a proposta do anteprojeto foi ampliada, orientando, de modo mais geral, a verificar como estaria configurado o cenário da mídia televisiva no Pará.

Mesmo planejando um estudo sobre especificidades do processo de implantação da TV digital, muito me inquietava a ausência de pesquisas ou registros que me permitissem visualizar ou responder a questões básicas sobre onde e de que maneira a televisão – sem mencionar os demais meios de comunicação massivos – estava presente no Estado do Pará?[53] A todo instante era interpelada pela seguinte questão: como estudarei a chegada da TV digital no Pará sem ao menos conhecer o que há de TV no Estado e como ela está presente no dia a dia das pessoas?

Para além das mudanças da qualidade de imagem e som, se as potencialidades previstas pelo modelo de TV digital brasileiro forem viabilizadas os processos de produção, emissão, disponibilização e recepção de conteúdos sofrerão mudanças ainda mais expressivas por conta das potencialidades do

---

[52] Como explicito em um segundo momento do trabalho, alguns de meus familiares atuaram diretamente na realização de atividades da pesquisa de campo do TCC.

[53] Segundo informações do site Donos da Mídia, o Pará possui 203 veículos de comunicação, entre jornais, rádios, TV. De acordo, porém, com o levantamento feito por Ronaldo de Oliveira Rodrigues (2012b) em dissertação desenvolvida no âmbito do PPGCOM da UFPA, o número de veículos seria 210. Desse total, 12 são emissoras de televisão (MALCHER et al, 2013).

modelo adotado e aprimorado por pesquisadores brasileiros[54], com destaque para mobilidade, portabilidade, multiprogramação e interatividade – em diferentes níveis – a partir do GINGA[55].

Assim, a proposta do estudo era minimamente destacar o fato de que é preciso estar preparado para que a tecnologia não determine seu uso, mas o uso estabeleça o avanço tecnológico, sobretudo, em uma região como a Amazônia, que acaba ficando a reboque dos modelos externos.

Por conta disso, algo que sempre motivou minha pesquisa e o acompanhamento do processo de implantação da TV digital no país foi o questionamento de como ficaria o Estado do Pará com o "apagão analógico", momento em que o sinal analógico de televisão será efetivamente desligado tendo em vista que todo, ou pelo menos as regiões consideradas estratégias ao país, já deverão ter feito a transição para a recepção digital seja por meio de novos aparelhos de TV – com conversor embutido – ou instalação do conversor no televisor analógico[56].

Um "porto seguro" movente

Ao mesmo tempo, com o aprofundamento de leitura da obra de Martín-Barbero ficou evidente a necessidade de empreender um olhar cuidadoso para a complexidade da(s) realidade(s) encontrada(s) na América Latina, em que o empírico se faz diferente. A leitura do autor indicou a necessidade de assumir uma postura atenta à complexidade – se não da Amazônia, minimamente do Estado do

[54] Em 2006 foi implantado no Brasil pelo governo federal o Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre (SBTVD-T). Baseado inicialmente na adoção do modelo japonês de TV digital, que entre outras potencialidades apresenta recursos de mobilidade e portabilidade, o sistema foi aprimorado por pesquisadores brasileiros que estabeleceram um novo padrão: o modelo nipo-brasileiro de TV Digital, já adotado pelo Japão. Entre os destaques do novo padrão estão os recursos interativos (MINSTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES; LABORATÓRIO DE APLICAÇÕES DE VÍDEO DIGITAL, acesso em 13 jun. 2013).

[55] *Middleware* desenvolvido pelo e no Brasil que viabilizará os aplicativos de interatividade disponíveis na TV digital. Este é uma espécie de programa de computador que faz a mediação entre um determinado software e suas aplicações, e que quando instalado nos aparelhos conversores, poderá ser acionado por um controle remoto.

[56] O apagão está oficialmente previsto para 2016. Por isso, segundo Bolaño; Brittos (2005), para início do debate sobre a digitalização da TV com intuito da inclusão social na América Latina, é necessário firmar, entre outras coisas, a venda de conversores digitais a preços compatíveis com as condições financeiras da maioria da população, como previsto no projeto brasileiro de televisão digital.

Pará. E ainda uma postura de pesquisa em Comunicação que permitisse a compreensão do(s) objeto(s) de estudo para muito além dos meios de comunicação, e, sobretudo, a partir de um olhar menos estrangeiro sobre a região, como me convidou o professor Agenor na defesa do TCC, e que acredito ser possível por meio da *cartografia movente*.

Foi então que incorporei essa perspectiva e percebi que para de fato acompanhar analiticamente o processo de implantação da TV digital no Estado seria necessário primeiro entender aspectos de um estágio "anterior" à transição tecnológica, ou seja, perceber minimamente os multicontextos implicados na formação do cenário televisivo paraense. Exatamente o que falta nos estudos de Comunicação que se lançam à leitura de objetos de modo descontextualizado, pautados quase que unicamente em uma visão tecnicista, correndo o risco de "falar" no vazio, como adverte Martín-Barbero (2009a). Por isso, segundo o autor, a área da Comunicação "por muito tempo pagou seu direito de inclusão no âmbito das legitimidades teóricas com a subordinação a certas disciplinas, como a psicologia e a cibernética" (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p. 287). E, ao tornar-se independente dessas "amarras", paga-se um preço ainda mais alto: "[...] o esvaziamento de sua especificidade histórica, em troca de uma concepção radicalmente instrumental, como a que espera que as transformações sociais e culturais sejam efeito da mera implantação de inovações tecnológicas" (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p. 288).

Passado o primeiro semestre de disciplinas no mestrado, foi se delineando a necessidade de me dedicar à estruturação de um mapa da mídia televisiva no Pará a partir do cruzamento de dados secundários publicados, mas até então dispersos em trabalhos acadêmicos, guias comerciais e levantamentos feitos pelo governo do Estado, bem como os ainda espaçados dados estatísticos oficiais sobre a presença dos meios de comunicação.

Como apresenta Ronaldo de Oliveira Rodrigues (2012a, 2012b) em dissertação defendida no âmbito do PPGCOM da UFPA[57] e posteriormente em

[57] Intitulada "TV aberta no Marajó: usos e apropriações pelos moradores da comunidade São Pedro em Breves-Pará-Amazônia", a dissertação foi elaborada sob orientação da Profa. Dra. Maria Ataide Malcher, e foi a primeira na história do Programa a ser defendida, em junho de 2012. Ronaldo é professor na Faculdade de Educação e Ciências Humanas do Campus Universitário do Marajó-Breves, Universidade Federal do Pará. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal

capítulo de livro organizado[58], muitos dos dados sobre o cenário midiático dos municípios do Arquipélago do Marajó e da presença de bens duráveis não estão disponíveis de forma completa nos relatórios e levantamentos dos órgãos oficiais – pelo menos não até a conclusão do trabalho[59]. Diante disso, o autor desenvolveu o que denominou de "mirada sobre o cenário midiático" a partir do levantamento dos dados diretamente em pesquisa de campo nos municípios e paralelo cruzamento com os dados oficiais, o que contribuiu enormemente para a investigação que ele empreendeu na comunidade São Pedro no município de Breves, sobre o papel dos meios de comunicação massivos na tessitura dos processos comunicacionais[60] dos moradores.

A minha ideia era, então, a partir de uma pesquisa documental e bibliográfica, cruzar os dados já disponíveis sobre a presença da TV para que diante das lacunas a serem indicadas pelo mapeamento/cruzamento, fosse possível definir um recorte empírico para ir a campo em busca de dados primários e ainda verificar processos comunicativos que possivelmente se delineariam a partir dos diferentes tipos de acesso e assistência da televisão no Estado.

Posto isso, me perguntava que cenário(s) comunicacional(is) era(m) esse(s) que temos no Pará? Como compreenderia, do ponto de vista da Comunicação, as múltiplas realidades coexistentes e qual poderia ser minha contribuição?

Ao longo desse processo, sobretudo, nas aulas da disciplina de Metodologias da Pesquisa em Comunicação[61], fui, por questões óbvias, questionada a respeito do tamanho da pesquisa proposta, sobretudo para desenvolvimento no âmbito de um curso de mestrado. Além disso, a partir do aprofundamento das leituras e, sobretudo, de minha aproximação com a trajetória de Martín-Barbero e da "cartografia [que] *se move*", fui lançada a caminhos ainda mais instigantes de

---

do Pará (2006). Psicopedagogo pela Universidade Salgado de Oliveira (Universo-RJ-2007) e Mestre em Comunicação, Cultura e Amazônia (UFPA, 2012). Atualmente cursa o Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFPA.

[58] RODRIGUES, Ronaldo de Oliveira; MALCHER, Maria Ataide. Mirada sobre o cenário midiático amazônico. In: MALCHER, Maria Ataide; MARQUES, Jane Aparecida; PAULA, Leandro Raphael de. *História, comunicação e biodiversidade na Amazônia*. – São Paulo: Acquerello, 2012a. p. 139-171.

[59] O autor do trabalho explica que no final do ano de 2011 o IBGE chegou a publicar os dados definitivos do Censo 2010, entretanto, "as informações específicas sobre bens duráveis em cada município marajoara não estão disponíveis, o que indica que, mais uma vez, levarão algum tempo para serem publicadas" (RODRIGUES, 2012b, p. 66).

[60] Apenas nesse caso, optei por assumir a terminologia adotada pelo autor do trabalho.

[61] Disciplina obrigatória ofertada no primeiro semestre de 2012 e ministrada pela Profa. Dra. Netília Silva dos Anjos Seixas.

estudo da nossa *realidade comunicacional* e a começar a concatenar ideias para propor uma noção de *cartografia movente*. Percebi que a proposição que estava fazendo de mapa, além de estritamente cartesiana, nunca daria conta de mensurar o cenário da mídia televisiva e, muito menos, indicaria os usos e as apropriações desse meio no Estado do Pará como um todo.

Pelo encantamento que tenho por mapas – iniciado sem dúvida durante as aulas de Geografia da professora Lílian, na 6ª e 7ª séries[62] – devo confessar que meus olhos brilharam quando me encontrei pela primeira vez com a afirmação de que a "cartografia *se move*". Ao ler ainda de modo bastante superficial sobre as noções de cartografia e mapa de Martín-Barbero, pensei ter chegado a grande chance de construir um mapa completo e total – no sentido mais moderno possível dos termos – do Estado do Pará. Afinal, a vontade de abraçar o mundo, a partir de um sentido geográfico que atribuo à palavra abraço, é real dentro de mim!

No entanto, com o enfrentamento teórico das leituras vi que para dimensionar/compreender o(s) cenário(s) comunicacional(is) de uma região como a Amazônia, é preciso apalpar a realidade ao invés de mapeá-la. Além disso, não havia porque enveredar no esforço de mapear e registrar a presença da mídia televisiva se o que de fato sempre me interessou foram os processos comunicativos nos quais especificamente a TV estivesse envolvida. E diante da postura da *cartografia movente*, por melhor que fosse o mapa construído, este não daria conta da totalidade do fenômeno observado, pois não há ciência que permita delimitar barreiras ou circunscrever modos de vida. As delimitações que faria seriam sempre *moventes* e provisórias já que as interações e a vida de um modo geral são dinâmicas.

Considerando a complexidade proposta por Morin (2010), é preciso de imediato reconhecer o perfil multidimensional do conhecimento e que a atuação de um cientista comporta incerteza e incompletude. Segundo o teórico, a realidade apresenta diferentes níveis de organização – sem falar nos aspectos já mencionados da desordem – e que, pela ótica da complexidade, vão muito além de um sentido tradicional que pressupõe princípios de ordem, leis e linearidade.

---

[62] Curiosamente ou não, esse envolvimento começou no período em que morava em Uberlândia, Minas Gerais, e estudava na Escola Estadual Presidente Tancredo Neves. Durante as aulas, fazia diretamente no mapa do Brasil a pintura ou indicação a partir de legenda, dos diferentes aspectos geográficos (economia, clima, vegetação, relevo, hidrografia, população, entre outros).

Morin (2010, p. 180) fala de uma organização complexa que assume faces diferentes em um mesmo momento, podendo ser "acêntricas (o que quer dizer que funcionam de maneira anárquica por interações espontâneas), policêntricas (que têm muitos centros de controle, ou organizações) e cêntricas (que dispõem, ao mesmo tempo, de um centro de decisão)". Por isso, o autor esclarece que atuar no sentido da complexidade é vivenciar "o esforço para conceber um incontornável desafio que o real lança a nossa mente" e ainda "saber se há uma possibilidade de responder ao desafio da incerteza e da dificuldade" (MORIN, 2010, p. 176-177).

Decidi, assim, discutir e assumir a *cartografia movente* como postura de pesquisa para apreensão de processos comunicativos que se delineiam no Estado do Pará, inspirada pelo mergulho empreendido na trajetória e obra de Martín-Barbero e em sua "cartografia [que] *se move*". Assim, finalmente incorporei a cartografia como elemento central de minha pesquisa atual no âmbito do PPGCOM, acreditando que a conduta cartográfica apresenta pontos pertinentes ao desenvolvimento da pesquisa em Comunicação na Amazônia.

Realidades comunicacionais (logo, socioculturais)

Acredito que ao decidir pela postura da *cartografia movente* necessariamente abrem-se novas formas de observar e interpretar os cenários comunicacionais, não mais vinculados à noção de atraso, mas sim reconhecidos como diferentes já que as contradições e as hibridações são características constituintes das realidades latino-americanas e amazônicas, o que, percebido a partir da concepção da complexidade, é próprio de qualquer lugar no mundo.

Sendo, porém, a *cartografia movente* uma postura proposta e experienciada a partir também de "pistas" da trajetória de pesquisa-vida de Martín-Barbero, não posso perder de vista suas implicações para a discussão sobre epistemologia da Comunicação e compreensão do que vem a ser o objeto de estudo da área. Isto porque, autores como Luiz C. Martino (2007a, 2010), Ciro Marcondes Filho (2008) e Marco Toledo de Assis Bastos (2008) questionam e criticam o posicionamento de Martín-Barbero que segundo eles, pesquisa e analisa a partir da cultura e da sociologia, tanto que seu principal conceito, *mediação*, estaria voltado para

observar os meandros e práticas que, mesmo essencialmente comunicativas, delineiam a constituição do popular e a interpelação do mesmo no massivo.

Para Marcondes Filho (2008, p. 71), por exemplo, "os estudos de Martín-Barbero têm como ponto de partida os lugares e a cultura" e as mediações seriam uma "forma de sociologizar os estudos comunicacionais deixando sempre de lado o estudo específico do processo em si":

> Em sua teoria das mediações fica claro como ele desprende o processo comunicacional da investigação de seu processamento próprio para transferir para o campo social maior já, portanto, no espaço da sociologia o modo de realização, os efeitos ou impactos comunicacionais. Esses estudos são necessários, importantes e originais em certa medida, mas já não são mais específicos da área da comunicação (MARCONDES FILHO, 2008, p. 68).

Vale ressaltar que além de discordar do posicionamento do autor, considero que a contribuição de Martín-Barbero não pode ser observada no sentido de uma transferência ou descolamento do processo comunicativo. Como se sabe, o autor na verdade reconheceu o que é comunicativo na cultura de massa que em um momento, como indicou Morin (1977) em outro contexto, nem mesmo era percebida como cultura ou passível de estudo científico. Diante disso, é incoerente falar em transferência, pois se há hoje o que observar e discutir como essencialmente comunicativo, deve-se em parte aos deslocamentos propostos por Martín-Barbero.

Ainda falando no sentido de uma transferência, Bastos (2008, p. 88)[63] expõe que "o risco é de nos encontrarmos novamente com o conceito antropológico de cultura, onde tudo é cultura, até mesmo o sentido [...]. E se tudo é cultura nada o é, tampouco a comunicação".

Em crítica à existência da chamada Escola Latino-Americana de Comunicação – da qual Martín-Barbero seria um importante representante –, Martino (2007a, p. 105) afirma que além de ter como ponto fraco a produção teórica, os integrantes da referida escola estão mais voltados para uma atuação política do que

[63] Vale registrar que no período da publicação do artigo, o referido autor cursava Doutorado em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob a orientação de Ciro Marcondes Filho, também orientador no mestrado. Além disso, tanto o seu artigo, quanto o do orientador foram publicados na mesma edição da revista FAMECOS, nº 35, ano 2008.

acadêmico-científica. Além disso, ao citar Berger (1999)[64], afirma que "a comunicação é vista como um saber demasiado amplo e vago, a ponto de ser considerada apenas um campo de aplicação de teorias provenientes das diversas ciências sociais" (MARTINO, 2007b, p. 105).

Segundo os referidos autores a perspectiva de Martín-Barbero não pode ser automaticamente aceita como uma postura investigativa legítima para a área da Comunicação bem como dá conta do desafio dos investigadores. Nas palavras de Braga (2011b, p. 66) este desafio é trabalhar a partir da distinção do que seria propriamente o "fenômeno comunicacional", ou ainda, em busca de "um certo tipo de processos epistemicamente caracterizados por uma perspectiva comunicacional – nosso esforço é de perceber *processos sociais em geral* pela ótica que neles busca a distinção do fenômeno".

De imediato cabe observar que pelo mergulho que empreendi na obra de Martín-Barbero e a compreensão de que sua produção teórico↔metodológica está no nível da *invenção*[65], mesmo que se chegue à conclusão que ele não seja um teórico da Comunicação no sentido apontado por Ciro (2008), Martino (2007a, 2010) e Bastos (2008), também não é possível considerá-lo preso a um campo e muito menos dizer que sua contribuição não tenha sido efetiva para os estudos da Comunicação atuais e futuros.

Observamos que a contribuição de Martín-Barbero, indiscutivelmente propícia para estudar comunicação na América Latina, tem como característica a desobediência às rotinas disciplinarias, da qual nos fala García-Canclini:

---

[64] Na citação que Martino faz ele referencia o autor a partir do ano 1991. Entretanto, na lista de referências bibliográficas do texto, além de aparecerem dois autores com o mesmo sobrenome, Christa Berger e Charles R. Berger, os dois tem publicações de 1999. Nesse sentido, considerei válido disponibilizar os dados dos textos dos dois autores, na ordem que aparecem ao final do texto:
BERGER, Charles R. Porque existem tão poucas Teorias da Comunicação?: teorias da comunicação e outras curiosidades. In: MARTINO, Luiz C. (org.). *Teorias da Comunicação: Poucas ou Muitas?*. Atelie: São Paulo, 2007.
BERGER, Christa. Crítica, Perplexa, de Intervenção e de Denúncia: a pesquisa já foi assim na América Latina. *Intexto*, n.6, 1999. Disponível em: <http://www.intexto.ufrgs.br/v6n6/a-v6n6a3.htm>. Acesso em: jun. 2006.
BERGER, Christa. A Pesquisa em Comunicação na América Latina. In: Hohlfeldt, A.; Martino, L. C.; França,Vera V. *Teorias da Comunicação:* conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

[65] Aqui faço novamente referência a um dos termos que integra o mapa dos usos teóricos nas pesquisas em Comunicação na América Latina apresentado por Martín-Barbero em *Ofício de cartógrafo* e que detalharei no trabalho.

> Quiero contar aquí por primera vez que cuando leí *De los medios a las mediaciones* en la época en que estaba preparando *Culturas híbridas*, descubrí que parte de lo que me proponía hacer ya estaba realizado. Me alegró que una tarea intelectual que me parecía estratégica, pero sentía insegura porque *desobedecía las rutinas disciplinarias,* también hubiera sido valorada por un autor que ya apreciaba por su modo de colocarse con sutileza en las *intersecciones entre lo acumulado en los saberes establecidos y lo que faltaba explorar* (GARCÍA-CANCLINI, 1998, p. 3, *grifo nosso*).

Mais que um campo teórico de fala, Martín-Barbero tem um local de fala: a América Latina. Logo, confinar o trabalho do autor a apenas um campo do conhecimento científico talvez seja um grande erro e uma tarefa praticamente impossível segundo Reguillo-Cruz (1998). Sabendo desse desafio, durante a pesquisa não me preocupei ou me responsabilizei em vincular sua produção a um campo do conhecimento bem como já dimensionava que teria, em algum momento, que chegar a esse debate, já que a proposição de uma postura de pesquisa, *cartografia movente*, está implicada a discussão sobre as contribuições de Martín-Barbero.

Nesse sentido, vale registrar que mais do que um mergulho em busca dos elementos que configuram a argumentação das partes envolvidas nessa discussão – se é que podem assim ser classificadas –, minha proposta foi nos escritos dos diversos autores – em especial França (2001, 2006, 2008) e Braga (2011a, 2011b, 2012a, 2012b) – o que seria efetivamente pesquisar o fenômeno comunicacional e a importância da discussão sobre a consolidação da área e a configuração de seu objeto de estudo.

E nesse exercício, mais do que chegar a uma conclusão exaustiva, foi necessário na verdade em dado momento decidir parar a reflexão e tomar uma posição, distante do "a favor ou contra" mas baseada em como realmente visualizo as questões colocadas pelos autores sobre o fazer pesquisa em Comunicação. Como me ensinou Martín-Barbero, modos diferentes de ver não são necessariamente oposições, já que "não há nenhuma causa única do que somos" (MARTÍN-BARBERO, 2009b, p. 157).

Diante disso, reconheço as contribuições de Martín-Barbero para a Comunicação como caminhos sem volta para o que vem a ser a pesquisa nessa área de conhecimento. Entretanto, mesmo sabendo que para ele os processos comunicativos, que seriam o objeto de estudo da Comunicação, não podem ser

compreendidos a partir de um único saber e muito menos confinados aos muros de uma disciplina, considero válido e extremamente pertinente que se assuma no dia a dia o desafio de fortalecer o "ângulo de entrada" – como propõe Braga (2011b) – a partir do qual se olha a realidade empírica, pelo viés comunicacional.

Nesse sentido, cabe observar a sensibilidade de Martín-Barbero, destacada por Reguillo-Cruz (1998), para a observação das mais diferentes realidades empíricas, reconhecendo-as como descontínuas e singulares, ao invés de atrasadas e tardias. Por isso, independente da vinculação ou não de Martín-Barbero ao campo da Comunicação, o fato é que a partir da compreensão de que a "cartografia *se move*" (2004, p. 13) e do que hoje propomos como *cartografia movente* é possível visualizar com mais clareza quem somos e reconhecer nossos cenários empíricos comunicacionais ao invés de percebê-los de forma enviesada e como se fossem totalmente atípicos e inusitados se comparados aos padrões existentes em países classificados como desenvolvidos.

Como interpela Morin (2010) ao pensar a comunicação a partir das avenidas da complexidade, faz-se necessário reconhecer a "ecologia da ação", o que significa dizer que "toda ação humana, a partir do momento em que é iniciada, escapa das mãos de seu iniciador e entra no jogo das interações múltiplas próprias da sociedade, que a desviam de seu objetivo e às vezes lhe dão um destino oposto ao que era visado" (MORIN, 2010, p. 128). E o que seria esse "jogo das interações múltiplas" da sociedade se não onde se processa o objeto de estudo da Comunicação?

Lugar que para França (2006, p. 19) deve ser tomado como pressuposto, ou seja, "algo que não precisa ser confirmado". Para ela "processo comunicativo é uma interação". Assim, a comunicação seria o "lugar de força", uma força que promove a interação e conecta as pessoas. De modo complementar, Morin (2009, p. 95) sintetiza que "os indivíduos humanos produzem a sociedade nas interações e pelas interações, mas a sociedade, à medida que emerge, produz a humanidade desses indivíduos, fornecendo-lhes a linguagem e a cultura".

No que concerne ao fazer pesquisa em Comunicação, isso é

> ir além da identificação das marcas do social nos textos, ir além da natureza social do sujeito – e analisar o cerne da relação, *a força que coloca os sujeitos interlocutores produzindo sentido, sendo*

> *afetados pelos outros e pelo "terceiro" (o social, polo da cultura), afetando o outro e o terceiro* (FRANÇA, 2006, p. 19, *grifo nosso*).

Isso suscita questões convergentes, mas que para o esclarecimento de minhas próprias ideias – para eu mesma inclusive – é válida uma separação provisória. Uma primeira contribuição central seria o convite de França (2006) de orientar os estudos e esforços na direção de perceber o "cerne da relação", da comunicação como força que coloca as pessoas em contato, em interação. Aqui, na minha opinião, reside a chave do "ângulo de entrada" reivindicado por Braga (2011b) e que atende o que tanto se critica nos estudos produzidos na Comunicação, que de fato, em sua maioria, são elaborados sem nenhum compromisso com a consolidação da área e muito menos com a compreensão com o que de essencialmente comunicativo tem aquela pesquisa. A segunda contribuição é a compreensão de que os processos comunicativos seriam aquilo que daria liga à vida social, que constituiria os agentes de um contexto sociocultural, que articula elementos do real e do imaginário que se absorve nos espaços de *mediação*, entre os quais, como pioneiramente apresentou Martín-Barbero (2009a), estão os meios de comunicação.

Nesse sentido, ao observar os processos comunicativos se está visualizando as interações que promovem e/ou dissolvem as conexões socioculturais que delineiam a vida em um determinado contexto. Assim, toda realidade sociocultural é essencialmente comunicacional, já que o que a faz existir enquanto sociedade/cultura é a força das interações entre os sujeitos que a compõe, podendo ser mediada ou não por aparatos tecnológicos. E essa liga, por sua vez, seria a *natureza comunicativa da cultura* explicitada por Martín-Barbero (2009a), mesmo sabendo das divergências entre as posturas relativas ao que vem a ser a Comunicação como campo/disciplina/área.

Por essa compreensão acredito que seria apropriado, ao me referir aos cenários empíricos observados, chamá-las de *realidades socioculturais (logo, comunicacionais)*. Entretanto, ao refletir sobre essa construção fiquei me perguntando se a partir dela estaria expressando apenas minha concordância com a proposição de Martín-Barbero e não o desejo de trabalhar com ângulo de entrada para as pesquisas em nossa área, pois como já mencionado considero as perspectivas totalmente complementares.

Assim, mesmo sabendo das implicações semânticas e epistemológicas de minha decisão, acho válido ousar falar de *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)*[66] ao longo da dissertação. Mesmo parecendo incoerente do ponto de vista semântico, já que o comunicacional estaria "dentro" e delineando o sociocultural, acho importante fazer essa marcação textual, tendo em vista toda a discussão epistemológica em torno dessa compreensão. Cabe registrar ainda que essa é uma maneira de marcar ao longo do trabalho minha posição, que mesmo inicial, é de compromisso com o desafio do que vem a ser a pesquisa na área da Comunicação.

Além disso, concatenando a compreensão de França e de Martín-Barbero, percebemos que a *cartografia movente* permite, entre outras coisas, perceber a *comunicação como processo,* ou melhor, *em processo* e, sobretudo no dinamismo dos cenários empíricos – marcados ou não pela presença dos aparatos tecnológicos –, observar/revelar o(s) objeto(s) de estudo da área. Nesse sentido, a autora propõe inclusive pensar não mais em *sujeitos **da** comunicação*, mas sim reconhecer os *sujeitos **em** comunicação*. Os primeiros seriam os agentes do processo comunicativo ainda percebido em uma perspectiva linear ou ligado estritamente aos meios de comunicação. Já os *sujeitos em comunicação* seriam os agentes em permanente interação com ou sem a mediação da tecnologia.

A compreensão de França é de que "a sociedade existe enquanto realização permanente de atos e trocas possibilitadas pela comunicação" (FRANÇA, 2008, p. 82). A Comunicação teria então como objeto de estudo as interações a partir das quais as pessoas se constituem social e culturalmente. Logo, ao reconhecer essa dinâmica, não há como ainda pensar a cultura como algo estanque, a comunicação como um processo linear, o objeto da Comunicação restrito aos meios e, muito menos, a *cartografia movente* como um método que circunscreve uma determinada prática comunicativa a um espaço físico específico.

---

[66] Não poderia deixar de registrar que esse termo, teve como inspiração a reflexão que Suzana Cunha Lopes, grande amiga e companheira da turma 2011 do mestrado, estabeleceu a respeito do compromisso que os pesquisadores da Comunicação devem ter com a discussão epistemológica da área em qualquer uma de suas práticas teórico↔metodológicas. Assim, como, mesmo não querendo ou desejando pensar nesse sentido, qualquer que seja o trabalho do pesquisador vinculado à área, este terá implicações na configuração de suas bases epistemológicas. Por isso, ao se referir a discussões teórico↔metodológicas, Suzana sempre inseria ao lado e entre parênteses o termo "logo epistemológica", fazendo assim referência de que mesmo não querendo, o trabalho do pesquisador não poderia se descomprometer dessa articulação.

Assim, a partir de Martín-Barbero e de autores como França (2001, 2006, 2008) e Braga (2011a, 2011b, 2012a, 2012b) nos propomos a uma compreensão da comunicação como processo delineado por interações que acontecem por intermédio ou não da mídia e que são constituintes de nossa cultura.

Nessa perspectiva proponho a *cartografia movente*, pois esta, ao que me parece, seria uma postura de pesquisa que possibilita ao investigador reconhecer as interações que dão a liga ao social ou a *natureza comunicativa da cultura* nas realidades empíricas, que por sua vez, exigem que este mesmo investigador se lance no dinamismo da vida para apalpar, observar e sentir – a partir do ângulo de entrada da Comunicação – a "interação social comunicacional em funcionamento, com seus objetivos, processos e tensões plurais" (BRAGA, 2011b, p. 69). De forma sintética, esta postura é uma chance de pesquisa que permite ver o próprio objeto de estudo da comunicação, sem o descolamento entre *mídia* e *interações* que seriam, para Braga, os principais objetos da área[67].

Para o autor "na sociedade contemporânea, seria difícil fazer um corte nítido entre fenômenos comunicacionais da processualidade midiatizada e fenômenos comunicacionais outros, diversamente inscritos no fluxo comunicacional" (BRAGA, 2011b, p. 70). Como explicita Gislene Silva, a adoção do conceito de *midiatização*[68] por Braga se dá pela possibilidade que este tem de "enfrentar, epistemologicamente, a disjunção entre mídia e interação" (SILVA, 2012, p. 113).

Na opinião de Braga (2012a, p. 68) esta seria a "ação das mídias sobre a sociedade" e o "processo comunicacional da sociedade". Além disso, em diálogo com Martín-Barbero, o autor afirma que "a midiatização se põe hoje como principal mediação de todos os processos sociais" (BRAGA, 2012a, p. 51).

---

[67] É importante registrar que em um primeiro momento, Braga adotou uma postura de identificação de subáreas temáticas da Comunicação ao invés da definição de "problemas comunicacionais". Em 2011, porém, o autor afirma não ver mais sustentação na proposição de temáticas de estudo para a consolidação de uma área do conhecimento. Além disso, já no final da década de 1990 e início dos anos 2000, segundo Braga, a discussão sobre o objeto de estudo passou a ser "menos crucial".

[68] De acordo com Fausto Neto (2008b), no cenário da midiatização, "as mídias não são apenas meios", mas uma espécie de "'sistema' regulador" que instaura novas formas de contato, ou ainda "a construção social e tecnológica das novas subjetividades", como propõe Vizer (2008, p. 34) ao falar da *dupla face da midiatização social*. Por isso, Fausto Neto (2008a, p. 93) diferencia "sociedade dos meios" e "sociedade da midiatização" e explica que "as mídias perdem este lugar de auxiliaridade e passam a se constituir uma referência engendradora no modo de ser da própria sociedade, e nos processos e interação entre as instituições e os atores sociais". E mais, "são convertidas em meios de interação e redefinidoras de práticas sociais" (FAUSTO NETO, 2008b, p. 127-128). Como acrescenta Gomes (2008, p. 21), "a mídia como *lócus* de compreensão da sociedade".

> Acredito que isso corrobora e desdobra a afirmação de Jesús Matín-Barbero [...], de ter passado de uma proposição sobre "mediações culturais da comunicação", para uma ênfase nas "mediações comunicativas da cultura". São os processos de midiatização que hoje delineiam e caracterizam, crescentemente, as mediações comunicativas da sociedade (BRAGA, 2012a, p. 51)[69].

Vale ressaltar também que ao definir um "ângulo especial para olhar a sociedade" (Braga, 2011b) não inviabiliza-se a perspectiva da *cartografia movente* que permite muitas entradas e muitas saídas. O que se está demarcando na verdade é apenas a motivação da entrada, ou seja, a forma como *iniciar* a pesquisa em uma *realidade comunicacional (logo, sociocultural)*.

Entre as *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)* da região que me estimulam no sentido de propor a *cartografia movente* como postura de pesquisa estão os múltiplos cenários televisivos do Estado, e em especial o "comportamento" dos grupos de comunicação em atuação no Pará. Como explicita Castro (2012b), os grupos de comunicação paraenses se diferem das demais empresas em atuação na região Norte por não seguirem o modelo de redes implantado no país, que prevê o investimento permanentemente na conquista de novos mercados e ampliação da cobertura e alcance do sinal.

Partindo da classificação proposta por Castro (2012b), há no Pará apenas dois "grupos de comunicação de grande expressão política e econômica" sendo eles as Organizações Rômulo Maiorana (ORM) e a Rede Brasil Amazônia (RBA). Nos dois casos, segundo o autor, a lógica de funcionamento se limita a uma disputa política, diferentemente das disputas que movimentam o mercado televisivo no sistema de rede que exige a busca acirrada e permanente pela conquista de novos públicos.

No Pará,

> a situação é contrária à tendência de acumulação no mercado da comunicação midiática, caracterizada pela robustez no corpo de retransmissão do sinal. Enquanto as ORM possuem 20 estações retransmissoras, as outras afiliadas da Rede Globo na Amazônia, têm 184 (a Rede Amazônica, sediada em Manaus) e 66 (a TV

[69] Essa atualização é apresentada pela primeira vez no prefácio da 5ª edição em castelhano de *De los medios a las mediaciones*, lançada em 1998 e posteriormente traduzido em português, pela professora Maria Immacolata Vassallo de Lopes, e incorporado na segunda edição em português do livro, lançada em 2001.

> Anhangüera das Organizações Jaime Câmara, sediada em Palmas) (CASTRO, 2012b, p. 5-6).

Assim não é por acaso o fato de que dentro do mesmo Estado existam vários grupos afiliados a uma mesma emissora, como a Rede Globo de Televisão. Sem isso parte do interior não teria acesso ao canal já que, como demonstra Castro (2012b), a ampliação da cobertura nunca foi motivo de investimentos do grupo em atuação em Belém. "Desse fato decorrem algumas situações curiosas, como por exemplo o telejornalismo da emissora não possuir um único jornal estadual, mas dois" (CASTRO, 2011a, p. 4).

> Essa situação é ainda mais fragmentada quando se observa que há regiões do estado em que o sinal da Globo é recebido de outras grupos: o oeste do Marajó é alcançado pelo canal da Rede Amazônica de Macapá e parte do sul paraense capta o sinal da Rede Anhanguera, do Tocantins. Enfim, o terceiro fato sistêmico decorre de o grupo afiliado no estado do Tocantins ser sediado no estado de Goiás e de possuir, por isso, uma percepção geopolítica voltada para o Centro Oeste e não para a Amazônia, o que resulta em práticas discursivas diversas das havidas no restante da região e, eventualmente, num foco político-econômico que não se adéqua à soma de esforços produzidos pelos demais grupos regionais em torno das questões amazônicas (CASTRO, 2011a, p. 4).

Assim como é muito comum que um mesmo grupo político seja dono de emissoras afiliadas de redes concorrentes, como é o caso de Jader Barbalho, que em Belém é dono da RBA, afiliada da TV Bandeirantes, e em Santarém, no Oeste do Pará, é dono de parte das ações da TV Tapajós, afiliada da Rede Globo. Sem falar no exemplo do grupo paraense RCR "que possui 19 RTVs e está afiliada a nada menos que a oito redes diferentes: Globo, Record, SBT, Rede TV!, MTV, Gazeta, RBT e União" (CASTRO, 2011a, p. 4).

Contudo, não há como perceber a tônica de funcionamento dos grupos de comunicação sem mencionar a interferência disso na configuração do cenário televisivo no Estado, sobretudo, no que concerne ao acesso da população aos canais abertos. Talvez seja por conta desse "comportamento" que ainda tenhamos locais no território do Pará sem a cobertura de alguns canais do circuito aberto comercial – sem contabilizar aí o caso da TV pública[70].

[70] Faço essa diferenciação, pois por quase 10 anos a estrutura de retransmissão da TV pública no interior do Pará foi utilizada pela TV Liberal, afiliada da Rede Globo. Castro (2012, p. 5) explica que desde a criação da FUNTELPA foi estabelecido um contrato com a direção da afiliada para que essa,

Como exemplo, no município de Óbidos é possível verificar no espaço urbano a diversidade dos modos de audiência da televisão aberta. Em uma mesma rua há casas que possuem TV conectada à antena parabólica, acessando assim a programação da cabeça de rede[71] das emissoras concentradas no Sudeste do país, e domicílios que captam o sinal aberto de TV usando somente a antena do próprio televisor e, desse modo, dispõem de uma programação diferente da que os vizinhos consomem. Além de terem acesso a programas da repetidora local, esses moradores assistem determinados conteúdos, por exemplo, da Rede Globo, a partir de outra distribuição na grade de programação, diferente do padrão de exibição da emissora para o restante do Brasil. Por exemplo, as pessoas que têm parabólica assistem ao Jornal Nacional de acordo com a veiculação padrão da cabeça de rede, que fica na intersecção entre as telenovelas das sete e das nove horas. Já os moradores que dispõem apenas do sinal aberto de televisão, assistem o mesmo telejornal em um horário anterior à telenovela das sete que é exibida juntamente com a das nove, tendo em vista a diferença de fuso horário em alguns estados da região Norte, que exige alternar a disposição na grade tanto para que o Jornal Nacional passe ao vivo em todo o território nacional, bem como para ajustar os programas de acordo com as classificações etárias de cada horário.

É interessante ressaltar que distinção semelhante já foi observada e experienciada dentro de um mesmo domicílio, que por acaso dispunha de mais de um televisor, sendo um ligado à parabólica e outro com acesso apenas ao sinal aberto de TV. Nesse caso, os moradores podem assistir duas vezes a um mesmo conteúdo, mas em horários distintos. Os moradores que captam o sinal de TV por parabólica têm a disposição uma grade de programação integralmente externa ao cotidiano da região, – já que os conteúdos são única e exclusivamente gerados pela cabeça de rede –, extinguindo, assim, nesse tipo de assistência, a possibilidade de contato com a programação local.

---

mediante pagamento, utilizasse a estrutura da emissora pública. "Entretanto, em 1997, durante o governo Almir Gabriel, do PSDB, esse contrato foi convertido em convênio e a situação foi invertida: passou a ser o governo que pagava pelo 'serviço' de ceder seu sinal à empresa. [...] período na qual estima-se que o estado do Pará transferiu cerca de R$ 30 milhões às ORM. Em 2007 o convênio foi rompido" (CASTRO, 2012, p. 5).

[71] Termo atribuído à sede principal de uma emissora de Televisão, na qual se controla a geração e distribuição de conteúdos para as filiadas e afiliadas.

Por essas e outras especificidades, ao ler Martín-Barbero, tenho a sensação em alguns momentos de estar mais representada e próxima de realidades do interior da Colômbia – como a surpreendente repercussão de um programa de rádio[72] – que ele menciona em *Ofício de cartógrafo*, do que com o restante do Brasil. E mais: a postura do autor me inspira, por exemplo, a interpretar os cenários comunicacionais da Amazônia, sobretudo, valorizando as produções científicas locais para auxiliar na leitura de realidades sem classificá-las simplesmente como exóticas ou atrasadas.

Há, por exemplo, que se compreender a história da Amazônia a partir do que as pessoas da região visualizam e não pela sucessão histórica de modelos políticos e econômicos definidos no Sul do país para a Amazônia e que inclusive conformaram o que vem a ser a história geral da região, que como demonstra Pacheco (2010b) em partes não condiz com o que foi efetivamente vivenciado por nossas populações.

Pacheco (2010b) faz referência aos inúmeros conflitos que marcaram a colonização europeia do Arquipélago do Marajó, que diferentemente do que narra a historiografia regional, não se deu de forma pacífica. Pelo contrário,

> o labirinto de ilhas, os "Marajós", e seus habitantes cravados na foz do território a ser conquistado, não assistiram, passivamente, àquelas estranhas chegadas de gentes tão diferentes de suas visões humanas. Experientes em contatos e guerras tribais anteriormente vividas, entre si e com outras nações, Aruãns, Sacacas, Marauanás, Caiás, Araris, Anajás, Muanás, Mapuás, Pacajás, entre outras e os batizados de Nheengaíbas, enfrentaram as armas portuguesas por quase 20 anos (PACHECO, 2010b, p. 18).

[72] Ao falar de *comunicação alternativa*, Martín-Barbero (2004, p. 122) cita o que lhe contou "um profissional da Comunicação que trabalhou durante anos na rádio Sutatenza, a famosa rede colombiana de emissoras de 'ação cultural popular'. Quando a direção da rádio Sutatenza fez sua primeira pesquisa entre os camponeses, havia nela uma pergunta óbvia: Que programa é mais ouvido por vocês diariamente? A resposta majoritária foi: 'A reza do terço'. Os diretores, surpresos, não podiam explicar que entre tantos programas educativos e práticos, de informação agrícola, de entretenimento, e outros, fosse a reza do terço o que tivesse maior audiência. E, convencidos de que a resposta se devia a falhas da pesquisa ou dos entrevistadores decidiram refazê-la e lançá-la de novo. Na segunda pesquisa a resposta foi a mesma: o programa preferido pelos camponeses era a reza do terço. Um dos pesquisadores perguntou-lhes diretamente o porquê defesa preferência, e a resposta foi: 'Porque é o único programa no qual podemos contestar o pessoal do Bogotá; no 'terço' eles dizem uma parte da Ave-Maria e nós outra, é o único programa em que eles não falam sozinhos'".

Diferente disso, porém, o pesquisador destaca que foi construída uma imagem heroica e até santificada sobre o padre Antônio Vieira – "ícone da Companhia de Jesus na Amazônia" –, que teria sido responsável pela conversão dos povos do Marajó de forma tranquila e quase milagrosa, ficando mais conhecido como o "grande pacificador dos índios de Marajó" (PACHECO, 2010b, p. 17).

Com essa reflexão fica ainda mais claro o que representa assumir uma postura de pesquisa, atitude(s) que não se dá(ão) de forma inocente. A responsabilidade é enorme, pois são escolhas que tanto definem a partir de que área se fala, como, sobretudo, delineiam a forma como você vai analisar/interpretar *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)*.

Por fim, mesmo hoje observando a apropriação teórica que fiz no TCC, percebo que já naquele momento minhas opções metodológicas, que sabemos estar diretamente vinculadas a escolhas teóricas, caminhavam em uma perspectiva criativa – é claro estimulada e guiada por minha orientadora – ao articular vários procedimentos e técnicas de pesquisa em um desafio multimetodológico, que ampliou minha percepção para a importância de se permitir viver e sentir o *universo* pesquisado. Mesmo com um cronograma de atividades estabelecido, em determinados momentos do campo, acredito que assumi posturas que permitissem a mudança de planos, ou a aceitação de que, que mesmo não querendo, a vida já os tinha mudado[73]. Assim me surpreendi com o que consegui vivenciar ao lado das crianças da comunidade. E de forma mais intensa quando me entregava ao "jogo da vida" durante suas brincadeiras, do que necessariamente nas atividades que havia planejado para elas[74].

---

[73] Aqui faço referência ao fato de que em um primeiro momento gostaria de no TCC ter me dedicado a analisar os processos de comunicação que possivelmente se dariam a partir do contato dos alunos da escola da comunidade pesquisada com os livros didáticos da disciplina de Geografia. A escolha da mídia impressa foi motivada por diferentes fatores, entre os quais merecem destaque: a comunidade pesquisada não tem acesso ao fornecimento regular de energia elétrica, logo, supunha-se que não haveria disponíveis na escola aparelhos eletrônicos; pelo caráter de mídia formal e obrigatória nas escolas públicas, esperava-se que pelo menos o livro estivesse disponível para os alunos; e ainda, a tradição da mídia impressa como uma das vertentes "formadora" da percepção dos brasileiros sobre a Amazônia. Mesmo com a afirmativa da Secretaria de Educação do Município de Óbidos (SEMED) no que diz respeito ao acesso ao material didático pela escola, durante a pesquisa exploratória que comecei um ano antes da ida a campo, ao chegar em *lócus*, o "olhar" deste estudo foi redirecionado e ampliado devido à ausência de exemplares dos livros na escola em número suficiente para os alunos.

[74] Para garantir a realização de uma investigação que utilizou técnicas do tipo etnográfico, na qual é inerente a observação participante, foi necessário me *apropriar* de diferentes procedimentos metodológicos e instrumentos de coleta: diário de campo; entrevistas semiestruturadas; grupo

Se não fosse essa flexibilidade, e, sobretudo preparação que recebi antes de nossa ida a campo, não teria aproveitado momentos importantíssimos e que não estavam planejados, como a visita às casas das crianças, a sessão de cinema e ainda os diversos vídeos que gravei com os alunos durante as atividades de integração dentro e fora do ambiente escolar.

A experiência de "leitor-que-escreve"[75]

Além de perceber o mapa traçado ou minimamente rascunhado em minha *cartografia movente*, interpretando tanto os pontos quanto às conexões e caminhos que me levaram de um lugar ao outro, me vi desafiada de modo bastante desconcertante, no momento da escrita da dissertação.

Como escrever e narrar o pensamento em movimento que tem múltiplos inícios e ainda mais pontos de saída, para não falar em final? Na cartografia acaba-se construindo mapas que visualmente falando parecem mais labirintos onde há entradas e muitas saídas. E no qual as entradas e as saídas podem ser qualquer um dos pontos. Têm-se então múltiplas maneiras de ler os pontos demarcados e os caminhos trilhados.

De modo sintético, mas muito esclarecedor Barros e Kastrup (2009) chamam a atenção para os dois sentidos que a palavra *processo* remete: processamento e processualidade. O primeiro remete à teoria da informação, evocando uma perspectiva de pesquisa centrada na coleta e análise das informações a partir de coordenadas teóricas e metodológicas já construídas. Já o segundo sentido remete, de acordo com as autoras, ao "coração da cartografia", pois a noção de processualidade permite investigar um processo em curso. Assim, o cartógrafo

---

focal; questionários de hábitos culturais e socioeconômicos; atividades específicas de vivencia e integração com as crianças que envolveram fotografia, música e a elaboração de desenhos; coleta de desenhos e redações das crianças a partir de diferentes temas durante atividades dentro e fora da escola, como seções de cinema na Igreja da comunidade e dinâmicas de grupo no barracão da comunidade; registro fotográfico de todas as atividades desenvolvidas; e captura em audiovisual das atividades que envolveram análise posterior de conteúdo (entrevistas, grupo focal, atividades de integração, recepção, observação).

[75] MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo*: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Tradução: Fidelina Gonzáles. Coleção Comunicação Contemporânea 3, São Paulo: Edições Loyola, 2004.

começa sempre pelo meio, já que não há início ou fim, mas um caminho em construção.

> No contexto da ciência moderna, as etapas da pesquisa [...] constituem uma série sucessiva de momentos separados. Terminada uma tarefa passa-se à próxima. Diferentemente, *o caminho da pesquisa cartográfica é constituído de passos que se sucedem sem se separar*. Como o próprio ato de caminhar, onde um passo segue o passo num movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes. *O objeto-processo requer uma pesquisa igualmente processual e a processualidade está presente em todos os momentos* [...] como veremos, na escrita dos textos (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 59, *grifo nosso*).

Cabe registrar ainda o quanto faz parte de meu perfil o hábito de a todo instante precisar organizar o que estou fazendo, lendo, pensando, vivendo. Acredito que por meio da elaboração de listas, e mais listas, sinto segurança em minhas ações, por isso, o exercício da cartografia teve uma dose extra de desafio. Ao mesmo tempo que a *cartografia movente* foi favorecida por essa característica pessoal, tendo em vista que ao registrar as ideias concateno melhor os pensamentos e assim potencializo as interpretações.

O fato é que foi preciso equilibrar minhas posturas, abandonando os radicalismos (ou pelo menos tentando) e deixando em evidência, em um plano ideal – que ainda estou distante de alcançar –, mais que as contradições existentes, os pontos comuns e contribuições das diferentes visões de mundo que carrego.

Diante disso, em um dado momento da pesquisa, foi necessário tomar decisões (não definitivas), de como começar a narrativa do trabalho, já que para relatar/expor minha caminhada – como em qualquer outro trabalho acadêmico – seria necessária uma condução linear na construção do texto, que por sua vez, não impedirá o leitor de trilhar rotas de pensamento e interpretação totalmente diferentes da **Proposta de Navegação**, apresentada. Como versa Schneider (2007), a ciência por si só é um mundo de ideias em movimento. Assim, o ato de relatar uma pesquisa representa "imobilizar essas ideias, torná-las estáticas" (SCHNEIDER, 2007), compondo uma sugestão de fio condutor de leitura, com entrada e saída demarcada no labirinto, mas não limitantes ao fluxo de pensamento e compreensão do leitor.

Mesmo tendo uma proposta predominantemente teórica, percebo que a construção do texto do trabalho só é possível pelo atravessamento dos dados das *realidades comunicacionais* observadas na região. Estes, mais que ilustrativos, são na verdade elementos que tensionados com as bases teórico↔metodológicas constituem a interpretação e o texto acadêmico em si, principalmente por estar falando de cartografia, que de modo resumido pode ser caracterizada como uma junção de mapas mentais e interpretativos de dadas realidades nunca estanques, mas *moventes*.

Mesmo refletindo e produzindo uma cartografia, como já referido, nem sempre se está preparado para encarar de pronto suas revelações. Por isso, considero curioso observar que esse movimento de tensionamento teórico e empírico – sendo a obra de Martín-Barbero tanto um quanto outro – tem uma espécie de composição "mágica", como reconhece Lopes (2010), quando um assunto do senso comum se transforma em tema de pesquisa e pelo amadurecimento teórico e construção conjunta com o empírico, nasce um objeto de estudo.

No movimento e em movimento com Martín-Barbero

Acredito que para compreender as trocas realizadas em uma determinada porção da Amazônia – leia-se, observar o objeto de estudo da área da Comunicação considerando o *lugar desde onde penso (e sinto)*, foi central me aproximar da obra de Martín-Barbero em busca de pistas e marcas de sua trajetória de pesquisa-vida. Ele começou a traçar seu percurso antes mesmo de chegar à América Latina, deixando-se afetar pela(s) realidade(s) observada(s) e vivenciando um permanente tensionamento, considerando que "a perda de certas seguranças continua a ser fundamental para que se possa ouvir o som das novas situações e dos novos problemas" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 123).

Como já mencionado por Rosário (2008), entre os elementos que constituem e dão o tom da cartografia, está a trajetória de vida e pesquisa do investigador. Após muitas idas e muitas vindas, consegui traçar o que possivelmente vem a ser

um registro de sua trajetória e das pistas da "cartografia [que] *se move*". Este, porém, não é linear e muito menos se deu de forma estanque ou desaliado de discussões estabelecidas com exemplos das *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)* da Amazônia. Como mencionei anteriormente, ao mergulhar na obra de Martín-Barbero já imbuída pela cartografia, fui registrando pontos principais, aos quais, posteriormente, retornei costurando elementos empíricos↔teóricos↔metodológicos, formando não mais um conjunto de pontos, mas linhas que marcam a caminhada de compreensão da *cartografia movente.*

"*Un forjador de horizontes perceptivos*"[76]

García-Canclini (1998) se refere a Martín-Barbero, entre outras coisas, como um intelectual que como ele também "desobedece" as rotinas das disciplinas e de modo especial e sutil consegue transitar e se colocar na intersecção entre saberes já acumulados e legitimados e conhecimentos recentes ou relativos ao que falta explorar e sistematizar. Esses dois aspectos são bastante sintéticos ao que mais me chama atenção e me envolve com a obra de Martín-Barbero desde a graduação e de modo especial no mestrado. A palavra desobedecer tem um sentido especial, pois por si só me remete a grande parte do que discuto ao longo do trabalho relacionado: à trajetória de pesquisa-vida de Martín-Barbero [77]; ao que vem a ser a *cartografia movente*; e ao processo de aprendizado que marcou a elaboração deste trabalho que foi delineado por idas e vindas e, sobretudo, impulsionado pelo desafio de romper e, afinal, "desobedecer" a visão

[76] VILLANUEVA, Erick R. Torrico. Un forjador de horizontes perceptivos. In: MARQUES DE MELO, José; DIAS, Paulo da Rocha (Orgs). *Comunicação, cultura, mediações:* o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero. São Bernardo do Campo : Umesp : Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999. p. 55-61.

[77] Nasceu em 1937, em Ávila, na Espanha e vive desde 1973 na Colômbia, onde foi nacionalizado cidadão colombiano em 2004. É doutor em Filosofia pela *Universidad de Lovaina*, Bélgica (1971) e pós-doutor em Antropologia e semiologia na Escola de Altos Estudos em Paris (1972 a 1973). Foi responsável pela criação do Departamento de Ciências da Comunicação da *Universidad del Valle*, em Cali na Colômbia. De 1999 a 2003, atuou como professor do Instituto Tecnológico de Estudos Superiores de Ocidente em Guadalajara (México). De 2003 a 2009, atuou como professor e coordenador de pesquisa da Faculdade de Comunicação e Linguagem da *Pontificia Universidad Javeriana* de Bogotá. Foi professor visitante de diversas universidades, entre elas Complutense de Madri, Autônoma de Barcelona, de Stanford, de Pittsbugh, de Buenos Aires, *Libre de Berlin*, *New York University*, *New School University* e da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade do Estado de São Paulo (USP). O currículo completo do autor está disponível em: <http://www.mediaciones.net/2009/12/curriculum/>.

estanque e objetiva que ainda tenho do mundo, da região e da comunicação, mesmo quando tudo a minha volta emana complexidade e é essencialmente constituído a partir de contradições.

Além disso, a trajetória de Martín-Barbero me inspira compromisso com a produção do conhecimento e, principalmente, envolvimento com a compreensão da realidade da América Latina e sua possível transformação social. Para Fabio López de la Roche (1998, p. 113), seu pensamento está "muy ligado simultaneamente a un claro sentido del compromiso social y político del investigador", o que pode ser observado, por exemplo, na atuação política que iniciou antes de sua vinda em definitivo para a América Latina. Mais que líder de instituições como a Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC)[78] e a Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social[79] (FELAFACS), Martín-Barbero sempre expressou e teve como base de suas ações o comprometimento com a produção de um conhecimento que permita entender o que acontece em cidades, bairros, famílias latino-americanas. Segundo o autor, inclusive, ele nunca atuou apenas como pesquisador. "Minha vida sempre esteve muito mais fora do que dentro da universidade. [...] sempre tive uma agenda política, não-partidária, muito envolvida com os movimentos sociais" (MARTÍN-BARBERO, 2012b, p. 4).

Como complementa Reguillo-Cruz (1998), Martín-Barbero é um

> pensador que no sabe ocultar los desgarramientos que le producen las realidades que aborda; el pensador que no disimula la satisfacción de descubrir 'las chapuzas', los ardides y tácticas que oponen los excluidos; el pensador irónicamente elegante que desliza, como no queriendo, cáusticos comentarios en contra de todo absolutismo (REGUILLO-CRUZ, 1998, p. 89)[80].

[78] Foi eleito presidente da ALAIC em 1978-1980. Vale ressaltar que esse dado foi retirado do site sobre a obra do autor <www.mediaciones.net>, na Aba Currículo, entretanto, neste mesmo espaço há uma página intitulada "Cronología de Jesús Martín-Barbero", na qual a entrada do autor na presidência da ALAIC aparece datada em 1979.

[79] É membro do conselho consultivo da FELAFACS.

[80] Diferente dos demais pesquisadores latino-americanos referenciados no trabalho, nos textos de Rossana Reguillo-Cruz encontrei muita dificuldade em compreender seu espanhol, por isso, optei por traduzir o trecho e agora disponibilizo a você leitor(a). Tradução livre do trecho: "pensador que não sabe ocultar a tristeza que lhe produzem as realidades que aborda; o pensador que não dissimula a satisfação de descobrir 'as gambiarras', os ardis e as táticas de que os excluídos fazem uso; o pensador ironicamente elegante que desliza, como sem querer, comentários cáusticos contra todo absolutismo".

Por abrir novos horizontes de pesquisa e ter uma atuação política não-partidária expressiva na área da Comunicação, Martín-Barbero tornou-se um dos mais respeitados e referenciados pensadores da América Latina – independente das críticas feitas a sua obra e atuação política não-partidária. Isso fez com que passasse, em países como o Paraguai, segundo Aníbal Orué Pozzo (1999, p. 63), de uma leitura considerada "alternativa" e periférica dentro das universidades, ao centro das discussões efetuadas nas disciplinas estruturantes dos cursos de Comunicação, como Teorias e História da Comunicação, por exemplo. Como anunciado no título de sua entrevista à Revista *Pesquisa FAPESP* (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), "Martín-Barbero fez da América Latina um laboratório de uma original teoria da comunicação" (MARTÍN-BARBERO, 2009c, p. 1).

Por conta do interesse recorrente pela América Latina, Roche (1998) assinala uma "vocación latinoamericanista" em sua investigação, o que levou Martín-Barbero a "construir una relación de comunicación permanente y atenta con la producción con los estudiosos de la comunicación y la cultura en muy diversos países", tais como García-Canclini, Beatriz Sarlo, María Cristina Mata, Carlos Monsiváis, Renato Ortiz, Rosa María Alfaro, José Joaquín Brunner, Oscar Landi e Martín-Hopenhayn (ROCHE, 1998, p. 114).

Na trajetória de Martín-Barbero, percebo o sentido de afeto e da pesquisa científica como uma escolha de vida. Mais que uma pesquisa de vida, trata-se de uma vida de pesquisa, em que se é cientista 24 horas e não apenas durante os compromissos protocolares da vida acadêmica. A vida pessoal e profissional se atravessam de tal forma que se complementam e até se confundem em alguns momentos, pois as duas são fontes de aprendizado, reflexão e produção de conhecimento, fontes diurna e noturna.

Em contato com a Autobiografia do autor, chama atenção a afirmação de que seu interesse pela investigação começa durante a convivência com sua mãe, que foi, segundo ele, a responsável por sintetizar em sua memória a mais clara noção de cultura popular[81]:

[81] Vale registrar que ao longo do trabalho recorri a diversos exemplos da trajetória de Martín-Barbero que considero centrais para a compreensão de que a "cartografia *se move*". Mesmo sabendo que em alguns momentos a descrição detalhada pode se tornar excessiva e cansativa, acredito ser válido registrar o máximo de informações encontradas já que o processo de pesquisa e

> su solidaridad en los duros tiempos de la postguerra, su capacidad de aglutinar a la gente para defender sus derechos, su generosidad quitándonos parte de lo que nos correspondía por la cartilla de racionamiento para dárselo a los más pobres, y también su profunda religiosidad, de la que según ella misma, era de donde sacaba su fuerza, su energía. [...] Y esto me marcó para toda la vida: yo no conocí una fe que no evadía del mundo, ni alienaba de los verdaderos y más terrestres problemas, sino todo lo contrario, generaba generosidad y alegría (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 23-24).

Ao falar de sua formação, Martín-Barbero (1999) também destaca o papel de seu primeiro professor de História da Filosofia que ainda no ensino secundário contribuiu significativamente com sua visão de mundo, pelo fato de tê-lo estimulado a pensar cultura para além da visão tradicional. Uma cultura que não está diretamente e somente ligada às artes ou aos livros, mas também a manifestações que se dão nas praças e festas. "Mi formación quedó así marcada por esas dos figuras que, desde los extremos de la cultura más popular a la más culta, convergieron sobre la articulación del proyecto de vida con el de trabajo" (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 24).

Desde sua mudança definitiva[82] para a América Latina em 1973, Martín-Barbero se permitiu afetar e envolver pelas singularidades do processo de formação dos estados nacionais nos países do continente, requerendo assim uma sucessão de deslocamentos teóricos. Entre eles merece destaque a compreensão da *comunição como um processo* no momento em que se *muda o local das perguntas* para a esfera da cultura, passando a encará-la como uma das categorias (para não usar variáveis)[83] constituidoras dos processos de comunicação multidimensionais.

Nas palavras do próprio Martín-Barbero (2009a, p. 29), *mudar o lugar das perguntas* significa

> tornar investigáveis os processos de constituição do massivo para além da chantagem culturalista que os converte inevitavelmente em processos de degradação cultural. E para isso, investigá-los a partir das mediações e dos sujeitos, isto é, a partir das articulações

---

sistematização das mesmas foi bastante dificultado pela forma dispersa como a produção de Martín-Barbero está distribuída pela América Latina.

[82] Como veremos, antes de se mudar para a América Latina, Martín-Barbero passa alguns anos na Colômbia atuando como professor de Filosofia, mais precisamente no período de 1963 a 1968.

[83] Faço esta indicação, tomando como base o quadro comparativo, proposto por Guillermo Orozco-Gómez e Rodrigo González (2011, p. 120-121), entre as perspectivas qualitativa e quantitativa de pesquisa, que ao longo do livro são apresentadas como complementares para um estudo em comunicação.

> entre práticas de comunicação e movimentos sociais (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p. 29).

Assim, essa mudança é bem mais do que os pesquisadores que criticam a obra de Martín-Barbero dizem ser sua filiação ao campo da cultura, pois como se viu, mudar o local das perguntas, não é necessariamente vincular essas perguntas em um espaço físico ou campo do conhecimento. Como já mencionei, apesar de não necessariamente trabalhar na mesma perspectiva de França (2001, 2006, 2008) e Braga (2011a, 2011b, 2012a, 2012b), as contribuições do autor não estão distantes da compreensão de processo comunicativo, bem como não o desvinculam da compreensão do que vem a ser o objeto de estudo da Comunicação.

Mais que a mudança de local para a cultura, talvez esse deslocamento represente uma mudança na forma como se pensa e responde as perguntas, como convida Morin (2009, 2010) a partir de um pensamento complexo. Assim não estamos falando de um local físico ou de uma área de conhecimento emparedada. Mas de um pensamento outro que percebe o total não com a pretensão de visualizá-lo como um todo, sabedor que nunca o alcançará em plenitude, pois muitos são os níveis de complexidade, estes passíveis de estudo quando se reconhece a incerteza[84].

Falando desta mudança, Martín-Barbero explica que

> A crítica tinha de ser radical: mudar de perspectiva exige não só mudar de método, pois não pode poupar-se o questionamento da matriz epistemológica-teórica dessa "ciência". O metodológico não é autônomo, sua coerência lógica é parte do projeto teórico, de uma particular concepção do objeto a partir da qual certos problemas são formuláveis e abordáveis e outros não. A armadilha do cientificismo consiste precisamente em proporcionar ao pesquisador a oportunidade ilusória de se sentir presente no processo social mas sem necessidade de tomar posse, sem assumir opção alguma. Diante dessa ilusão, que sem dúvida pode funcionar psicologicamente, embora a realidade social jogue por terra, a ruptura teórica implica exigências concretas no nível do projeto geral de transformação da *realidade pesquisável.* E isso tem incidência sobre os objetos e métodos (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 50 e 51).

[84] Vale ressaltar que *mudar o lugar das perguntas* também é recorrentemente atribuído ao deslocamento epistemológico que Martín-Barbero faz *dos meios às mediações* que, grosso modo, é percebido apenas como a saída dos estudos da esfera da produção para a recepção. Por conta dessa visão, ao se falar em *mudança no local das perguntas* não necessariamente se referencia a ruptura com a noção linear do esquema emissor-mensagem-receptor.

Seguindo na Autobiografia de Martín-Barbero (1999), ele afirma que apesar de muito curta, de apenas de um ano e meio, a experiência na Universidad de Tadeo Lozano foi suficiente para realocar seus projetos de investigação e atuação docente para o âmbito da Comunicação. Isto porque ele foi desafiado, imediatamente ao chegar a América Latina, a propor uma área de produção de conhecimento científico na instituição e, de modo mais específico, na então recém-inaugurada Faculdade de Comunicação Social da Universidade. Martín-Barbero afirma, inclusive, que já naquele momento foi convencido de que "la comunicación era un espacio estratégico para comprender algunas de las transformaciones más de fondo de nuestras sociedades" (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 29).

Diante dessa informação, vale ressaltar que a década de 1970 representou no Brasil, e em alguns países da América Latina, o primeiro período de criação acelerada de cursos de Comunicação nas instituições de ensino superior[85], sobretudo, públicas, motivado pelas recorrentes intervenções militares sofridas em muitos dos países da região na segunda metade do século XX. Este momento configura a segunda fase do processo de formação de um campo de estudo específico da Comunicação denominada por Marques de Melo (2003) de "assimilação universitária", em que "pressionadas pelo mercado, pelo Estado e pela sociedade civil", as universidades admitem os estudos na área de Comunicação a partir da criação de cursos profissionalizantes" (MARQUES DE MELO, 2003, p. 40)[86].

Vale complementar que no final dos anos 1970 foi criada na Colômbia a Asociación Colombiana de Facultades y Programas Universitarios en Comunicación (AFACOM), que atualmente reúne faculdades de Comunicação do país. O movimento de formação na área começa em 1936, com os cursos de jornalismo

[85] Segundo Gomes (2008, p. 110), até 1976 já haviam 43 cursos de comunicação no Brasil, concentrados em sua maioria em instituições da região Sudeste. Neste mesmo ano, de acordo com Malcher et al (2012), na região Norte, foi criada a Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Pará que foi responsável por mais de 20 anos, juntamente com o curso da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), criado em 1969, pela formação dos profissionais da área nesta parte do país.

[86] Marques de Melo (2003) aponta três etapas da formação do campo comunicacional, sendo: a primeira de "legitimação empírica" configurada pelo movimento de profissionais e pesquisadores da área de reunir em manuais e outras publicações reflexões sobre a prática comunicacional e as realidades em que atuavam; a segunda de "assimilação universitária", já citada; e a terceira de "reconhecimento acadêmico", marcada pela criação de programas de ensino e pesquisa fixos, como os programas de pós-graduação, que no Brasil datam de 1972, com a abertura do PPGCOM da Escola de Comunicações e Artes da USP.

ofertados pela Pontificia Universidad Javeriana de Bogotá, que em 1949 se converteu na primeira Escola de Jornalismo da Colômbia. Neste cenário o desafio de Martín-Barbero foi alinhar a ainda incipiente formação profissional em nível superior em Comunicação com a construção de um campo de investigação. Segundo ele, a ideia era "convertir esos estudios en Colombia en un área específica de producción de conocimiento" (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 29). Para isso, o teórico propôs uma abordagem de estudos dos meios, processos e práticas comunicacionais a partir das ciências sociais e de modo especial a partir de uma nova visão da cultura, constituída, como já mencionei, essencialmente por uma *natureza comunicativa da cultura.*

Em entrevista, o autor revela inclusive, que "para [sua] surpresa [...] e de muitos outros, não só o Ministério da Educação aprovou o projeto, como o recomendou para outras escolas" (MARTÍN-BARBERO, 2012b, p. 3). Processo a partir do qual ele pode conhecer o funcionamento das faculdades de Comunicação da Colômbia – "em geral, uma mistura de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade. Um pouco de tudo, e nada de nada" – e se aproximar de forma intensa do cenário político do país. Com isso, sentiu-se pronto para vivenciar o que considera "la aventura más larga y densa de mi vida" (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 30): a criação do Departamento de Ciencias de la Comunicación na Universidad del Valle, em Cali[87], a segunda instituição universitária mais antiga da Colômbia.

Como abordo de modo detalhado adiante, a relação de Martín-Barbero com a América Latina começa bem antes de assumir um papel central na produção de conhecimento na área da Comunicação e estudos da cultura. No período de 1963 a 1968, o autor vivencia uma experiência que considera esplêndida: vir morar na Colômbia com um grupo de amigos como alternativa para fugir do franquismo[88]. Entre outras atividades, ele trabalhou como professor de Filosofia e dirigiu um centro de estudos universitários, que foi palco de inúmeros debates e estava aberto aos conflitos e movimentos sociais da época. Segundo o autor, nesses anos a sensação era de que poderia "tocar la revolución con las manos. Una revolución

[87] Pela importância dessa cidade na trajetória de Martín-Barbero, considerei válido registrar que ela foi fundada em 1536 e tem mais de dois milhões de habitantes, sendo a terceira mais populosa da Colômbia. É a capital e a maior cidade do Vale do Cauca e está situada entre a cordilheira ocidental e a cordilheira central dos Andes, nas margens do rio Cauca.

[88] Regime político ditatorial que vigorou na Espanha, no período de 1939 e 1976, liderado pelo general Francisco Franco.

que iba realmente, como diría el Che, a crear un hombre nuevo" (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 25).

> Cheguei lá como professor de filosofia em um momento em que a América Latina vivia o céu – quase o tocávamos com as mãos. Havia estourado a Revolução Cubana, e, em todo o mundo universitário, vivia-se uma onda revolucionária muito forte — embora ingênua, se vista com os olhos de hoje (MARTÍN-BARBERO, 2012b, p. 2).

Diante da afirmação, me chama atenção o entusiasmo e até o deslumbramento que Martín-Barbero expressa ao retomar na memória os sentimentos que o moviam em seu primeiro contato com a América Latina. Apesar do nível de amadurecimento teórico que chegou com o passar dos anos, ao registrar suas memórias, ele revela o vigor dos sentimentos de curiosidade e deslumbramento que o acompanham desde a juventude, próprios e permanentes na conduta de um pesquisador apaixonado pelo que faz.

Menciono isso porque ao longo da dissertação observei que meus posicionamentos, mesmo com a atenção necessária no exercício da *cartografia movente*, acabam dando vazão a um entusiasmo puro e por vezes inocente, por não me dar conta da quantidade de questões envolvidas em uma simples afirmação. Acredito que estes são posicionamentos ainda não lapidados pelo fazer pesquisa, experiência que paulatinamente vai tensionando as impressões do pesquisador com o teórico↔metodológico e amenizando o que nos deixa perplexos – sem exagero! – ao observar os objetos de estudo da Comunicação acontecendo no ritmo da vida.

Também em sua autobiografia, Martín-Barbero (1999, p. 25) comenta que a decisão de ir para a América Latina se deu menos pela atração por conhecer o continente e mais pela "imperiosa necesidad de salir de una España terriblemente sombría". E nessa época a América Latina era sinônimo de liberdade e de aventura. O autor conta que antes do intercâmbio, ele já tinha contato com produções culturais de alguns países latino-americanos, sobretudo, livro e filmes, a partir da entrada e circulação clandestina desses conteúdos na Espanha.

> como uma maneira de lutar contra essa imposição [referência ao franquismo], nós escutávamos quase que o tempo todo música francesa e, principalmente, latino-americana. [...] Fomos muito influenciados também pelo cinema latino-americano, em especial o argentino. A verdade é que, naquele momento, aprendi muito

> mais com a cultura de meus amigos do que com a de meus pais e a de meu povo. [...] Conseguíamos ler e escutar coisas que a grande maioria não podia, por meio de amigos dos amigos, as redes organizadas clandestinas... Livros estupidamente proibidos [...] só eram conseguidos às escondidas, muitas vezes por membros do Partido Comunista que os traziam da Argentina e do Brasil. Dessa maneira também chegava a música. Facilitava o fato de haver muitos exilados espanhóis na Argentina e no México, embora o que os motivasse era a possibilidade de apresentar a pessoas como eu um horizonte diferente do oferecido pela universidade submetida a Franco (MARTÍN-BARBERO, 2012b, p. 1-2).

Em 1968 o autor retorna para a Europa e inicia o Doutorado em Filosofia pela Universidade de Lovaina, sob a orientação de Jean Ladriére[89]. Por conta da experiência na América Latina, logo após seu retorno Martín-Barbero imediatamente começou a trabalhar em uma organização de latino-americanos que estavam exilados em países europeus, o SEUL (Servicio Europeu de Universitarios Latinoamericanos). Nesse processo conseguiu conciliar os encontros do trabalho com os estudos de doutorado. Entretanto, ao longo desse período, o que mais marcou sua experiência foi o contato com os estudantes do SEUL do que com o que estudava na universidade, tanto que isso motivou, anos depois, seu posterior retorno e fixação na América Latina. "Cuando terminé mi tesis de doctorado y la defendí, yo ya sentí que mi espacio vital era América Latina" (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 27).

Esse contato com latino-americanos influenciou diretamente a pesquisa de Martín-Barbero, que já propunha uma combinação de autores contemporâneos da filosofia e da sociologia[90], diferente das teses apresentadas em Louvaine, que se dedicavam de forma exaustiva à compreensão da obra de um único autor – como acabei fazendo com Martín-Barbero em busca de marcas de sua pesquisa-vida, centrais para a compreensão posterior da *cartografia movente* como postura de pesquisa em Comunicação na Amazônia.

A intenção do trabalho de Martín-Barbero era propor um "proyecto de liberación", percebido pelo orientador mais como um projeto de livro latino-americano do que como uma tese de doutorado. Apesar de ser cúmplice da ideia e dimensionar a profundidade da proposição de seu orientando mais latino que

[89] A escolha de Martín-Barbero por esse professor se deu pelo interesse que o mesmo tinha sobre questões ligadas à América Latina, e por ser, em sua opinião, "uno de los profesores más lúcidos y progresistas de Lovaina" (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 26).

[90] Entre os autores citados por Martín-Barbero (1999, p. 27) estão Merleau-Ponty, Paul Ricoeur, Alain Touraine, Lucien Goldman, Marti y Neruda, Noam Chomsky.

espanhol, Ladriére foi questionado sobre a pertinência do trabalho oito dias antes da defesa, por um dos membros da banca examinadora, que qualificou a tese como um "panfleto político".

Outro fato interessante foi que Martín-Barbero fez questão de entregar a tese escrita em espanhol diferentemente do que se aceitava na universidade. Segundo o autor "Si en Lovaina había tesis en inglés, en alemán e incluso en italiano, ¿por qué? – habiendo cuatro mil latinoamericanos – no teníamos derecho a hacer la tesis en castellano?" (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 27).

Já considerando as críticas que haviam sido expressas sobre o trabalho, Martín-Barbero (1999) conta que iniciou a defesa explicando que diferente de outras teses que representavam um ponto de chegada de anos de pesquisa, a dele correspondia a um ponto de partida para pelo menos 20 anos de investigação – e ele não estava mentindo! E com isso, ao invés de questionarem a validade da tese do ponto de vista da filosofia, os avaliadores surpreendentemente iniciaram um debate relativo à visão que tinham sobre a realidade latino-americana. Tanto que segundo o autor foram duas horas em que os jurados expuseram noções totalmente estanques do que representava cidadania, desenvolvimento, entre outros conceitos que liam apenas a partir de suas bases teóricas puras e não tensionadas com outras realidades que não as da Europa – se é que tensionadas, já que a *dependência*[91] teórica não é uma exclusividade latino-americana.

Os avaliadores questionaram, por exemplo, a afirmação que Martín-Barbero fazia de que em países latinos como Guatemala, Honduras, Equador, Bolívia e Peru, grande parte da população para "ser cidadão" precisava renunciar de seu idioma. Na Introdução da Tese, publicada em 1972 com o título *La palabra y la acción. Por una dialéctica de la liberación*, encontramos um trecho que nos parece responder ao questionamento dos avaliadores de Martín-Barbero:

> ¿Cómo hablar de esas masas campesinas recién llegadas a la gran ciudad con su idioma de lluvias y de surcos y que se ven reducidas de golpe a la mudez frente al asfalto, el ruido, las mil cosas, los cien mil discursos, el trabajo en cadena y la nueva fatiga? (MARTÍN-BARBERO, 1972, p. 14)[92].

[91] Novamente faço referência a um dos termos que integra o mapa relativo aos tipos de uso teórico nas pesquisas em comunicação que detalharemos a seguir.

[92] Para referenciar a página utilizei a numeração da versão em pdf. da Introdução do livro disponível no *Scrib* (site/biblioteca digital de compartilhamento, gratuito ou não, de publicações) e que tivemos acesso a partir do site <www.mediaciones.net/>. Assim, esse número não

Pelo tom da discussão durante a defesa, Martín-Barbero (1999) explica que para os examinadores, indígenas não eram considerados agentes sociais e políticos, mesmo sendo esta população majoritária em muitos dos países latino-americanos.

Após a arguição, Martín-Barbero (1999, p. 28) conta que para sua surpresa foi aprovado com distinção e que aquele momento revelou para os próprios amigos latino-americanos que assistiam à defesa – "incluso los más progresistas" – o quanto se tinha uma imagem deturpada e conservadora da América Latina, que ele já no doutoramento insistia em "quebrar", como se pode observar em mais um trecho da tese:

> No estamos aflorando ningún pasado, ni buscando la salida del círculo, sino intentando interrogar al problema de nuestra época para desmitologizar esa dicotomía con que los países ricos intentan intimidar a los países pobres. Según aquellos el único futuro de éstos, su desarrollo, está forzosamente ligado a la aceptación de un tipo de racionalidad productiva, única capaz de arrancarles de la miseria, aunque ello suponga la muerte lenta (MARTÍN-BARBERO, 1972, p. 13).

Esse exemplo me remete ao fato de que Martín-Barbero, um autor estrangeiro, foi quem propôs uma outra forma de compreensão da América Latina, que ainda precisa ser melhor conhecida e reconhecida. Não há como negar sua contribuição para a área da Comunicação e, sobretudo, para o deslocamento do olhar para o quanto a diversidade das *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)* latino-americanas tem a dizer sobre nós mesmos.

O mesmo pode ser observado quando penso nas pesquisas sobre a Amazônia que em grande parte são desenvolvidas por pesquisadores de fora como destaca Alex Bolonha Fiúza de Mello (2007)[93]. No caso dos estudos de Comunicação no Norte, que ainda estão em processo de consolidação, sobretudo com a implantação de dois programas de pós-graduação na área[94], o volume de produção ainda é pequeno se comparado às demais regiões do Brasil. Diante disso é preciso agilizar

---

necessariamente corresponde à numeração da página em que este trecho está localizado na edição impressa do livro.

[93] O referido autor foi reitor da Universidade Federal do Pará, no período de 2001 a 2009.

[94] O PPGCOM da UFAM entrou em funcionamento em 2008 e as primeiras defesas ocorreram no segundo semestre de 2010. Mais informações em: <http://www.ppgccom.ufam.edu.br/>. No caso do PPGCOM da UFPA, o Mestrado Acadêmico foi aprovado em março de 2010 e a entrada da primeira turma se deu em agosto do mesmo ano. As primeiras defesas tiveram início em junho de 2012. Informações: <http://www.ppgcom.ufpa.br/>.

a consolidação de um grupo de pesquisadores qualificado e envolvido com a compreensão das múltiplas *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)* que compõem a(s) Amazônia(s). Com a criação dos PPGs – mas não somente – há a possibilidade de não se ter apenas a visão externa à região, mas um diálogo entre os que olham para cá e os que olham de cá.

Tenho que convir também que algo que provoca a incompreensão e o desconhecimento que ainda tenho da região – a Amazônia e, por sua vez, América Latina – é a falta de hábito de adotar e compartilhar conhecimentos com os pesquisadores que estão produzindo sobre e no local. Como discutido em fóruns internos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA, ainda se estabelece pouco contato com as produções dos demais centros de pesquisa dentro da própria universidade, bem como se lê e se apropria pouco dos resultados das pesquisas desenvolvidas na Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Além disso, não somos estimulados a conhecer os latino-americanos durante a formação nas Faculdades de Comunicação[95], também parecemos não ter interesse, pois nem mesmo nos damos ao trabalho de visitar as referências bibliográficas dos poucos livros com os quais temos contato[96]. No caso de *DMM*, por exemplo, mais da metade das 400 obras citadas, de acordo com informação do próprio Martín-Barbero (1999), são de autores latino-americanos, alguns deles centrais para a formulação do conceito de *mediações*. O mesmo acontece em *Ofício de cartógrafo*, que das 437 obras citadas, 208 são de autores latino-americanos[97].

Assim, no momento da leitura de *DMM* e *Ofício de cartógrafo* acabei reconhecendo e fixando apenas que os autores citam teóricos como Theodor

---

[95] Ver: MALCHER, Maria Ataide; LOPES, Suzana Cunha. Perfil das disciplinas de Teorias da Comunicação no Estado do Pará. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. *Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2011. p. 1-16.

[96] Ao falar da proposta de criação do "Grupo de Pesquisa Mídia e Culturas digitais na América Latina" na Intercom, a professora Maria Cristina Gobbi, comentou que o contato dos brasileiros com os autores latino-americanos está concentrado em autores como Martín-Barbero e García-Canclini e quase que limitado às obras mais famosas, *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, do primeiro, e *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, do segundo.

[97] Considero importante registrar que além de contabilizar as referências bibliográficas de *DMM* e *Ofício de cartógrafo*, foi criado um banco de dados específico para coletar todas as informações sobre as obras citadas por Martín-Barbero, seja livro, capítulos em livros organizados ou ainda artigos em periódicos. Apesar de não ter sido apresentado neste trabalho, destaco que o levantamento e o preenchimento do banco foram concluídos.

Adorno, Sigmund Freud e Edgar Morin, passando de forma despercebida nomes como Norbert Lechner, Carlos Monsiváis, Luis Ramiro Beltrán, Manuel Martín Serrano[98], entre outros. Acredito que esse distanciamento tanto com a produção latino-americana quanto amazônida, pode ser atribuído também em grande medida à formação que recebemos ainda na escola básica e fundamental de que o conhecimento está *fora*, no mais amplo sentido da palavra. E nesse estar *fora*, observo dois sentidos convergentes: 1) ligado à formação eurocêntrica ofertada às instituições a partir da qual aprende-se que o conhecimento produzido na América Latina, e por consequência na Amazônia, não são legítimos como os da Europa, verdadeiro celeiro de produção intelectual; 2) ainda por conta da formação eurocêntrica, aprende-se que o conhecimento está quase que exclusivamente nos livros, sendo estes os únicos saberes verdadeiros. Por isso, nas nossas escolas pouco se ensina que se pode e deve buscar saberes também junto aos pais, avós e vizinhos que conhecem e muito das realidades vividas e inclusive presenciaram os mais diversos acontecimentos de uma história não sistematizada.

Lembro-me de uma experiência que vivi durante uma disciplina chamada "Estudos Amazônicos" que cursei na 5ª serie do Ensino Fundamental[99], período em que morava no município de Óbidos. Além de nas primeiras atividades ter trabalhado, juntamente com os colegas de turma, com o reconhecimento do mapa da região – identificando os diferentes aspectos geográficos (extensão territorial, relevo, vegetação, clima, etc.) –, tive a oportunidade de fazer um levantamento das ditas "riquezas naturais" da nossa região.

---

[98] Este autor, especificamente, é conhecido por ter sido o primeiro a trabalhar com a noção de *mediação social*, considerada, segundo Maldonado (2008, p. 5) uma proposta revolucionária que surgiu nos anos 1980 e que se constituiu como "uma vertente crítica relevante para o processo de confrontação e desmontagem da hegemonia penetrante do *funcionalismo* no campo de pesquisa e produção teórica em comunicação". De acordo com Orozco-Gómez (1998), o conceito se referia à função desempenhada pelos meios de comunicação de massa na realidade social. Nesse sentido, haveria dois tipos de mediação: a "estrutural" que diz respeito à "capacidad de los medios em tanto dispositivos de comunicación para conformar su apreciación de los hechos sociales"; e a "cognitiva", ligada à "capacidad de los medios de conferir determinada orientación a sus contenidos; lo que ahora llamaríamos representación mediática" (OROZCO-GÓMEZ, 1998, p. 93-94). Nesse sentido, a grande diferença para a proposta de Martín-Barbero é que mediação de Serrano está essencialmente ligada e limitada aos meios.

[99] Cursei esta disciplina na Escola Municipal de Ensino Fundamental "São Francisco" em 2000, ano em que a escola passou a ser mantida pela Prefeitura do município. Em pesquisa sobre a fundação da escola, que data de 1911, encontrei um texto bastante interessante sobre sua história que fiz questão de compartilhar como fonte consultada neste trabalho: <http://www.chupaosso.com.br/index.php/obidos/educacao/17-100-anos-da-escola-sao-francisco>.

Nesse rol de "coisas" que precisava conseguir e levar amostras para sala de aula, encontravam-se desde minérios como bauxita, ferro, ouro, até ervas dos mais diferentes tipos, formatos e cheiros que até hoje não sei muito bem para que servem, mas que tem faculdade medicinal. Eu e os colegas reunimos também flores ornamentais e folhas de algumas espécies da região, com ajuda das amigas de minha avó que tinham em seus quintais ou jardins algumas dessas amostras.

Observando hoje está experiência, também vivenciada por meu irmão um ano antes, dimensiono o quanto ela repercutiu em minha formação e o quanto poderia ter contribuído, ainda naquele momento, para que eu e os colegas de turma começássemos a ter uma visão ampliada sobre o que é conhecimento – que não se limita ao conhecimento formal –, bem como uma postura diferente da que temos, de menos estranhamento em relação ao que compõe a Amazônia.

A noção hegemônica de conhecimento formal era – e ainda é – tão marcada seja na escola, em casa e junto de minha família, que lembro da dificuldade que tive para fazer esse trabalho, pois para descobrir o uso da semente do *cumarú*[100], por exemplo, não pude ir até a biblioteca pesquisar e sim tive que conversar com minha avó ou com o senhor[101] que vendia todo tipo de "remédio natural" e tinha experiência do uso e preparo de cada uma dessas ervas.

Ao retomar na memória essa experiência, me pergunto como seria desenvolver um trabalho como esse se estivesse estudando em Belém? Tenho certeza que seria quase impossível, já que esses conhecimentos apesar de circularem ainda com muita força em nossas *cidades-floresta* (PACHECO, 2006), para maioria das pessoas não tem valor ou não fazem parte de seu cotidiano. Vale ressaltar que ao comentar isso não estou questionando os hábitos próprios da vida urbana, mas sim refletindo sobre minha própria postura frente a esse tipo de situação.

---

[100] Semente oriunda de uma árvore de pequeno porte chamada Cumarú, presente na América Latina, de modo especial, na região amazônica. Entre outras potencialidades, a semente tem efeito anti-inflamatório e anticoagulante e é indicada para tosse, resfriado, gripe, asma, problemas respiratórios, febres, hemorragias e inflamações. Pelo aroma, o cumarú também é usado em perfumes e cosméticos e ainda na culinária, na aromatização de chocolates, bebidas e ainda elaboração de essência como a de baunilha, utilizada em bolos. O óleo da semente é recomendado para dores de ouvido (PLANTAMED; BLOG ERVAS E INSUMOS, acesso em 18 jun. 2013).

[101] Infelizmente não sei o nome completo deste senhor, mas ele era conhecido como Seu Bermuda e tinha uma pequena loja próxima à praça José Veríssimo, no centro de Óbidos. Na última vez que estive no município (junho de 2013), vi que sua loja não existia mais e que pelas informações dos moradores ele ficou doente e por isso foi para Manaus, no Amazonas, de onde nunca mais retornou.

Esta reflexão passa pela noção da necessidade de equilíbrio no ato de cartografar, o que não implica a igualdade do ponto de vista quantitativo entre as "partes" teórica, metodológica e empírica. Na verdade, o equilíbrio é mensurado pela necessidade do objeto de estudo que em dados momentos pode “exigir” mais elementos teóricos do que empíricos, e vice-versa. No exercício cartográfico, sobretudo em uma investigação de cenários latino-americanos e amazônidas, não há como não haver elementos das três esferas necessárias à constituição do conhecimento científico. Grosso modo, diria que a *cartografia movente* é por si só uma postura que percebe teoria, metodologia e empiria em perfeita comunicação!

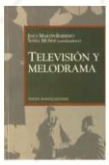
Aventuras do autor

Como parte considerável da aventura de Martín-Barbero, estão seus livros, abaixo relacionados por ano de publicação:

Figura 3 Produção intelectual em movimento (Livros)

Procesos de comunicación y matrices de cultura: itinerario para salir de la razón dualista

Gustavo Gili, México, 1988



Televisión y Melodrama: Géneros y lecturas de la televisión en Colombia

Tercer Mundo, Bogotá, 1992

Autoria de Jesús Martín-Barbero com Sergio Ramírez Lamus, Elizabeth Lager, Nora Segura Escobar, Clara Llano e Sonia Muñoz

Pré-textos: Conversaciones sobre la comunicación y sus contextos

Universidad del Valle, Cali, 1995

Proyectar la comunicación

Tercer Mundo, Bogotá, 1997

Coordenação de Jesús Martín-Barbero e Armando Silva

Mapas nocturnos: Diálogos con la obra de Jesús Martín-Barbero

Siglo del Hombre Editores/DIUC, Bogotá, 1998

Organização de María Cristina Laverde Toscano e Rossana Reguillo

Los ejercicios del ver: Hegemonía visual y ficción televisiva

Autoria de Jesús Martín-Barbero e Germán Rey

Gedisa, Barcelona, 1999

Em 2001: Os exercícios do ver: Hegemonia audiovisual e ficção televisiva (Senac, São Paulo)

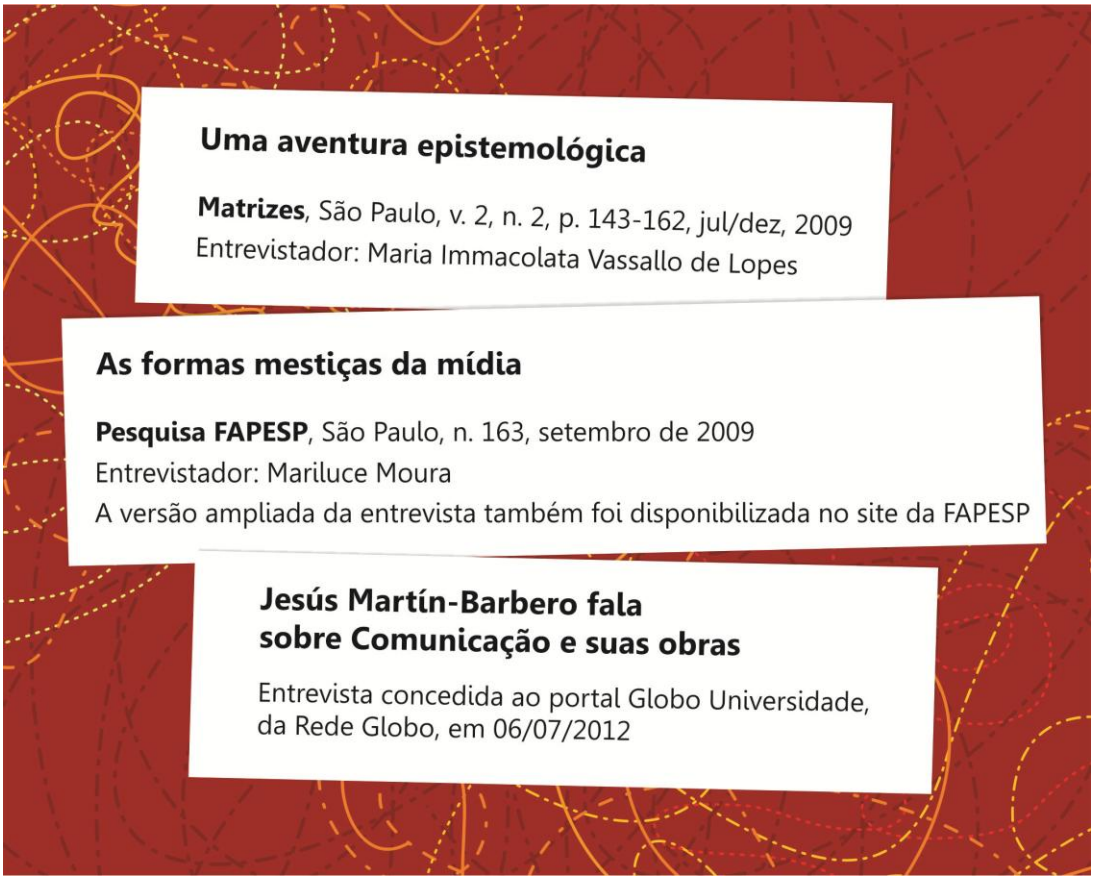
Desse total, tem reconhecido destaque *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, lançado em quatro idiomas diferentes com várias edições cada uma. Longe de ser a única obra de fôlego de Martín-Barbero, é, porém, com toda certeza, a mais importante e reconhecida produção do autor ao redor do mundo. Tanto é que este aparece em primeiro lugar em número de referências feitas a Martín-Barbero, o que equivale a 55% das citações (BONIN, 1999).

Para muito além dos livros, Martín-Barbero possui dezenas de artigos publicados em periódicos científicos, em sua maioria de origem latino-americana. Do mapeamento feito para o desenvolvimento da dissertação, cheguei a identificar a partir das listas de referências bibliográficas dos livros de Martín-Barbero e, sobretudo de autores latino-americanos que comentam sua obra: 22 artigos publicados em periódicos científicos, principalmente na década de 1990, e sete

capítulos em livros organizados. Confira a lista completa nos APÊNDICES da dissertação (ver página 188).

Na pesquisa, reuni também entrevistas publicadas no Brasil que tem sido, em especial a dos últimos anos, espaços em que o autor explica melhor seus posicionamentos e lança atualizações sobre determinados conceitos[102].

Figura 4 Conceitos em movimento: entrevistas com Martín-Barbero



Entre os pontos centrais para compreensão da obra de Martín-Barbero está o que ele intitula de *razão dualista*. Desde sempre em sua carreira lutou contra o dualismo ou a polarização de aspectos da realidade que acaba limitando as pesquisas e tornando os resultados quase que absolutos. Como afirma Morin (2009, p. 59), "conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza".

[102] Como já citado ao longo do trabalho, encontramos também textos do autor ou vídeos que são resultado de compilações e registros de suas conferências em diferentes eventos de Comunicação e das Ciências Sociais, em diversos países da América Latina. Confira a lista em APÊNDICES, página 190.

Apesar de seguir nessa desconstrução da *razón dualista* em *DMM*, Martín-Barbero trava de forma mais aberta essa batalha no livro *Procesos de comunicación y matrices de cultura: Itnerario para salir de una razón dualista*, – não traduzido para português –, publicado em 1988, um ano depois da primeira edição de *De los medios a las mediaciones* em 1987. Pelo contato que tive com a obra do autor, esse livro é pouquíssimo citado inclusive pelos pesquisadores que estudam suas contribuições no campo da Comunicação e das Ciências Sociais.

Tanto é que, infelizmente, só tive contato com ele na fase final de escrita deste trabalho e apenas por meio de trechos/partes disponíveis na internet, já que o exemplar completo não foi encontrado para compra e nem em bibliotecas que consultei no Brasil. Por conta disso, em um primeiro momento tive como referência das produções de Martín-Barbero que antecederam o lançamento de *DMM* os textos reunidos em *Ofício de cartógrafo*.

Entre outros aspectos que definem a importância desses textos, está a clareza com que o autor expõe os argumentos e os exemplos dos cenários empíricos que o motivam a questionar determinados posicionamentos teóricos. Considero inclusive que para quem deseja compreender *DMM*, *Procesos de comunicação* y *matrices de cultura: Itnerario para salir de una razón dualista* é parada obrigatória e extremante vantajosa para o entendimento do pensamento do autor, que em sua obra mais famosa, pela quantidade e densidade de informações, parece em um primeiro momento ter um texto bastante hermético.

No livro, Martín-Barbero (1988) apresenta o *lugar de partida* adotado para discussão, centrado em uma reflexão elaborada entre os anos de 1975 e 1977 e publicado em 1978, sobre os impasses da pesquisa latino-americana em Comunicação. Como ele reafirma em *Ofício de cartógrafo*, no início da década de 1970, as Ciências Sociais travam na América Latina "uma batalha particular, ao mesmo tempo contra a fascinação científica de um funcionalismo onipresente e contra a inércia de uma dogmática e uma escolástica marxistas" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 45).

De modo específico, o autor destaca a característica principal do positivismo a partir da qual, contraditoriamente, ainda hoje este se legitima: "la separación, el distanciamiento entre *el contenido* de lo que vivimos y *la forma* legitimada de lo

conocible, y la operación de seducción que aún sobre sus más encarnizados adversarios aquél ejerce".

> A persistência dessa teoria alimenta uma particular esquizofrenia. Esquizofrenia que se faz visível em tantas pesquisas que se proclamam críticas, com uma concepção totalizadora do social, porém cujo método, cuja prática analítica fragmentam o real e impedem de conhecer aquilo que inicialmente se colocava como objeto. Atenção, porque o problema não se situa no âmbito do "subjetivo", não é um problema de erro dos pesquisadores. *Essa esquizofrenia nos remete outra vez à concepção instrumentalista dos métodos e das técnicas, que é predominante em nossas universidades através desses cursos de método nos quais se ensina "funcionalismo-marxismo-estruturalismo"* (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 62-63, *grifo nosso*).

Martín-Barbero (1988) afirma que tanto o materialismo histórico quanto a semiologia de base estruturalista acabam limitando suas análises a uma visão totalizante dos processos sociais ou à redução das tramas de sentido à "superestrutura". Daí o tom de permanente denúncia nos estudos de Comunicação que se caracterizavam mais como tomadas de posição.

> o que aparece é o projeto de denúncia política que atravessa a *pesquisa* crítica de ponta a ponta, articulando a forma de seu discurso a uma explicita tomada de posição: se a comunicação é cenário privilegiado da dominação ideológica, não se trata então de *compreender* o funcionamento discursivo da ideologia mas de *fazer frente* às implicações práticas de sua enganosa neutralidade. [...] *o caráter denunciador conduz a uma excessiva generalização dos processos e a uma unidimensionalização do sentido das práticas* (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 46, *grifo nosso*)[103].

Ainda no livro *Procesos de comunicación y matrices de cultura*, Martín-Barbero (1988) detalha a problemática do que ele chama de "*opacidad de los discursos*", a partir da qual os estudos relativos ao discurso dos meios de comunicação se resumiam a constatar o conteúdo ideológico das mensagens e sua constante manipulação. "Lo que empieza a cambiar es el horizonte de problemas

[103] Vale ressaltar que o trecho citado é de *Ofício de cartógrafo*, no qual observamos uma retomada dos textos que Martín-Barbero lançou em 1988 em *Procesos de comunicación y matrices de cultura*. Mesmo não podendo afirmar, temos como suspeita que por ter sido uma obra pouquíssima difundida – tomando como base o levantamento que fizemos nas referências bibliográficas de autores latinos, incluindo o próprio Martín-Barbero –, parte considerável das discussões já apresentadas foram retomadas em 2002 pelo autor, ao reunir o material que deu base para *Ofício de cartógrafo*, lançado em português dois anos depois. Na introdução do referido livro, porém, há explicitado que ele é resultado de um pedido feito à Martín-Barbero para juntar em um único volume os textos que publicou na década de 1990 e da "necessidade de pôr alguma perspectiva histórica latino-americana num campo de pesquisa cuja pouca idade, somada à aceleração das mudanças que atravessa, o fazem presa fácil dos espelhos sedutores proporcionados pela tecnologia" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 9-10).

en que los medios aparecen al romperse con la inercia teórica del modelo aceptado por el análisis crítico e introducir articulaciones nuevas" (MARTÍN-BARBERO, 1988, p. 4) [104].

Ao observar essas questões, o autor desenvolve uma auto-reflexão paralela sobre sua postura de pesquisa nos primeiros estudos desenvolvidos na América Latina, entre os quais deram base para a elaboração do livro *Comunicación Masiva: discurso y poder*.

Por conta disso, o autor destaca a necessidade de olhar de modo diferente os meios de comunicação massivos, de forma a desmistificar a carga ideológica que era atribuída tão somente a suas mensagens. Apesar de já ter iniciado essa reflexão sobre o discurso na Europa, ao chegar na América Latina isso foi intensificado, sobretudo, tendo em vista os tipos de uso teórico feitos na região, percebidos por Martín-Barbero como leituras desviadas. A proposta é que "ao 'afundar' o discurso maciço na espessura das matérias e dos corpos, e ao fazer emergir seus baixos fundos", encontremos uma história feita de discurso, mas também de poder e desejo. E como o autor complementa: "não de um poder e de um desejo abstratos mas desses bem concretos que amordaçam e lutam no cotidiano de nossas massas da América Latina" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 69).

Dando sequência ao livro, Martín-Barbero (1988) faz referência ao deslocamento relativo a alternar a noção do popular como algo folklorizado, para um popular que se converte na espessura maciça do urbano. Essa compreensão é para o autor, a verdadeira ruptura do seu pensamento, pois não se deu apenas no nível da ampliação do esquema teórico para incluir os meios de comunicação, mas sim situar a questão em outro nível. Nas suas palavras:

> ni el desenmascaramiento de la ideología que estructura los mensajes, ni la puesta al descubierto de los circuitos y las tramas de poder que articulan los medios nos han asomado a la *experiencia,* al modo en que la gente percibe, siente y vive los procesos de comunicación que investigamos (MARTÍN-BARBERO, 1988, p. 6).

[104] Também para referenciar partes desta obra, utilizei a numeração de página da versão em pdf. da Introdução do livro disponível no *Scrib* (site/biblioteca digital de compartilhamento, gratuito ou não, de publicações) e que tivemos acesso a partir do site <www.mediaciones.net/>. Assim, esse número não necessariamente corresponde à numeração da página em que este trecho está localizado na edição impressa do livro.

Pelo contato que estabeleci com a obra do autor, acredito que esse ponto é o que mais deixa clara a contribuição da realidade empírica dos países latino-americanos na constituição do pensamento de Martín-Barbero, e na reconfiguração de sua trajetória de pesquisa-vida. Segundo o autor, a sensação é de "desencuentro entre el trabajo teórico y la experiencia social".

> Un desencuentro especialmente significativo en países en los que ni la comunicación socialmente relevante tiene su lugar único en los medios, ni lo que pasa por ellos puede ser comprendido por fuera del espacio socio-cultural desde el que los medios son percibidos, mirados, escuchados o leídos. Comienza así una búsqueda que me alejará del territorio acotado por las disciplinas que estudian la comunicación y me pondrá en contacto con otros territorios y otros saberes –históricos, antropológicos, estéticos– desde los que se irá gestando una forma otra de pensar la comunicación (MARTÍN-BARBERO, 1988, p. 6).

Mesmo suscitando questões apontadas anteriormente sobre a postura de pesquisa de Martín-Barbero, essa citação abre espaço novamente para a discussão sobre como o teórico percebe o estudo em Comunicação, que não pode, para ele, estar preso a uma disciplina.

A questionada e surpreendente América Latina

Ainda sobre a trajetória de Martín-Barbero destaco mais um trecho da autobiografia em que o pesquisador comenta as críticas que recebeu ao decidir radicar-se na América Latina ao invés de se fixar em Paris. Ele conta que seus amigos não podiam entender como ele desejava retornar a Bogotá tendo a possibilidade de atuar na Europa. Em resposta ele diz:

> en Colombia yo siento que lo que hago es importante, porque uno siente que hace cosas por el país. Si me quedo aquí voy a ser uno de los diez mil profesores de filosofía que hay en París. Yo no sé si en Colombia voy hacer algo importante, pero sé que al menos voy a tener la sensación (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 30).

Em entrevista que concedeu ao professor Williams Torres[105], Martín-Barbero comenta suas motivações, que, por sua vez, me remetem ao que me estimula a pesquisar na e para a Amazônia[106].

> porque allí, dicen que los europeos lo descubrieron, pero allí siguen descubriendo, y sobre todo, siguen inventando. Allá se pueden inventar cosas, se puede crear desde cero, aquí está todo hecho y para cambiar cualquier cosa, quitar un ladrillo significa tumbar todo el edificio. Allí no. Allá todavía se puede soñar, (...) (MARTÍN-BARBERO, 2012a).

Mais que um lugar que permite sonhar, a América Latina representou para Martín-Barbero o local que legitimou sua postura desobediente a rotina das disciplinas. Não porque além da colonização europeia se tenha vivenciado uma formação diferenciada dos estados nacionais, mas pelo fato de que frente às *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)* dos países seja necessário fazer o exercício de questionar e tensionar as bases teóricas para interpretar e respeitar os objetos. Assim, para o autor, a pesquisa em Comunicação no continente é "cada dia mais uma tarefa de envergadura antropológica" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 209).

> O que aí está em jogo não são só deslocamentos do capital e inovações tecnológicas, mas profundas transformações na cultura cotidiana das maiorias: mudanças que trazem à superfície estratos profundos da memória coletiva ao mesmo tempo em que movimentam imaginários que fragmentam e des-historicizam. Mudanças que nos confrontam com uma acelerada desterritorialização das demarcações culturais e com desconcertantes hibridizações nas identidades (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 209).

O autor afirma que desde o início de sua carreira experienciou uma irreversível *viagem* composta por sucessivas "*des-territorializações"* e "*re-colocações"*, processos a partir dos quais tem sido traçadas linhas móveis de um novo mapa de pesquisa-vida, e que reconfiguraram tanto sua *experiência* no

---

[105] A entrevista foi gravada em vídeo em virtude da impossibilidade de Martín-Barbero, por problemas de saúde, de comparecer à solenidade de entrega do título de Doutor *honoris causa*, concedido pela *Universidad de la Republica*, em Montevidéu, no Uruguai, realizada durante a programação de encerramento do XI *Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación* (ALAIC 2012).

[106] Registro que parte considerável desse estímulo é resultado do trabalho intenso de minha orientadora desde a iniciação científica na graduação, a pessoa responsável por meu envolvimento com a pesquisa e pela presença de parte considerável desses sentimentos em meu coração.

sentido de contato com uma realidade empírica, assim como do "*lugar desde onde se pensa, se fala e se escreve*" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 28).

Dentre as "*des-territorializações/re-colocações"*, segundo o autor a que o tornou mais sensível foi a mudança de Bogotá para Cali, na ocasião em que foi convidado para implantar o Departamento de Ciências da Comunicação. Para ele, Cali é "uma cidade musical como poucas, e com uma juventude apaixonada pelo cinema e pelo teatro, [que] transformou muito rápido o racionalismo de meu ser de filósofo nativo, abrindo-lhe o pensamento em direção às *novas experiências estéticas*" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 30, *grifo nosso*).

Para Martín-Barbero suas "*des-terrritorializações*", apesar de físicas e corporais, considerando as mudanças de continentes, países e cidades em que já residiu, não necessariamente se deram no nível intelectual. Para ele não houve o abandono da base teórico↔metodológica constituída a partir dos estudos que desenvolveu na Europa. Sua tese de doutorado já havia sido invadida pela comunicação e por uma proposta que rompia com o que ele denominou de "filosofia ejemplificada", elaborada nos gabinetes dos pesquisadores em detrimento dos movimentos da realidade vivenciada. Ele mesmo aponta que não houve "movimento migratório" em sua formação, mas sim um movimento constante, de permanente avanço e acúmulo teórico, que o levou às considerações que hoje compõem seu pensamento.

> A minha tese de doutorado já refletia essa minha tendência. Embora partisse do âmbito filosófico e semiótico, meu trabalho falava da relação entre a ação humana e a linguagem: como certa concepção de mundo se expressa por meio da linguagem, mas é realizada através de determinado tipo de práxis, de ação concreta. A partir daí, comecei a usar um pouco a linguística e as teorias da comunicação, que podiam ser vistas nos debates daqueles anos por meio, por exemplo, do linguista norte-americano Noam Chomsky ou do filósofo inglês John Langshaw Austin. Foi dessa maneira — observando que a linguagem não é apenas uma tradução de informações, mas também uma produção de sentidos e significados — que comecei a trabalhar com Comunicação. E isso se conecta com as culturas, que são maneiras de produzir e organizar o sentido coletivo da vida (MARTÍN-BARBERO, 2012b, p. 2).

Assim, mais que um abandono de suas bases de pesquisa, é a partir do tensionamento entre as coordenadas teóricas já estabelecidas e as realidades observadas na América Latina que Martín-Barbero assinala o deslocamento

teórico, e epistemológico, de ir *dos meios às mediações*, para compreensão do que vem a ser os processos comunicativos. Segundo Reguillo-Cruz (1998) a compreensão que Martín-Barbero apresenta em *DMM* significa promover um deslocamento

> a la manera del relato mítico, permite al que observa situarse fuera de una posición determinada y observar todas las posiciones y su ordenación. Esta mirada descentrada es la que posibilita el doble abordaje de la cultura. Por un lado, Ella en tanto espacio de innovación y libertad en las representaciones y prácticas sociales; por otro lado, Ella en tanto espacio de dominación, de sumisión, de privilegios y jerarquías (REGUILLO-CRUZ, 1998, p. 85)[107].

É válido mencionar ainda que Martín-Barbero faz na 5ª edição em castelhano de *De los medios a las mediaciones* uma atualização no mapa das *mediações*, passando das *mediações culturais da comunicação* – os meios como mais uma mediação cultural como no exemplo da América Latina –, para as *mediações comunicativas da cultura*, ou seja, os espaços culturais em si e as relações de imbricamento com a mídia, sendo estas práticas essencialmente comunicativas que reconfiguram as mediações e a vida das pessoas. Sobre esse deslocamento Martín-Barbero (2009b) afirma que de fato muda o local de onde estava olhando, a cultura, para um novo espaço, o da comunicação.

> A mudança foi esta: reconhecer que a comunicação estava mediando todos os lados e as formas da vida cultural e social dos povos. Portanto, o olhar não se invertia no sentido de ir das mediações aos meios, senão da cultura à comunicação. Foi aí que comecei a repensar a noção de comunicação (MARTÍN-BARBERO, 2009b, p. 153).

Uma mudança que não o prende a um campo do conhecimento, e muito menos o vincula à discussão de autores da Comunicação que consideram central a distinção do fenômeno comunicacional das demais dinâmicas socioculturais estudadas por outras áreas. Acreditamos que o esforço desses pesquisadores está no sentido de que a área da Comunicação encontre equilíbrio em uma base epistemológica, sem, porém, provocar recortes rígidos e irreversíveis para sua constituição. Como propõe Braga (2011b, p. 71) há a obrigação de "desentranhar o

[107] Tradução livre do trecho: "ao modo do relato mítico, permite a quem observa se situar fora de uma posição determinada e observar todas as posições e sua ordem. Este olhar fora do centro é o que possibilita a dupla abordagem da cultura. De um lado, Ela, quanto espaço de inovação e liberdade nas representações e práticas sociais; de outro lado, Ela quanto espaço de dominação, de submissão, de privilégios e hierarquias".

objeto propriamente comunicacional dos demais objetos de conhecimento humano e social". Isso não quer dizer, porém, que se defina um "território" de pesquisa à parte, mas se desenvolva "perguntas e hipóteses para além das que já são feitas pelas demais Ciências Humanas e Sociais" (BRAGA, 2011b, p. 72).

Diante disso, é interessante registrar que pelo contato que tivemos com a obra de Martín-Barbero, percebo que talvez a desobediência às rotinas das disciplinas que ele vivencie seja resultado de um traçado de pesquisa nas vias da complexidade, que começa bem antes da fixação na América Latina, por exemplo, durante a tese de doutorado, em que o autor já propunha "romper con una filosofía 'ejemplificada', construida en gabinete y sazonada, remendada con hechos en un intento de 'actualizar lo eterno'" (MARTÍN-BARBERO, 1972, p. 4).

Ao fazer essa observação vale ressaltar que em nenhum momento estou afirmando ou indicando uma possível vinculação de Martín-Barbero à perspectiva da complexidade. Mesmo assim é possível ver proximidade entre as ideias dos autores, tanto que *Espírito do Tempo* de Morin está entre doze livros que mais contribuíram no pensamento de Martín-Barbero[108]. No contato com a obra do autor espanhol-colombiano o que se torna evidente é seu trabalho na perspectiva da *invenção* teórica, na qual todos os elementos constituintes do conhecimento, inclusive o repertório de vida do pesquisador são tensionados, abrindo assim novos territórios de pensamento. Nesse sentido, a complexidade pode vir a ser uma das constituintes da noção de que a "cartografia *se move*" de Martín-Barbero, mas não necessariamente a opção teórica a que está vinculada. Como já mencionado no início do trabalho, o diálogo que tenho feito com Morin (2009, 2010) e com outros autores é mais condizente às bases que constituem o traçado da *cartografia movente*, do que relativo à trajetória de pesquisa-vida do teórico que estou estudando.

Retomando a narrativa sobre a trajetória de Martín-Barbero, o teórico explica que sempre se empenhou em pensar a América Latina não como o "*lugar no qual* se conservam práticas de comunicação *diferentes* (ou seja exóticas), mas como *lugar a partir do qual* pensávamos *diferente* as transformações que atravessam as práticas e as técnicas de comunicação" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 29).

---

[108] A lista completa está no site sobre a obra do autor, <http://www.mediaciones.net/2009/11/los-diez-libros-mas-aportadores-a-su-pensamiento/>, assim como disponível nos **APÊNDICES** deste trabalho, especificamente na página 191.

Esse ponto é central para orientar minha discussão, pois por muito tempo o que mais me atraiu na obra de Martín-Barbero foi a postura de pesquisa do autor que respeita e legitima o estudo dos complexos cenários que temos em nossos países, sem necessariamente etiquetá-los simplesmente como estranhos e atrasados. Nesse envolvimento, porém, por muitos momentos não percebei que ao mergulhar em nossas realidades acabei tal qual pesquisadores de fora da região me deslumbrando e encarando-as como exóticas, ou me chocando e percebendo-as como periféricas.

Tomando como base a trajetória de Martín-Barbero, sou motivada a conhecer e reconhecer a Amazônia como um *lugar que pensa diferente*, e, sobretudo, perceber suas *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)* para além das etiquetas de atraso e subdesenvolvimento.

Somente adotando e declarando o *lugar desde onde pensamos, falamos e escrevemos (e sentimos)* – como faz Martín-Barbero – estaremos preparados, ou minimamente municiados, para o enfrentamento e interpretação de qualquer cenário que se tenha contato em uma vivência transterritorializada.

Querendo ou não, a região é resultado de um processo de "colonização" marcado por múltiplas influências étnicas e culturais. E este é um contexto que resulta da *hibridação* proposta por García-Canclini (2003), conceito considerado por Castro (2012a) como central para a compreensão do "tabuleiro social da Amazônia"[109]. Por isso, penso que as realidades amazônicas, por mais exóticas e contraditórias que sejam, não conseguirão por si só desmontar ou dissolver leituras de mundo e conceitos já consolidadas, como "vazio demográfico" e "pulmão do mundo" que ainda hoje nos interpelam. É preciso estabelecer uma postura de pesquisa que respeite o empírico e revele suas especificidades sem enquadrá-las em teorias estrangeiras que tradicionalmente são utilizadas e que não dão chance de ousar criativamente e trabalhar de forma multimetodológica.

Mais que um desafio, essa postura dá liberdade às práticas de pesquisa, pois sem vivenciar o tensionamento e a tessitura do teórico com o empírico, acabamos

[109] Mesmo não encontrando uma conceituação clara do autor a respeito do termo, observo esta denominação como uma referência à lógica política multicontextual que marca a dinâmica social e comunicacional da Amazônia, que pode ser percebida como um tabuleiro de permanentes disputas entre peças mais e menos ofensivas à conquista do poder na região. Entre os textos de Castro que mais favoreceram está compreensão está "Sistemas de comunicação na Amazônia". Belém: PPGCOM-UFPA, 2012b. (no prelo).

nos privando de notar que os processos comunicativos, por exemplo, não podem ser pensados de maneira dual e/ou polarizada entre o que seria emissão e recepção. Sobretudo não notaríamos que a comunicação se apresenta como um "objeto complexo, multidimensional, multicontextual e dinâmico", como destaca Bonin (2013, p. 3). Assim, sem romper com essas posturas prontas, acabamos não reconhecendo quem somos e o quão rico e hibridizado são nossos cenários, como os que observamos ao longo do trabalho.

Nesse sentido, preciso estar vigilante em minhas afirmações e, sobretudo, no no olhar que lanço, para que esse não contradiga o que estou propondo a partir da *cartografia movente*, postura de pesquisa que aponta para um conhecimento multidimensional passível de compreensão apenas a partir do exercício de reconhecer e atuar no sentido do pensamento complexo. Por isso, é preciso estar atento aos mal-entendidos que dificultam a compreensão do que vem a ser a complexidade segundo Morin (2010, p. 176-177): 1) concebê-la "como receita, como resposta, em vez de considerá-la como desafio e como uma motivação para pensar". Ou ainda perceber a complexidade como um "inimigo da ordem e da clareza"; 2) conceber como completude, como se a partir do pensamento complexo conseguíssemos dar conta de visualizar o todo e completar todas as partes de um objeto. De forma contrária, a complexidade reconhece a incompletude e ao mesmo tempo trabalha contra o que Morin (2010, p. 176) chama de "simplificadores" e a "redução mutilante".

De modo geral, a complexidade, em um primeiro momento

> chega como um nevoeiro, como confusão, como incerteza, como incompressibilidade algoritma, incompreensão lógica e irredutibilidade. Ela é obstáculo, ela é desafio. Depois, quando avançamos pelas avenidas da complexidade, percebemos que existem dois núcleos ligados, um núcleo empírico e um núcleo lógico. O núcleo empírico contém, de um lado, as desordens e as eventualidades e, do outro lado, as complicações, as confusões, as multiplicações proliferantes. O núcleo lógico, sob um aspecto, é formado pelas contradições que devemos necessariamente enfrentar e, no outro, pelas indecidibilidades inerentes á lógica" (MORIN, 2010, p. 188).

Como exposto anteriormente, Morin (2010) esclarece que para atuar no sentido da complexidade é preciso partir da ideia de que o conhecimento é multidimensional e releva, sobretudo na citação acima, que a complexidade não é a união de pólos divergentes, desordem e ordem, mas como já mencionado, é

também encarar o incerto, o acaso e o aleatório que o "núcleo lógico" não consegue prever e ao mesmo tempo não pode excluir.

> Durante muito tempo, muitos acreditaram, e talvez ainda acreditem, que o erro das ciências humanas e sociais era o de não poder se livrar da complexidade aparente dos fenômenos humanos para se elevar à dignidade das ciências naturais que faziam leis simples, princípios simples e conseguiam que, nas suas concepções, reinasse a ordem do determinismo. Atualmente, vemos que existe uma crise da explicação simples nas ciências biológicas e físicas: desde então, o que parecia ser resíduo não científico das ciências humanas, a incerteza, a desordem, a contradição, a pluralidade, a complicação etc., faz parte de uma problemática geral do conhecimento científico (MORIN, 2010, p. 177).

Reconhecendo a perspectiva da complexidade, não posso perder de vista que a diversidade se manifesta em todos os lugares e os elementos que constituem cada realidade – de ordem e desordem – serão percebidos ou não com estranhamento, a partir dos referenciais acionados naquele momento, que por sua vez se alteram a todo instante. Isso diz muito para o estudo que proponho, pois ao me deslumbrar frente às *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)* que desconheço, corro o risco de defender e justificar os estudos apenas pelo quão exótica ou pelo quão vítima da exploração é a região, e não pela importância de compreender os cenários observados.

Além disso, assumindo um pensamento complexo e reconhecendo a incerteza permanente das coisas – respeitando a força do acaso – talvez seja possível ser mais livre – o que não quer dizer descompromissado – para me lançar aos cenários empíricos e realmente apalpar e sentir a realidade de modo vigilante, e as aleatoriedades que são inerentes à própria lógica! Assim, a *cartografia movente* se dá no exercício de apalpar a realidade favorecendo a constituição do objeto de estudo, um "deslocamento metodológico indispensável, feito ao mesmo tempo de *aproximação etnográfica e distanciamento cultural,* que pudesse permitir ao pesquisador 'ver' junto com as pessoas, e 'contar' às pessoas o já visto" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 32).

Martín-Barbero (1988) cita uma experiência que em meio a esse processo de descoberta, marcou bastante sua trajetória. Vale registrar que o episódio narrado no trecho abaixo foi encontrado em pelo menos três diferentes obras do autor, sem

falar nos artigos em que esse exemplo se repete, o que me leva a pensar no mínimo no nível de repercussão que ele teve na pesquisa-vida do autor.

> intrigado por el éxito de un film mexicano titulado *La ley del monte* que estaba barriendo todos los récords de taquilla en la ciudad de Calí decidí con algunos compañeros ir a verlo. En un día entre semana, en la sesión de la tarde, la sala de cine, situada en el sector popular del centro de la ciudad, estaba llena y más de hombres que de mujeres. A los pocos minutos de proyección nuestro aburrimiento –el de mis compañeros profesores y el mío– era tan grande que comenzamos a exteriorizarlo con risas. El film era tan elementalmente melodramático, su contenido tan explícitamente reaccionario y su lenguaje cinematográfico tan torpe que sólo en clave cómica era soportable. La gente que nos rodeaba, por el contrario, estaba tan metida en el film y tan emocionada que las interferencias producidas por nuestras risas y nuestros comentarios les indignaron y quisieron sacarnos de la sala. Avergonzado por lo sucedido, durante el resto de la proyección me dediqué a observar esos rostros de hombres emocionados hasta las lágrimas, ¡*viviendo* el drama con un placer tan grande! (MARTÍN-BARBERO, 1988, p. 6-7).

Nesse ponto, é muito interessante observar como o autor revela sua opinião no texto, e mais: gostos, opiniões sobre os aspectos estéticos e da linguagem do filme. Para ele, o filme era claramente alienante, mas naquele momento, percebeu que independente do que ele e seus colegas achassem, havia um sentido muito forte motivando o comportamento das pessoas: o filme "*afirmaba lo popular,* esto es, movilizaba un imaginario y conectaba con una sensibilidad muy diferente de la nuestra de intelectuales" (MARTÍN-BARBERO, 1988, p. 6-7).

Por conta do envolvimento pessoal com a situação, Martín-Barbero (1988) afirma que se atreveu a chamá-la de "'escalofrío epistemológico'[110] que me acompañó durante varios meses en forma de pregunta" (MARTÍN-BARBERO, 1988, p. 6-7). Entre os questionamentos, estavam:

> ¿qué tenía que ver la película que yo vi con la que vieron ellos?, ¿qué relación podía existir entre lo que a ellos les producía tanta emoción ya nosotros tanto aburrimiento?, ¿qué veían ellos que *yo* no vi? *Y, entonces, ¿de qué les podía servir la "lectura ideológica" que nosotros hacíamos, en el caso de que fuéramos capaces de traducirla a su lenguaje, si esa lectura lo sería siempre de la película que nosotros vimos y no de la que ellos vieron?* (MARTÍN-BARBERO, 1988, p. 6-7, *grifo nosso*).

[110] De acordo com Maldonado (1999, p. 116), a expressão "sobre a ruptura epistemológica experimentada por Martín-Barbero está no livro de Armand & Michèle Mattelart, *Pensar sobre los medios - Comunicación y crítica social* (Madrid, Fundesco, 1987), p. 119".

Fazendo referência ao mesmo episódio no prefácio de *DMM*, Martín-Barbero (2009a, p. 27-28) afirma que este "[...] tornou visível o profundo desencontro entre método e situação: tudo aquilo que, do modo como as pessoas produzem o sentido de sua vida e como se comunicam e usam os meios, não cabia no *esquema*".

> Dito em outras palavras: os processos políticos e sociais desses anos [...], destruindo velhas certezas e abrindo novas brechas, nos confrontaram com a *verdade cultural* destes países: a mestiçagem, que não é só aquele fato racial do qual viemos, mas a trama hoje de modernidade e descontinuidades culturais, deformações sociais e estruturas do sentimento, de memórias e imaginários que misturam o indígena com o rural, o rural com o urbano, o folclore com o popular e o popular com o massivo" (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p. 27-28).

Nessa citação, nos chama atenção a menção que o autor faz a mistura observada por ele entre rural com urbano, que é própria do que Pacheco (2006) conceitua como *cidade-floresta*, esta por sua vez, peça chave para observação das *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)* na Amazônia. Assim, como é importante destacar a noção de descontinuidade que a nosso ver é o que configura na trajetória de pesquisa-vida do autor a necessidade de uma postura de investigação não estática no tempo e no espaço, mas essencialmente dinâmica e *movente* como sua cartografia.

Diferente das posturas enviesadas da ciência moderna, a *cartografia movente* não isola o objeto de suas conexões com o mundo. "Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente**"** (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 57). Essa perspectiva me parece totalmente convergente ao que propõe Martín-Barbero (2004, p. 13) ao afirmar que a "cartografia *se move*", bem como com sua permanente preocupação com as articulações históricas que os objetos carregam em si e que não podem ser desprezadas ou esquecidas, pois como já mencionado corre-se o risco de falar no vazio.

> Não obstante, não é pelo projeto e métodos que se opta imediatamente, mas pelo projeto histórico que os mediatiza e dota de sentido. E isso sem cair na armadilha contrária, a de um politicismo redutor que intenta suplantar o trabalho teórico por agitação política. A proposta crítica consiste em assumir que "só é 'científico', elaborador de verdade, um método que surja de uma situação histórico-política determinada e que verifique suas

> conclusões em uma prática social acorde com as proposições histórico-políticas nas quais se pretende inscrevê-las" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 51)[111].

Frente ao detalhamento que Morin (2010) faz das sete avenidas[112] que conduzem ao pensamento complexo, considero pertinente destacar o princípio hologramático[113]. Complementando os demais princípios, este conduz à compreensão de que os fenômenos não podem ser reduzidos ou desconectados de suas parcelas de acaso e desordem que como a ordem e a organização também compõem determinada realidade. Nesse ponto, é interessante observar que entre os fatores que nos levam a rechaçar a desordem e ao mesmo tempo eliminá-la de nosso campo de visão em uma pesquisa, está a concepção de que desordem é caos, é crime, anárquico e desobediente.

Nesse sentido, o diálogo com a postura de Martín-Barbero torna-se evidente, já que ele, como já indicado por García-Canclini (1998), atua de forma a desobedecer as rotinas das disciplinas.

Pelo princípio hologramático Morin (2009, 2010) destaca o quanto as realidades estudadas têm em si o todo, bem como o todo carrega em si as partes. Por isso, a alusão à figura do holograma, que é formada por múltiplas partes, sendo cada uma delas composta por uma amostra de todas as informações daquele todo.

> Trata-se, ao mesmo tempo, de reconhecer a unidade dentro do diverso, o diverso dentro da unidade; de reconhecer, por exemplo, a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais e culturais em meio à unidade humana (MORIN, 2009, p. 24).

Morin (2009, p. 94) afirma que a "sociedade está presente em cada indivíduo, enquanto todo, através de sua linguagem, sua cultura, suas normas", e por isso,

---

[111] O trecho demarcado entre aspas que integra a citação de Martín-Barbero foi retirado da seguinte publicação: SCHMUCLER, Héctor Naúm. La investigación sobre comunicación masiva. *Comunicación y Cultura*, n. 5, Buenos Aires, 1975.

[112] As sete avenidas seriam: 1) "Irredutibilidade do acaso e da desordem"; 2) "Transgressão"; 3) "Complicação"; 4) Baseada no princípio *order from noise* de Heins von Foerster, esta avenida reconhece que "fenômenos ordenados (eu diria organizados) podem nascer de uma agitação ou de uma turbulência desordenada" (MORIN, 2010, p. 179); 5) Organização; 6) Princípio hologramático; 7) "Crise de conceitos fechados e claros (sendo que fechamento e clareza são complementares". Vale ressaltar que de modo resumido, Morin (2009) expõe um esquema parecido com esse em *A cabeça bem-feita* (da página 93 a 97), também com sete itens mas não necessariamente os mesmos. Nessa obra, ao invés de avenidas ele chama de princípios.

[113] Vale ressaltar que no livro *A cabeça bem-feita*, Morin (2009) se refere a esse mesmo princípio com o título de "holográmico".

todo indivíduo está presente – no sentido de colocado e conectado – na sociedade. Se assim o for, cada interação comunicativa carrega em si os elementos constitutivos das *mediações* que a delineiam, bem como cada *mediação* é constituída pelas interações comunicativas que conectam↔dissolvem↔re-conectam o social e cultural, como propõe França (2001, 2006, 2008).

Diante do exposto, é preciso abandonar as explicações do tipo lineares e totalizantes,

> por uma explicação em movimento, circular, onde vamos das partes para o todo, do todo para as partes, para tentar compreender um fenômeno. [...] a inteligibilidade dos fenômenos globais ou gerais necessita de circuitos e de um vaivém entre os pontos individuais e o conjunto (MORIN, 2010, p. 182).

A contribuição de Morin (2010) evidencia na verdade o inquietante processo de reunião e compreensão de elementos que constituem a obra de Martín-Barbero, que como mencionado não é cronologizável e muito menos passível de compreensão linear. Além disso, mais que uma trajetória de pesquisa, seu traçado me remete a uma vida de pesquisa, essencialmente *movente* e não passível de controle e compreensão por meio de uma observação estanque. E como complementa Rosário (2012b) a respeito da cartografia: "diferentemente do 'mapa [que] só cobre o visível a cartografia acompanha a transformação da paisagem'" (ROSÁRIO, 2012b, p. 1267)[114].

Mapas que evidenciam especificidades

Segundo Martín-Barbero (2004, p. 12) num primeiro momento, acabamos pensando em mapas como instrumentos rígidos, suficientemente representativos de uma realidade e que com eles estaríamos impedidos "de fazer nosso próprio caminho ao andar, de aventurar-nos a explorar e traçar novos itinerários, evitando o risco de perder-nos, sem o qual não há possibilidade de descobrir(nos)". O teórico faz alusão à forma como ainda tradicionalmente costumamos produzir conhecimento a partir do olhar de "cima" da realidade, como se colocássemos uma

[114] A obra referenciada por Rosário (2012b) foi: ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental da América:* produção do desejo na era da cultura industrial. 250f. Tese. (Doutorado em Psicologia Social). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1987.

câmera em um helicóptero e sobrevoássemos uma cidade, pensando que nada escaparia e que assim compreenderíamos sua totalidade e complexidade.

Na perspectiva das *cartografias cadastrais*, que são construídas de *cima* e às quais "nada escapa", Martín-Barbero (2004, p. 13) segue caracterizando a América Latina na perspectiva em que a "cartografia *se move*" em múltiplas direções. É interessante como ele se refere aos denominados *planos* turísticos que se costuma fazer e que dão segurança ao visitante "de ver o que todos veem, para que não haja desencontros culturais". E fugir dos desencontros culturais é o que fazem os donos do edifício de luxo de Santarém, que citei anteriormente no trabalho, ao construir um banheiro para o vizinho pescador. Essa reflexão também remete ao comportamento da maioria das pessoas – inclusive nós mesmos – que visitam e dizem conhecer determinadas cidades apenas por ter estado em seus pontos turísticos principais.

Olhando "de cima", o olhar parece preenchido e satisfeito com a "monumentalidade" que têm os espaços formados por todo tipo de edificação, da mais sofisticada a mais pobre. Nesse visualizar, porém, não vemos os fluxos, não sentimos as interações sociais, e muito menos dimensionamos o dinamismo, a multidimensionalidade e a multicontextualidade dos processos comunicativos.

Pacheco (2013) comenta esse deslumbramento também presente nos relatos dos alunos do Curso de Especialização em Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial da Faculdade Brasil-Amazônia (Fibra) que participaram do Projeto de Extensão Roteiros Geoturísticos de Belém, vinculado à Faculdade de Geografia da UFPA[115]. "Muitos turistas, moradores ou mesmo alunos, quando visitam esse complexo território urbano, ficam encantados com o poder imponente das construções, os olhos brilham, a curiosidade se aguça" (PACHECO, 2013, p. 19). Apenas por essa perspectiva não percebemos as intersecções e alianças culturais que constituem o Centro Histórico de Belém, este visivelmente pensado para "celebrar uma memória da conquista portuguesa na Amazônia", mas que também é resultado da ação de contingentes indígenas que moravam no local e que orientaram "o saber do colonizador" na formatação do espaço (PACHECO, 2013, p. 19).

[115] O projeto é coordenado pela professora doutora Maria Goretti Tavares e está vinculado às ações do Grupo de Pesquisa de Geografia de Turismo (GGEOTUR).

Em função de cenários como este Martín-Barbero aponta para a necessidade de uma cartografia aprofundada e minuciosa – inclusive buscando seu traçado histórico oficial e silenciado –, que toca e sente a realidade e que em nenhum momento tem a pretensão de dar conta do total. O autor parece convidar a utilizar uma lente de aumento para evidenciar as particularidades e pontos específicos que no sobrevoo não são capturados e, sobretudo, que permita olhar de perto, apalpar, sentir e se deixar afetar pelos fenômenos observados, estando abertos ao "impulso creativo", como comentam Mompart; Tresserras; Otto (1998, p. 73) e completa Rosário (2008). "O cartógrafo é um experienciador, um experimentador que se entrega ao caminho e vai apreciando nele aquilo que sua percepção lhe permite – eliminando a possibilidade do distanciamento do objeto e da razão pura" (ROSÁRIO, 2008, p. 215).

E isso exige, segundo Passos; Barros (2009, p. 30, *grifo nosso*) "um mergulho no plano da experiência, onde *conhecer e fazer se tornam inseparáveis*, impedindo qualquer pretensão à neutralidade". "Conhecer o caminho de constituição de dado objetivo equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho" (PASSOS; BARROS, 2009, p. 31).

Assim, diferentemente do que se pensa, a "cartografia [que] *se move*" que podemos reconhecer em Martín-Barbero não se limita apenas à demarcação de fronteiras. Ela permite a construção de "imagens das relações e dos entrelaçamentos, dos caminhos em fuga e dos labirintos", pois como menciona a partir de Serres[116], estamos diante de uma "lógica cartográfica que se torna *fractal* – nos mapas o mundo recupera a singularidade diversa dos objetos: cordilheiras, ilhas, selvas, oceanos – e se expressa *textualmente*, ou melhor, *textilmente*: em pregas e des-pregas, reveses, intertextos, intervalos" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 12).

Assim, seja indo até os pontos turísticos, seja olhando de cima uma cidade, em ambos os casos, mesmo se configurando como experiências totalmente distintas, não nos permitimos conhecer ou reconhecer o que de singular constitui os lugares. Talvez, por esse comportamento rotineiro de não enxergarmos o que de *movente* constitui a realidade – e assim não percebermos as interações e os processos comunicativos que interessam a nossas pesquisas – ainda hoje a

[116] SERRES, M. Atlas. Cátedra, Madrid, 1995.

Comunicação não tenha bem claro, nem para as pessoas da área, o que efetivamente se investiga e quais seriam nossos objetos de estudo. Os meios massivos obviamente são de imediato reconhecidos, mas para além deles há as interações, mediadas ou não, que se processam e inclusive delineiam as práticas sociais e culturais nos lugares que visitamos e moramos.

Por isso, segundo França (2006, p. 15), a "forma de interação se coloca, assim, como chave analítica para pensar os sujeitos". Pois "uma coisa é falar da presença viva e constituinte dos processos comunicativos na vida social; outra coisa é analisar estes mesmos processos – analisar como a comunicação acontece, constituindo a vida social" (FRANÇA, 2006, p. 11). Como complementa Braga (2011b, p. 66) o desafio seria "observar como a sociedade conversa com a sociedade".

Sabemos também que ao nos dedicarmos à compreensão de processos comunicativos estamos adotando o que Braga denomina de objeto de estudo dito "extra-midiático". Por isso, é preciso ter cuidado com a leitura dos cenários na esfera da cultura, pois "o que efetivamente interessa à comunicação não é propriamente a questão cultural [...]. Mas sim o das interações comunicacionais entre diferentes culturas" (BRAGA, 2011b, p. 76).

Ao nos falar, por exemplo, dos limites territoriais de uma cidade que podem ser vistos a partir de uma mirada de cima, mas apenas conhecidos e sentidos ao trilhar "as rotas e derrotas" vivenciadas pelos grupos das periferias, como os moradores sem-teto que cada dia mais estão distantes do centro, fazendo a cidade crescer sem que nós que residimos no centro percebamos, Martín-Barbero (2004, p. 14) se refere a mapas feitos desde a margem, em que também podem ser observados trajetos das ditas tribos urbanas, como *punks*, metaleiros e *taggers* – estudados por Reguillo-Cruz[117] – que por suas vivências também delineiam novas fronteiras para as cidades. É o caso também da face/identidade ribeirinha de Belém[118], que apesar de estar presente desde a constituição do município é pouco observada por parte considerável por seus moradores, tanto que estes vivenciam

[117] REGUILLO-CRUZ, Rossana, *Estrategias del desencanto.* Emergencia de culturas juveniles. Norma, Buenos Aires, 2000.

[118] Saint Clair Cordeiro da Trindade Jr. (2002), também citado por Pacheco (2013), explica que uma cidade não pode ser classificada como ribeirinha apenas pelo fato de estar situada à margem de um rio. Há que se ter efetivas interações entre os moradores e o rio, seja ligadas a questões de transporte, relação de subsistência ou ainda relação simbólica.

diariamente a "dinâmica aquática" (VIDAL, 2013), enquanto outros moradores nem notam este movimento. Eu preciso ir a Óbidos para perceber o quanto isso tem a dizer sobre nós mesmos. Pacheco (2013) cita que um dos participantes do projeto de extensão, por exemplo, revela a lógica aquática que marca o funcionamento de Belém, por exemplo, para moradores do bairro da Cidade Velha que contam com embarcações para realizar deslocamentos diários[119].

Diante dessas afirmações, nos parece que com a reconfiguração da noção de mapa e o estabelecimento de uma conduta cartográfica outra – que vai em busca da singularidade do observado –, acaba-se por revelar mais do que nos mapas cartesianos tradicionais. Ao que me parece, reconhecer a perspectiva fragmentada ou *fractal* da realidade é na verdade se permitir olhar no emaranhado dos fluxos aquilo que constitui o cenário observado de forma singular, mas não total e muito menos fixa e única. Assumindo a noção de processualidade, mobilidade e atravessamento de interações, o mapa circunscreve possíveis caminhos a serem observados e trilhados, estes, porém de diferentes modos, pois o que se indica são pontos e linhas de singularidade em que se mantêm relações de troca, identificações, etc., e que ao serem interconectados – a partir de variadas combinações e não apenas uma – produzem sentido e revelam uma face de determinado espaço, não necessariamente geográfico. Assim, a cartografia permite passeios/trajetos mentais, imaginários e interpretativos.

Outro ponto central observado na citação que Martín-Barbero (2004, p. 12) faz de Serres, é relativo ao processo de tessitura dos mapas, que assumem características de um tecido que, por sua vez, me remete a um emaranhado de pontos que se conectam e que vistos à distância parecem constituir uma peça única, não necessariamente de forma organizada, harmônica e linear[120]. Pelo contrário, percebo que no exercício da *cartografia movente*, ao registrar a descrição dos pontos de observação que serão interconectados, acaba-se deixando intervalos e estabelecendo intertextos, que possibilitam uma leitura alinear e individual do mapa proposto.

---

[119] Vale registrar que estão vinculados ao município de Belém, 39 ilhas e oito distritos administrativos (ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO MUNICÍPIO DE BELÉM, 2012, acesso em 13 jun. 2013).

[120] Abstraindo essa ideia, foi feito um estudo para a elaboração da identidade visual deste trabalho, incluindo capa e elementos internos de arte.

Tratando de *cartografias cognitivas*, Martín-Barbero (2004) explica que esses são mapas mentais e abstratos. E a partir do atravessamento de categorias centrais do pensamento moderno, *universo* (Isaac Newton), *continentes* da história (Karl Marx) e de *inconsciente* (Sigmund Freud), o autor apresenta a noção de *arquipélagos*, ou seja, um espaço desprovido de um limite físico e rígido ou de uma fronteira, na concepção tradicional, que o una e circunscreva. É como se, metaforicamente, o continente se repartisse em ilhas múltiplas e diversas, que mesmo separadas se interconectam.

> Pensar o arquipélago é, então, indagar o novo tipo de *logos* que interconecta o diverso: "Aquele espaço por sua natureza intolerante à subordinação e à sucessão hierárquica. No espaço móvel da coabitação e da coordenação, as singularidades do arquipélago pertencem umas às outras" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 13)[121].

Nesse enfrentamento reconheço que a noção de *arquipélago* é fundamental para a compreensão de nossas cidades, ou de outros territórios que visualmente parecem únicos e homogêneos. Tomando por base o critério da diversidade que estabelece a conexão entre as ilhas componentes, é possível observar as áreas de *várzea* e de *terra firme* da Amazônia, que no período de seca configuram-se como um território único, mas que na subida dos rios a água se encarrega de separar e criar ilhas, mantendo ainda suas interconexões nos mais diversos aspectos.

Diante disso nada é mais apropriado nesse momento do que refletir sobre o significado de *movente* na Amazônia, percebida aqui por seu atributo mais óbvio e famoso: a exuberância de sua paisagem natural. Mesmo sabendo das implicações que uma afirmação como essa pode gerar, já que não dimensiono todos os fatores biológicos, ecológicos e geográficos, por exemplo, que estão em jogo, ouso dizer que não há como não perceber essa natureza "natural"[122] da Amazônia como um dos maiores exemplos de sua lógica essencialmente *movente*. Um movimento que é próprio de sua constituição, que a todo instante altera seus ecossistemas prevendo a sobrevivência e coexistência das mais diversas espécies da fauna e da flora, bem como de suas populações.

---

[121] Nesta citação, Martín-Barbero faz referência a duas obras de Cacciari: *Geofilosofía de Europa*. Adelphi, Milano, 1994; *El archipiélago.* Figuras del otro Occidente. Eudeba, Buenos Aires, 1999.

[122] Natural no sentido do que é produzido e mantido pela própria natureza; original; não produzido pela ação do homem; que não tem artifício ou mistura.

A partir de interpretações de Pinto; Rodrigues[123] sobre a obra do historiador paraense Leandro Tocantins, Sandro Colferai e Gilson Monteiro (2011) falam de um entrelaçamento permanente e *movente* entre a "organização da vida na região e o humano e o meio ambiente", que não pode ser percebido como dicotômico (COLFERAI; MONTEIRO, 2011, p. 4).

Como sintetizam os autores

> O meio amazônico, dominado pela floresta tropical, se apresenta tão exuberante quanto heterogêneo, desde os mangues no litoral do oceano atlântico, passando pelo cerrado ao sul da região, até as diferentes matas nas calhas dos grandes rios. O encontro destes elementos, eles mesmos diferentes no seu interior, torna qualquer abordagem da Amazônia superficial quando não é levada em conta a complexidade que cerca o próprio ambiente e a interrelação com os seus habitantes (COLFERAI; MONTEIRO, 2011, p. 4).

Entre os exemplos desse *movente* está o que Pacheco (2009) chama de *regime das águas*, a partir do qual se estabelecem relações humanas de forte dependência com as águas de rios, igarapés, furos – nesse caso marajoaras. Nesse sentido, Vidal (2013) identifica a partir da obra de Pacheco a chamada "dinâmica aquática", que interfere diretamente na vida dos amazônidas.

Isso pode ser observado na experiência de Pacheco (2009) que em um dado momento da pesquisa de doutorado sentiu-se estrangeiro, ao perceber o desconhecimento do ritmo das águas na fronteira dos "Marajós das Florestas" e "Marajós dos Campos".

> Ciente e conhecedor do regime das águas doces da região de Floresta me embaralhei completamente quando fui conhecer a contra-costa, nas temporalidades a envolver Afuá e Chaves. Semelhante a viajantes estrangeiros que quiseram conhecer aquele Marajó no século XIX [...], enfrentando as águas do Amazonas em seu encontro com águas do Atlântico, na fronteira Pará/Macapá [referência ao Estado do Amapá], senti-me como um estranho em fronteiras que separam o Marajó das Florestas do Marajó dos Campos, no norte do grande arquipélago (PACHECO, 2009, p. 23).

Sobre esse mesmo episódio o pesquisador conta:

---

[123] A obra referenciada por Colferai; Monteiro (2011) é: PINTO, Renan Melo Freitas; RODRIGUES, Renan Albuquerque. Considerações sobre a produção de Leandro Tocantins a partir de estudos linguísticos baseados na obra Tempo e Narrativa, Paul Ricoeur. *Revista Mutações*, v. 1, n. 1, Parintins (AM), 2010.

> Julgando-me experiente em viagens, parecia ser a rota traçada um percurso tranquilo. Mas quando desembarquei em Macapá tomei conhecimento das dificuldades para completar os destinos planejados. Depois de saber o local e o provável horário da lancha para Afuá, ao chegar ao porto percebi a embarcação no seco e as pessoas esperando a autorização para o embarque. Curioso em descobrir o real horário da partida, indaguei a um tripulante da lancha, o qual respondeu: - "Quando a maré crescer, viajaremos!". Mesmo em pleno século XXI, numa era das mais criativas formas de comunicação, a Amazônia e seus Marajós continuavam piamente conectados e dominados pelo regime das águas (PACHECO, 2009, p. 24).

Pensando na dinâmica periódica de cheia e seca dos rios da região, me remeto ao que observo em Óbidos, onde as paisagens simplesmente se transformam pelo menos duas vezes no ano, também estabelecendo outras formas de comunicação entre os moradores, sob o *regime das águas*.

Figura 5 "Rua de rio" ou o "rio na rua"?
A paisagem *movente* em tempos de cheia (Óbidos/Pará)

Fonte: Acervo da pesquisadora (junho de 2013)

Figura 6 A paisagem *movente* em tempos de seca (Óbidos/Pará)

Fonte: Acervo de família

Figura 7 No rural ou na *floresta*, o barco "estaciona" na porta de casa[124]

Fonte: Acervo de família

[124] Apesar de frequentada por moradores de Óbidos, a casa que aparece na foto está localizada na zona rural de Oriximiná, que faz fronteira com o primeiro município.

Figura 8 E na *cidade* também! (Óbidos/Pará)

Fonte: Acervo da pesquisadora (janeiro de 2010)

Cidades como Óbidos tem parte considerável de seu território invadido pelas águas e assim a vida dos moradores passa a se dar necessariamente em cima de pontes, ou melhor, das *marombas*[125], que também precisam ser ajustadas ao longo da cheia, tendo em vista o movimento diário da água. Com as marombas se estabelecem as novas ruas da cidade, ou seja, interconectam-na novamente por cima da água. Quando a água chega ela cria ilhas dentro da cidade que pelas marombas se reconectam.

[125] Consultando dicionário Aurélio (1988, p. 892), verifiquei que o termo tem origem na palavra *maroma*, que seria uma corda grossa usada para atravessar de um lado ao outro, ou ainda uma "armação de espeques altos e isolados, sobre a qual se constrói a habitação, à borda dos rios". Assim, entre os significados de *maromba* está: "jirau onde se põe o gado por ocasião das cheias". Em um dicionário virtual (INFORMAL, acesso em 02 jul. 2013), *maromba* seria: "um jirau alto, feito de tábuas ou troncos, onde se põe o gado durante as grandes enchentes na região amazônica. Serve também para por a salvo plantas, animais domésticos e objetos de utilidade do ribeirinho. A maromba é uma forma das pessoas se defenderem das águas dos grandes rios". É interessante observar ainda o sentido de *marombar* que seria equilibrar-se, um pouco do desafio que os leigos na dinâmica de andar por cima de *marombas* enfrentam.

Figura 9 (Novas) conexões e interações na paisagem *movente* da cheia (Óbidos/Pará)

Fonte: Acervo da pesquisadora (junho de 2013)

Conforme a água sobe, os moradores todos os dias vão construindo novos caminhos para, por exemplo, ir de casa ao trabalho. Se em algum lugar a água já chegou e ainda não tem ponte, é preciso dar a volta pelas marombas já colocadas até que algum morador crie um novo caminho, ou melhor, financie a *construção* de uma nova ponte. A água desfaz os caminhos das ruas comuns e delineia novas interconexões também dentro das casas e estabelecimentos comerciais – como farmácias, lojas de confecções e mercados.

Figura 10 Outras conexões e interações na paisagem *movente* da cheia (Óbidos/Pará)

Fonte: Acervo da pesquisadora (junho de 2013)

É muito instigante observar que por conta da "invasão" da água e construção de pontes, estas acabam evidenciando em meio a paisagem as principais interações ou fluxos comunicacionais que delineiam a dinâmica daquela parte da cidade. Assim como, se pode notar claramente a ausência de pontes de um local a outro, ou seja, os "não caminhos" e/ou interações que possivelmente não se estabelecem.

Exemplo disso é a rua em que meus avós moram em Óbidos. Nela há poucas residências por se constituir como uma área comercial, com lojas de diversos segmentos. Assim, além das pontes pensadas para atender os dois lados da rua e praticamente todas as lojas, aparecem pontes únicas e que não seguem a dinâmica do comércio. É o caso da maromba que serve aos meus avós, construída para garantir o caminho diário de casa ao trabalho. Tanto é que na referida maromba, não há extensões que conduzam ao lado do Mercado Municipal, por exemplo, já que não há relações comuns deles com essa parte da cidade.

Figura 11 As marombas evidenciam que o caminho é de casa para o trabalho

Fonte: Acervo da pesquisadora (junho de 2013)

Figura 12 Um olhar "de cima" dos fluxos comunicacionais revelados pela natureza *movente* (Óbidos/Pará)

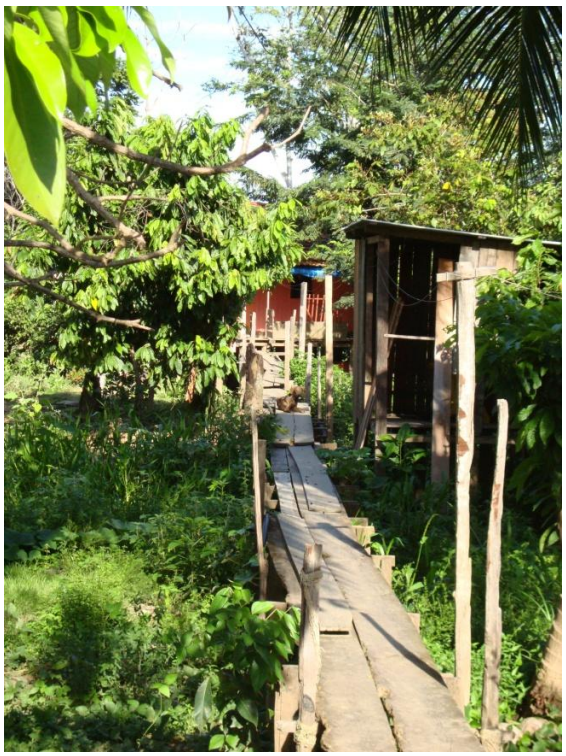
Fonte: Acervo da pesquisadora (junho de 2013)

Nesse sentido o fenômeno natural de cheia do rio acaba por revelar os fluxos comunicacionais mais intensos e comuns no dia a dia daquela parte da cidade, o que na seca acaba se diluindo na paisagem, podendo ser percebido apenas por uma sistemática rotina de observação.

Ainda tomando como base a experiência de meus avós é interessante registrar que eles têm duas portas diferentes para a entrada da casa: uma para a seca e outra para o período de cheia. Essa troca é necessária, pois quando a água sobe, parte da porta da seca precisaria ser *cortada* para a entrada da maromba até a escada, já dentro da casa. Assim, já existe uma porta mais curta para a cheia e uma *normal* para o período da seca.

Como já mencionei, na comunidade da Santíssima Trindade, em Óbidos, as atividades dos moradores são pautadas também na "dinâmica aquática", como o funcionamento da escola, que vai para o "fundo" com a subida do rio. Por essa dinâmica, é interessante pensar na afirmação feita por Colferai; Monteiro (2011, p. 3) de que "para além das visões míticas e discursos ambientalistas, a Amazônia é habitada por populações milenares, que aprenderam a conviver com a natureza que se impunha a sua volta".

Figura 13 Urbano↔Floresta↔Urbano:
casa na comunidade Santíssima Trindade (Óbidos/Pará)



Fonte: Acervo da pesquisadora (janeiro de 2010)

Além disso, Colferai; Monteiro (2011) sugerem os *ecossistemas comunicacionais*, a partir dos quais nenhum elemento que interfere e delineia as interações comunicacionais podem ser desprezados ou excluídos. É preciso, como alertam os autores, uma pesquisa em Comunicação na Amazônia "que leve em conta todos os elementos interconectados no processo de circulação de saberes, e não apenas o hoje tradicional processo de captação, produção e difusão das informações" (COLFERAI; MONTEIRO, 2011, p. 5), possibilidade totalmente compatível com a proposta da *cartografia movente*.

> a comunicação não se dá somente entre homens, mas também entre eles e o meio ambiente em que vivem, e mesmo entre seres vivos não-humanos, nos aproximando da apreensão de que há a necessidade de considerar o todo, e as relações humanas como apenas mais uma das relações que se estabelecem no mundo natural e no mundo da Comunicação (COLFERAI; MONTEIRO, 2011, p. 4).

O desafio é reconhecer e compreender as paisagens amazônidas que incluem não apenas os recursos naturais, mas todos os tipos de relações humanas entre si e com a natureza. Observando essas paisagens, por exemplo, me surpreendi com relatos citados por Ninon Rose Tavares Jardim (2013), de que em meio à(s) paisagem(ns) do "Marajó das Florestas", os moradores reconhecem a chegada das pessoas pelo som de suas embarcações ou pelo barulho do motor. Esses sons, como tantos outros, diferem-se do restante da paisagem, reconhecida inclusive pela autora como a "sinfonia marajoara", fazendo referência, principalmente, aos sons "da mata" que guiam os moradores pelos caminhos abertos pelos rios.

> Nós que vivemos na *cidade grande* que não estamos habituados aos sons da natureza marajoara, não conseguimos perceber as intensidades das *notas* das paisagens por dentro da mata inundada, no entanto para um olhar e ouvido atentos e acostumados a perceber detalhes de texturas, formas, sons e cores que a natureza faz, é fácil achar os *caminhos* (JARDIM, 2013, p. 102-103).

Frente ao exemplo da pesquisadora, me lembrei de uma das atividades desenvolvidas na pesquisa de campo do TCC: a sessão de cinema na comunidade. Como relatei no Diário de Campo, o que em um primeiro momento parecia simples, ao chegar na comunidade vi que a logística para essa atividade seria enorme. Foi necessário providenciar desde o óleo diesel para colocar no gerador de energia até

a estruturação de um espaço adequado para exibição, incluindo a limpeza da Igreja e ainda a improvisação de uma tela de projeção com um lençol branco[126].

Figura 14 "E a luz se fez" na Santíssima Trindade modificando a paisagem *movente*

Fonte: Acervo da pesquisadora (janeiro de 2010)

Além de organizar a estrutura, contei com a colaboração do morador responsável pelo gerador da comunidade, que ficou neste dia à disposição, aguardando a ligação no seu celular para que ligasse e desligasse a energia dentro da Igreja.

> A [primeira] sessão de cinema começou às 15h20. A comunidade foi invadida pelo "cheiro de pipoca". Antes de colocar o filme, eu passei um vídeo que preparei com fotos que havia tirado durante as atividades com eles. Senti que eles adoraram e percebi ainda a necessidade de se sentirem representados naquela mídia. Os dois alunos que não apareceram comentaram com a professora porque não haviam aparecido. [...] Começou, então, o filme (MIRANDA, 2010a, p. 14).

[126] Todo esse trabalho só foi possível pela "colaboração de membros de nossa família (avós, tios e primos), de pais e familiares de alunos, das professoras, da funcionária de serviços gerais da escola, dos moradores da comunidade responsáveis pelo funcionamento do gerador e pela igreja da comunidade" (MIRANDA, 2010b, p. 85-86).

Retomando as anotações do Diário de Campo me emociono lembrando da sensação que tive ao observar, já depois de tudo montado e acontecendo, que o "cheiro de pipoca" e o som do filme (trilha e fala das personagens) simplesmente invadiram a comunidade e pararam a vida daquelas crianças por pouco mais de duas horas. Me surpreendi e fiquei encantada ao ver que aqueles elementos *modificaram* por poucas horas a paisagem habitual da comunidade.

> A sensação desde o cinema era estranha. Sei lá, ao terminar a exibição fui deixar as crianças no barco aí comecei a ficar triste e um pouco impotente por ver que a partir de amanhã a vida daquelas crianças voltaria para as mesmas condições, dificuldades, etc.. E que eu também estaria sem elas novamente. Tanto é que voltei calada para Óbidos (MIRANDA, 2010a, p. 26).

Ao cartografarem as pesquisa em Comunicação produzidas na Amazônia, Colferai; Monteiro (2011, p. 3) acabam identificando marcas da *dependência* teórica e, sobretudo, "um olhar do colonizador sobre o colonizado", um pouco do que ainda carrego ao olhar para a região e não reconhecer cenários como os que Pacheco (2009) e Jardim (2013) apresentam, sem a carga do periférico ou exótico.

> É preciso levar em conta que esforços de se fazer pesquisa em comunicação na Amazônia tornam visíveis os limites que precisam ser transpostos. Tais esforços podem ser caracterizados como recentes e os trabalhos que vem à luz, na maioria, são reflexo de um pensamento sobre a região construído sobre bases teóricas e epistemológicas articuladas desde outros contextos.[127] Acreditamos ser possível inferir que trata-se, em parcela significativa desses trabalhos de pesquisa, de exercício de adequação do objeto à teoria, pouco apreendendo das particularidades da região e das suas conexões (COLFERAI; MONTEIRO, 2011, p. 2).

Por conta dessa relação de *dependência* teórica mantida ainda hoje na América Latina, Martín-Barbero (2004, p. 245) considera que "não dispomos de categorias de interpretação capazes de captar o rumo das vertiginosas transformações que vivemos".

> o método a partir do qual as transformações culturais são vistas e reduzidas a *efeitos* dos meios, efeitos isoláveis e mensuráveis, não só deixa de lado por não poderem ser objetivadas outras variáveis

[127] Os autores empreendem uma análise considerando os artigos científicos publicados nos Anais dos eventos regionais da Intercom no Norte do país, entre os anos 2009 e 2011, e verificam que dos 51 trabalhos apresentados nesses três nenhum se dedica a "discussões, tanto nas divisões temáticas como em conferências, acerca da produção científica em comunicação e da epistemologia do campo voltadas para a realidade regional" (COLFERAI; MONTEIRO, 2011, p. 8).

> do contexto social mais eficazes que os próprios meios, mas incapacita para compreender e abordar os processos culturais enquanto processos sociais multidimensionais e de longo alcance, isto é, não quantificáveis pontualmente. E com isso é toda a problemática da articulação entre sistema de produção e relações de poder que é radicalmente descartada (MARTÍN-BARBERO, 2004. p. 65).

A multidimensionalidade dos processos comunicacionais não cabe nos modelos hegemônicos de pesquisa. Por isso, de modo específico, Martín-Barbero afirma que no modelo funcionalista não há espaço para conflitos e contradições. Nesse modelo, as respostas são sempre únicas e verdadeiras.

Diante disso, observo a postura da *cartografia movente* como elemento chave para a visualização do(s) objeto(s) de estudo da Comunicação em processamento na dinâmica da vida e em um cenário *movente* e singular como a Amazônia. Como sugerem Colferai; Monteiro (2011)

> só dessa forma é possível pensar em um processo de pesquisa em comunicação capaz de dar conta dos desafios de compreender a região e suas especificidades para, assim, se chegar à proposta de uma visão ecossistêmica da Comunicação como processo de interrelação entre os vários campos do conhecimento, porém, como parte de um (eco)sistema cuja característica fundante é a complexidade, como o é em relação à própria floresta (COLFERAI; MONTEIRO, 2011, p. 2).

E o que seria esse processo se não a própria *invenção* de que nos fala Martín-Barbero? Assim, a *invenção* se apresenta como uma possibilidade favorável para o trabalho com o objeto de estudo da Comunicação na Amazônia e isso pressupõe a adoção de uma conduta cartográfica, que por sua vez, é propícia para a percepção e interpretação das ricas *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)* amazônicas.

Com esse entendimento, percebo inclusive uma possível alternativa para a angústia que atormenta autores que como Martino (2004, 2007b) se preocupam com o fato da área da Comunicação ainda não ter um objeto de estudo constituído e muito menos uma base teórico↔metodológica razoável para balizar seus estudos. Como se sabe, muito do que se tem – mas não somente! –, ainda está preso a relações de *dependência* com paradigmas totalizantes. Diante disso, é necessário perceber que nosso caminho é realmente outro e que a área da Comunicação inclusive para existir exigiu uma série de deslocamentos, como fez Martín-Barbero.

Então mais que avançar na reunião e/ou resgate de teorias, é preciso o esforço de trabalhar na *invenção*, o que é viável e até solicitado pelos cenários empíricos encontrados na Amazônia. Nesse sentido a *cartografia movente* me parece um exercício de formação de novos pesquisadores para área. Por exigir desprendimento e desobediência de algumas rotinas científicas durante a investigação, o que é condizente para que estes pesquisadores venham futuramente a produzir conhecimentos no nível da *invenção* e colaborando para a consolidação da entrada nas questões amazônidas pelo viés comunicacional, como indicado por Braga (2011b).

Abstraindo ao sentido da *invenção* e sua relação com o objeto de estudo da Comunicação, me remeto ao sentido do recorrente dito de que "quem tem medo não vê Deus"[128]. Ao que me parece, grosso modo, seria possível dizer que quem tem medo – ou, quem não consegue se libertar e se lançar à *invenção* – não poderá tocar, apalpar ou minimamente ver o processo comunicativo ou o objeto de estudo da área, na dinâmica na vida.

Porém, segundo Colferai; Monteiro (2011, p. 5), "buscar novos caminhos não é tarefa simples. Requer abandonar a segurança dos caminhos já conhecidos e percorridos", tanto na pesquisa em Comunicação como na forma de olhar a Amazônia.

Isso não quer dizer proibir e coibir, como já mencionei, o encantamento pelo que se pesquisa e que a todo instante ganha vida no texto. E de fato não há como, nos movimentos da região, não se surpreender com o que acontece, por exemplo, em frente à casa de meus avós! Há anos presencio a subida do rio e mesmo assim sempre olho como se fosse a primeira vez. Acredito que isso se deve um pouco ao próprio *impacto* – em um sentido bem funcionalista – que sinto ao observar a transformação da paisagem. O *efeito* é muito grande e representativo tal como a noção que se tem da região de algo exuberante, imenso e de uma força incontrolável.

[128] Adágio popular.

Figura 15 Um *movente* que me constitui

Fonte: Acervo de família

Invenção e os novos territórios de pensamento

Como já mencionado, Martín-Barbero questiona o uso das teorias estrangeiras para análise de realidades latino-americanas, que acabam por generalizar os acontecimentos e a percebê-los, sempre, como resultados de permanente dominação. Fazendo referência à ciência clássica, Morin (2009, p. 14) denomina movimentos como este de "inteligência que só sabe separar" que, nesse processo de separação, acaba gerando respostas gerais para problemas não necessariamente convergentes. Para o teórico, essa ciência

> fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, *unidimensionaliza o multidimensional*. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão a longo prazo. Sua insufi*ciência* para tratar nossos problemas mais graves constitui um dos mais graves problemas que enfrentamos. De modo que, quanto mais os problemas se tornam multidimensionais, maior a incapacidade de pensar sua multidimensionalidade (MORIN, 2009, p. 14-15, *grifo nosso*).

De forma bastante pontual, mas muito produtiva para compreendermos os *tipos* de usos teóricos empreendidos na América Latina, na introdução de *Ofício de cartógrafo*, Martín-Barbero (2004) traça um mapa[129] sobre os três modos de relação do trabalho acadêmico com as concepções e modelos de comunicação hegemônicos. O autor classifica os estudos na área a partir de relações de *dependência*, *apropriação* e *invenção*.

No primeiro tipo de relação, compreende-se que todas as concepções teóricas são iguais e que o uso é de liberdade do pesquisador. Para o autor, essa perspectiva está ancorada ou, em suas palavras, "travestida" de um liberalismo intelectual e de uma noção eclética própria da noção de pós-modernidade. O teórico explica que a relação de *dependência* se manifesta principalmente de duas formas: 1) que nega a necessidade das universidades se posicionarem e exporem sua concepção de comunicação. A postura se fundamenta na noção de que todas as concepções "são iguais" e assim tem os mesmos direitos de serem adotadas ou não; 2) que aceita como a concepção da universidade a que está "na moda no momento". Como destaca Martín-Barbero (1972, p. 13) ainda na tese de doutorado, "Aceptar el modelo de ciencia tal y como nos viene de fuera es aceptar que otros, desde su sociedad y su política nos "desarrollen" a su imagen unilateral y empobrecedora".

No caso da *apropriação* trata-se de estudos que se dedicam a "fazer os nossos modelos e teorias". Assim, ao se apropriar de um conhecimento prévio, além de ligá-lo ao contexto da pesquisa, processa-se um redesenho daquele modelo para que esse "caiba" em diferentes realidades, fazendo assim leituras, muitas vezes, "fora do lugar".

Em decorrência da *apropriação*, há também processos de mais fôlego dedicados a *inventar* e abrir novos territórios de pensamento, em que se "mistura os ingredientes". Neste modelo os conhecimentos consolidados e outros em processo de constituição são fundidos, e com isso se estabelecem deslocamentos teórico↔metodológicos. A mistura a qual me refiro é a mesma que García-Canclini (1998) menciona ao afirmar que Martín-Barbero em *DMM* demonstra como

> reunir los saberes de disciplinas acostumbradas a pensar sin conocerse – la antropología, la sociología, los estudios

[129] Este mapa está disponível nas páginas 18 e 19 da edição em português do livro, publicada em 2004 (Edições Loyola).

> comunicacionales y literarios – y así entender juntas la formación de las nociones de pueblo en un campo, de masas en outro, de política y nación más allá. En suma, nos dio a muchos confianza para escribir libros que confundieran a los bibliotecarios, que no fueran fáciles de ubicar en un solo estante (GARCÍA-CANCLINI, 1998, p. 4)[130].

Para Paulo da Rocha Dias e Rosemary Bars Mendez (1999), a produção científica de Martín-Barbero é "híbrida e mestiça", resultado da convergência equilibrada de diversos campos do conhecimento, entre os quais se destacam antropologia, semiótica e estudos culturais. É "uma espécie de síntese entre o pensamento europeu e o norte-americano, em ambos corrigindo os extremos e os desvios" (DIAS; MENDEZ, 1999, p. 101).

Como exemplo desses usos teóricos, podemos tomar a análise que Martín-Barbero faz de forma clara da leitura crítica dos meios de comunicação na América Latina, que mesmo apresentado uma série de problemas e seguindo a lógica do sistema de lucro, não deveriam ser analisados apenas a partir de bases teóricas europeias ou norte-americanas. Na Europa, os meios massivos foram configurados de forma totalmente diferente e em estados nacionais já constituídos, diferente da América Latina que vivenciou além de uma sucessão de conflitos políticos internos, uma série de restrições econômicas e culturais já que não havia sequer integração entre os grupos residentes em muitos dos países. Este cenário se mantém até hoje em vários locais da região, como, por exemplo, o Estado do Pará[131] – guardadas as devidas proporções é claro!

"Dominação que se esconde na teoria"[132]

Ao pensar nessas questões me remeto novamente aos comentários que o professor Agenor fez durante sua arguição na defesa do meu Trabalho de Conclusão

---

[130] Vale ressaltar que García-Canclini também faz esse apontamento no Prefácio de *DMM*, citado nesta dissertação.

[131] Apesar de não ter sido aprovada no plebiscito sobre a divisão do estado do Pará realizado em dezembro de 2011, não há como negar a coexistência de pelo menos três regiões com lógicas culturais e demandas políticas totalmente diferentes no território atual do Pará.

[132] MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de Cartógrafo:* Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Trad.: Fidelina Gonzáles. Coleção Comunicação Contemporânea 3, São Paulo: Edições Loyola, 2004.

de Curso. Ele também questionou determinados usos teóricos que fiz, em especial o de John B. Thompson (2009), para explicar o que observei na comunidade da Santíssima Trindade, em Óbidos. Como já mencionado, no estudo realizado em 2010 trabalhei com uma proposta multimetodológica de pesquisa de recepção. Na vivência com as crianças observei suas interações e práticas comunicacionais e interagi com elas de modo que pudesse identificar "pistas", soltas no ritmo da vida, que constituíam as principais *mediações* da comunidade ou o que, a partir de Thompson (2009), denominei de *rodas de fiar*. As pistas identificadas foram Igreja, Família, Escola, e meios de comunicação[133] (MALCHER; MIRANDA, 2012). Especificamente sobre o segundo capítulo do TCC o comentário do professor Agenor tratou da reflexão teórica que apresentei, que parecia descolada do restante do trabalho, pois nos outros capítulos conseguia exercitar na tessitura do texto a articulação entre teórico↔empírico, como exige, por exemplo, a *cartografia movente* agora na dissertação.

Sem dúvida, não cabe diante desses apontamentos desconsiderar o esforço vivenciado no final da graduação já que independente da postura que adotei, ela foi um marco em minha trajetória tanto que ainda hoje repercute de forma impressionante em meu dia a dia e continua por alimentar/fomentar grande parte das inquietações que me *movem*. Minha proposta aqui é traçar uma breve reflexão sobre o percurso trilhado no sentido de uma autocrítica construtiva e reavaliação dos fundamentos que delinearam minha observação e considerações posteriores sobre o *universo* pesquisado.

Para além de um exercício de aplicação teórica, a construção do conhecimento no sentido da *invenção* de Martín-Barbero (2004) é resultado do tensionamento das coordenadas teóricas do pesquisador e dos elementos observados na experiência empírica. Mesmo sabendo que não me propus e nem fiz apenas uma aplicação de conceitos durante o TCC – e que muito menos alcancei o nível na *invenção* –, sei que com a base teórica adotada, de modo especial a leitura

[133] Vale ressaltar que a parte dos moradores que reside nas proximidades do centro da comunidade é atendida por um gerador a diesel, mantido pelos próprios moradores e que é ligado diariamente, das 18 às 21h, horário que se alterna de acordo, por exemplo, com os programas de TV mais assistidos. O equipamento também é acionado durante a festividade da Santíssima Trindade e demais atividades culturais da comunidade na Igreja, no barracão e na escola.

de Thompson (2009), meu olhar foi orientado para questões que não condizem com o que vivenciamos na América Latina e muito menos na Amazônia.

Percebo que Thompson (2009) foi central para compreender o que representava e como possivelmente se constituía o modo de vida comunal mantido na Santíssima Trindade. O teórico também me ajudou a entender a transformação que os meios de comunicação causam onde chegam e reconfiguram, por entre outras consequências, a forma de organização das pessoas.

Mesmo em constante diálogo com Martín-Barbero (2009a) ao longo do trabalho, Thompson (2009) predominou e deu o tom do processo de identificação do que denominamos *rodas de fiar* da comunidade. Trabalhei com a noção de *mediação* e com os aportes de Martín-Barbero (2009a) ao fazer a crítica a visão limitada e limitante que as teorias pioneiras tinham sobre os meios massivos bem como sobre a comunicação, tomando o processo sempre como linear. Apesar disso, na tessitura do trabalho e junção do teórico com o que havia observado no empírico – demorei quase um ano para despertar para a riqueza que tinha nas mãos dado o choque que foi o retorno do campo –, acabei me apoiando mais nas contribuições de Thompson (2009) ao descrever a formação dos estados nacionais europeus e a dissolução do modo de vida comunal com o advento da modernidade e a paulatina formação dos centros urbanos. Naquele momento, a compreensão do papel dos meios de comunicação nos novos modos de vida e interação nos centros urbanos me pareceram mais claros em Thompson (2009) do que em Martín-Barbero (2009a).

Assim, o que mais me impulsionava era a noção de *rodas de fiar* que consegui concatenar na articulação que Thompson (2009) faz a partir de Gramsci, especificamente frente a seguinte citação:

> "o homem é um animal suspenso em teias de significados que ele mesmo teceu", como Geertz uma vez observou, então os meios de comunicação são rodas de fiar no mundo moderno e, ao usar estes meios, os seres humanos fabricam teias de significação para si mesmos (THOMPSON, 2009, p. 19-20).

Um aspecto que na época mexeu muito comigo é que pela leitura que tinha de Martín-Barbero ainda restrita a *DMM*, conseguia ver os *redutos tradicionais* da vida em comunidade, Igreja, Família e Escola, de forma mais clara e evidente a partir da

orientação teórica de Thompson (2009) do que de Martín-Barbero (2009a). Na leitura inicial, o que ficava evidente era o papel dos meios de comunicação na formação das pessoas na América Latina, mas como Martín-Barbero fazia essa discussão com base no processo de formação das cidades latino-americanas, tinha certa dificuldade de visualizar a comunidade da Santíssima Trindade nesse panorama. Era como se a comunidade estivesse em um patamar anterior – aqui no sentido de atraso – e vivenciando um tempo histórico diferente daquele a que Martín-Barbero (2009a) estava se referindo.

Apesar de motivada em especial pela inexperiência e falta de leitura da obra de Martín-Barbero, acredito que essa sensação também é resultado da postura que adotei ao utilizar teorias sociais estrangeiras e que não necessariamente foram pensadas em diálogo com realidades amazônicas. Na verdade, as contribuições de Thompson (2009) estão focadas, originalmente, em explicar o funcionamento das sociedades pré-modernas ou o que representaram os primeiros momentos históricos do advento da Revolução Industrial e o surgimento dos primeiros centros urbanos na Europa. Diante disso, foi quase inevitável não perceber a realidade como atrasada já que aquilo que observei na comunidade de Santíssima Trindade aconteceu na Europa há mais de um século!

Outro ponto que revela nosso olhar estrangeiro é a ausência da contribuição de autores/pesquisadores da Amazônia, nas referências bibliográficas do Trabalho de Conclusão de Curso – como, por exemplo, o próprio professor Agenor Pacheco –, que estudam cenários da região com olhares que ultrapassam o exótico e os percebem em sua singularidade e complexidade, propondo reflexões e interpretações que não ferem o fenômeno observado. Vale registrar que no TCC fizemos uso de apenas dois textos sobre a Amazônia: uma tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo, que analisa a imagem mitificada que os brasileiros têm da região amazônica[134], e o livro do professor Cristovam Wanderley Picanço Diniz (2000), relativo ao cenário do ensino superior no país,

[134] BUENO. Magali Franco. *O imaginário brasileiro sobre a Amazônia:* uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa. Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2003.

nas décadas de 1980 e 1990, com destaque para as assimetrias encontradas na região Norte[135].

Como elemento central para a compreensão da obra de Martín-Barbero está o mapa sobre os tipos de relação do trabalho acadêmico na América Latina com os modelos hegemônicos ou contra-hegemônicos de comunicação que apresentei há pouco. Como vimos, este aparece na Introdução de *Ofício de cartógrafo*, mas na metade da obra, a partir da página 239, Martín-Barbero (2004) retoma a noção de *dependência*, *apropriação* e *invenção* e aprofunda a discussão sobre cada uma dessas relações.

No que concerne à dependência, independente da contribuição da abordagem para a compreensão da comunicação, sobretudo frente aos cenários de desenvolvimento de nossos países, a palavra de ordem é aplicar a teoria e seguir com os estudos, desde que esta esteja na moda. A compreensão é de que *inventar* é luxo dos países ricos! Por essa postura as universidades acabam pecando na formação dos futuros profissionais e pesquisadores, tendo em vista que seus professores se negam a repensar e até pensar sobre o que estão aplicando, mantendo uma postura passiva de respeito às teorias como se fossem intocáveis e indiscutíveis, ou ainda apostando em um ecletismo ou submissão ao que é ditado pela corrente hegemônica e que está "na moda". Há o que Martín-Barbero (2004, p. 46) denomina de "dominação que se esconde na teoria", o que para mim sintetiza o que vivenciei em algumas das *apropriações* teóricas que acredito ter feito no TCC.

De forma bastante crítica Martín-Barbero (2004, p. 240) afirma que "em nome do pragmatismo ou do oportunismo, as escolas não só se tornarão incapazes de elaborar uma concepção minimamente própria, mas acabarão por trasladar sua atitude de *dependência* à relação pedagógica". O pesquisador dependente, segundo Martín-Barbero – também citado por Lopes (2010) –, tem uma visão limitada do que significa produzir ciência e qual seu papel na sociedade, que não é apenas confinado aos muros de uma universidade.

Além disso, em paralelo à imagem que se tem de ciência, os países latino-americanos vivenciam ainda hoje uma dependência financeira dos países

---

[135] PICANÇO DINIZ, Cristovam Wanderley. *Assimetrias da educação superior brasileira*: vários brasis e suas consequencias. Cristovam Wanderley Picanço Diniz, Renato Borges Guerra. – Belém, PA: EDUFPA, 2000.

considerados desenvolvidos, já que por muito tempo, a produção de ciência se deu com verba estrangeira, fomentando uma relação de *dependência* entre os pesquisadores, sobretudo a partir das características das relações que se mantinha com os centros de pesquisa estrangeiros.

Entre os passos de uma pesquisa desenvolvida nos moldes da *dependência* Lopes (2010, p. 44) destaca, a partir de Eliseo Verón[136], três principais características: 1) "a problemática teórica que define o campo conceitual dos projetos já é elaborada nos países centrais"; 2) "a metodologia e as técnicas normalmente são determinadas pela problemática, cabendo aos pesquisadores locais a tarefa de tradução e adaptação dos questionários/formulários"; 3) a análise e a interpretação dos dados (elaboração dos resultados) se realiza habitualmente no centro estrangeiro onde se originou o projeto". Diante disso, quando as instituições dependentes atuam também na esfera do ensino, esse vínculo com a pesquisa, segundo Lopes (2010, p. 44) "longe de neutralizar, reforçará a orientação teórica dominante".

Martín-Barbero (2004) e Lopes (2010) também destacam uma *dependência* relativa às próprias estruturas de produção dentro das universidades. No Brasil, por exemplo, como explica Diniz (2000), diferente dos países desenvolvidos onde as ciências aplicadas são financiadas por capital privado, a dependência do montante da verba do governo federal prejudica não só a aquisição de tecnologia necessária ao desenvolvimento científico, mas após o esforço empreendido na compra, encontra-se um cenário de baixos investimentos nos demais elementos da produção. Entre estes elementos o autor cita a desatenção e os parcos recursos destinados às próprias "cabeças pensantes", à estruturação de bibliotecas, à compra de reagentes químicos, à manutenção do que foi adquirido, sem falar nas "condições inadequadas de climatização ambiental, problemas com fonte de eletricidade e água" (DINIZ, 2000, p. 19) ainda comuns nas universidades da Amazônia. Diante disso, cria-se uma situação de permanente *dependência*, pois nem se utiliza o que foi adquirido em sua máxima capacidade e muito menos se produz conhecimento para que no futuro se gere inovação e a elaboração de tecnologia própria.

---

[136] VERÓN, Eliseo. As ideologias estão entre nós. In: *Ideologia, estrutura e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1970.

> Reunidos esses fatores, é criado um ciclo vicioso que mantém o subdesenvolvimento científico, que, por sua vez, leva a um maior subdesenvolvimento econômico e social e a maior dependência das regiões subdesenvolvidas (DINIZ, 2000, p. 19).

Martín-Barbero (2004, p. 47-48) explica que a *dependência* acaba determinando o que cabe a nós, países subdesenvolvidos, exercer no cenário internacional de produção científica, segundo o qual não podemos nos "permitir o luxo de fazer ciência" pois apenas aplicando a ciência que os outros fazem já estamos "cumprindo nosso papel na história". Como Lopes (2010, p. 45) complementa, os próprios pesquisadores "críticos passam a negar ou a ter escassa preocupação com questões teóricas porque os problemas 'reais' e a urgência de soluções não dão direito nem tempo ao trabalho teórico".

Nesse contexto ocorre então a "fuga de cérebros" motivada, de acordo com Martín-Barbero (2004, p. 48), não apenas pelo fato de nos países desenvolvidos os pesquisadores terem melhores salários e condições de atuação, mas também pela fascinação exercida pela ciência e da ingênua "crença na ciência como *valor universal* e *desinteressado* a serviço da humanidade, acima de qualquer desigualdade ou conflito histórico". Diante disso, por que não favorecer a ida dos nossos pesquisadores para as "verdadeiras 'pátrias da ciência'" e, sobretudo abrir mão de uma produção científica local em favor de nossos países?

Acredito que o fascínio de que fala Martín-Barbero se aplica tanto ao Brasil, com relação à Europa e aos Estados Unidos, por exemplo, como à Amazônia, com relação a estes mesmos centros, mas também em referência às regiões Sudeste e Sul do país. A ideia que apenas nesses lugares é possível haver um intelectual que vive para pensar e encontrar soluções do alto de sua capacidade e a seu tempo.

> O trabalho científico, por mais sofisticado e rigoroso que seja, não tem sentido filosófico profundo, ético, se não se assume um compromisso com a humanidade, a vida, as culturas, as transformações sociais e o bem estar do mundo (MALDONADO; BONIN; ROSÁRIO, 2008, p. 14).

Sendo para Martín-Barbero (2004, p. 240) a Comunicação uma das áreas em que essa fascinação científica é mais forte, ele alerta que apenas "em uma relação ativa, de *apropriação* e de *invenção*, se pode enfrentar a conversão dos modelos em dogmas e das teorias em doutrinas", sobretudo, em um campo de estudos como a

Comunicação, que foi totalmente marcado por "fatores externos à dinâmica própria das disciplinas acadêmicas", ou nasceram voltados para atender demandas de formação técnica para atuação no mercado de trabalho.

Na segunda referência que ele faz ao mapa, diferente de como o expõe na introdução de *Ofício de cartógrafo*, o autor narra o contexto de produção acadêmica em Comunicação na América Latina. Ele na verdade apresenta os dados de como construímos de fato nossas bases teóricas. Por exemplo, ao comentar a relação de *apropriação*, o autor explica que foi a partir dela que construímos grande parte de nossas concepções e teorias sobre as situações de comunicação observadas no continente. Pela mesma via, acabamos efetuando "*leituras desviadas*" e até aberrantes tendo em vista a necessidade de romper ou lutar contra a fetichização das teorias estrangeiras.

> [...] nos anos de 1970 foi desviado do seu viés difusionista o modelo sistêmico e se usou de modo não-maniqueísta a análise ideológica; nos anos 1980 se tornou complexo o modelo informacional, introduzindo variáveis históricas, e se abriu a teoria cultural para uma abordagem não apocalíptica das mídias maciças (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 241).

Ainda no mapa dos tipos de uso teórico, Martín-Barbero (2004) destaca que três operações *chaves de apropriação*: 1) "abrir as concepções e os modelos a questões não previstas inicialmente, mas não necessariamente incompatíveis com eles"; 2) "tomar as teorias como conjuntos de ferramentas conceptuais mais que como princípios"; 3) "superar o purismo que nos incapacitava a fazer uso de procedimentos e instrumentos técnicos em virtude de sua contaminação 'irremediável' por concepções consideradas falsas" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 241).

Lopes (2010, p. 48) aponta que "a importação pressupõe uma *escolha* por parte de quem consome. Desse ponto de vista, as teorias sociais não são consumidas passivamente, mas antes, são 'importadas' porque atendem a certas demandas internas". E estas, por sua vez, acabam tendo um papel legitimador para a produção intelectual nos países da América Latina.

É válido observar que desde o primeiro contato que tive com o mapa sobre as relações teóricas na Comunicação fiquei receosa de continuar usando o termo *apropriação*. Isto porque a *apropriação* me pareceu, em um primeiro olhar, algo

não tão positivo para a pesquisa em Comunicação, já que ao deslocar a teoria em busca de modelos, acabamos tirando-as do lugar e enviesando concepções idealizadas a partir de outros cenários, bem como não permitindo um diálogo favorável aos objetos de estudo da área. Nesse sentido, a própria noção recorrente que tinha de *apropriação*, geralmente mencionada em trabalhos que discutem recepção, como na pesquisa de TCC, ficou em suspenso até que compreendesse um pouco mais dos elementos que a discussão do autor realmente suscita.

Como destaca Lopes (2010), Martín-Barbero afirma que o processo de *apropriação* teórica empreendido na América Latina foi central para a configuração de nossas pesquisas, tendo em vista que ele representou um primeiro passo frente à *dependência*, mesmo que em muitos momentos os resultados tenham sido enviesados. Além disso, por muito tempo esse comportamento atendeu, e com certeza continua atendendo, os estudos realizados em diálogo com nossos cenários empíricos, como o próprio Martín-Barbero (2004) aponta quando menciona a contribuição da *apropriação* e registra que as questões observadas não são "necessariamente incompatíveis" com as teorias apropriadas.

Nesse sentido, considero pertinente registrar que tenho a impressão de que mesmo no processo de construção de conhecimento no nível da *invenção* a importação de bases teórico↔metodológicas não é necessariamente eliminada. O que ocorre é um permanente e intenso enfrentamento teórico↔metodológico do pesquisador com a realidade estudada, a fim de constituir novas possibilidades de interpretação que nem dependem e nem encaixam o objeto em estruturas prontas. Pelo contrário, propõem novas formas de pensar e esse não deixa de se caracterizar como um processo de criação, no mais amplo sentido do termo. Isso porque, este implica não apenas criatividade, mas decisões e escolhas das mais diversas ordens no momento do fazer pesquisa, que por sua vez são resultado do que o pesquisador traz em seu repertório cultural. E se assim o for, *inventar* pressupõe uma conduta cartográfica, e esta, por sua vez, exige a construção de mapas que impeçam a leitura de qualquer processo comunicacional a partir de um único sentido.

> Há invenção na medida em que se procura deslocar as fronteiras erigidas por disciplinas, cânones e hierarquias dos saberes, racionalidades políticas ou evidências tecnológicas, e se vai elaborando uma articulação estrutural entre formação e investigação (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 242).

Entre as possibilidades da cartografia está a reflexão sobre as bases da discussão de um novo paradigma científico que se estabelece ou pelo menos deveria ter se estabelecido na contemporaneidade – na opinião de autores como Morin (2009, 2010) e Santos (1987) –, por meio do qual primordialmente a ciência reconhece no *senso comum* elemento chave de sua efetiva constituição. Martín-Barbero (2009a) aponta o esgotamento do paradigma analítico ao se referir às contribuições e rupturas provocadas por Morin (1977), que propõe uma sociologia da cultura, levando em consideração as mudanças provocadas pela chamada *cultura de massa* dada à incorporação dos meios de comunicação massivos no dia a dia das pessoas com o advento da modernidade.

Com a sucessão de crises econômicas causadas pelas guerras mundiais na primeira metade do século XX, sobretudo na Europa, os feitos da ciência passam a ser questionados ao lado do discurso liberal da burguesia, que como se sabe, nada tem de igualitário e fraterno. Leituras da realidade como as propostas pelos teóricos da Escola de Frankfurt são questionadas e reinterpretadas e a cultura passa a ser considerada objeto de pesquisa, "deixando para trás uma concepção [...] reduzida a código, e da história, a estrutura" (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p. 91). Em busca de uma racionalidade exacerbada, a ciência acaba estabelecendo dogmas e verdades absolutas ao invés de leituras coerentes à realidade vivenciada, ou ainda discursos provisórios sobre determinada questão.

Como já apontado e criticado por Martín-Barbero, Morin (2010) explica que a ciência moderna se baseia em relações de permanente complementaridade e antagonismo. De forma específica na segunda parte de *Ciência com Consciência*, o autor explica que a ciência é composta por "quatro pernas" – empirismo e racionalismo, imaginação e verificação –, e por isso não pode ousar caminhar sustentando-se em apenas uma delas. É inegável que na perspectiva moderna de ciência muitas pesquisas ousaram não eliminar uma das pernas, mas se apoiar com mais força em algumas delas, como o racionalismo. Com isso, corre-se o risco de que as ideias/teorias não sejam "apenas meios de comunicação com o real; elas podem tornar-se meios de ocultação" (MORIN, 2009, p. 54).

Nesse sentido, incorporar um pensamento complexo é também reconhecer a ciência como igualmente complexa. Morin (2010, p. 9) destaca a necessidade de reconhecer o conhecimento como multidimensional, logo, "a ciência tem

necessidade de um pensamento apto a considerar a complexidade do real, mas desse mesmo pensamento para considerar sua própria complexidade e a complexidade das questões que ela levanta para a humanidade".

Ao propor o pensamento complexo Morin (2010) reconhece a existência de uma *duplicidade* permanente na sociedade. O problema de pesquisa é sempre duplo, mas não um duplo *dual* e polarizado que remeta ao antagonismo, mas a uma *duplicidade* que reúne os opostos. Um duplo que diferentemente do que se afirma, trata de dois necessariamente juntos, um conduzindo o outro, um dentro do outro. Trata-se de um problema que se reconhece como *unidual*, pois é único, composto essencialmente por elementos em conflito. Vale registrar que essa *duplicidade* é diferente da dualidade que Martín-Barbero critica, por evidenciar a polarização entre partes que nunca poderiam se complementar.

Por isso, é impossível ainda visualizar ordem e desordem de forma unicamente antagônicas e separadas. O conflito nos constitui, nos delineia, por isso é complexo.

> É dessa complexidade que se afastam os cientistas não apenas burocratizados, mas formados segundo os modelos clássicos do pensamento. [...] Esses mesmos espíritos não querem se dar conta de que, contrariamente ao dogma clássico de separação entre ciência e filosofia, as ciências avançadas deste século todas encontraram e reacenderam as questões filosóficas fundamentais (MORIN, 2010, p. 9).

Chamou-me atenção a discussão que Morin (2010) faz a respeito do conceito de autonomia, que mesmo sem ser reconhecido pelas ciências "duras" do paradigma moderno – como a Biologia e Física –, não pode ser percebido na perspectiva da complexidade de forma tradicional ou limitada à noção de independência.

Antes de passar à concepção proposta pelo teórico, é interessante observar, mesmo que de maneira rápida, que esse fato explica porque também nas Ciências Sociais e Humanas os indivíduos não eram percebidos como autônomos, conscientes ou minimamente agentes de uma realidade. Entre as críticas mais severas à ciência moderna está a negação/anulação do sujeito na compreensão da sociedade e da vida, aqui falando do ponto de vista biológico. Citando Lévi-

Strauss[137], Morin (2009, p. 41) destaca que o teórico acreditava que "o fim das ciências humanas não é revelar o homem, mas dissolvê-lo em estruturas".

Assim, entre as principais contribuições do pensamento complexo está reconhecer o homem como um agente complexo, que é ao mesmo tempo um ser "totalmente biológico e totalmente cultural".

Retomando a explicação sobre autonomia, Morin (2010) menciona que mesmo sendo antagônica à noção de *dependência*, as duas necessitam uma da outra para compreensão. Novamente, o exercício que o teórico propõe é o de reconhecer que algo nunca é composto de uma única face. Ele explica que no caso de um sistema autônomo, por mais independente que ele seja, ele precisa controlar, ao mesmo tempo, seu contato com outros sistemas, ora mantendo-se fechado, ora aberto, afim de "preservar sua individualidade e originalidade".

> No universo das coisas simples [referência à ciência clássica] é preciso "que a porta esteja aberta *ou* fechada", mas, no universo complexo, é preciso que um sistema autônomo esteja aberto *e* fechado, a um só tempo. É preciso ser dependente para ser autônomo (MORIN, 2010, p. 184, *grifo nosso*)[138].

Mesmo sabendo das divergências de Pierre Bourdieu com as proposições de Morin – sendo ele um dos principais críticos ao *Espírito do tempo* –, não há como negar a correlação com a teoria dos *campos*, na qual a sociedade está divida por campos que se sobrepõem a partir de disputas de poder, nos seus mais diferentes níveis e tipos – econômico, político, social, simbólico, entre outros. Com divisões e disputas internas de poder, cada campo estabelece contato, ou não, um com o outro, a partir de seu interesse e definindo os limites do processo simultâneo de abertura e fechamento. No caso do campo midiático, necessariamente pertinente ao jogo de interesses de todos os demais campos, é interessante observar que para Braga (2012a), frente ao cenário de *midiatização,* ao invés de falarmos de *circulação* é necessário acionar a noção de *circuitos*, já que atualmente a circulação tem fluxo contínuo, o que talvez se aproxime mais da complexidade de Morin.

---

[137] Neste livro, Morin (2009) referencia as obras em notas de rodapé ao final da página em questão. Entretanto, especificamente no caso de Lévi-Strauss, o autor não menciona o texto que teve contato e baseou a citação.

[138] Fiz questão de destacar os conectivos "ou" e "e" que semanticamente e até visualmente permitem a diferenciação entre as perspectivas moderna e pós-moderna/contemporânea de ciência (ou no caso de Morin, paradigma da complexidade). Observando o sentido da citação, sou levada a pensar imediatamente também à *razão dualista* que Martín-Barbero critica.

Ao propor os *circuitos* Braga (2012a) explica que a partir desse entendimento não há mais pertinência em percebermos os campos sociais a partir de Bourdieu (2010). Isto porque, ao invés de termos um conjunto de campos atuando de forma independente e competindo com os demais por espaço ou visibilidade na mídia, hoje vivenciamos a experiência de uma cultura midiática que atravessa todos os campos sociais, modificando a própria lógica de funcionamento interna de cada um, inclusive, no que concerne aos jogos de poder. E esse atravessamento é provocado por *circuitos* que viabilizam novos processos de interação social, pois para Braga (2012a), citando Antônio Fausto Neto[139]

> já não se trata mais de reconhecer a centralidade dos meios na tarefa de organização de processos interacionais entre os campos sociais, mas de constatar que a constituição e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria a "cultura da mídia" (BRAGA, 2012a, p. 43).

Por isso, como afirma Braga (2012a, p. 45), "os diferentes campos sociais, no seu trabalho de articulação com o todo social, desenvolvem táticas e usos para as tecnologias disponíveis moldando-as a seus objetivos". Isto porque,

> essa processualidade interacional repercute sobre o próprio perfil do campo – por exemplo, incidindo sobre o equilíbrio das forças que o desenham em dado momento, abrindo possibilidades para determinadas linhas de ação e fechando outras, exigindo diferentes tipos de ajuste ao contexto (BRAGA, 2012a, p. 45).

Diante da compreensão de *circuitos* fica ainda mais clara a afirmação de que a contemporaneidade é favorável à consolidação de áreas do saber como a Comunicação, já que diferentemente das demais ciências, não precisará ou deverá investir na estruturação de uma base epistemológica hermética e nos moldes ditos modernos tendo em vista que própria configuração dos campos sociais está em pleno processo de reconfiguração, inclusive, em suas ações internas de detenção e controle de poder e disputa por capitais. Assim, como defendem Martín-Barbero e Morin, parece inevitável a atuação interdisciplinar dos campos, sem, porém, abrir mão de "impor suas próprias lógicas" (BRAGA, 2012a, p. 45).

---

[139] FAUSTO NETO, Antonio. Fragmentos de uma analítica da midiatização. *Matrizes*, São Paulo, V. I. n. 2, p. 89-105, abr. 2008.

Novamente somos convidados a repensar os moldes de compreensão antagônicos e duais a que fomos acostumados. Se não estabelecermos esse movimento não conseguiremos nem mesmo nos aproximar do primeiro deslocamento proposto por Martín-Barbero de ir *dos meios às mediações*. Como sabemos, mesmo tendo sido decisivos para o estabelecimento das sociedades modernas, por muitos anos os olhares lançados sobre os meios de comunicação massivos foram dicotômicos e considerados opostos. De um lado sempre estiveram os teóricos críticos que encaravam os meios como instrumentos de dominação dada sua relação clara com o sistema industrial de produção. No caso das pesquisas ditas administrativas os meios eram vetores de bens de consumo e isso era totalmente favorável ao estabelecimento e manutenção do sistema de dominação das massas.

Em ambas as bases de pensamento nada se via para além do viés econômico dos meios e seus efeitos no comportamento dos consumidores. A cultura era tida como algo estanque e totalmente apartada das relações de poder que são próprias das interações comunicacionais, logo sociais e culturais. Cultura era arte, e esta por sua vez estava em processo de degradação pelos processos implementados pelo sistema capitalista, em especial pela lógica da *indústria cultural*.

Mesmo divergindo, as duas frentes de estudo leem a sociedade de massas como uma nova forma de organização social do período moderno. Conforme Mauro Wolf (1995) destacava no final da década de 1980 as diferentes teorias descritas em seu livro, mesmo concebidas e vigentes em tempos e contextos históricos diferentes, traziam em sua essência uma visão praticamente igual do que seria comunicação.

Por isso, na resenha sobre a obra de Wolf (1995), Gleidson Wirllen Bezerra Gomes (2011)[140] destaca a *circularidade* que havia entre as diferentes teorias fundacionais sobre comunicação. Mesmo surgindo em contextos históricos diferentes e parecendo ser divergentes em sua totalidade, na verdade uma acaba

[140] A resenha integra a primeira edição do "Caderno de Resenhas" desenvolvido no âmbito do PPGCOM da UFPA, a respeito da obra de Mauro Wolf (1995), "Teorias da Comunicação" (4º edição publicada em 1995, em Português de Portugal) a partir das discussões realizadas durante as aulas da disciplina obrigatória de Teorias da Comunicação – ofertada pela Profa. Dra. Maria Ataide Malcher no segundo semestre de 2011 – durante a qual fomos estimulados a produzir resenhas críticas sobre diferentes aspectos do livro. O volume completo está disponível em: <http://www.ppgcom-ufpa.com.br/biblioteca/Caderno_Resenhas_PPGCOM_UFPA.pdf>.

contendo um pouco da outra. Posso dizer que o que Gomes (2011) reconhece é na verdade uma *duplicidade* entre as teorias.

> Um exemplo dessa concepção está na abordagem sobre a teoria crítica, na qual o autor aponta reflexos do modelo comunicacional desenvolvido na teoria hipodérmica. [...] Essa *circularidade* parece ser o fio condutor de toda a reflexão de Wolf sobre as teorias da comunicação massa. E se ela é verdadeira, precisamos ainda refletir sobre o quanto guardamos nas atuais pesquisas, implícita ou explicitamente, da unidirecionalidade das primeiras teorias que constituem a comunicação como uma área do saber (GOMES, 2011, p. 53, *grifo nosso*).

Além disso, me parece ponto chave de divergência a relação que as pesquisas administrativas estabelecem com os cenários empíricos trabalhando quase que exclusivamente com os dados coletados sem embasamento ou aprofundamento teórico. Diferente da pesquisa crítica que se restringe quase que exclusivamente a uma leitura teórica da realidade.

Mesmo não tendo sido pensadas como teorias da Comunicação já que suas análises transcendiam as fronteiras dos campos das Ciências Sociais e Humanas, não há como negar a influência que as bases teóricas norte-americanas e europeias tiveram na estruturação e fundamentação dos primeiros estudos da área, mesmo que ainda restritos aos meios de comunicação massivos ou às "comunicações de massa", como reconhece Morin (1977). E assim, tendo em vista as relações de *dependência* teórica que os estudos de Comunicação firmaram na América Latina, como indicou Martín-Barbero (2004) ainda não dispomos de um corpo teórico claro de pesquisa na área, que dê conta de objetos essencialmente interdisciplinares e que só se constroem a partir do tensionamento dessas coordenadas teóricas como observado na realidade empírica.

Acredito que quanto mais clareza tivermos das possibilidades teórico↔metodológicas favoráveis às pesquisas na área, menos "erros" e enviesamentos cometeremos e menos tempo e esforços desperdiçaremos. Cabe registrar que ao falar de erros não estou me referindo a uma proibição, mas às experiências já vivenciadas na América Latina oriundas de usos teóricos comumente efetuados na área da Comunicação no nível da *dependência* e das Ciências Sociais de um modo geral – que tiveram sem dúvida sua contribuição e papel histórico –, e que não permitiram a compreensão de realidades empíricas

como as da Amazônia, tendo em vista os "estrabismos" que os olhares teóricos adotados, essencialmente estrangeiros, causavam.

Nesse sentido, retomando as críticas já explicitadas à Martín-Barbero, torno a reafirmar que uma proposição não exclui a outra. Na verdade elas se complementam e trabalham juntas para a manutenção da vigilância epistemológica necessária ao trabalho na área da Comunicação, já que além do cuidado em distinguir o que seria o comunicacional, é preciso ter sempre em mente os meandros socioculturais que delineiam os processos comunicativos, permanecendo no deslocamento *dos meios às mediações*, que como vem advertindo Martín-Barbero, vai muito além dos meios de comunicação e das tecnologias. Mesmo sendo alvo de críticas e inclusive interpelado para um possível retorno das mediações aos meios, o deslocamento proposto pelo teórico ainda se coloca como central mesmo em um cenário de *midiatização*. Assim, mais que circunscrever uma delimitação de área, precisamos adotar uma postura de vigilância epistemológica, evitando que a Comunicação continue sendo "uma encruzilhada pela qual muitos passam e poucos permanecem" (BRAGA, 2011b, p. 63)[141].

Ao chegar na América Latina, Martín-Barbero observa que grande parte dos movimentos de pesquisa ou atuação profissional da Comunicação estavam essencialmente marcados pelo que Dias; Mendez (1999, p. 101) chamam de *desvios funcionais* dos modelos de pesquisa importados, enquanto as reflexões produzidas a partir da base marxista acabavam adotando postura de "teoria militante", na qual a ciência só faz sentido assumindo o tom permanente de denúncia.

Nesse sentido, García-Canclini (1998) destaca a "trajetória" de uso das teorias internacionais na América Latina e afirma ainda que Martín-Barbero é

> mediador entre las obras que aparecieron el último año en la producción internacional y los nuevos especialistas que acaban de escribir una tesis o incluso un artículo innovador, Martín-Barbero ha mostrado que en esta oscilación entre lo consagrado y lo que emerge hay tensiones indispensables para un pensamiento inconforme (GARCIA-CANCLINI, 1998, p. 6).

Assim observo a postura de Martín-Barbero ao se lançar em busca de produções constituídas na própria América Latina. Tanto é que percebemos que a

[141] Braga atribui esta metáfora a Wilbur Schramm, entretanto, não há no artigo a referência bibliográfica do autor citado.

postura teórico↔metodológica de Martín-Barbero, de modo sintético, seria resultado do tensionamento de conhecimentos clássicos das Ciências Sociais e estudo da cultura e dos meios de comunicação, com produções bibliográficas da América Latina que refutam e colocam em cheque determinadas certezas teóricas a partir do momento em que demonstram outras formas de organização social, formação de estados nação e, sobretudo, processos de formação cultural e *apropriação* dos meios de comunicação massivos.

Atribuo esse comportamento à necessidade assinalada pelo próprio autor a respeito do papel do cartógrafo na América Latina que, como mencionado em minha CARTA DE RIO, deve se lançar a mundos desconhecidos. E esses mundos não estão restritos ao desconhecimento das realidades empíricas, mas também ao campo intelectual e acadêmico, já que desconhecemos a produção local sobre nossas próprias realidades tendo em vista a ainda forte tendência de olhar para o Norte, impedindo-nos de "ver o que por aqui se pesquisa e se escreve" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 383). Por isso, o pesquisador também deve assumir o ofício de leitor, mas de "um leitor que, sem menosprezar o prazer da leitura, aposta numa leitura-trabalho de *reconhecimento cultural*" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 383).

Em um dado momento de sua carreira, Martín-Barbero (2004) afirma ter se convertido em um "escrevedor de prólogos", o que também deu volume a sua produção. O autor explica que a partir dessa função ele teve contato tanto com publicações que marcaram o início da trajetória de pesquisadores até então desconhecidos, a maioria jovens, e que pela primeira vez se tornariam públicas, quanto com livros que "vão contra a corrente ou abrem o debate entre posições que se ignoravam entre si"[142].

> Em minha experiência de leitor-que-escreve, fazer prólogos tem resultado numa das formas mais intensas de mergulho intelectual, ao mesmo tempo uma das formas mais gratificantes de compromisso com o nosso, portanto não quis deixar de fora este livro, que faz memória das aventuras de um cartógrafo, essa nervosa carta de navegação que tem desenhado minhas leituras de *ofício* (no melhor sentido) (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 384).

[142] Além de estarem presentes em inúmeros livros espalhados pela América Latina, alguns dos prólogos escritos por Martín-Barbero estão disponíveis no capítulo intitulado "Ofício de Leitor", do livro *Ofício de cartógrafo*. Para facilitar a leitura, o autor dividiu os textos em duas categorias: prólogos voltados para "Reconhecer e fomentar novas vozes"; e "Incentivar a abertura de brechas".

Em paralelo ao “estrabismo” de nossas pesquisas, que praticamente ignoram as referências locais, há uma reconhecida dificuldade de circulação da produção escrita (livros e revistas) entre os países latino-americanos e de modo particular, percebida entre os estados da região Norte do Brasil.

Martín-Barbero (1988, p. 2-3) afirma que a Comunicação pode ser considerado um campo “estranho” se pensarmos que em paralelo às discussões que fazemos sobre tecnologías e em “el flujo de las informaciones sobre su estudio sigue pasando, tanto o más que por los libros y las revistas, por la ‘cultura oral’ de los encuentros, de los seminarios y por esa otra, también oral a su manera, que es la de las cartas”. O autor comenta ainda que muitos dos textos a que teve acesso durante sua carreira foram disseminados a partir de versões/cópias feitas em mimeógrafos ou máquinas fotocopiadoras. Estes seriam textos dos pesquisadores presentes no evento e que em suas versões impressas do material que apresentavam, acabavam ao longo do debate tecendo novos comentários nas bordas das páginas. Antes de retomar o material e consolidá-lo com as novas considerações, estes eram compartilhados com os colegas por meio desse tipo de cópia. Assim, a cada reprodução iam também as “marcas” (anotações, sublinhados, etc.) das leituras atuais e anteriores.

Por essa comunicação predominantemente oralizada da produção, Martín-Barbero relata que ao fazer o exercício de reunião de seus textos ele teme por organizá-los ou deslocá-los de seus locais de fala de modo que acabam perdendo sentido. Para ele, o ideal seria escrever dois livros, sendo um deles sobre as leituras ou sobre “lo proceso de comunicación ‘vivido’ por los textos’”. Além disso, ao juntar suas produções mesmo que de tempos e contextos diferenciados de produção e publicação ele conseguiu descobrir “lo que en la distancia había de trayecto” (MARTÍN-BARBERO, 1988, p. 3).

Curiosamente, lembrei agora do material impresso que tive acesso durante a pesquisa do TCC relativo aos dados históricos e geográficos do município de Óbidos. Esse conteúdo, segundo as professoras da Escola da comunidade Santíssima Trindade, foi elaborado por uma moradora da cidade que deu aula por muito tempo sobre esses assuntos e que decidiu reunir em um material próprio informações que não estavam registradas nos livros. Desde então, esse texto passou a ser disseminado por fotocópias ou matrizes mimeografadas, tornado-se o

material “oficial” das escolas do município de Óbidos no que concerne à história e geografia local.

Frente ao relato de Martín-Barbero (1988) de que no “estranho” campo da Comunicação o intercâmbio de conhecimentos se dá mais de forma oral nos encontros científicos do que por publicações como livros e artigos, como pesquisadora iniciante, mas envolvida desde a graduação com a participação em eventos dessa natureza na área de Comunicação, não há como não observar o nível de institucionalização alcançado pela área da Comunicação em suas atividades.

O exemplo de Martín-Barbero (1988) pode ser percebido nos Encontros anuais da COMPÓS (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação), em que os pesquisadores, além é claro de submeterem seus trabalhos para publicação, reúnem-se por dois ou três dias em grupos de trabalho para literalmente travarem discussões a respeito de seus textos e mais que isso, a respeito de suas reflexões teórico↔metodológicas de pesquisa. O exercício é tão intenso e importante para a produção intelectual dos pesquisadores, que muitos dos textos elaborados posteriormente ao momento do evento são em resposta ao artigo ou à arguição do colega expressa no evento anterior. É o caso, por exemplo, dos professores Ciro Marcondes Filho e José Luiz Braga, que desenvolvem um embate bastante frutífero para a compreensão do(s) objeto(s) de estudo da Comunicação.

Vale destacar também o esforço dos congressos nacionais da Intercom, em que é comum entre os Grupos de Pesquisa não só a publicação dos artigos nos Anais e a discussão/apresentação dos mesmos durante os eventos, bem como a revisão posterior dos trabalhos e reunião em livros organizados sobre o tema mais convergente ao grupo. Nesse ponto, fica claro o hábito comum à área de produzir obras que são resultado de múltiplos esforços de pesquisa, colocados em diálogo e tensionados nos diferentes espaços acadêmicos de discussão.

Diante desse fato, não posso deixar de relativizar a crítica que Martino (2007b) faz em relação ao perfil institucionalizado do campo da Comunicação, o mesmo que ainda não dispõe de uma base teórico-epistemológica consolidada. Mais que criticar e fazer exigências aos pesquisadores que reconfigurem seus hábitos – isso não que dizer descompromissá-los de buscar a consolidação da área – talvez seja estratégico potencializar os esforços já empreendidos nos fóruns da

área, ao mesmo tempo observando o que já há de positivo e construtivo nesses espaços e sensibilizando a produção que ainda precisa se alinhar ao objetivo maior de consolidação de uma base teórica para a área.

Considerando as estratégias de disseminação oral, Martín-Barbero conta ter conseguido reunir, ainda na década de 1980, a "extensa e rica bibliografia latino-americana" que ele usou em *DMM*.

Segundo Reguillo-Cruz (1998),

> su pensamiento despliega tanto la cultura canónica legitimada y valorizada, como las aparentemente insignificantes manifestaciones culturales del día a día y la presencia en los medios de comunicación de estas culturas, develando así los prestamos, la circularidad, las negociaciones que le otorgan a la cultura su carácter dinámico y esencialmente conflictivo (REGUILLO-CRUZ, 1998, p. 86)[143].

Por isso, a autora apresenta o que seriam as três principais contribuições de Martín-Barbero para o campo das Ciências Sociais da América Latina, muitas já observadas e discutidas ao longo do trabalho:

1) "Su capacidad de traducción y adecuación de sistemas teóricos a la realidad sociocultural y política de América Latina y de Colombia. Capacidad [...] portadora de su propia teorización. El diálogo permanente que la obra de Jesús Martín-Barbero sostiene con otros pensamientos le ha permitido precisamente generar lecturas innovadoras que deviene sistemas conceptuales" (REGUILLO-CRUZ, 1998, p. 80).

2) "Su agudeza y sensibilidad para detectar y captar los 'objetos calientes', que en las vertiginosas y densas culturas latinoamericanas se constituyen en lugares estratégicos desde los cuales interrogar los profundos sentidos imbricados en lo social". "Por ejemplo, su 'descubrimiento' de las telenovelas como expresiones de históricas matrices culturales; sus paseos por los cementerios y los mercados populares; sus reflexiones en torno a la ciudad" (REGUILLO-CRUZ, 1998, p. 81).

[143] Tradução livre: "o seu pensamento coloca tanto a cultura canônica legitimada e valorizada, como as aparentemente insignificantes manifestações culturais do dia-a-dia e a presença nos meios de comunicação destas culturas, desvelando desta forma os empréstimos, a circularidade, as negociações que atribuem à cultura o seu caráter dinâmico e essencialmente conflituoso".

3) "[...] el pensamiento abierto de Martín-Barbero se constituye en un desafio permanente a las distintas rigideces y ghettos disciplinarios (REGUILLO-CRUZ, 1998, p. 81).

De modo específico sobre a primeira contribuição, a autora mexicana afirma:

> Su sólida formación filosófica y humanística, además de dotarlo de poderosas herramientas conceptuales, convierten este pensador en un auténtico "arsenal" de bibliografía tanto clásica como innovadora, de la que muchos y muchas nos hemos nutrido en nuestras propias búsquedas. [...] junto al dominio de la literatura especializada de 'peso completo', este investigador logra encontrar los aportes en el trabajo de algún estudiante, de alguna universidad, de alguna ciudad latinoamericana (REGUILLO-CRUZ, 1998, p. 80)[144].

Nesse ponto a autora faz referência à característica central da postura de Martín-Barbero que é a de trabalhar no nível da *invenção* e que exige uma conduta cartográfica. Esta, por sua vez, autoriza que elementos como as impressões do pesquisador e a contribuição de um trabalho de estudante, citado por Reguillo-Cruz (1998) sejam agregados em uma pesquisa.

Além disso, essa postura é central para a compreensão do que vem a ser os processos comunicativos, pois pressupõe que o pesquisador reconheça o conhecimento como *movente* e multidimensional e, mais do que tudo, tenha a chance de observar o conhecimento no dinamismo da vida. Essa compreensão, segundo Reguillo-Cruz (1998) só é possível levando em consideração os deslocamentos vivenciados por Martín-Barbero, que frente ao que se compreendia por popular e comunicação de massa, como um observador astuto,

> ha colocado elementos que ayudaron a matizar y a escapar de ló que él mismo denominó 'la razón dualista' al señalar que lo popular en un sentido gramsciano no era una esencia, sino fundamentalmente una matriz cultural identitaria y, por ende, el lugar de intersección del conflicto y la negociación de valores, discursos, prácticas y creencias (REGUILLO-CRUZ, 1998, p. 83)[145].

---

[144] Tradução livre do trecho: "Sua sólida formação filosófica e humanística, além de lhe oferecer poderosas ferramentas conceptuais, transforma este pensador em um autêntico "arsenal" de bibliografia tanto clássica quanto inovadora, da que muitos e muitas temos nos alimentado em nossas próprias buscas. [...] junto com o domínio da literatura especializada de 'peso completo', este pesquisador consegue encontrar contribuições no trabalho de algum estudante, de alguma universidade, de alguma cidade latino-americana".

[145] Tradução livre do trecho: "tem colocado elementos que ajudaram a matizar e a fugir do que ele mesmo nomeou de 'a razão dualista' ao destacar que o popular, em um sentido gramsciano, não era uma essência, mas fundamentalmente uma matriz cultural identitária e, por tanto, o lugar de interseção do conflito e da negociação de valores, discursos, práticas e crenças".

A autora explica que frente à noção de popular, havia apenas dois lados: "o bien se exaltaba de manera aproblemática lo popular como el 'verdadero' y único lugar de la transformación política, o se descalificaba a los sectores populares por su incapacidad reflexiva" (REGUILLO-CRUZ, 1998, p. 83). Ao observar essas posturas, porém, Martín-Barbero reconhece o estabelecimento de uma *cultura de massa* – como Morin (1977) em *Espírito do Tempo* – mas a partir do tensionamento com as realidades empíricas dos países latino-americanos, marcadas por descontinuidades e processos singulares de formação. Isso significou repensar não somente a noção de popular, mas os principais conceitos que delineiam o pensamento das Ciências Sociais no paradigma moderno, entre os quais estão sociedade de massa, comunicação de massa, alienação, ideologia.

> Sus señalamientos [referência a Martín-Barbero] han obligado a una revaloración de aquello que una actitud positivista y absolutamente contraria a la actitud científica considera como mera alienación, superstición o gusto degradado. [...] recolocan en el centro de la reflexión teórica el problema de la subjetividad no como la dimensión irracional u obscura de lo social, sino precisamente como el 'lugar' de las operaciones de apropiación y resistencia de los significados sociales que devienen acción (REGUILLO-CRUZ, 1998, p. 81)[146].

Nessa perspectiva a *cartografia movente* é uma postura que permite uma pesquisa que não fere ou etiqueta o fenômeno observado. Pelo contrário, para realizá-la é preciso estar aberto às indicações do objeto estudado e atento as suas solicitações teóricas e metodológicas e não ao contrário, encaixando-o em um método ou teoria. De forma complementar a essa analogia, no prefácio de *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*, García-Canclini (2003) destaca as posturas de observação adotadas nas Ciências Sociais ao falar das diferentes maneiras como um antropólogo, um sociólogo e um comunicólogo entram em uma cidade. "O antropólogo chega à cidade a pé, o sociólogo de carro e pela pista principal, o comunicólogo de avião" (GARCÍA-CANCLINI, 2003, p. 21). No caso do comunicólogo, a impressão que fica é que o contato com a cidade a que se

[146] Tradução livre do trecho: "Suas reflexões [referência a Martín-Barbero] têm obrigado a uma revalorização daquilo que uma atitude positivista e absolutamente contrária à atitude científica considera como mera alienação, superstição ou gosto deteriorado. [...] recolocam no centro da reflexão teórica o problema da subjetividade não como a dimensão irracional ou obscura do social, senão precisamente como o 'lugar' das operações de apropriação e resistência dos significados sociais que resultam em ação".

chega é essencialmente de cima, sobrevoando a realidade e não caminhando e se permitindo sentir e tocar o objeto.

Diferente da colocação do autor, tendo a *cartografia movente* como postura de pesquisa precisamos estabelecer uma efetiva proximidade e envolvimento com o objeto de pesquisa – algo essencialmente processual – e ainda percebê-la como o primeiro passo para o estabelecimento de um *desenho metodológico* (SCHMITZ, 2008) favorável às *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)* na Amazônia.

Acredito que a analogia acerca do comunicólogo explicitada por García-Canclini (2003) tem como parâmetros de avaliação a postura identificada recorrentemente nos inícios das pesquisas em Comunicação orientadas à pesquisa administrativa de base funcionalista voltada às demandas de mercado sobre o consumo dos meios de comunicação massivos, e de cunho majoritariamente quantitativo ainda muito presente na atualidade (WOLF, 1995).

Como já mencionado, porém, não são apenas esses sobrevoos que enviesam as análises e inviabilizam as possibilidades de interpretações dos cenários latino-americanos. As análises marxistas, como critica Martín-Barbero, também contribuíram de forma substancial com esse enviesamento, pois tudo só poderia ser estudado e percebido a partir de uma visão dual da sociedade, postura denominada pelo teórico de *razão dualista*.

> os mais de 30 anos em que venho lecionando envolvem uma batalha contra o dualismo, tema de outro livro meu: "Processos de comunicação e matrizes de cultura". Veja que dentro das diferentes escolas existem contribuições distintas, e isso se vê com Walter Benjamin, que, desde a Escola de Frankfurt, rompe com sua linha e pensa não só nas dimensões negativas, mas nas novas possibilidades que trazem os meios de comunicação. Muito diferente, aliás, da visão de Theodor Adorno, incapaz de entender a criatividade do jazz a ponto de taxá-lo de pura repetição de formato (MARTÍN-BARBERO, 2012b, p. 3).

Para Wolf (1995, p. 120), "se a pesquisa não se concentrar nas possíveis relações, associações e mediações existentes entre as diversas abordagens, o resultado" será de "sobrevivência da velha representação linear-transmissiva do processo comunicativo", em que se considera que os meios emitem mensagens e essas prontamente atingem o público desejado.

Assim, "não se trata de destruir a relação entre as tendências, [...] mas de encontrar e aprofundar as integrações, as referências e as assimilações que

existem entre as duas perspectivas" (WOLF, 1995, p. 120), no caso a teoria crítica e as pesquisas administrativas.

Do ponto de vista da atuação do pesquisador de Comunicação, a compreensão de Martín-Barbero (2004, p. 239) é que esse cidadão, antes de qualquer coisa, se envolva com a realidade comunicacional de seu país ou região e promova a "articulação da docência e da pesquisa com projetos de formulação de demandas sociais e de desenho de alternativas". E é nessa articulação que não se pode perder de vista as vinculações e *dependências* que os pesquisadores da área acabam firmando com os modelos hegemônicos de compreensão, sobretudo do fenômeno da sociedade de massa e dos meios de comunicação.

É interessante observar neste ponto a maneira como Martín-Barbero (2009b, p. 150) se refere ao que o estimulava à pesquisa na América Latina: "O que eu queria pensar era a força social, cultural e política da vida cotidiana, da comunicação entre vizinhos, entre amigos do mesmo time de futebol e também entre os governantes e governados". E esta posição resulta em estímulo para minha relação com a Amazônia pelo viés da comunicação.

Martín-Barbero (2009a) demonstra que, no contexto latino-americano, o processo de massificação das classes populares trouxe mais ganhos que perdas. Isto porque, foi no espaço urbano que os contingentes populacionais vindos do meio rural conseguiram retomar e estabelecer novas redes de referenciais culturais a partir do contato com a TV, o rádio, o cinema, entre outros meios.

No caso das nossas *cidades-florestas*, percebemos dinâmicas diferentes. Além de não terem necessariamente migrações motivadas por uma lógica industrial e de consequente urbanização de determinados municípios, a vinda das pessoas para a cidade não nos parece representar uma re-conexão com *mediações* tradicionais. Seriam sim novas conexões, agora interpeladas pelos saberes urbanos e rurais, bem como os que, nesse ir e vir, se estabelecem, como o uso de serviços disponíveis na cidade e a incorporação de práticas urbanas a favor da relação com a natureza e vice-versa.

Como exemplo dessas interações aponto os hábitos dos moradores da Santíssima Trindade, comunidade localizada no que administrativamente se classifica como rural – por sua vez totalmente diferente do rural mecanizado das grandes fazendas do Sul do Pará, por exemplo –, que vivem em sua maioria da

pesca. Ainda no ambiente da comunidade fazem uso de aparelhos celulares, TV e rádio, e na cidade circulam e consomem com frequência serviços como a venda de gelo para manter o pescado e outros alimentos e bebidas, bem como fazem compras em mercados da cidade e utilizam caixas eletrônicos em agências bancárias ou lotéricas para saque, por exemplo, de benefícios como o Bolsa Família[147]. Outro exemplo interessante que observamos no período de nossa pesquisa de campo desenvolvida para o TCC é que a irmã de uma das crianças que participou da pesquisa, além de estudar "na cidade" para cursar o Ensino Médio, fazia em alguns dias da semana um curso de informática. A mesma dinâmica se dava com uma das professoras da escola da comunidade que na época da pesquisa residia na Santíssima Trindade e cursava Graduação em Pedagogia, na modalidade à distância, em uma Faculdade particular que tinha um pólo na cidade de Óbidos.

Nesse ponto, é interessante retomar uma afirmação que fiz no TCC, pela qual também questionada pelo professor Agenor durante a defesa:

> "em vez de preencher o "vazio" deixado pela perda dos espaços de mediações (MARTÍN-BARBERO, 2001), os produtos midiáticos atuam no contexto pesquisado como uma forma de "reduzir" o distanciamento e relativo isolamento, do ponto de vista geográfico, que marcam o modo de vida da comunidade ribeirinha" (MIRANDA, 2010b, p. 128)[148].

Avaliando essa colocação frente à compreensão da dinâmica que delineia a vida nas *cidades-florestas* vemos que na verdade não entendia que comunidades como a que estudamos pudessem ter hábitos e interações comunicacionais singulares e que não as configuram como isoladas. O isolamento na verdade está na forma limitada e limitante como costumamos olhar para os cenários empíricos a nossa volta que diferente do que pensamos não permanecem estanques diante de novos movimentos da dinâmica social.

A partir do trabalho de Jardim (2013) – um exemplo claro e emocionante de uma pesquisa na conduta cartográfica que tivemos oportunidade de ler no

---

147 "O Programa Bolsa Família (PBF) é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País. O Bolsa Família integra o Plano Brasil Sem Miséria (BSM), que tem como foco de atuação os 16 milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a R$ 70 mensais, e está baseado na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos" (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME, acesso em 26 jun. 2013).

148 Vale ressaltar que na escrita do TCC trabalhei com a edição de 2001 de *DMM*, diferente da que utilizei nesta dissertação.

fechamento deste trabalho – fica ainda mais interessante observar a noção de artesania[149] implicada na compreensão da *cartografia movente*. Isto porque a pesquisadora observa o trabalho de mulheres marajoaras que trabalham com a fibra de jupati[150] e que nesse "saber-fazer" tecem bem mais que Enfeites e Caminhos[151]. Com a fibra, delas e do jupati, tecem suas vidas, relações, saberes e conhecimentos.

> Seus sentidos [referência aos Enfeites e Caminhos] para essas mulheres vão muito além daqueles impostos pela estética erudita. Para elas a fibra do jupati é ícone da vida coletiva e de suas individualidades, de suas identidades; é índice das lutas e vitórias travadas por elas na vivência às/nas margens de rios e furos de São Sebastião da Boa Vista, são instrumentos de reafirmação pessoal, social, cultural; são representações, símbolos, expressões viva do ser, do fazer e do viver marajoaras (JARDIM, 2013, p. 198).

Como descreve a autora, esse saber-fazer é passado de mãe para filha e de avó para neta tanto por explicações orais, ou apenas visualmente, os menores assistindo quem já sabe. Por isso, a tessitura e o aprendizado são coletivos: todos tecem juntos uma única peça, bem como compartilham histórias de vida. A arte dessas mulheres, como Jardim (2013) demonstra, dá o tom a tudo o que fazem, como a estética e organização de suas casas. É na verdade uma tessitura de

---

[149] É muito importante registrar que a autora se desobriga de usar o conceito de artesanato, pela carga que o mesmo traz tendo sido criado no século XX para especificar artefatos produzidos por grupos sociais considerados inferiores por atuarem em detrimento de uma suposta arte erudita. Por isso, Jardim (2013, p. 108-109) declara, tomando como base diversos autores, que "por não acreditar na inferioridade do saber-fazer das mulheres da fibra de jupati [...] eximo do texto o termo artesanato, não que esse saber-fazer em fibra de jupati não o seja, mas por enxergá-los [...] muito além de um fazer, uma expressão artística, uma prática social, cultural, estética e simbólica".

[150] Citando um texto que escreveu em 2007, Jardim (2013) explica que o jupati é a "[...] palmeira nativa da flora amazônica em aspecto de touceira, com aproximadamente 2 a 3m de altura, mas com folhas compridas que podem atingir até 15 metros. É usada de diversas formas pelos ribeirinhos: da tala grossa faz-se o matapi, utensílio confeccionado com a tala de jupati usado para a pesca artesanal do camarão; da tala mais fina, fazem-se objetos utilitários como cestos e baús e do pecíolo das folhas é retirada uma fibra longa e grossa, branca e leve que é usada na confecção de chapéus de diversos tamanhos e no trabalho de encapa" (JARDIM, 2013, p. 13).

[151] Essa denominação diz respeito ao tipo de desenho que é tecido com a fibra de jupati em chapéus, guarrafas, pulseiras, enfeites de cabelo, entre outras peças. Os efeites seriam desenhos de casas, árvores, e outros elementos. "[...] muitos destes *Enfeites* têm nomes específicos atribuídos pelas mulheres e passam de geração para geração" (JARDIM, 2013, p. 15). Já os caminhos seriam os trançados feitos com figuras geométricas, "[...] são também padrões compositivos, contudo de menor complexidade visual, normalmente representados em linhas diagonais e em zigue-zague, que também possuem denominações dadas pelas mulheres para identificá-los" (JARDIM, 2013, p. 15). Ao notar essa distinção, durante a trabalho fica explícito que o aprendizado do trançado com a fibra de jupati também depende da escolaridade da artesã, pois muitas atem-se apenas aos desenhos já que por não serem alfabetizadas não sabem, por exemplo, "tirar letra na garrafa" como menciona uma das entrevistadas de Jardim (2013).

sentidos, o mesmo que fazemos na cartografia que conecta vários fios de sentido, construindo novos sentidos para além do que cada linha traz consigo.

Neste emaranhado de tessituras, encaro o trabalho da cartografia como coletivo e necessariamente composto por idas e vindas, montagens e desmontagens, tessituras que se fazem e refazem conforme a caminhada. Assim, nessa tessitura são estabelecidos diálogos entre os elementos da pesquisa que por si só já se caracterizam como processos comunicativos, do empírico com o teórico↔metodológico, do teórico↔metodológico com os empíricos do pesquisador e do pesquisador com o que *se move* dentro dele mesmo.

Espírito do tempo

Desde as primeiras teorias da Comunicação o empírico e o teórico estiveram descolados, não necessariamente por uma fragilidade e até inexistência da área, mas pelo próprio enviesamento que a ciência moderna sofreu dado o exacerbado nível de racionalidade empregado nos estudos, inclusive, das Ciências Sociais e Humanas.

Em oposição a esses descolamentos inaugura-se no final da década de 1960 uma corrente de pensamento na França – intitulado por Wolf (1995) de *teoria culturológica* – que valoriza essencialmente as relações entre o consumidor e o objeto de consumo presentes na chamada sociedade de massa. A partir de uma reunião de textos intitulada *O Espírito do tempo*[152], Morin (1977) propõe como foco de pesquisa a *cultura de massa* reconhecida pelos primeiros estudos sociológicos, mas justificada positivamente ou negativamente pela racionalidade tecnológica que sempre tem uma explicação para tudo.

Morin (1977) explica que o livro está voltado para o estudo da *cultura de massa* diferente da maioria dos trabalhos sociológicos da época que se dedicavam à compreensão das chamadas *comunicações de massa*. É interessante observar que retiramos essa afirmação do final do livro, da parte que o autor chamou de

[152] Apesar de pouco conhecido pelo nome completo da obra, este livro está relacionado a uma coleção de textos de Edgar Morin intitulada *Cultura de massas no século XX*. Compondo a referida coleção estão dois volumes: *O Espírito do Tempo 1 - Neurose*, que utilizei, e *O Espírito do Tempo 2 - Necrose*.

"Introdução à Bibliografia". Nesse espaço, o teórico faz um breve comentário sobre o desafio que foi reunir textos para a estruturação do livro. Já que os trabalhos estão essencialmente voltados para as comunicações de massa, e acabam eliminando das análises sociais "os dados históricos, e finalmente, chegam ou a um nível de particularidade dificilmente generalizável, ou a um nível de generalidade inutilizável" (MORIN, 1977, p. 187)[153].

Se dedicando ao que as comunicações de massa disseminam, a *cultura de massa*, o teórico francês explica que esta

> se torna o grande fornecedor dos *mitos condutores* do lazer, da felicidade, do amor, que nós podemos compreender o movimento que a impulsiona, não só do real para o imaginário, mas também do imaginário para o real. Ela não é só *evasão*, ela é ao mesmo tempo, e contraditoramente, *integração*" (MORIN, 1977, p. 90).

Segundo Martín-Barbero (2009a), por esse primeiro esforço, que resoou fortemente nas Ciências Sociais de direita e esquerda da época, Morin foi exilado do ponto de vista acadêmico – situação que provocou "mágoa profunda que, se não foi consolada, adormeceu com o tempo" (MORIN, 2010, p. 7)[154] –, por ter afirmado que o processo de *criação* cultural, frente aos mecanismos da *indústria cultural*, havia se convertido em *produção*, e assim arte poderia ser associado ao que advém da produção industrial.

> Os moralistas completamente ingênuos da primeira metade do século não poderiam perceber nem conceber que os padrões industriais de consumo pudessem ser, ao mesmo tempo, comprimidos vitaminados de alma, pastilhas de personalização. Não podiam conceber o individualismo maciço. Do mesmo modo, era dificilmente perceptível e concebível que o capitalismo, orientado para o lucro material, pudesse, nessa mesma busca,

[153] É curioso pois nessa parte o autor se preocupa em organizar as bibliografias por temas, inclusive trazendo detalhes sobre algumas obras. Acredito que esse movimento pode ser atribuído ao esforço que foi para ele reunir a bibliografia do trabalho tendo vista as dificuldades que ele apresenta na introdução, assim como dessa maneira, Morin acaba facilitando e possivelmente incentivando que outros pesquisadores se apropriem das discussões apresentadas, o que, segundo ele, é pouco debatido. É interessante observar que não de forma tão detalhada mas bastante organizada, Martín-Barbero (2009a), faz a divisão da bibliografia de *DMM* por eixos temáticos abordados no livro, o que facilita, e muito, o contato com autores latino-americanos que pouco se conhece. No total, há seis eixos temáticos assim intitulados: 1) Teoria e crítica da cultura; 2) História política e movimentos sociais; 3) História e modos do popular; 4) Massas: Sociedade, Cultura e Comunicação; 5) Política, Sociedade e Ideologia na América Latina; 6) América Latina: Mediação de massa e culturas populares.

[154] Sobre essa questão, Morin (1977) comenta também que na época da escrita do livro: "onde se viam fogos de palha, [ele] enxergava [...] erupções que revelavam desestruturações em profundidade no núcleo cultural de nossas sociedades" (MORIN, 1977, p. 8).

> divulgando e explorando os continentes imaginários, estimular a vida subjetiva (MORIN, 1977, p. 173).

Citando Greenberg[155], Morin (1977, p. 18) explica que "a orientação consumidora destrói a autonomia e a hierarquia estética próprias da cultura cultivada. 'Na cultura de massa não há descontinuidade entre a arte e a vida'". Sobre essa mistura, García-Canclini, no prefácio de *DMM* comenta que

> A cultura contemporânea não pode desenvolver-se sem os públicos massivos, nem a noção de povo – que nasce como parte da massificação social – pode ser imaginada como um lugar autônomo. Nem a cultura de elite, nem a popular, há tempos incorporadas ao mercado e à comunicação industrializada, são redutos *incontaminados* a partir dos quais se pudesse construir outra modernidade alheia ao caráter mercantil e aos conflitos atuais pela hegemonia (GARCÍA-CANCLINI, 2009, p. 23).

Segundo Martín-Barbero (2009a, p. 89), "Morin demonstra, a propósito do cinema especialmente, como a divisão do trabalho e a mediação tecnológica não são incompatíveis com a 'criação artística'". Assim, pela primeira vez a *cultura de massa* é reconhecida como

> um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções. Esta penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e de identificação polarizadas nos símbolos, mitos e imagens da cultura como nas personalidades míticas ou reais que encarnam os valores (os ancestrais, os heróis, os deuses, etc.) (MORIN, 1977, p. 14-15).

Ainda segundo Morin, "a *cultura de massa* encontra o seu terreno ideal onde o desenvolvimento industrial e técnico cria novas condições de vida que desagregam as culturas anteriores e fazem emergir novas necessidades individuais" (MORIN *apud* WOLF, 1995, p. 93)[156].

---

[155] GREENBERG, Clément. Avant-Guarde et Culture de Masse. In: *Mass Culture*, Glencoë, The Free Press, 1957, p. 98-107.

[156] Vale ressaltar que tive acesso à 4ª edição de Espírito do Tempo publicado em português, versão na qual Morin apresenta uma atualização e um novo prefácio da obra. Assim, não tive acesso ao mesmo prefácio que Wolf (1995) e Martín-Barbero (2009a) referenciam ao longo de suas obras. Por isso, optamos por não suprimir as leituras desses autores sobre a obra de Morin, mesmo que para isso mantenhamos o uso de *apud*. Vale ressaltar que a edição citada por Martín-Barbero (2009a) e Wolf (1995) é <MORIN, Edgar. *L'Esprit du temps 1*: Névrose. Paris: Grasset, 1962>, sendo no caso do autor italiano uma tradução para seu idioma publicada em 1963.

Diferentemente do que eu pensava até a leitura de *Espírito do Tempo*, Morin (1977) apresenta uma postura bastante crítica em relação aos chamados *efeitos* dos meios de comunicação de massa. Ele reconhece as implicações da *cultura de massa* e por isso se dedica a estudá-la. Mas, diferente de outros autores, como o próprio Martín-Barbero – que coloca em cheque esse pessimismo ao observar o cenário de formação dos países latino-americanos –, Morin, em um primeiro momento não a percebe de forma construtiva.

A *cultura de massa* "não é a única cultura do séc. XX mas é a corrente verdadeiramente de massa e verdadeiramente nova do séc. XX" (MORIN *apud* WOLF, 1995, p. 90). Por isso, é necessário ir além da pesquisa administrativa e/ou de uma sociologia tradicional o que, segundo Morin (1977), dificultou o estabelecimento de uma bibliografia sobre o tema no período de elaboração do livro.

> O conhecimento dessa cultura é necessário não só para compreender os processos multiformes de industrialização e supercomercialização culturais, mas também o quanto das aspirações e obsessões próprias a nosso "espírito da época" é traduzido e traído pela temática das mídias (MORIN, 2009, p. 80).

Entre os trechos do livro que me fizeram perceber essa postura, destaco: "Por um lado, a *cultura de massa* alimenta a vida, por outro lado, atrofia-a" (MORIN, 1977, p. 170). Da mesma forma que consumimos "nos servem de consolo para a vida que nos falta, nos servem de distração para a vida que nos é dada; de outro lado, incitam-nos à imitação, dão o exemplo da busca da felicidade" (MORIN, 1977, p. 170).

É importante destacar que após a releitura das afirmações anteriores e diálogo com minha orientadora, fiquei me perguntando se de fato esse posicionamento de Morin não seria ainda um postura não lapidada, bem como resultado da própria dinâmica do que seria conhecimento na década de 1960, em que tudo era polarizado e colocado em franca oposição. Tanto é que nos demais livros a que tive acesso o autor apresenta uma compreensão bem mais ampliada não apenas da cultura contemporânea, mas da vida. Assim como, o próprio texto dele parece ter assumido um tom leve e quase poético em algumas passagens. Essa transformação também foi percebida no texto de Martín-Barbero considerando as publicações que vão do doutorado às últimas entrevistas concedidas em 2012.

Neste caso, porém, ao invés de uma escrita poética, o autor assumiu e se percebe como um *cronista* de aventuras na América Latina[157], o que na minha percepção seria também uma característica de uma postura de cartógrafo.

Ainda na leitura de *Espírito do Tempo*, notei uma visão limitada de processo comunicativo referenciada por Morin (1977), que mantém uma discussão linear entre emissor-receptor, próprio de todas as teorias da época como já indicaram Wolf (1995) e Gomes (2011). É interessante observar que o autor cita a sociologia norte-americana de Lazarfeld que conseguiu "reintegrar o espectador ou o leitor nos grupos sociais a que pertencem" por conta do reconhecimento das relações sociais que interferem na recepção das mensagens nos meios – fazendo uma referencia clara à Teoria dos Efeitos Limitados –, e demonstrou que o público não é uma "cera mole sobre a qual se imprimem as mensagens das comunicações de massa". Como explica Wolf (1995, p. 92), mesmo os autores que corroboram com a *teoria culturológica*, como Morin, acabam recorrendo ao tipo de processo comunicativo ligado à teoria hipodérmica, ligado a uma dinâmica linear e unilateral de comunicação. Mais um exemplo, da *circularidade* das teorias observada por Gomes (2011) na obra de Wolf (1995), em que apesar de divergentes as teorias reconhecidas como da Comunicação bebem em uma mesma fonte de compreensão – ou incompreensão – do processo comunicativo baseado na fórmula emissor-mensagem-receptor.

No mesmo sentido, Martín-Barbero reconhece em *DMM* que "os frankfurtianos nos ajudaram a entender que as questões sobre comunicação são culturais. Contudo, eles veem basicamente sua dimensão negativa" (MARTÍN-BARBERO, 2012b, p. 3).

Em crítica à *cultura de massa*, Morin (1977) afirma que já se abrem frestas no ritmo das relações de consumo estabelecidas, que a nosso ver são extremamente atuais e compatíveis com a realidade que vivenciamos nos grandes centros urbanos.

> De um lado, uma vida melhor, de outro lado, uma insatisfação latente. De um lado, um trabalho menos penoso, de outro lado, um trabalho destituído de interesse. De um lado, uma família menos opressiva, de outro lado, uma solidão mais opressiva. De um lado, uma sociedade protetora e um Estado assistencial, de outro lado, a morte sempre irredutível e mais absurda do que nunca. De um

[157] Martín-Barbero faz essa afirmação na Introdução de *Ofício de cartógrafo*.

> lado, o aumento das relações de pessoa a pessoa, de outro lado, a instabilidade dessas relações. De um lado, o amor mais livre, de outro lado, a precariedade dos amores. De um lado, a emancipação da mulher, de outro lado, as novas neuroses da mulher. De um lado, menos desigualdade, de outro lado, mais egoísmo (MORIN, 1977, p. 182-183).

Morin (1977) reconhece ainda, ao mencionar a necessidade natural do homem de cultivar elementos no imaginário que vão muito além do pensamento racional, que a *alienação* é mecanismo fundamental do funcionamento do social. Em diálogo com Freud o teórico aponta uma atuação da *indústria cultural* para além do sentido negativo atribuído a sua função alienante. E como explica Martín-Barbero:

> se uma mitologia "funciona" é porque dá resposta a interrogações e vazios não preenchidos, a uma demanda coletiva latente, por meios e esperanças que nem o racionalismo na ordem dos saberes nem o progresso na dos haveres têm conseguido extirpar ou satisfazer. A impotência política e o anonimato social em que se consomem a maioria dos homens reclama, exige esse suplemento-complemento, quer dizer, uma razão maior de imaginário cotidiano para poder viver (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p. 91).

Então, para Martín-Barbero (2009a, p. 91), "eis aí, segundo Morin, a verdadeira *mediação,* a função de meio, que cumpre dia a dia a *cultura de massa*: a comunicação do real com o imaginário". Como completa o próprio teórico francês, "as participações imaginárias e as participações na vida real, longe de se excluírem, se compatibilizam. Os jovens 'ativistas' de cinema, de rádio, revistas são também os mais ativos em sua vida pessoal e suas relações de camaradagem" (MORIN, 1977, p. 169).

Assim, mesmo encarando a comunicação como um processo linear, no reconhecimento e destaque que Morin (1977) dá à *cultura de massa* fica explicito o cenário de ocorrência dos processos comunicativos que delineiam quem somos socioculturamente. Nas palavras do próprio autor, fica claro que ele já reconhecia a existência de uma "essência comunicante e comunicativa da cultura de massa" (MORIN, 1977, p. 179), esta, por sua vez, compatível com a *natureza comunicativa da cultura* de Martín-Barbero (2009a).

Além disso, pela contribuição de Morin (1977), que acredito ter sido uma das centrais para a obra de Martín-Barbero, é possível reconhecer os meios de comunicação para além de uma visão alienante, mas como importantes *mediações*,

ou como chamei no TCC, *rodas de fiar,* de um novo modo de vida em uma sociedade industrializada e a partir de uma nova relação com espaço e tempo, que fornecem essencialmente *desejos*, mais inclusive que os redutos tradicionais de mediações denominados por Morin (1977, p. 174) como "os grandes ferrolhos inibidores" que permanecem fortes. Mas, segundo o autor "o desejo de satisfazer os desejos infiltra-se na vida".

> Na cultura de massa, a união entre o imaginário e o real é muito mais íntima do que nos mitos religiosos ou feéricos. O imaginário não se projeta no céu, fixa-se na terra. Os deuses – estrelas, olimpianos – os demônios – criminosos, assassinos – estão entre nós, são de nossa origem, são como nós mortais. A cultura de massa é realista (MORIN, 1977, p. 168-169).

E mais, para Martín-Barbero talvez *Espírito do Tempo* tenha sido uma das chaves para a compreensão do processo de interpelação do popular no massivo que, por diversos movimentos que antecedem o surgimento dos meios de comunicação de massa, já era convertido pelo processo de *massificação*.

Reconhecer que a *cultura de massa* é cultura sem dúvida foi a chave para repensar a compreensão moderna do fenômeno da sociedade de massa e, por sua vez da modernidade. Diante disso, frente ao reconhecimento feito por Morin (1977), Martín-Barbero demonstra nos meandros das articulações do popular, que mais que cultura, esse é o cenário onde a vida acontece articulando real e imaginário, meios e interações. É um espaço de *mediações*, que para Reguillo-Cruz (1998, p. 83-84) representa a chave para compreensão do popular "en sus articulaciones complejas y múltiples con la formación de los Estados nacionales", e que vão muito além de uma visão linear de comunicação e processos comunicativo como pensava Morin (1977).

Como o próprio autor explica:

> Daí partiu minha aventura epistemológica: tornar possível outras perguntas que nos exigiam não apenas misturar ingredientes das diversas escolas e disciplinas, mas *atrevermo-nos a inventar um outro modo de pensar a comunicação, já não mais a partir da psicologia social norte-americana ou da semiótica francesa, mas a partir «da cultura, das culturas, da nossa própria vida social e cultural»* (MARTÍN-BARBERO, 2009b, p. 144, *grifo nosso*).

É interessante observar as articulações que o autor faz já naquele momento a respeito do perfil objetivo e subjetivo do ser humano e, sobretudo, em relação com

a *cultura de massa* que está fundada essencialmente no aspecto tecnicista. Estas, porém, não impedem que os homens constituam ações subjetivas já que, como postula a complexidade, os mundos do determinismo e do aleatório, do objetivo e do subjetivo se completam, bem como dentro da própria lógica está a chance do acaso.

Há o que Morin (1977, p. 173) chama de "dupla natureza da cultura de massa" que é ao mesmo tempo "tecnicista e contratecnicista, abstrata e concreta, objetivadora e subjetivadora, industrial e individualista". Isso significa que "quanto mais o mundo se torna objetivo, mais o homem se torna subjetivo" (MORIN, 1977, p. 172-173). Por isso,

> os homens sofrem em seu próprio ser os processos de objetivação, mas, ao mesmo tempo, subjetivizam sua vida pessoal individualizando-se mais. Os objetos tornam-se coisas, utensílios, instrumentos, mas ao mesmo tempo ficam impregnados de valores subjetivos, afetivos, estéticos (MORIN, 1977, p. 173).

Frente a essa afirmação me parece quase óbvia a motivação de Martín-Barbero diante dos cenários comunicacionais latino-americanos ter adotado uma perspectiva de *invenção* teórica já que o empírico observado não cabe nos modelos até então propostos. E esse, por sua vez, não parece possível se não pela conduta cartográfica que, como mencionei, exige um pensamento complexo e o reconhecimento de que o conhecimento é multidimensional e essencialmente dinâmico, em movimento. Como o próprio Morin (1977, p. 183-184) reconhece "ao mesmo tempo, podemos perceber que, se não há resposta mágica para as contradições da existência, estas estão em movimento, e esse movimento pode criar respostas, também em movimento".

Estudos culturais latino-americanos?

Entre os "rearranjos" identificados por Martín-Barbero (2004, p. 241) como resultado das pesquisas em Comunicação nos níveis da *apropriação* e da *invenção* está a compreensão da estreita relação entre comunicação e cultura a partir dos "aportes latino-americanos aos 'estudos culturais'". Estes percebidos por

Escosteguy (2010) como uma versão latino-americana dos Estudos Culturais britânicos ou anglo-saxões.

Pelo que percebi em uma primeira leitura, quando Escosteguy (2010) se propõe a fazer uma cartografia dos estudos culturais, ela está se referindo à elaboração de um mapa, mesmo que mínimo, no qual pudesse registrar não só os marcos históricos e conceituais principais dessa abordagem ou programa de pesquisa, a partir da obra dos autores que ela selecionou (Stuart Hall, Jésus Martín-Barbero e Néstor García-Canclini), bem como demarcar/indicar os pontos que constituem o que ela observou no processo de tessitura do mapa e que denominou de "vasos comunicantes" entre os estudos culturais de base inglesa e as produções latino-americanas voltadas ao estudo da cultura.

A tese da autora apresenta "cartografias intelectuais significativas no desenvolvimento dos estudos culturais", o que a meu ver representa um mergulho na obra dos teóricos selecionados pela pesquisadora, verificando realmente as marcas/influências dos estudos culturais e ao mesmo tempo contribuições/inovações/proposições dos autores para a abordagem de estudo.

É curioso observar ainda o que a autora registra no prefácio à edição on-line do livro. Segundo ela, mesmo tendo claras influências e contribuições do e para os estudos culturais, Martín-Barbero e García-Canclini reconhecem a associação deles ao que Escosteguy (2010) chama de estudos culturais latino-americanos, mas resistem em utilizar a denominação, omitindo a auto-identificação com o campo. A autora destaca ainda a resistência dos pesquisadores de modo geral, em aderir ao termo estudos culturais latino-americanos e a sua associação à obra dos teóricos que ela analisou. Escosteguy (2010, p. 14) explica que tanto se nega o uso da terminologia quanto se faz a opção por identificar as produções dos autores como resultados dos "estudos de cultura na América Latina ou estudos sobre Comunicação e cultura ou ainda estudos de cultura e poder".

> O que parece estar implicado é que tal enquadramento teórico não sofre influências de repertórios teóricos surgidos em outras latitudes. E que, no caso específico, não têm afinidades com a proposta dos estudos culturais. É claro que os estudos sobre cultura são bem anteriores a essa proposição, mas também é verdadeiro que os estudos culturais imprimiram uma determinada forma de estudá-la e construíram uma diferenciação (ESCOSTEGUY, 2010, p. 14).

Ao voltar-se para sua obra e para a de diversos outros autores latino-americanos, na opinião de Martín-Barbero (2004)

> Um inovador trabalho transdisciplinar está permitindo abordar de forma nova velhos objetos de estudo e construir objetos novos, como as *mediações*, as *frentes* e as *heterogeneidades culturais*, e nos últimos anos as dinâmicas de *desterritorialização* e *hibridação*" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 242).

Assim, diferente de estar vinculado ou não aos estudos culturais latino-americanos como propõe Escosteguy (2010), acredito que para Martín-Barbero, vincular sua produção acadêmica a uma versão dos estudos culturais seria mantê-la ou confiná-la ao nível da *apropriação* teórica e não da *invenção*.

Ainda sobre a discussão da versão latino-americana dos estudos culturais, em entrevista para a Revista Famecos, García-Canclini foi questionado sobre uma afirmação que fez no final dos anos 1990 durante entrevista para a *Cultural Studies*, "quando pela primeira vez um latino-americano dizia ser possível pensar em estudos culturais na América Latina" (GARCÍA-CANCLINI, 2006, p. 7). Vale registrar que durante a pergunta feita pela equipe da revista é citado o nome do pesquisador venezuelano Daniel Matto[158] que participa da Associação Internacional dos Estudos Culturais, e mesmo ele considera que na América Latina o importante, diferente da posição de Escosteguy (2010), "seria demarcar uma área de estudos em cultura e poder" (GARCÍA-CANCLINI, 2006, p. 7).

Assim, o autor prefere falar em estudos sobre a cultura, "principalmente para nos distinguirmos de *cultural studies*, que tampouco são os mesmos em todas as áreas anglo-saxônicas" (GARCÍA-CANCLINI, 2006, p. 7). Para ele, não há tantos autores latino-americanos que possam ser vinculados aos estudos culturais por cumprirem os requisitos convencionados desse programa de estudos. O autor cita o caso da argentina Beatriz Sarlo, que trabalha com as obras de Raymond Williams e outros autores vinculados aos estudos culturais, mas que em sua opinião, não pode necessariamente ser vinculada ou classificada como pertencente a essa base de pensamento. Pelo contrário, para García-Canclini (2008), as contribuições de Sarlo devem ser colocadas no mesmo nível de autores como Raymond Williams e Roland Barthes, por exemplo, e não como uma autora que apenas se *apropria*.

[158] O currículo do professor está disponível em: <http://www.globalcult.org.ve/Daniel.htm>.

Ainda na entrevista, García-Canclini (2006, p. 7) menciona o caso de Martín-Barbero, que adota recursos dos estudos culturais britânicos e norte-americanos, "mas de forma mais diversificada, combinando-os com análises empíricas e com outras metodologias e estratégias de investigação na América Latina", o que pode ser traduzido em *invenção*. E como complementa o autor:

> eu me sinto muito próximo de um autor como Martín-Barbero. Outra característica que parece nos diferenciar de outros (que podemos citar como parte de um grupo) é o fato de mantermos uma forte preocupação teórica, problematizando os modos como articulamos os recursos de diferentes disciplinas (GARCÍA-CANCLINI, 2006, p. 7).

Portanto, sem desobedecer as rotinas disciplinarias como Martín-Barbero e García-Canclini e adotar uma postura de *invenção* a partir da opção por bases teóricas não hegemônicas e, sobretudo, produzidas na América Latina, não seria possível propor a desconstrução das leituras enviesadas sobre a noção de popular e, sobretudo, reconhecer e demonstrar que na realidade o massivo é na América Latina uma face de expressão do popular, tendo em vista o papel desempenhado pelos meios de comunicação massiva na formação de nossa cultura e estados nacionais. Assim como, sem adotar as contribuições de pesquisadores que pensam a partir de dentro a Amazônia, não será possível reconhecer o viés comunicacional da região sem encaixá-la em um modelo pronto e de um único sentido.

Em paralelo a essa discussão, cabe destacar a opinião de Porto-Gonçalves (2005), que questiona as etiquetas geográficas que costumamos colocar nos conhecimentos produzidos fora dos centros hegemônicos como Europa e Estados Unidos. O autor questiona o que ele chama de "geopolítica do conhecimento", enraizada em uma visão eurocêntrica da produção científica, que acaba caracterizando todo e qualquer conhecimento produzido fora da Europa ou em línguas não hegemônicas como saberes locais ou regionais. Ou seja, acabamos etiquetando nossos próprios conhecimentos para diferenciá-los ou minimamente distingui-los dos saberes ditos hegemônicos que nunca recebem a marca do local onde foram produzidos. Como afirma o pesquisador, "a melhor dominação, [...] é aquela que, naturalizada, não aparece como tal" (PORTO-GONÇALVES, 2005, p. 10). Assim, ao falar de Ciências Sociais se está falando da base da ciência social produzida na Europa. Caso se decida falar do que marca a produção latino-

americana nessa área, é preciso falar das Ciências Sociais latino-americanas, como fazemos com a Escola Latino-Americana de Comunicação, já que as teorias da Comunicação são as correntes pioneiras de origem norte-americana ou europeia.

Por essa postura, de forma bastante irônica e crítica, Porto-Gonçalves (2005, p.10) comenta que no Brasil, ao incorporar essa perspectiva, existe "o nordestino, o sulista e o nortista, mas não há o sudestino, nem o centro-oestista. Afinal, o sudeste é o centro e, como tal, não é parte. É o todo!".

Mesmo entendendo a provocação do autor, é necessário questionar até que ponto realmente há condições de em um primeiro momento de uma investida teórica em uma região classificada como periférica, trabalhar sem uma denominação clara do local de onde se fala? Distante de ter uma resposta para essa questão é válido opinar que mesmo sabendo que esse tipo de comportamento pode se configurar como uma ação afirmativa – como a dos movimentos minoritários de mulheres, negros, índios, homossexuais, deficientes físicos, etc. – talvez em um primeiro momento, e frente ao cenário globalizado e midiático que se tem, a etiqueta do local atue mais a nosso favor do que contrariamente.

Acredito que a *cartografia movente* se apresenta como postura que permite não a análise das realidades existentes, mas sim a interpretação dos múltiplos cenários comunicacionais constituídos na Amazônia, que, como parte da América Latina, exige desdobramentos dos modelos de estudos da Comunicação já propostos, e que não nos impede de escolher um *ângulo de entrada* definido pelo viés comunicacional.

Da mesma maneira, propor a *cartografia movente* como postura de pesquisa em Comunicação na Amazônia não significa estabelecer uma etiqueta para um saber da região, mas sugerir uma conduta que prevê a criação de *desenhos metodológicos* (SCHMITZ, 2008) que permitam a revelação dos objetos de estudo da área e, sobretudo, leve à *invenção* de conhecimentos sobre e para a Amazônia.

Como convida Martín-Barbero (2004), o investimento que tem que ser feito na América Latina (e na Amazônia) é na verdade *mudar o local das perguntas* – que como vimos pressupõe uma "reforma do pensamento" (MORIN, 2009) – para permitir a compreensão de cenários comunicacionais sim diversos, porém não exclusivos e muito menos novos, pois sempre existiram, mas nunca foram vistos pelos "estrabismos" teórico↔metodológicos. Essa é de fato a contribuição. Caso

contrário, recairemos nos mesmos problemas de uma ciência militante e nada propositiva, como criticada por Martín-Barbero. Será como se o tempo todo estivéssemos buscando cotas de atenção e reconhecimento enquanto na realidade estamos nós mesmos etiquetando nossas realidades como exóticas, únicas e periféricas.

LUGAR DE PARTIDA (E NÃO DE CHEGADA)

Como explicitado na CARTA DE RIO, um traçado cartográfico se assemelha a um labirinto no qual são inúmeras as possibilidades de entrada e saída. Diante disso, após uma caminhada que foi ao mesmo tempo estimulante e desconcertante, estabeleço aqui um primeiro ponto de saída. A proposta é demarcar uma parada inicial e a partir dela, – ainda de frente para a saída, que agora pode se tornar entrada –, fazer uma reflexão "de fora" do que foi possível observar, já considerando as possibilidades de novos caminhos.

Assim, mais que um lugar de chegada, este ponto se apresenta como o ponto de partida rumo a novos horizontes de pensamento e, sobretudo, para novos desafios de formação acadêmica. Parafraseando a afirmação de Martín-Barbero (1999) no dia de sua defesa de doutorado, posso dizer que este trabalho não representa o resultado de anos de estudo, mas sim a partida para pelo menos 20 anos de investigação.

Distante de pensar a solução dos problemas da pesquisa em comunicação na Amazônia, a *cartografia movente* é na verdade uma postura de pesquisa-vida, em que o pesquisador é também pesquisado. Uma postura motivada, sobretudo, pelo compromisso que fui ensinada a cultivar em relação a essa região, assim como pelo sentimento com o qual me envolvi ainda no primeiro semestre da Graduação, de contribuir de alguma forma com a prospecção de "tempos melhores" na área da comunicação. Assim, desde antes da graduação o que sempre me motivou foi pensar maneiras possíveis de contribuir com a melhoria de vida das pessoas, em colaborar com a formação de pessoal para a região e, sobretudo, reduzir índices de pobreza e desigualdades sociais. Entrando na universidade incorporei também o sentimento e o desafio de pensar o que efetivamente seria a nossa área de conhecimento, e qual é a contribuição da comunicação para entender o que somos?

Nesse sentido, a *cartografia movente* que proponho como resultado das articulações estabelecidas neste trabalho, é fruto também da vontade de experienciar ainda no mestrado um exercício que movimentasse tudo que sou e que nesse início de trajetória científica já pude observar e sentir. Assim, mesmo sem perceber, o que já me motivava era reconhecer uma maneira de produzir conhecimento que permitisse vivenciar uma ciência *diurna* e *noturna* e mais do que tudo, possibilite sonhar com

tempos melhores para nossa região, não para que ela vivencie o duvidoso progresso, mas para ser reconhecida como um espaço de produção de conhecimento rico e singular. Algo muito além das leituras exóticas e periféricas que recaem sobre nossos cenários.

Uma postura também que me permitisse pensar tempos melhores para a área da comunicação, que me deixasse, mesmo ainda iniciando, contribuir com reflexões e alternativas para os desafios da área. Tempos melhores também para a pesquisa em comunicação na Amazônia, que começa a dar seus primeiros passos e que mesmo ainda cambaleante tem como desafio reconhecer sua contribuição para a compreensão da região e quem somos. E, como indicou França, se a comunicação é a força que conecta as pessoas, a interação é o espaço chave para a compreensão dos sujeitos.

Com esses sentimentos, me encontrei com a obra de Martín-Barbero, que mesmo não apresentando soluções prontas para essas questões, tem como principal característica o compromisso com a América Latina e com o que estuda. Nesse sentido, mais do que apontar qualquer solução, até porque se fosse fácil não teríamos tantos problemas, e aqui falando da Amazônia e da Comunicação, comecei a perceber que o primeiro passo para acalmar o coração e organizar os pensamentos seria o de pensar uma postura favorável à área e à região. A preocupação desde o início foi reconhecer uma postura de pesquisa que permitisse vivenciar uma ciência *diurna* e *noturna*, que mais do que tudo me possibilitasse sonhar com tempos melhores para nossa região. Não porque ela recebeu fomento para seu desenvolvimento, mas porque primeiro ela se reconheceu como rica e singular e passível de estudo e produção do conhecimento.

Assim, mesmo propondo uma noção de *cartografia movente* ainda de forma inicial no trabalho de seguir pesquisando, acredito que esta dissertação marca o nascimento de uma nova Fernanda, mais "sensível" e possivelmente menos "estrangeira" ao olhar para própria região. No contato com a obra de Jesús Martín-Barbero, e posterior encontro com a noção de *cartografia movente*, fui motivada a olhar para dentro de mim e me perceber moradora da Amazônia, ou minimamente, do Estado do Pará, e reconhecer este lugar como o *lugar desde onde penso e sinto*, assim como o pesquisador espanhol-colombiano legitima a América Latina.

Como vimos ao longo do trabalho, sobretudo, a partir da reflexão sobre a pesquisa empírica desenvolvida na graduação e as provocações do professor Agenor Sarraf Pacheco, apenas residir e se formar academicamente na região não significa que vamos produzir ciência que respeite ou não etiquete nossos cenários empíricos. É preciso de fato se libertar de algumas cargas e se permitir observar – e não avaliar – as realidades sem vitimizá-las, aceitando-as como diferentes, sem esquecer, porém, de lançar um olhar crítico sobre seu processo histórico e político de formação.

Para isso, porém, é preciso reconhecer que *cartografia movente* prevê desobedecer rotinas disciplinárias, dentro e fora de nós, como explicitaram Martín-Barbero e García-Canclini. E isso pude experienciar ao longo do trabalho a partir das contribuições de diversos pesquisadores. Antes de qualquer coisa é interessante pensar no sentido da palavra desobedecer. Grosso modo, seria fazer ao contrário do que está certo. E ao fazer isso, não nego o que seria o certo, mas simplesmente opto pela desobediência. Nesse sentido, é possível observar por que, por exemplo, não aprendemos a olhar o conhecimento de forma não linear, mas sim desobedecer a noção predominantemente linear que temos e só então reconhecer que o conhecimento também é alinear. Penso que o caso aqui não é transformar o certo em errado e o errado em certo. O caso é perceber os dois em complementaridade, reconhecendo que na verdade não há desobediência a nada e sim duas formas complementares de pensar o próprio conhecer, que devem ser percebidas não de forma separadas, mas em permanente articulação, como me provocou ao longo do trabalho Edgar Morin (2009, 2010). Isso revela não que haja um certo ou errado, mas que o linear e o alinear primeiramente nos constituem e os dois são centrais para a compreensão do conhecimento que, como o mundo, é complexo.

Por isso, mesmo propondo a noção de *cartografia movente*, que como vimos é resultado das articulações diversas traçadas nos caminhos e recaminhos que estabeleci no diálogo com a trajetória de pesquisa-vida de Martín-Barbero e sua "cartografia [que] *se move*", sei que o sentido da desobediência alcançado no trabalho diz respeito ao que fomos ensinados a achar correto. Por essas bases ainda serem muito fortes, o primeiro desafio foi desobedecer para só então, no futuro, possivelmente vir a me aproximar do exercício de reforma da maneira de pensar e dos "princípios organizadores do conhecimento" (MORIN, 2009), ou ainda, como fez Martín-Barbero ao assumir a *invenção*, como postura de pesquisa-vida.

Pensar e experienciar a *cartografia movente* foi um importante passo no sentido de desobedecer fortemente muito do que constitui meu olhar. Isto porque, ao mesmo tempo mantive firmes posturas bastante cartesianas que mesmo tendo essa vinculação, não poderiam de forma alguma terem deixado de atuar dentro de mim. Entre elas, destaco as listas e mais listas que, por exemplo, fiz para dar conta do trabalho. Se não fossem elas muito do que hoje apresento não teria sido possível. E isso se deve não ao método/procedimento/ou como queiram chamar a lista, mas sim ao exercício↔processo de elaboração, que nada mais é do que uma tentativa de organizar os pensamentos que vem das mais diferentes direções e sobre diversos assuntos ao mesmo tempo, o que dificulta o registro e a escrita. Assim, é preciso exercitar simultaneamente o reconhecimento da ordem na desordem do pensamento e da desordem que não abandona a ordem mesmo quando se consegue estabelecer um fio condutor de compreensão/organização do pensamento, ao imobilizar as ideias, como indica Schneider (2007), no momento em que são registradas na lista.

Diante disso, hoje olho para minhas listas com ainda mais gratidão e percebo que elas, na realidade, são um pouco do *ofício* da cartografia que já existia dentro de mim, pois desde que "me entendo por gente", sempre tive o hábito de anotar, de registrar e guardar coisas, que aprendi com minha avó materna. Assim como mantive por muito tempo – e desejo retomar – o hábito de escrever bilhetes e cartas ao meu avô materno, que me ajudou – e muito – a perceber a importância de organizar as ideias mesmo quando elas não parecem organizáveis e, sobretudo, em um momento que não estava sendo obrigada a organizá-las como na escola, mas simplesmente quando estava escrevendo uma carta ou mensagem de carinho.

O exercício que aqui coloco um ponto em seguida – pois está distante de ser final –, é resultado de um processo diário de desobediência à parte considerável do que sou e que delineia minha vida. Como ousar tanto, se a Fernanda é sempre insegura e dramática? Ou será que não sou isso, ou melhor, apenas isso? Sou também corajosa, ousada e movida por desafios, apesar de *noturnamente* (e também *diurnamente*) – novamente retomando Schneider (2007) – viver em permanente sobressalto?

Por essas e tantas outras inquietações, considero que propor a noção de *cartografia movente* se configura na verdade como um grande ponto de encontro com uma ciência em que o pesquisador é parte da pesquisa e que isso não inviabiliza a

produção científica. Pelo contrário, reconheço a *cartografia movente* como uma chance de gerar um relato acadêmico que permite dar vazão tanto à ciência *diurna* quanto *noturna*, vislumbrando uma ciência integral, em que o pesquisador é pesquisador e pesquisado, e a partir da qual o conhecimento só se completa ao retornar para o senso comum e se transformar em sabedoria de vida (SANTOS, 1987).

A *cartografia movente* se apresenta como postura que permite a interpretação das especificidades que constituem os cenários comunicacionais na Amazônia, que, como parte da América Latina exigem desdobramentos dos modelos de estudos da comunicação já propostos. Isso não significa que ao falar da *cartografia movente* como postura de pesquisa em comunicação na Amazônia, estejamos criando uma etiqueta para um saber da região, mas sim mencionando uma oportunidade de pesquisa que fomente a *invenção* de conhecimentos sobre e para a Amazônia.

Como menciona Mello (2007), para isso faz-se necessário uma dose de sabedoria política para a pesquisa na Amazônia, que permite atuar nas *brechas* de que fala Martín-Barbero (2009a) reconhecendo e usando a nosso favor o fato de que aqui – na Amazônia e na América Latina –, os modelos misturam tudo e todos (colonizador e colonizado), e dominado e dominante estão em uma relação permanente de complementaridade. Assim como é necessário valorizar as produções científicas locais para auxiliar na leitura de nossas realidades sem classificá-las simplesmente como exóticas ou atrasadas

Pensando em melhores tempos para a área da Comunicação, imbuída pelas contribuições de França (2001, 2006, 2008) e Braga (2011a, 2011b, 2012a, 2012b) foi possível perceber que a *cartografia movente* permite, entre outras coisas, observar a *comunicação como processo,* ou melhor, *em processo*, e reconhecer que as realidades socioculturais são essencialmente comunicativas, independente da presença dos meios de comunicação. Com uma conduta cartográfica é possível que o pesquisador lance um olhar sobre o empírico e nesse enfrentamento observe/revele o(s) objeto(s) de estudo de nossa área no dinamismo da vida e do que nos afeta, o que não impede, por sua vez, de ter um "ângulo de entrada" definido pelo viés comunicacional, como sugere Braga (2011b).

Além disso, ao reconhecer o objeto de estudo da área como processual e tomar como base uma postura de pesquisa também essencialmente processual, acaba-se coibindo qualquer movimento de aplicação de métodos ou vinculação da pesquisa a

teorias que não permitem lidar com a contradição e a complexidade, e que ainda visualizam a comunicação a partir do esquema emissor-mensagem-receptor. Daí porquê, frente aos modelos teóricos hegemônicos, Martín-Barbero enfrenta ao longo de sua trajetória uma série de deslocamentos e aponta a necessidade de romper com a *dependência* teórica e de trabalhar no nível da *apropriação* e especialmente da *invenção*, que como vimos, pressupõe uma conduta cartográfica. Isto porque, os objetos estudados, que por sua vez, são essencialmente complexos e contraditórios, não "cabem" nos modelos que não aceitam contradições.

Como complementa Braga (2012a)

> No campo de estudos em Comunicação, tais cuidados são particularmente relevantes, uma vez que importamos teorias, conceitos e metodologias de múltiplos horizontes – que pedem transferências e harmonizações complexas para funcionarem juntos (BRAGA, 2011a, p. 8).

Por essas dificuldades, França (2008, p. 90) comenta o desafio de apreensão dos processos comunicativos do ponto de vista metodológico, já que segundo a autora, o que há disponível de metodologia no campo da comunicação "ainda não conseguiu responder à presença da relação ternária, da reflexividade (do arco reflexo), dos indivíduos e comportamentos que se constroem em relação, face ao outro".

Nesse sentido, a *cartografia movente* é uma postura que permite ao pesquisador observar os *sujeitos **em** comunicação*, ou como explica Braga (2012a, p. 15), no *lugar de ocorrência* da comunicação, que se dá, por sua vez, em meio a vários outros processos da realidade sociocultural essencialmente comunicativa. Considero válido estabelecer um ângulo de entrada na realidade que se vai estudar, tendo em vista que assim configuramos um ponto norteador para o olhar, o que não inviabiliza as constantes mudanças e intercorrências ao longo do processo cartográfico, o que apenas revela o motivo da caminhada, que no meu caso é o objeto da comunicação.

Isso não quer dizer que se pode isolar o fenômeno comunicacional do seu lugar de ocorrência até porque assim inviabilizaria a própria *cartografia movente*. O exercício que considero pertinente é reconhecer, e sobretudo exercitar, um pensamento complexo de leitura das *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)* a partir do qual se observa tanto a lógica e regularidade dos processos como as aleatoriedades que são inerentes à própria lógica.

Ao longo do trabalho tive a oportunidade de observar que nesse sentido a *cartografia movente* ao mesmo tempo em que deixa o pesquisador "livre" para observar o dinamismo da vida, o motiva e interpela a registrar a todo instante aquilo que observa e se movimenta dentro dele – *diurna* e *noturnamente*. Por isso, o texto cartográfico é resultado de uma junção de registros, como se faz em um diário de campo, em tensionamento com o teórico↔metodológico originando assim as interpretações. Por isso, a escrita assume a configuração de um labirinto, por ser reflexo das constantes idas e vindas da reflexão↔observação. Vale ressaltar que esse enfrentamento se dá também no âmbito da reflexão teórica, pois ao empreender as leituras em um exercício cartográfico, também fui motivada a tecer comentários e registrar inclusive como aquilo me emociona, repele, ou como concordo e/ou discordo. Tanto o teórico quanto o empírico são elementos de observação, registro e interpretação do cartógrafo.

Por isso, mesmo não empreendendo uma pesquisa empírica no âmbito do mestrado, considero ter iniciado durante o trabalho o exercício de reinvenção do meu olhar sobre a região a partir do tensionamento teórico↔metodológico com os empíricos já explorados por outros pesquisadores e, sobretudo, com os cenários que estão movendo-se "dentro" de mim, como os sentimentos, impressões e "descobertas" vivenciadas na pesquisa do TCC. Nesse sentido, entre as contribuições da *cartografia movente* para a pesquisa em comunicação – mas não somente –, está o fato de instigar o investigador a se comunicar com o que há de *movente* dentro de si mesmo.

Observando os elementos da pesquisa de forma viva dando origem a múltiplas interpretações, a *cartografia movente* também nos ensina a exercitar a tessitura de um texto vivo, em que trabalhamos conjuntamente – pois sem esse diálogo ele nem é possível – os elementos teórico↔metodológicos↔empíricos, tanto os que vêm de nossas memórias e experiências pessoais quanto o que se observa em campo ou no diálogo com *realidades comunicacionais (logo, socioculturais)* de forma sistematizada ou não.

Por essa visualização ampliada, a sensação, mesmo olhando de "fora" do labirinto, é que estamos o tempo todo começando a interpretação e, por sua vez, as combinações do texto parecem sempre provisórias.

Na *cartografia movente* o texto é na verdade o nosso grande mapa, que tecemos ao fazer a caminhada, e que por isso vai e volta, não anda em linha reta e por vezes é

desprovido de uma ordem rígida (o que não quer dizer descuidada e irresponsável), como o que apresentamos no trabalho. Além disso, o sentimento por vezes é de que ficamos no meio do caminho, que poderíamos ter lido mais, sentido mais, tocado mais, seja em relação aos cenários de nossa região, seja sobre a trajetória de Martín-Barbero e, sobretudo sobre comunicação.

Sei, porém, que a *cartografia movente* não só favorece a visualização do objeto de estudo da comunicação como processo e em processo, mas se constitui também como uma prática de pesquisa dinâmica e processual. Por isso, como afirmado durante o trabalho, a *cartografia movente* se configura como um exercício bastante promissor para a formação de pesquisadores da área da comunicação, em especial por exigir que o investigador reconheça e exercite a processualidade e complexidade e objetos, e dimensione as implicações e responsabilidades do fazer ciência, sobretudo em um país e uma região como a nossa.

Isso não que dizer, que viver a *cartografia movente* significa resolver os problemas teórico↔metodológicos da comunicação apontados por Braga e França. É antes experimentar a busca pela resolução ou no mínimo o enfrentamento desses desafios, como tentei fazer no trabalho, que distante do nível da *invenção* pelo menos se deu por *apropriações* comprometidas e mais conscientes de suas implicações. Caso se pense a cartografia como um modelo pronto, essa passa a figurar como mais um dos tantos esquemas metodológicos disponíveis que podemos ler nos manuais.

Como explica Braga (2011a), e indica Lopes (2010), as coordenadas teórico↔metodológicas de uma pesquisa são uma tomada de decisão, que deve ser consciente e disciplinada, mais do que ousada e inovadora. Por isso, para Braga (2011a) é preciso aproveitar o processo de formação de pesquisadores em nível de mestrado e doutorado para que se aprenda o sentido da produção científica e, se exercite no dia a dia dessa construção que é essencialmente processual e desobediente ao que fomos ensinados a pensar, sobretudo, no que concerne à noção que temos de teoria desaliada da prática.

> Um dos objetivos centrais do trabalho de produção da tese ou dissertação, mais que os resultados de conhecimento produzidos sobre seus objetos, é a própria formação do pesquisador. Nessa formação, o desenvolvimento de competências metodológicas e de formulação teórica é o núcleo organizador (BRAGA, 2011a, p. 2).

Mesmo alinhada à proposição de Braga (2011a), isso não quer dizer que a saída para a formação de pesquisadores na área seria ensinar a desobedecer, até porque para isso é necessário saber como o que se está fazendo contraria outras perspectivas. Talvez ai resida o problema: nós, pesquisadores em formação, achamos que a desobediência é necessária e por isso nos constitui. Muitas vezes, porém, percebemos que mesmo com esse discurso nossas bases são de extremada linearidade, rigor e conversadorismo. Seguimos, porém, na desobediência achando que estamos no caminho de não nos submeter ao que não desejamos pelo simples fato de ter sido dito que esse é o nosso papel. A desobediência sobretudo no nível da formação acadêmica que custa caro para nosso país, precisa e exige disciplina!

Assim, posso dizer que a *cartografia movente* foi para mim a legitimação de marcas de minha postura, em especial do compromisso com a região e com o hábito das listas que potencializam o pensar, pois a partir delas exercito o registro e escrita da interpretação no momento em que ela ainda é uma ideia solta em meio a muitas outras. Por isso, ao mesmo tempo que liberta, a *cartografia movente* nos prende à realidade, por nos exigir o registro do que vivenciamos e experienciamos em listas, cartas, mapas. Ao passo que vamos caminhando, pensamos em como podemos contribuir – e não necessariamente facilitar – a caminhada do próximo cartógrafo ou navegante para que ele não tenha as mesmas surpresas e dificuldades, mas sim novas, pois são inerentes a todo e qualquer processo, já que as impressões do pesquisador são únicas, como nos indicou Rosário (2008). A *cartografia movente* é então um exercício diário de liberdade e disciplina, que Morin (2009, 2010) nos permite aceitar como possível. E como corrobora Braga (2012a)

> Não sendo o campo da Comunicação dotado de um sistema positivista de objeto/método nem de uma sedimentação consensual de referências teórico-metodológicas enraizadas na tradição, corre-se o risco frequente de improvisação, de impressionismo, de espontaneísmo, de reduzido rigor, de utilização de senso comum simplificador (BRAGA, 2011a, p. 3).

Observando a afirmação de Braga (2011a) fica ainda mais evidente a contribuição da *cartografia movente* para o desenvolvimento da pesquisa em comunicação, sobretudo, se experienciada nos níveis da *apropriação* e *invenção*, em que mesmo ainda se apropriando, não se pode deixar de justificar e embasar a transferência de determinado conhecimento para área da comunicação.

Nesse sentido, para ser um ponto de partida para outros voos, o trabalho precisa antes de mais nada passar pela crítica e análise de pesquisadores da área, não apenas no sentido de aprovação, mas de fortalecimento da pesquisa científica, dentro de nós e em prol do fortalecimento da área da comunicação. Emprestando as palavras de Braga (2011a), tenho consciência – no sentido de responsabilidade indicado por Morin (2010) – que minhas "proposições podem, em um ponto ou outro, contrastar com perspectivas do leitor e com sua experiência diferenciada. Essa diversidade será produtiva tanto pela complementação mútua; como pelas objeções que sejam apresentadas a este texto" (BRAGA, 2011a, p. 30).

Independente do que tenha sobrado de mim após a desobediência e das objeções que o trabalho receberá, considero ser possível afirmar que depois dele, passarei a ser, mesmo que ainda frágil teoricamente, ainda mais firme no compromisso com o conhecimento e com a universidade, em especial, a UFPA, a quem e a que (por me referir tanto às pessoas que fazem esta instituição, quanto à força do rio que a atravessa) devo toda minha formação e para qual dedicarei tudo o que hoje posso ser e ainda serei como pesquisadora, sem abandonar a conduta da *cartografia movente* e vivendo a utopia de chegar a *invenção*, alcançada por Martín-Barbero, que com maestria me mostrou a conduta cartográfica como saída para compreensão e proposição de um *lugar que pensa diferente*.

caminhos...

AGUIAR, Lisiane. **Processualidades da cartografia nos usos teóricos-metodológicos de pesquisas em comunicação social**. 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS, 2011.

AMARAL, Sônia Maria Pereira do. **Memórias, cotidianos e escritas ás margens dos Marajós**: navegando entre o saber e o poder. 2012. 129 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Universidade da Amazônia. Belém - PA, 2012.

ANUÁRIO estatístico do município de Belém, v. 16, 2011 – Belém: Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão, 2012. Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/app/ANUARIO_2011/2_01_Demografia.pdf>. Acesso em 13 jun. 2013.

BARROS, Laura Pozzada de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (orgs). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

BASTOS, Marco Toledo de Assis. Do sentido da mediação: às margens do pensamento de Jesús Martín-Barbero. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre: 2008. p. 86-89. Disponível em: http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/ article/view/5369/4888. Acesso em: 15 jan. 2013.

BLOG ERVAS E INSUMOS. **Cumarú**. Disponível em: <http://ervaseinsumos.blogspot.com.br/2009/03/cumaru.html>. Acesso em 18 jun. 2013.

Brasil. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPG 2011-2020**. Coordenação de Pessoal de Nível Superior. Brasília, DF: CAPES, 2010. 2 v.

BONIN, Jiani Adriana. Projeções e apropriações do pensamento de Martín-Barbero em revistas brasileiras de comunicação. In: MARQUES DE MELO, José; DIAS, Paulo da Rocha (orgs). **Comunicação, cultura, mediações:** o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero. São Bernardo do Campo: Umesp: Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999. p. 169-186

___. Pesquisa exploratória: reflexões em torno do papel desta prática metodológica na concretização de um processo investigativo. In: Encontro Anual da Compós, 21, 2012, Universidade Federal de Juiz de Fora. **Anais**... Juiz de Fora, 2012. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca.php>. Acesso em: 12 jun. 2012.

___. Notas metodológicas relativas à pesquisa de recepção midiática. In: Encontro Anual da Compós, 22, 2013, Universidade Federal da Bahia. **Anais**... Salvador, 2013. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_2113 .pdf>. Acesso em: 05 jun. 2013.

BOAVENTURA, Katrine Tokarski; MARTINO, Luiz Claudio. Estudos Culturais: convergências, divergências e críticas. In: **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 22, p. 3-19, janeiro/junho 2010.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; BRITTOS, Valério Cruz. A Economia Política do mercado brasileiro de Televisão. In: BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette; TOME, Takashi (orgs.). **Mídias Digitais**: convergência tecnológica e inclusão social. – São Paulo: Paulinas, 2005. p. 85-118.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-compós**. Brasília, v.1, n.1, p. 1-33, abr. 2011a. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/ecompos/article/view/665/503>. Acesso em: 10 out. 2011.

___. Constituição do Campo da Comunicação. **Verso e Reverso**. Unisinos, v. XXV, n. 58, jan-abr. 2011b. p. 62-77.

___. Circuitos *versus* campos sociais. In: JUNIOR, Jeder Janotti; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediação & Midiatização**. Prefácio de Adriano Duarte Rodrigues. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012a. p. 31-51.

___. Interação como contexto da comunicação. In: Encontro Anual da Compós, 21, 2012, Universidade Federal de Juiz de Fora. **Anais**... Juiz de Fora, 2012b. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca.php>. Acesso em: 12 jun. 2012.

CARVALHO, Vanessa Brasil de; MENDONÇA, Graziella Câmara. **Em meio à tradição e à modernidade**: a comunicação entre os erveiros do Ver-o-Peso. 141f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social-Jornalismo), Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará - Belém, 2010.

CASTRO, Fábio Fonseca de. A dialética entre redes e grupos no campo da comunicação midiática na Amazônia. In: I Seminário Regional da Alaic - Bacia Amazônica. **Anais...** Belém, 2011a. Disponível em: http://www.unicentro.br/redemc/2011/conteudo/alaic_artigos.htm. Acesso em: 10 mai. 2013.

____. Capital comunicativo, cidadania e território na Amazônia. In: MALCHER, Maria Ataide; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; LIMA, Regina Lúcia Alves de; FILHO, Otacílio Amaral (Orgs.). **Comunicação Midiatizada na e da Amazônia**. – Belém: FADESP, 2011b. p. 65-82.

___. (no prelo) **Desconstruções identitárias na Amazônia brasileira**. Belém: PPGCOM-UFPA, 2012a.

___. (no prelo) **Sistemas de comunicação na Amazônia**. Belém: PPGCOM-UFPA, 2012b.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

COLFERAI, Sandro Alberto; MONTEIRO, Gilson Vieira. Elementos para uma cartografia crítica da pesquisa em comunicação na Amazônia. In: II Conferência Sul-Americana/VII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, Universidade Federal do Pará. **Anais**... Belém, 2011. Disponível em: <http://www.unicentro.br/redemc/2011/conteudo/alaic_artigos.htm.> Acesso em: 10 mai. 2013.

DIAS, Paulo da Rocha; MENDEZ, Rosemary Bars. Da semiologia à antropologia: a comunicação como "espacio". In: MARQUES DE MELO, José; DIAS, Paulo da Rocha (Orgs). **Comunicação, cultura, mediações:** o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero. São Bernardo do Campo: Umesp: Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999. p. 99-112.

Dicionário Informal (on line). Disponível em http://www.dicionarioinformal.com.br/. Acesso em 02 de jul. de 2013.

DINIZ, Cristovam Wanderley Picanço. **Assimetrias da educação superior brasileira:** vários brasis e suas consequências. Cristovam Wanderley Picanço Diniz, Renato Borges Guerra. Belém – PA: EDUFPA, 2000.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. (e-book) **Cartografias dos estudos culturais**: Uma versão latino-americana. Ed. Online. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FAUSTO NETO, Antonio. Fragmentos de uma analítica da midiatização. **Matrizes**, São Paulo, v. I, n.2, p. 89-105, abr. 2008a.

___. Mudanças da Medusa? A enunciação midiatizada e sua incompletude. In: FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto; BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo (Orgs). **Midiatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008b. p. 119-144.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 892.

FERREIRA, José Maria Damasceno. **Entre o rio e a ponte**: letras e identidades às margens do rio Acará, na Amazônia paraense. 105 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Universidade da Amazônia. Belém - PA, 2012.

FRANÇA, Vera Veiga. **Paradigmas da Comunicação:** Conhecer o quê? Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. 2001. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca.php> Acesso em: 05 ago. 2011.

___. **Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação**. 2006. Disponível em: <http://www2.fafich.ufmg.br/gris/images/Sujeito%20da%20com11.%201.pdf> Acesso em 18 de jan. de 2012.

___. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. MEAD. In: PRIMO, Alex; OLIVEIRA, Ana Claudia de; NASCIMENTO, Geraldo Carlos do; RONSINI, Veneza Mayora (Orgs.). **Comunicação e Interações**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

GAARDER, Jostien. **O mundo de Sofia**: romance da história da Filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GARCIA-CANCLINI, Néstor. De los medios a las mediaciones: lecturas inesperadas. In: **Mapas Nocturnos:** Diálogos com la obra de Jesús Martín-Barbero. Santafé de Bogotá: Siglo Del Hombre Editores, Universidad Central. Departamento de Investigaciones, 1998. p. 3-9.

___. **Culturas Híbridas:** Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. Trad.: Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

___. **Estudos sobre cultura**: uma alternativa latino-americana aos *cultural studies*. Revista FAMECOS nº 30. Porto Alegre: PUCRS, 2006. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3371/2636>. Acesso em: 13 de mai. 2013.

___. Prefácio. In: MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Trad.: Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. p. 23-25.

GOMES, Gleidson Wirllen Bezerra. (In)conclusão: uma possível leitura... In: MALCHER, Maria Ataide (coord) *et al*. **Caderno de Resenhas do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará**. v.1 n.1 - 1 CD-ROM - . Belém: UFPA, 2011. p. 30-53. Disponível em: http://www.ppgcom-ufpa.com.br/biblioteca/Caderno_Resenhas_PPGCOM_UFPA.
pdf.

GOMES, Pedro Gilberto. O processo de midiatização da sociedade e sua incidência em determinadas práticas sociossimbólicas na contemporaneidade. A relação mídia e religião. In: FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto; BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo (Orgs). **Midiatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 17-30.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia.** 2ª Ed. Editora Valer. Manaus, 2007.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; UEDA, Vanda (Orgs.). **A emergência da multiterritorialidade:** a ressignificação da relação do humano com o espaço. Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008a. p.19-36.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira; Lopes Louro, 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JARDIM, Ninon Rose Tavares. **Mulheres entre Enfeites & Caminhos**: Cartografia de Memórias em Saberes e Estéticas do Cotidiano no Marajó das Florestas (S. S. da Boa Vista - PA. 206f. Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade Federal do Pará, Belém - Pará, 2013.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (orgs). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 76-91.

LEITE, Selma Dias; MALCHER, Maria Ataide; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; PAULA, Leandro Raphael Nascimento de. **Educação sem fronteiras na Amazônia**: trajetória e perspectivas da educação a distância da UFPA. Belém: UFPA, 2010.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MALCHER, Maria Ataide; PAULA, Leandro Raphael de; COSTA, Suanny Lopes; MIRANDA, Fernanda Chocron. Projeto CIECz: uma experiência de divulgação científica na Amazônia. In: AMARAL FILHO, Otacílio; CASTRO, Fabio Fonseca de; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos (orgs). **Pesquisa em Comunicação na Amazônia**. Belém: FADESP, 2010. p. 115-136

MALCHER, Maria Ataide; MIRANDA, Fernanda Chocron. As mediações de uma comunidade na amazônia brasileira: o exercício de uma pesquisa multimetodológica. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 17, 2012a. p. 184-195.

MALCHER, Maria Ataide; LOPES, Suzana Cunha; MIRANDA, Fernanda Chocron; CARVALHO, Vanessa Brasil de; REALE, Manuella Vieira. Memória da História do Campo Comunicacional no Norte do Brasil. In: CASTRO, Daniel; MARQUES DE MELO, José. **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil - vol. 3 - Memórias**. Brasília: Ipea, 2012b, p. 169-189.

MALCHER, Maria Ataide; RODRIGUES, Ronaldo de Oliveira. **Monografia Pará**. Pesquisa Jovem e Consumo Midiático em Tempos de Convergência, coordenada pela Profa. Dra. Nilda Aparecida Jacks. Belém: UFPA, 2013.

MALDONADO, Alberto Efendy. Confluências epistemológicas: teorias da *mediação social* de Martín Serrano e pensamento crítico transformador latino-americano. In: **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**. www.eptic.com.br, vol. X, n. 3, set. de 2008.

___. Da semiótica à teoria das mediações. In: MARQUES DE MELO, José; DIAS, Paulo da Rocha (Orgs). **Comunicação, cultura, mediações:** o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero. São Bernardo do Campo: Umesp: Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999. p. 113-132.

MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Orgs). **Perspectivas metodológicas em comunicação:** desafios na prática investigativa. João Pessoa : Editora Universitária da UFPB, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. Martín-Barbero, Canclini e Orozco. Os impasses de uma teoria da comunicação latino-america. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre: 2008. p. 69-85. Disponível em: http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/5368/4887. Acesso em: 22 jan. 2013.

MARQUES DE MELO, José. **História do pensamento comunicacional**. São Paulo: Paulus, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **La palabra y la acción**: Por una dialéctica de la liberación. Tese (Doutorado em Filosofia). Université de Louvain, Louvain - França, 1972. Disponível em: http://www.mediaciones.net/1972/01/la-palabra-y-la-accion/. Acesso em: 08 jun. 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Procesos de comunicación y matrices de cultura**. Itinerario para salir de una razón dualista. Gustavo Gili, México, 1988. Disponível em: http://www.mediaciones.net/1988/01/procesos-de-comunicacion-y-matrices-de-cultura/. Acesso em: 25 mai. 2013.

___. Autobiografia. In: MARQUES DE MELO, José; DIAS, Paulo da Rocha (Orgs). **Comunicação, cultura, mediações**: o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero. São Bernardo do Campo: Umesp: Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999. p. 21-42.

___. Tendencias de los Estudios de Comunicación en América Latina. In: **Publicación de las actas del Foro Comunicación y Universidad**. Montevideo (Uruguay). Universidad de la República: Editor Académico Lic. Jorge Viñoly. 1ª ed. 2003. p. 95-115.

___. **Ofício de Cartógrafo**: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Trad.: Fidelina Gonzáles. Coleção Comunicação Contemporânea 3, São Paulo: Edições Loyola, 2004.

___. Tecnicidades, identidades, alteridades: des-ubicaciones y opacidades de la comunicación en el nuevo siglo. In: MORAES, Denis (Org.). **Sociedade midiatizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

___. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Trad.: Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009a.

___. Uma aventura epistemológica. Entrevistador: Maria Immacolata Vassallo de Lopes. **Matrizes**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 143-162, jul/dez. 2009b. Disponível em: http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/111/178. Acesso em: 12 dez. 2011.

___. **Un comunicador en Macondo**. Entrevista a Wiliam Torres para la XI Edición del Congreso Alaic 2012a. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=hqu6 KlAU-mQ. Acesso em: 07 mai. 2013.

___. **Entrevista ao site Globo Universidade**. 2012b Disponível em <http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/07/entrevista-jes us-martin-barberofala-sobre-comunicacao-e-suas-obras.html> Acesso em: 07 jun. 2013.

MARTINO, Luiz C. História e Identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional. **E-Compós –** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, nº 1, dez./2004. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/22>. Acesso em 21 ago. 2011.

___. Abordagens e representação do campo comunicacional. In: **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 3, nº 8. São Paulo, 2006. Disponível em < http://revistacmc. espm.br/index.php/revistacmc/article/view/79/80> Acesso em: 10 out. 2011.

___. **Escola latino-americana de Comunicação**: equívoco teórico e político. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, ano IV, nº 6, 2007a. p. 102-112. Disponível em: http://www.alaic.net/revistaalaic/index.php/alaic/issue /view/2. Acesso em: 30 jan. 2013.

___. **Teorias da comunicação**: muitas ou poucas. Cotia: Ateliê Editorial, 2007b.

MELLO, Alex Fiúza de. **Para construir uma universidade na Amazônia**: realidade e utopia. Belém: EDUFPA, 2007.

MINISTÉRIO do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>. Acesso em 26 jun. 2013.

MIRANDA, Fernanda Chocron. **Diário de Campo**. Pará - Óbidos, 2010a.

___. **Estudo de recepção com crianças**: a comunicação em uma comunidade de Óbidos – Pará – Amazônia – Brasil. 160f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social-Jornalismo), Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará - Belém, 2010b.

MOMPART, Josep Luís Gómez; TRESSERRAS, Joan Manuel; OTTO, Enric Marín. El rescate del protagonismo social de las masas: Jesús Martín-Barbero y su influencia en los estudios catalanes sobre historia de la comunicación. In: **Mapas Nocturnos:** Diálogos com la obra de Jesús Martín-Barbero. Santafé de Bogotá: Siglo Del Hombre Editores, Universidad Central. Departamento de Investigaciones, 1998. (Biblioteca Universitaria. Ciencias sociales y humanidades. Serie Encuentros). p. 71-77.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX - O Espírito do Tempo I:** Neurose. Trad.: Maura Ribeiro Sardinha. 4ª ed. Forense-Univesitária: Rio de Janeiro, 1977.

___. **A Cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad.: Eloá jacobina. 16a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

___. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. De las mediaciones a los medios. Contribuiciones de la obra de Martín-Barbero al estúdio de los médios y sus processos de recepcion. In: Garcia Canclini, Néstor et al. **Mapas nocturnos**: diálogos com la obra de Jesús Martín-Barbero. Santafé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central. Departamiente de Investigaciones, 1998. p. 91-102.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo; GONZÁLEZ, Rodrigo. **Una coartada metodológica**: abordajes cualitativos en la investigación en comunicación, medios y audiencias. México: Tintable, 2012.

PACHECO, Agenor Sarraf. **À Margem dos "Marajós":** cotidiano, memórias e imagens da "Cidade-Floresta" – Melgaço-PA. Belém: Paka-Tatu, 2006.

___. **En el Corazón de la Amazonía:** Identidades, Saberes e Religiosidades no Regime das Águas. 354 f. Tese (Doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo - SP, 2009.

___. As Áfricas nos Marajós: Visões, fugas e redes de contatos. In: SCHAAN, Denise Pahl; MARTINS, Cristiane Pires (orgs). **Muito além dos campos**: arqueologia e história na Amazônia Marajoara. 1. ed. Belém: GKNORONHA, 2010a, p. 33-71.

___. Conquista do Ocidente Marajoara: índios, portugueses e religiosos em reinvenções históricas. In: SCHAAN, Denise Pahl; MARTINS, Cristiane Pires (orgs). **Muito além dos campos**: arqueologia e história na Amazônia Marajoara. – 1. ed. – Belém : GKNORONHA, 2010b, p. 13-32.

___. (no prelo) **Cartografia de Memórias na Amazônia**. Belém: UFPA, 2013.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (orgs). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (orgs). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Apresentação da edição em português. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. 1a ed. - Buenos Aires : Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2005.

POZZO, Aníbal Orué. De la periferia al centro, de lo marginal a lo institucional. In: MARQUES DE MELO, José; DIAS, Paulo da Rocha (Orgs). **Comunicação, cultura, mediações:** o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero. São Bernardo do Campo: Umesp: Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999. p. 63-68.

RABELO, Desirée Cipriano. Da linguagem às mediações. *In*: MARQUES DE MELO, José; DIAS, Paulo da Rocha (Orgs). **Comunicação, cultura, mediações:** o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero. São Bernardo do Campo: Umesp, Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999. p. 75-98.

REGUILLO-CRUZ, Rossana. Rompecabezas de uma escritura: Jesús Martín-Barbero y la cultura em América Latina. In: **Mapas Nocturnos:** Diálogos com la obra de Jesús Martín-Barbero. Santafé de Bogotá : Siglo Del Hombre Editores, Universidad Central. Departamento de Investigaciones, 1998. (Biblioteca Universitaria. Ciencias sociales y humanidades. Serie Encuentros). p. 79-90.

ROCHE, Fabio López de la. Historia y Política en de *los medios a las mediaciones* de Jesús Martín-Barbero. In: **Mapas Nocturnos:** Diálogos com la obra de Jesús Martín-Barbero. Santafé de Bogotá : Siglo Del Hombre Editores, Universidad Central. Departamento de Investigaciones, 1998. (Biblioteca Universitaria. Ciencias sociales y humanidades. Serie Encuentros). p. 113-122.

___. La situación colombiana: replantamientos de la política desde la cultura y la comunicación em América Latina de fin de siglo. In: MELO, José Marques de; DIAS, Paulo da Rocha. O percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero. São Bernardo do Campo: Umesp: Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999. p. 133-156.

RODRIGUES, Ronaldo de Oliveira; MALCHER, Maria Ataide. Mirada sobre o cenário midiático amazônico. In: MALCHER, Maria Ataide; MARQUES, Jane Aparecida; PAULA, Leandro Raphael de. **História, comunicação e biodiversidade na Amazônia**. – São Paulo: Acquerello, 2012a. p. 139-171.

RODRIGUES, Ronaldo de Oliveira**. TV aberta no Marajó:** usos e apropriações pelos moradores da comunidade São Pedro em Breves-Pará-Amazônia. 216 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Amazônia), Universidade Federal do Pará, Belém - PA, 2012b.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. Mitos e Cartografias: novos olhares metodológicos na comunicação. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Orgs). **Perspectivas metodológicas em comunicação:** desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. p. 195-220.

___. Comunicação e perspectivas metodológicas das multiplicidades. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 11, 2012a, Montevideo. **Anais**... Montevideo: Universidad de la República, 2012a. Disponível em: <http://alaic2012.comunicacion.edu.uy/content/comunica%C3%A7%C3%A3o-e-perspectivas-metodol%C3%B3gicas-das-multiplicidades>. Acesso em: 21 ago. 2012.

___. Pluralidade metodológica: a cartografia aplicada às pesquisas de audiovisual. **Revista Comunicación**, v. 1, n. 10, p. 1262-1275, 2012b. Disponível em: http://www.revistacomunicacion.org/pdf/n10/mesa8/098.Pluralidade_metodologica-a_cartografia_aplicada_as_pesquisas_de_audiovisual.pdf. Acesso em: 18 set. 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências**. Edições Afrontamento, 1987.

___. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 23-72.

SCHMITZ, Daniela M. A construção de estratégias multimetodológica para pesquisar a recepção de moda em revista. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Orgs). **Perspectivas metodológicas em comunicação:** desafios na prática investigativa. João Pessoa : Editora Universitária da UFPB, 2008. p. 83-102.

SCHNEIDER, Horacio. **30 anos da Fundação de Amparo ao Desenvolvimento da Pesquisa.** Discurso proferido. 06 f. Belém, PA. nov. de 2007.

SILVA, Gislene. Pode o conceito reformulado de *bios midiático* conciliar mediações e midiatização? In: JUNIOR, Jeder Janotti; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediação & Midiatização**. Prefácio de Adriano Duarte Rodrigues. – Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012. p. 107-122.

THOMPSON, Jonh B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Trad.: Wagner de Oliveira Brandão. 11a. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2009.

TORRES, William Fernando. Iluminaciones de navaja em um callejón sin salida. Apuntes sobre la construcción de mapas nocturnos em la Colombia reciente. In: Garcia Canclini, Néstor et al. **Mapas nocturnos**: diálogos com la obra de Jesús Martín-Barbero. Santafé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central. Departamiente de Investigaciones, 1998. p. 49-70.

TRINDADE, Gesiane Oliveira; TRINDADE JÚNIOR, Saint Clair Cordeiro da. A ver navios, barcos e canoas...vivências urbanas e relação cidade-Rio na Amazônia Ribeirinha. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 16, n.1, jan./abr. 2012, p. 35-53. Disponível em: http://cascavel.ufsm.br/revistageografia/index.php/revistageografia/article/viewFile/298/193. Acesso em: 06 mar. 2013.

TRUJILLO, Carmela Cariño. **Epistemologías otras en la investigación social**: subjetividades en cuestión. 1a. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2013.

VIDAL, Marly Camargo. **O conceito de "cidade-floresta".** 07f. Notas de leitura. São Paulo, SP. mar. 2013.

VILLANUEVA, Erick R. Torrico. Un forjador de horizontes perceptivos. In: MARQUES DE MELO, José; DIAS, Paulo da Rocha (Orgs). **Comunicação, cultura, mediações**: o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero. São Bernardo do Campo : Umesp : Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999. p. 55-61.

VIZER, Eduardo Andrés. Midiatização e (Trans)subjetividade na cultura tecnológica. A dupla face da sociedade midiatizada. In: FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto; BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo (Orgs). **Midiatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 31-50.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 4a. ed. Lisboa, Portugal: Editora Presença LDA, 1995.

Sites consultados

Associacion Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación – ALAIC <http://alaic.org/portal/> Acesso em 08 jul. 2013

Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. <http://www.compos.org.br/> Acesso em 07 jul. 2013.

Escola São Francisco <http://www.chupaosso.com.br/index.php/obidos/educacao/17-100-anos-da-escola-sao-francisco>. Acesso em 22 mai. 2013.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=1505 10>. Acesso em 02 jun. 2013.

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação. < http://www.portalintercom.org.br/> Acesso em 23 jun. 2013.

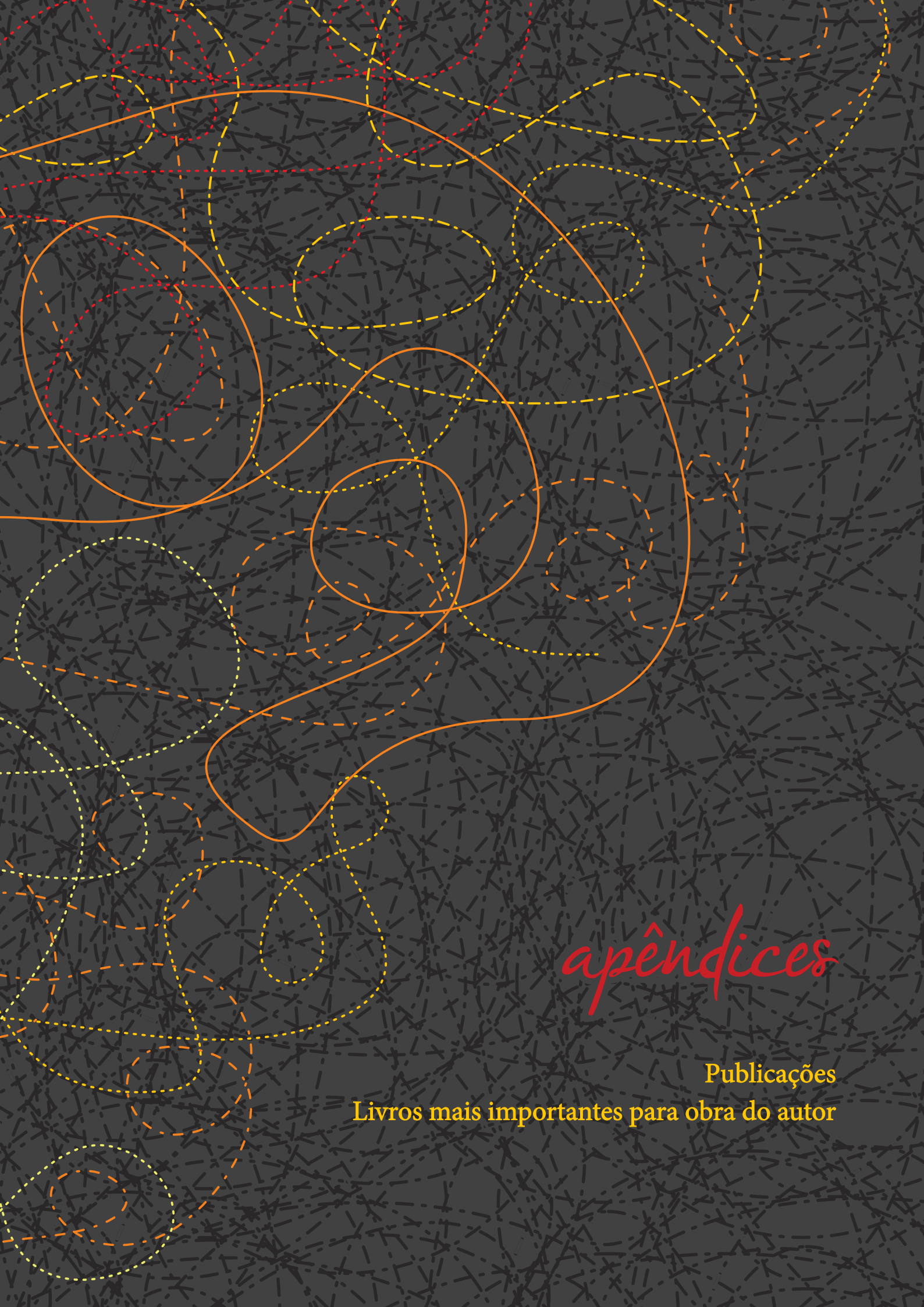
Jesús Martín-Barbero <http://www.mediaciones.net/> Acesso em 11 jul. 2013

Laboratório de Aplicações de Vídeo Digital <http://www.lavid.ufpb.br/pt/noticias?page=6> Acesso em 13 jun. 2013

Ministério das Comunicações <http://www.mc.gov.br/acoes-e-programas/tv-digital>. Acesso em 13 jun. 2013.

Plantamed <http://www.plantamed.com.br> Acesso em 18 jun. 2013.

Portal da Federação Nacional de Municípios <http://www.cnm.org.br/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=382> Acesso em 15 mai. 2013.



apêndices

Publicações

Livros mais importantes para obra do autor

PUBLICAÇÕES

Artigos

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Memoria narrativa e industria cultural. ***Comunicación y cultura***, n. 10, México (1983).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Crisis en los estudios de comunicación y sentido de una reforma curricular. ***DÍA-LOGOS de la comunicación*** (Lima), No. 19 (enero 1988).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Euforia tecnológica y malestar en la teoría. ***DÍA-LOGOS de la comunicación***, n. 20, Lima (1988).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Identidad, comunicación y modernidad. ***Contratexto***, n. 4, Lima (1989).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicación, campo cultural y proyecto mediador. ***DÍA-LOGOS de la comunicación***, (Lima, Felafacs), No. 26 (marzo 1990).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. La ciudad: entre medios y miedos. ***Gaceta de COLCULTURA***, n. 8, Bogotá (1990).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Teoría/investigación/produción en la enseñanza de la comunicación. ***DÍA-LOGOS de la comunicación***, n. 28, Lima (1990).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dinamicas urbanas de la cultura. ***Gaceta de COLCULTURA***, n. 12, Bogotá (1991).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Recepcion, uso de medios y consumo cultural. ***DÍA-LOGOS de la comunicación***, n. 30, Lima (1991).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Pensar la sociedad desde la comunicación. Un lugar estratégico para el debate de la modernidad. ***DÍA-LOGOS de la comunicación***, (Lima, Felafacs), No. 32 (marzo 1992).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. La comunicación en las transformaciones del campo cultural. ***Alteridades*** (México, UNAM-I), No. 5 (1993).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. El tejido comunicativo de la democracia. ***Telos***, n. 27, Madrid, 1994.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Mediaciones urbanas y nuevos escenarios de comunicación. ***Sociedad***, n. 5, Buenos Aires (1994).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicación fin de siglo: para dónde va nuestra investigación. ***Telos***, n. 47, Madrid, 1996.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. La televisión o el mal de ojo de los intelectuales. ***Revista Número*** (Bogotá), No. 10 (junio-agosto 1996), p. 37-42.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Nuevos modos de leer. ***Revista de Crítica***, n. 7, Santiago de Chile (1996).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Heredando el futuro. Pensar la educación desde la comunicación. ***Revista Nómadas***, No. 5 (septiembre/96 – febrero/1997), p. 10-22.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalización comunicacional y descentramiento cultural. ***DÍA-LOGOS de la comunicación***, (Lima, Felafacs), No. 49 (octubre 1997).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicación y multiculturalidad: notas para una agenda de investigación. ***Ensayo & Error*** (Bogotá), No. 3 (1997).

MARTÍN-BARBERO, Jesús (1999): Aventuras de un cartógrafo mestizo en el campo de la comunicación. ***Revista Latina de Comunicación Social***, 19.0. Disponível em: <http://www.ull.es/publicaciones/latina/a1999fjl/64jmb.htm>.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicación: una agenda entre nuestras culturas. ***Chasqui***. Jun. 2008. Disponível em: <http://chasquirevista.wordpress.com/2008/06/17/comunicacion-una-agenda-entre-nuestras-culturas/>. Acesso em 10 jan. 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. El poder de las masas urbanas. En diálogo con Latinoamérica: las ciudades y las ideas, de José Luis Romero. ***Nueva Sociedad***, n. 238, Caracas (marzo-abril 2012).

Capítulos em livros organizados

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Destrucción de la crítica: nuevos itinerarios de la investigación. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; NAVARRO, Raúl Fuentes. **Comunicación**: campo y objecto de estudio. Perspectivas reflexivas latinoamericanas. México, 2001. p. 15-42. Disponível em: < http://books.google.com.br/books?id=cBdCWniq63MC&pg=PA33&lpg=PA33&dq=Mediaciones+comunicativas+en+la+cultura,&source=bl&ots=tpEiolm5DS&sig=rf00AMinfnhHlT3oj_XBVEVNOeQ&hl=pt&sa=X&ei=kUwFUceCEYra8ASlnoGYBg&redir_esc=y#v=onepage&q=Mediaciones%20comunicativas%20en%20la%20cultura%2C&f=false>. Acesso em 27 jan 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Identidad, comunicación y modernidad en la América Latina. In: HERLINGHAUS, Hermann; WALTER, Monika (eds.). **Posmodernidad en la periferia**. Enfoques latinoamericanos de la nueva teoría cultural, Berlín, Langer Verlag, 1994. p. 83-110.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Praticas de comunicación en la cultura popular. In: M. SIMPSON (coord.), **Comunicación alternativa y cambio social en América Latina**, UNAM, México, 1981, p. 244.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Culturas populares e identidades políticas. In: **Entre públicos y ciudadanos**. Perú, Calindra, 1994.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. De los medios a las prácticas. In: OROZCO GÓMEZ, Guillermo (coord.); **Cuadernos de Comunicación y Prácticas Sociales** (México, Proicon, Universidad Iberoamericana), No. 1 (1990).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicación y ciudad: sensibilidades, paradigmas, escenarios. In: GIRALDO, F.; VIVIESCAS, F. (comps.); **Pensar la ciudad**. Santafé de Bogotá, Tecer Mundo, 1996, p. 45-68.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicación, pueblo y cultura en el tiempo de las transnacionales. In: M. DE MORAGAS, **Sociología de la comunicación de masas**, v. IV, 165-183.

Conferências e Palestras

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Enseñanza de la Comunicación: la legitimación de una profesión como campo intelectual**. Seminario-taller subregional andino sobre Metodologias de enseñanza en Comunicación Social, Cali, octubre de 1988.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Las culturas en la comunicación en América Latina**. Ponencia presentada en el I Encuentro Almagro sobre Comunicación y Movimientos Sociales, Almagro, 1991.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Conferencia. In: **Comunicación y Universidad. Universidad de la República**, 1ª edición, febrero de 2003, p. 93-115.

Conferência 9ª Bienal Internacional de Rádio 2012

Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=VXalkidIIz4

Entrevista ALAIC 2012

Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=hqu6KlAU-mQ

LIVROS MAIS IMPORTANTES PARA OBRA DO AUTOR

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max (1971) **Dialéctica del iluminismo**, Sur, Buenos Aires.

BENJAMIN, Walter (1982) **Discursos interrumpidos**, Taurus, Madrid.

GRAMSCI, Antonio (1977) **Cultura y Literatura**, Península, Barcelona.

DE CERTEAU, Michel (1980) **L'invention du quotidien 2**: arts de vivre, UGE-10/18, París.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor (1990) **Culturas híbridas**, Grijalbo, México.

HOGGART, Richard (1972) **The Uses of Literacy**. Penguin, Londres.

LECHNER, Norbert (1990) **Los patios interiores de la democracia**, Flacso, Santiago.

MORIN, Edgar (1962) **L'esprit du temps**, Grasset, Paris.

RICOEUR, Paul (1969) **Le conflit des interpretations**, Du Seuil, Paris.

ROMERO, José Luis (1976) **Latinoamérica**: las ciudades y las ideas, Siglo XXI, México.

SANTOS, Milton (1996) **A natureza do espaço**, Hucitec, São Paulo.

WILLIAMS, Rymond (1980) **Marxismo y literatura**, Península, Barcelona.

Disponível em: <http://www.mediaciones.net/2009/11/los-diez-libros-mas-aportadores-a-su-pensamiento/>

ppGCom
Programa de Pós-Graduação
Comunicação, Cultura e Amazônia • UFPA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

CAPES